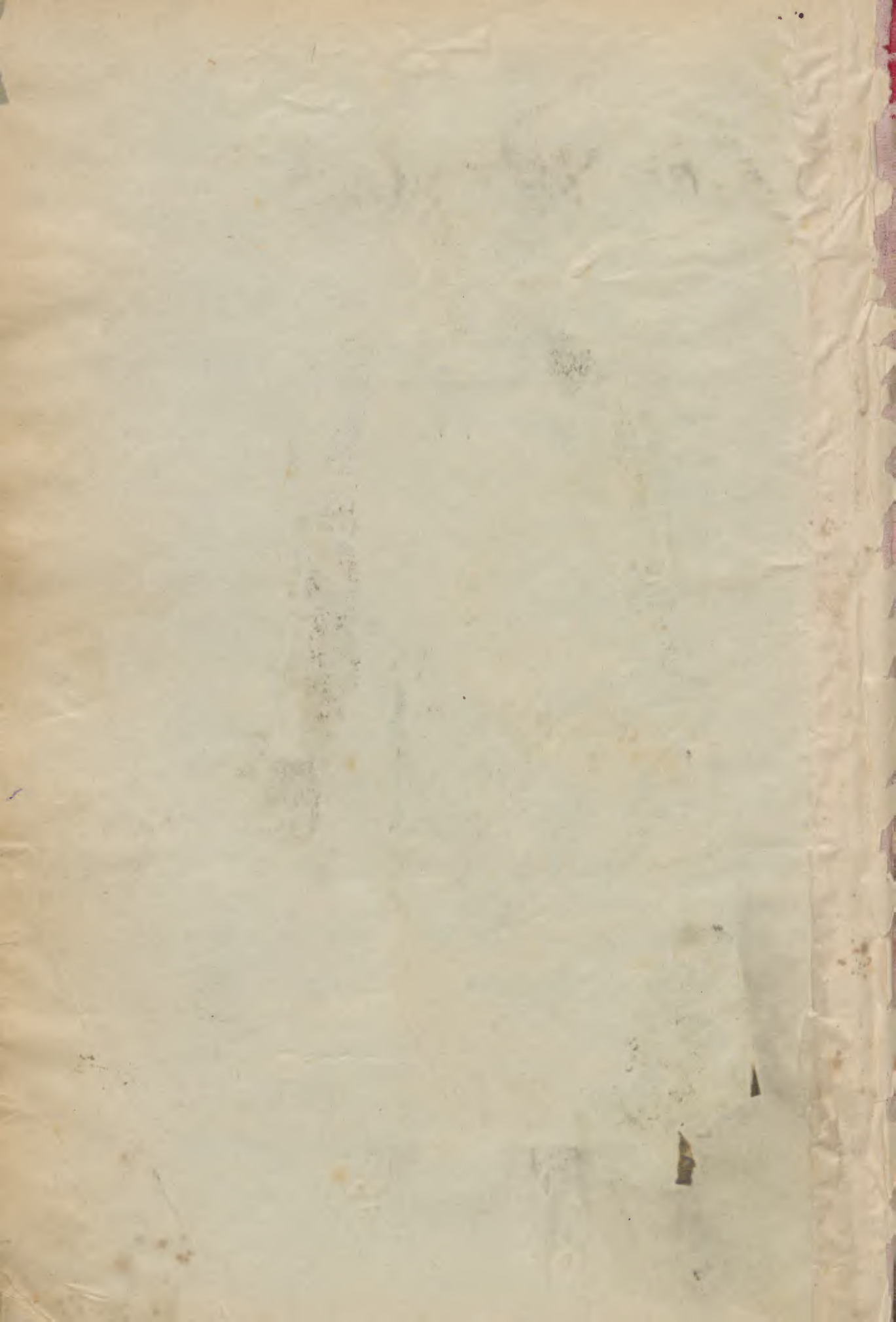




PARCELOS



BARCELOS

Apontamentos para a
História de Barcelos

compilados por

Francisco Cardoso e Silva
ten. d'inf.

1.^o Volume

- 1947 -



C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 26794

Barcelos

1947

PORTUGAL



Bandeira Nacional

58284

— Advertencia —

O que este livro de apontamentos contém, não é nenhuma obra literaria.

Quem a ler, a titulo de consulta, apenas encontra umittissima episa que se tem escrito sobre a emaranhada Historia de Barcelos, de forma pua, com relativa facilidade, se podera obter informes sobre o que se pretenda d'ela conhecer, e bem que escrito e escrito mais ha que se não pode trazer para aqui.

Fundamente e a par desses apontamentos que aqui, a respeito Phylogia e Zinographaras que melhor nos arduzem no conhecimento do que foi e tem sido a nossa terra — "A Rainha do Canada".

Tempo, e o conjunto de apontamentos que se serviram a quem intende escrever e estabelecer a Historia de Barcelos.

Nada mais.

Barcelos, 1944

Francisco Antonio S. Silva
ten.º d'inf.



BARCELOS

Barcelos



1003 - BARCELLOS - Vista geral

Com 3. de Agosto de 1928 foi elevada à categoria de Cidade a notável e antiga vila de Barcelos. (Decreto nº 15.929).

xxx

Vide pag. 7.º deste Volume.

Com 30 de Agosto de 1933 foi considerada Zona de Turismo não só a cidade de Barcelos mas também todo o seu vasto concelho. (Decreto nº 23.000).

= Fraal =

D. Afonso Henriques deu-lhe fraal em data indeterminada (entre 1140 e 1146), confirmado por D. Afonso II em Santarém em 1156 e D. Manuel I fraal novo em 7 de Agosto de 1515. (Vide fotos 197 deste volume)

- Barcelos -

Notula Histórica - Da "Comissão de Turismo"

Dominando o Avado, que se apresenta sob
peia um ambiente de maravilhoso bucolismo, -
vegetação luxuriante na qual a vista descansa
num encantamento, - Barcelos é uma das mais
lindas paragens do jardim municipal!

Mas sem o solarungo traduz-lhe, o
químico relance a história longa!

Vinda dos tempos pré-romanos, latinizou-
se sob influência da imperial Maxima-Au-
gusta, recebeu o pergaminho mais antigo no
Toral de 1146-1146, foi em 1298 o químico Con-
dado vitalício português na raça ilustre dos
Meneses, brasonado de ouro e lizo.

Na crise da independência do século XV foi
o solar dos ativos Braganças, herdeiros do San-
to Condestable, o 7.º Conde de Barcelos em 1385.

Recebeu o influxo do Duque das Cruces, em 1404
aproximando a Divindade do povo.

Comparticipou na cavalaria quimérica
de Alcaer - Guibor em 1578 com o Alcaer - bar-
celense, morto, sustentando a bandeira dos Bra-
ganças, e o seu Donatário D. João, 8.º Duque de Bra-
gança e 3.º Duque de Barcelos, ascendeu ao trono em
1640.

Nos tempos seguintes fartamente concorreu
a pente barcelense em todas as guerras que
ilustraram a nobre terra Portuguesa.

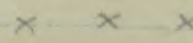
E caminhando sempre, activa e nobre,
na estrada larga e luminosa da vida na-
cional, Barcelos viveu na História e vive
em Portugal.

É a linda e prósperissima cidade de Barcelos, que, o rio Covado bonamente fertiliza, - uma das terras prósperas dignas de ser visitada, - já pelo seu valor em agricultura e indústria, já pelos monumentos históricos que possui, como as ruínas dos Paços dos Condes - D. Pêgas, a Igreja Velha (Século XIII), o Museu Municipal, varios porticos românicos (Séculos XII e XIII), o Solar dos Pinheiro, os Paços de Corucho, o Pelourinho, o Templo do Tesouro, o Hospital, o Museu do Alcaide, o Templo do Senhor do Rey, a Ponte romana sobre o Covado, a Casa do Alcaide D. Pauciano, o Passio Publico das Obras, o Antigo Terreo Municipal, a Torre da Porta Nova, a Casa do Conde D. Pauf, a Casa estubo renascença, vestígios da cisterna de Piriz, as ruínas do Convento do Banho, o Convento de Valm de Frades, o Convento da Transpécia, o Solar de Aguedo, na Lima, as igrejas românicas de S. Martinho e S. João do Reino, o Convento de S. Paulo, as ruínas do Castelo de S. João, e uma porta quadrangular e outros valores históricos.

Existem ainda atuasar o Teatro Gil Vicente, a estatua a D. Antunio Parros, a Associação Barcelense de Educandos Parcairos, as obras Associações de Domínios Voluntarios, o Beethoven, a Casa do Hospital, as Termas do Circo, etc, etc.

Por aqui se estatua para Barcelos tem jias a caminhara visita dos turistas, para cuja facilidade possuiu junto da cidade a linha ferrea de Valença - Ponte e largo servico de correias de camionete.

Além da sua feia mercancia, são dignas de visita as Fabricas de Têxtil, Têxtil, Papel, Ceramica, Serração, Construção de Molinos, Destilação, Alvar de cimento, a Companhia Industrial do Douro, etc, etc.



Barcelos é de recente origem. Fundada pelos Barceiros

prumos cartaginenses, foi mais tarde denominada pelos
maiores Águas Caldas de nome do rio Caldo, hoje rio Ca-
vado, onde as murgelas têm a culpa cantando trova-
des de amor maldissados de malícia.

Chamarani - she também Barracão e virou, com
taboas de Barra Calani ou Barra Cel" nome sumariano
ca que antes de haver porto no Cavado fazia o transpor-
te de uma para outra margem.

Soem invasões de jibós, suevos, vandalos,
alauos e arabes.

Em 1140. D. Affonso Henriques recolheu - a e
deu - she para D. Sancho I em 1280 e D.
Manuel renovou em 1515.

Foi a primeira terra elevada a condado de-
pois da constituição da municipalidade.

É uma das mais bonitas cidades do Distrito.

A sua paisagem, irradiando a alacridade de uma
manha helénica de Primavera, signada do prazios-
fita de aromas com espumantização de cores, tem a
alegria abirada de um sorriso de Giverny....

Situada na margem direita do Cavado,
o rio que madripaliza um simples jurissum senti-
mental onde traçam flutuar brancos e cores de deus,
a doze quilómetros da sua foz, Barcelos vive em ora-
ção ao passado que não volta.

Mas os barcelenses são homens da nossa época
- espíritos arrojados que antecipam o futuro visio-
nando horizontes mais além.

Porém a linda cidade do Cavado tem prope-
diolo.

A' distancia de 18 quilómetros da Braga, Bar-
celos era toda cercada de muralhas.

Tinha duas torres altíssimas arrematadas com
a direcção de Sueste para Sueste.

As muralhas fizeram-se entre 1446 e 1476

4

tenham prater portas: a da Torre da Porta Santa Terra, do Vale e da Torre de Brásio; possuam ainda tres portigos: o da Feira, o das Vindas e o dos Taboas.

O traço de Brásio foi-lhe dado por D. Afonso IV, primeiro Duque de Bragança.

A igreja matriz da vila é Santa Maria Maior, fundada em 1433 e acabada de erigir em 1464 por D. Fernando I, duque de Bragança.

O solar dos Timbeiros em Brásio recorda a todos os portuges uma lenda romantica de amor.

D. Inez Pires, comendadeira de Santo alii recubria as simpulentes visitas de sua Magestade e Senhor D. João I...

Todos os castellos, todos os palacios, todos os solares, tecem a sua lenda de amor.

São muitas de pedra saltando nos remediados das suas letras, peticas poesias de trezen flos que se desfolham em bráctes e se transprimam em habitos de feia...

As monjas dos arroubos portugeses, foram quasi todas grandes amorosas - libelulas e pe uma chamafidra luz levemente premon.

x x x

A Freguesia de Brásio confina da sul com o rio Cavado, do nascente com a de Anzós, do norte com a de S. Martinho de Vila Ferreirinha.

É atravessada por varias estradas.

A ponte sobre o Cavado dá communicação com a outra parte da cidade (Paralheiros), estando ligada ai por varias estradas com as terras ao sul nascente, como Braga, Vila Nova de Famalicão e Torre do Vazinho; pelas Avencidas Alvaridos de Faria e Dr. Lidoir Pires pela estrada de Prado e Vila Verde com as pequenas povoações; pelo Campo da Liberdade e pela estrada de

S. Julião de Fuieiro com Ponte do Lima; pela sua Dr.
Manuel Paes e pelas estradas de Ponte do Lima (Famel)
e Viana do Castelo com aquelas povoações e pelo cum-
pro de S. J. com Espinho.



Pedra de Armas de Barcelos.

A mais antiga figuração embreida do simbolo heraldico (selo)
omnifido heraldico.

- Do "Dicionario Geografico de Portugal" ("Memorias Paroquias" - Sec. XVIII)
1721 - Volume 6º - Documento 33 fol. 11 - Torre do Tombo -;

"... Tem esta villa armas suas proprias, e se achão escul-
pidas na antiga torre da Camera della, e são em hum escudo, hum
fronte o rio em ondas, hum palacio, hum torrada, com hum cavallo
ao pé della, e por cima em facha tres escudos pequenos, dois com as quinas
do Reyno, e o do meio com hum aspa, divisa do senhor D. Affonso 1º Du-
que de Bragança, que thus deu."

Esta referencia diz respeito a pedra de Armas
de Barcelos a que acima nos referimos.

Estandarte da Camara Municipal de Paraisópolis (antigo)

Foi mandado fazer pela Camara na segunda metade do seculo XVIII, depois da grande reforma dada pelo Marquez de Pombal, aos velhos costumes e usos, ate ao seu tempo em vigor.

Deliboum a Camara em sessao de 29 de Novembro de 1765 mandar fazer a estandarte aonde figurassem as armas do municipio, servindo como modelo o Magist. Jurisconsulto esculpidos na pedra existente na torre do antigo edificio dos Paes dos Carmos que e o que ainda se conserva no Museu Arqueologico (Ruinas do Palacio dos Paes de Propaganda), por ter sido demolida o velho edificio Camaral em 1849.

Antes da deliberacao da Camara, se encontra nos livros das actas relativa a este assunto em sessao de 7 de Janeiro de 1807.

O estandarte da Camara, que hoje se encontra devidamente guardado, dentro d'uma estante envidraçada, foi iniciativa do Sr. Ant. de V. de P. quando Presidente da mesma, mandando-o encarecer e fôr como ornamento do Salão de Honra, e rectangular, medindo 1,60 X 1,40.

E' feito em damasco de seda vermelho escuro (púrpura), orlado com franja de sivo am amarelo de 0,5 f de largura e circundado pela parte interior desta, com uma siva tambem de sivo.

Tem n'uma face borda de a siva e o Magist. de armas consistendo o mesmo de uma fronte de cinco arcos com um apurado a bracos, tendo ligando na sua margem



O estandarte a que se refere esta descricao.

esquerda (ou seja direita), uma cruzada e separado desta
por quatro degraus sem saradão; ligada ao muro
direita (ou seja esquerda) uma torre..

Como timbre tem a esculpta uma cor-
oa de dague.

Na outra face tem bordadas a siro as armas
reais de D. José I.

Seis a empurração do rio e antigo es-
tandarte armararia, mandado fazer pela
Câmara, empure sua deliberação de 29 de
Novembro de 1765.

Está incompleto este Braço faltando-lhe
em cima, três esquadras e as três torres. —

Opõe diz a Comissão de Turismo — "Do correr da Terra" —

Do chegar a Barcelos por qualquer das suas entradas, o visitante recebe, a
primeira vista, o espírito alentejo, alegre, cheiro de colheitas, da povoação que inconstante voluntade
é das mais bonitas do norte português. Lembra um pouco dispersa, com grandes cam-
pos, — local de uma das mais importantes feiras semarcadas do País — nela se faz de como
do encontrar os principais estabelecimentos Públicos, Casas de Comércio, Leilões, Restau-
rantes, Cafés, Oficinas e meios de transporte, num ambiente sempre acolhedor, onde
toda a gente presta informações mais indifferentes. A disposição do povoado reflete
pouco — naturalmente — do evolucionar da terra: A Zona do Templo de Bom Jesus
da terra é hoje o forum barcelense, o centro actual; o conjunto com
o lado da antiga Matriz — Colpiada é a parte sobre antiga de Barcelos.
A vida regional tem o seu movimento nas Feiras, afluência interessante de
de pequenas industrias, muitas características e originaesimas de tudo quanto o
português minhoto produz e transacciona, sabendo-se a obvia que
apresenta nos mercados exemplares hidrocerames verdadeiramente típicos.

Do visitante é apenas, pois, de aconselhar, para fazer perfeita ideia
de Barcelos, o exame da ilustrativa planta da terra e um passeio, ao
acaso, pela cidade,

Caracter dos nativos de Barcelos

[Da "Memoria Historica", do Abade do Luro - (1867) -]

Os seus naturais são d'um caracter thaur, forte, pitaleiro, severo e affavel, mimicamente religiosos e fieis a suas legitimas heranças.

Seu, os Barcelenses são, no geral, honrados, pacíficos, assiduos, judiciosos, valentes sem orgulho, guerreiros sem desalvor, acurados ao caracter, saes deitas, respeitatos e submissos a Santa Igreja Catholica; tem verdadeira fé, illibados costumes, pouquada immoralidade, e religião pura e sem fanatismo.

Ditosos patrias! ditosos pais! e ditosos filhos!

Ideia politica

[Diz José Augusto Vieira, n' O Membro Pittorresco, no seu Tomo II (1887) - pag. 121].

"... Eu sei bem que a ideia nova, que germina em Barcelos, fazendo brotar do prantao do constitucionalismo a corolla rubra do barrete phisico, me perderia a esquecimento d'esse "Anthem genit", e desfaria talvez que eu disasse no esfacelamento das esiras velhas essa genealogia que se prende, como a hera a ruina dos seus Paes, á historia da sua formosa villa."

~~~~~x~~~~~

## = A Bandeira de Parceres =

É quadrada de amarelo e vermelho, com cordões e bolas dos mesmos esmaltes, haste-lanço decorada, tendo ao centro as Armas de Domínio do Município com coroa mural de prata de cinco torres que corupe as cidades e listel branco com letras de negro, brasonando-se as Armas de aq[ue]lla com uma ponte de ouro de cinco arcos, encimada na guarda, saínte dum contra-chefe ondado de prata e de aq[ue]lla acompanhada à direita por uma torre quadrada torreada de prata, aberta e iluminada de vermelho e à sinistra ~~por uma torre quadrada torreada de prata, aberta e iluminada de vermelho e à~~  
~~sinistra por uma torre quadrada torreada de prata, aberta e iluminada de vermelho e à~~  
~~sinistra por uma torre quadrada torreada de prata, aberta e iluminada de vermelho e à~~ sua sinistra aberta de vermelho; a ponte é encimada por tres torres quadradas e cobertas de ouro, saíntes dum terrado do mesmo e iluminadas de vermelho; em chefes as Armas antigas da Casa de Bragança acompanhadas por dois esquadetes das Escuas de Portugal, conjunto figurativo simbólico que resulta do acerto histórico e técnico do Selo de Domínio Municipal da antiga Terra Parcerense.

↳ Parceres da Legação de Theresopolis da Associação dos Arqueólogos Portugueses, aprovado em sua sessão de 21 de Novembro de 1928, comprovado pelas disposições da Circular de 14 de Maio de 1930 da Direcção-Geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior).

A empossa da Bandeira Municipal teve lugar, com grande solenidade em 6 de Maio de 1933, com a assistência oficial de todos os organismos locais, tendo sido benzida neste dia na Igreja Matriz, pelo Bispo de Faro, monsenhor

Com virtude das ordens impertinentes as cerimonia da em-  
possão da Bandeira Municipal, que tiveram lugar pelas 16 ho-  
ras em Salão Nobre da Camara Municipal decorreram grand-  
mente e lujosamente.



Municipalidade definitiva,  
conforme parecer da Associa-  
ção dos Arquedigos Portugueses  
aprovado em sessão de  
28 de Maio de 1924.

ARMAS DA CIDADE DE BARCELOS

Em azul, heráldica côr da lealdade, a ermida, a arvore,  
a ponte e a Torre-Torreada dos Paços do Donatá-  
rio; por accessorios uma abreviatura da fortaleza  
da Terra; em chefe o escudo de armas do reedi-  
ficador, entre símbolos arcaicos da nacionalidade.

### Situação de Barcelos

"Está situada esta villa para a parte do Mezo dia, to-  
rre grandes rochedos, que se levantão da margem do Rio Cavado; por  
modo de cadeira até a altura de sessenta palmos, e em outras partes mais,  
os quaes servem de fundamento á muralha da mesma villa, e ao  
grande Palácio dos Duques da Sereníssima Casa de Bragança, o qual  
tem hua soberba, e muito levantada torre, com que está unida a  
famosa ponte, que dá entrada pela parte principal da dita  
torre, e no interior della por duas mais para a mesma villa:  
sendo esta pelas mais partes situada em Campina, que se levanta  
ta algum tanto para o Norte. Desta villa arde se descrevem  
povoações notáveis; si se avistão, alem das ermidas de nos-  
sa Senhora da Franqueira, meya legua distante desta villa,  
para o Mezo Dia, e a de nossa Senhora da Boa fé, para o Orien-  
te, hua legua distante, as excellentes capellas da Grande Obra

e prodigioso Petrólio do Senhor do Monte, que fica para o Oriente da cidade de Braga donde dista meya legoa, e desta villa tres meyas legoas, e desta villa tres meyas, também para o seu oriente.

- Dicionário Geographico de Portugal - (Memorias, Topographicas - Sec. XVIII) - 1721 - Volume 6.º - Documento 33 fls 211 - Torre do Tombo. Lisboa.

### Barcelos cidade

Barcelos foi elevada a cidade pelo Decreto n.º 15.929 de 31 de Agosto de 1928 publicado no Diário do Governo n.º 205, 1.ª Serie de 5.ª feira 6 de Setembro de 1928.

Neste diploma diz-se que Barcelos é constituída pela freguesia de Barcelos e parte urbana das freguesias de Barcelinhos e Arcoselo.

Do livro: - ("Safiras e Pedras Preciosas")

"Descrição Topographica e Historica da Cidade do Porto" feita por Agostinho Rebelo da Costa, medico brencoense, doutor em Medyca e Cavalheiro professor na Ordem de S. Bento - Porto 1788 - na Descrição Preliminar da Provincia d'entre Douro e Minho a p.º 111 diz: "... A mesma ripaza se conhece nas Minas d'ouro, e prata, que ainda hoje coexistem nas suas entranhas. Esta Provincia juntamente com Galliza, vendia cada anno em Direitos, que das suas Minas pagava aos Reinos, trinta mil marcos d'ouro. Além das que se descobriam pelos annos de mil e drezentos e cinquenta no Terroir de Barcelos, appareceram muito depois neste mesmo Terroir alguns minas de pedras preciosas e entre ellas, muitas Safiras, das quaes se vender huma na Cidade de Feiz no anno de mil seis centos e trinta e seis, por setenta mil cruzados."

Vila com Foral de 1140 - 1145.

O primeiro Condado vitalicio em 1298.

Donado desde 1527.

Cidade por Decreto de 31 de Agosto de 1928.



CONCELHO DE BARCELOS  
CARTA GEOGRÁFICA  
Luzias 1888

Legenda

- Estado nacional. ————
- distrito. ————
- concelho. ————
- município. ————
- Concelho & Concelho. ————
- Concelho freguesia. ————





Barcelos - ("antigo e moderno")

Vila do Pinho, na margem direita do Cavado, em paiz muito cultivado e povoado, 18 quilometros a V. de Braga, 360 av N. de Lisboa. Distta 42 quilometros av N. do Porto, 30 av O. S. O. de Guimarães e 11 da foz do Cavado.

Esta em 41.º e 36' de latitude e 10.º e 3' de longitude.

Arcebisado e Districto Administrativo de Braga.

Augusto Soares d'Almeida Barbosa de Pinho Leal no seu dicionario "Portugal Antigo e Moderno", diz:

Pedrijo Mendes da Silva diz que foi fundada pelos barcinos (1) no anno de mil e 377 (2130 antes de Jesus Cristo). Segundo a mesmora author e Lintor foi fundada ao mesmo tempo que Barcelona e pelos mesmos fundadores, se não e a semelhança de nomes que deu motivo a esta opiniao.

Sustentam outros que Barcelos foi fundada pelos romanos que lhe deram o nome de Aguas Caldas.

E' mais provavel que e' só a reedificassse ou ampliassem. Sem trabo o caso e' provação muito antiga.

Outros dizem que foi fundada pelo capitão cartaginês Annibae Barcinu ou por algum dos seus quatro filhos (Amil, Asdrubal, Magon e Anom) no tal anno 230 antes de Jesus Cristo.

(1) Os barcinos (cartagineses) era um bando, assim chamado, inimigo de outro chamado dos edos. (eram como os nossos ranchos do alcorim e mangrora, ou como o dos quelfas e gibelinos).

Finalmente, ainda outros dizem que a fundaram os galos-celtas 290 anos antes de Jesus Cristo.

Feliz Machado, Marquez de Monte Rio, nas notas que fez ao Itinerário do Conde D. Pedro, pag. 303, diz que antigamente se chamava da Barraceira, corrupção de Barra-Cla-  
mi.

Outros dizem que, antes d'aqui haver ponte, se passava o Cavado em uma barca chamada Barca-Celi, e que esta deu o nome a' Vila.

Estes alegam a seguinte antiga verso:

"A Barca-Celi Barceiros nomine dicunt"

A opinião mais provavel é que esta vila foi antigamente cidade episcopal com o nome de Agua Celestis; do Rio Cavado, que antigamente se chamava Celau ou Clau-  
do.

Toucou que foram os arabes que mudaram o nome de Celau para Cavado e deram a' vila o nome de Barceiros, que na lingua arabe quer dizer: descendente ou filho cedente de Celau.

Nos primeiros tempos da monarchia portugueza, e no latim de então se lhe davam os nomes de Barceli, Barcebrum e Barcebrum.

D. Afonso Henriques a reedificou em 1140. Tinha voto em cortes, com assento no banco 14.<sup>o</sup>

Tem por armas - em um escudo, uma ponte com um carvalho no meio e de um lado do carvalho uma torre e de outro uma ermita e por cima em facha, tres escudos pequenos, tendo os dos lados as guinas e o do meio



uma arpa, divisa de D. Afonso I, duque  
de Bragança, que foi o que deu a Barcelos es-  
tas armas e se vêem na casa da Câmara.

Não heia obra do Sr. P. de Vithima Barboza,  
tantas vezes consultada e seguida n'este  
dicionario ha uma pequena variante n'estas  
armas, segundo elle, e na forma em que  
se acham na Torre do Tombo, são - um  
escudo azul, com uma ponte e uma arvo-  
re com pomos de ouro; por cima dois casti-  
lhos de prata e, sobre estes, tres escudos, nos lados  
dos lados as quinas de Portugal no do meio  
uma arpa vermelha em campo de prata.

Seu querer e pender o melindre d'este illustre  
investigador das coisas praticas (que copiou o  
que viu na Torre do Tombo) entende que as  
verdadeiras armas de Barcelos são como  
eu disse em primeiro lugar; não só por  
ser assim que estão na casa da Câmara,  
como porque effectivamente em uma extensi-  
dade da ponte (a N., que é do lado da  
vila está um castelo com uma torre, que  
eram os traços dos condes de Barcelos, depois  
duques de Bragança e a outra extensão de  
(a do S., que é do lado de Barcelos) está  
a capella de N.ª S.ª da Ponte.

O blasonado de Barcelos rendia annualmente  
25.000 cruzados (10.000,000 reis) livres, para  
a casa de Bragança, até 1834.

É cercada de muros e tinha duas torres em  
to alturas, tudo obra de D. Afonso, primeiro duque  
de Bragança, sendo director destas construções  
Fristão Jones Pinheiro, comendador de S. Pedro  
da Veiga de Lila, alcaide-mór de Barcelos.

Este Fristão fez muitas casas ao pé das do des.

que, com duas magnificas torres e era o palacio dos Pinheiros.

Faz na Capela que para si e sua familia mandou fazer, na igreja.

Estas murallas (feitas entre os annos de 1446 e 1471) tinham quatro portas, a da Torre da Ponte, Porta Nova, do Vale e da Torre de Bairro; e duas porteyros, a da Terra, e das Vigandiras e a dos Planes.

Não e preciso dizer que esta tudo a cahir ou desmantelado.

A porteyro da Terra deitava para o arvoredo de cima de Vila (hoje Campo da Terra) e era no lado de murallas que por este lado cercavam a vila e eram defendidas por uma alta torre.

A povoação no seu crescimento rompeu as murallas e estendeu-se pelo Campo da Terra em todo o seu comprimento.

Desappareceu a muralla e o seu porteyro, mas ficou a torre, que ainda se conserva em bom estado e e hoje edificio publico.

Se não fosse a applicação que se lhe deu, ter-lhe-hia acontecido como a sua irmã que defendia a porte e o praco dos duques de Bragança, que foi derrubada para dar mais alguns palmos a rua da entrada da vila.

A primeira torre de que aqui se trata e coroada de ameias e tem janelas ogivas.

Ocupa uma boa parte do Campo.

O seu termo e' muito fertil e tem fama, justamente adquirida, o vinho verde do Vale do Tamel.

Cria tambem muito gado de toda a qualidade.

de e muitas colmeias.

Os seus montes abundam em caça e o Cava-  
do the da' samões, lampreias, savelis e  
varias qualidades de peixe.

Tem mercado todas as 5.<sup>as</sup> feiras.

A matriz, Santa Maria Maior ou Nossa  
Senhora da Assunção (antigamente se lhe  
dava o titulo de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> das Neves), e' de tres  
naves e esta dentro da cerca das muralhas,  
foi fundada por D. Fernando I, duque de  
Bragança; e' collegiada confirmada por o Re-  
y D. Paulo II, em 1474.

Esta collegiada tem prior, tres conegros inteiros e  
seis conegros tercevarios.

A renda destes reverendos, era, ate 1824, os frutos  
das egrejas desta vila, Vila Frescaimha, Barcelinhor,  
Cavalhal, Gilvonda, Vila Leza, Milhazes, Faria, Vila  
de São e Camel; todas nos termos desta vila, e  
villagens eram apresentadas pelo prior, menos a de  
Vila Leza, que apresentada a cargo de Bragança.

O prior tinha 1.000.000 de reis de renda; cada  
conegro inteiro 350.000 reis e os tercevarios, 100.000  
reis.

D. Pedro II (achando ainda isto pouco) the deu  
mais, para todo, 450.000 reis de prior real, na  
alfandega de Lisboa.

Havia mais um trezenario moir (que não tu-  
nha obrigação de residir) e recolhia os frutos das  
egrejas de São e S. Claudio, e o arcipreste, que  
tinha os rendimentos dos frutos da egreja de São-  
oriste,

Tem Misericordia e hospital fundados com os ren-  
dimentos do real d'agua e por provisor de S.<sup>m</sup>,  
the consideram, enquanto durassem as obras  
1.500 medidas de pão annualmente. Tem



Esta sepultado no Convento de Santo Tirso.

O terceiro foi D. Pedro, filho bastardo de D. Diniz e sua afilhada-mãe. Esta sepultado no Convento de S. João de Tarouca. (É o autor do Prohibiçáo).

O quarto foi D. Martinho Afonso.

O quinto foi D. João Afonso Teles de Meneses, afilhado-mãe de D. Pedro I e mordomo-mor de D. Fernando de Sautem era conde de Ourem.

O sexto foi seu filho D. Afonso Teles, que não teve gerança.

O sétimo foi D. João Afonso Teles de Meneses.

Alguns pretendem que o nome Teles é apudado mais nobre do que Teles. É erro. Vem tudo a ser o mesmo, quanto a nobreza; porque Teles significava filho ou descendente de Teles.

(Vide Origem dos apudados.)

D. João Afonso Teles de Meneses era irmão da Inessa Rainha portuguesa, D. Leonor Teles de Meneses, mulher de D. João Laurence da Cunha, senhor de Tomboim, e ao qual D. Fernando I a roubou, anulando o casamento e casando com ela.

Este sétimo Conde de Barcelos, era tambem alcaide-mor de Lisboa e almirante de Portugal.

O oitavo foi excelso D. Truno Alvares Pereira (o Condestavel), feito por D. João I, em 8 de Outubro de 1383.

D. Truno deu este condado em dote a sua filha D. Afonso, primeira duquesa de Bragança, e novo Conde de Barcelos.

(Já disse que este D. Afonso era filho natural reconhecido de D. João I.)

D. João I fez o Condestavel conde de Barcelos em premio da gloriosa victoria de Tâverde (Algarve) na qual este famosissimo guerreiro derrotou 30.000 castelhanos.

De D. Inno procedi a Casa de Bragança, e por  
consequente um grande numero de seus reinan-  
tes da Europa e a familia imperial do Brazil.  
(O escriptor Castellan em Valverde, era emen-  
dado pelo frade - Mestre da Ordem de S. Tiago, que  
morrer na accção; esta teve lugar a 5 de Outubro  
de 1385).

O titulo de Conde de Barcelos se continuou nos duques  
de Bragança até D. Sebastião, que o elevou a du-  
cado, nos principados da mesma casa, e foi  
primeiro duque de Barcelos D. João filho de D. Ter-  
cino, primeiro duque de Bragança.

Depois a elevação de D. João IV ao trono de Por-  
tugal, ficaram annexos á casa real os titulos de  
duque de Bragança e de duque conde de Barcelos.

x x x

Barcelos foi a maior esmarca de todo o reino,  
pois comprehendia todos os territorios que o ducado  
de Barcelos tinha no reino e na actual  
provincia do Douro, até fozzeira de Aveiro.

Era terra muito fértil e d'ela diz o  
poeta portuguez Manuel de Góez, no seu  
"Reina Epithalamia", citava S.<sup>a</sup> -

"De' em Barcelos firme alando um dia  
Demque a sol pelos campos dilatados,  
Com terrivel e fera galhardia  
Dezete mil peitos vira armados."

Este entende-se de arduas, das quaes ti-  
nha 2 de companhia e com toda a esmarca 42.  
A Camara servia de Capitão - Moir.

Na guerra dos 7 annos deu Barcelos, fôr as or-  
duenas, sete terços de infantaria, mil e quinhentos  
gastadores e 500 carros.

Esta esmarca tinha mais de vinte leguas de  
comprido (120 quilometros).



fonte (do lado do S.)

Por alto destas ruínas se puz um bello monumento.

Vê-se o pinheiro do Monte da Traupreira de uma grande altura, e o Bom Jesus do Monte, de Braga.

A terreno e ruínas destes paços foi pedido ao Governo, pela Camara de Barcelos, para se fazer um passeio publico.

Foi-lhe concedido em Agosto de 1873, sob condicões de que uma parte dos restos edificados, seja conservada, obtendo-se-lhe uma lapide commemorativa, que atteste as graças futuras que se ali se pedem dos duques de Bragança, donde descendem quasi todas as familias reais da Europa e Brazil.

Tudo é bom; mas temo saudades d'aquelas ruínas venerandas, que dominavam impotramente a robusta fonte romana.

A Casa da Camara é hoje o melhor edificio da vila e a melhor Casa do Senado da provincia.

De Barcelhos a villa diota villa é imponente e pitoresca.

Barcelos é sem contradicção nenhuma uma das melhores vilas do Reino e não tem rivales superiores no reino.

É mesmo superior em população, edificios e riqueza ás cidades de Comar, Miranda, Lous, Bragança e Pinhel.

Tem ruínas de safiras. Diz Oliveira Freire (Dicion. Chron. de Port. pag. 31) que uma safira de Barcelos foi vendida em 1636, em Paris por 28.000x000 reis!

É patria do bravoissimo e heal portuquez D. Manoel.



Gonçalves de Sá, conde e Alcaide-Mor do Castelo de  
Sá, no reinado de D. Fernando.

De seu filho, Gonçalo Inno de Sá, tão bravo e tão  
leal como seu pai.

De irmão de D. Álvaro de Sá, que D. João I  
mostrava Cavaleiro na batalha de Aljubarrota.

— x x x —

Não se sabe com certeza onde nasceu Gil Vicente,  
o Plauto português, fundador do nosso teatro.

Uns dizem que nasceu em Lisboa; outros sustentam  
que nasceu em Guimarães; mas é opinião mais  
seguida que ele nasceu nesta vila de Paços.

Supõe-se que nasceu em 1475.

Foi muito estimado no reino e na corte, onde se  
representavam as suas comédias.

Fiz as delícias dos reinados de D. Manuel e D. João III.

Foi casado com D. Franca Bezerra, de quem teve três  
filhos: Gil Vicente (que segundo uns, morreu jovem  
e segundo outros morreu em um combate na Índia).

Luiz Vicente, editor das obras de seu pai, e Paula  
Vicente, summa de summa inteligência e virtude  
pela cultura do seu espirito.

Gil Vicente, além de bom poeta, era ottimo composi-  
tor de musica, e de grande eloquencia.

Assim como ha incerteza na data e lugar do  
seu nascimento, ha tambem na data da sua morte.

Supõe-se que morreu em 1537.

O que é certo é ter morrido em Évora, já  
sendo tórax acompanhado a corte e fez um Comen-  
tário de S. Francisco de Évora.

A compilação das suas obras que comprehende au-  
tos, comédias, tragi-comédias, farsas e muitas  
pièces, foi pela primeira vez publicada em  
Lisboa em 1562.

Erasmus, esse grande restaurador das letras, deu

He o primeiro lugar entre os poetas cómicos, mo-  
dernos e aprendeu a portuguez só para poder me-  
lhor apreciar as belezas de Gil Vicente.  
Este era não só autor, mas também actor e  
seu.

A musica das suas comédias era também  
composta e cantada por elle.

Alguns escriptores sustentam que o primeiro filho de  
Gil Vicente e de seu mesmo nome, morreu pequeno.  
Outros dizem que não existiu tal filho, pois que o  
poeta só tivera dois filhos, Luiz e Paula.

Desta opinião é João Baptista de Castro, que  
atribue a Luiz Vicente o autor dos Captivos, ou de  
D. Luiz de los Turcos, que outros dizem ser obra de  
tal Gil Vicente, filho.

Saria e Louza, Diogo Barbosa Bracado e outros  
sustentam que existiu esse filho primogénito,  
do nome de seu pai, e que este filho desen-  
volveu um tal talento na poesia comica, que  
causava admiração a todos e que prometia  
eclipsar em breve seu pai, que, tomado de  
inveja, o fez embarcar para a India, on-  
de, depois de haver mostrado que era então bra-  
vo militar como primoroso poeta, morreu em  
uma batalha, dada contra os inimigos da  
patria.

Se isto é certo, de Gil Vicente, filho só resta  
o tal autor dos Captivos ou D. Luiz de los Turcos.  
Tambem ha quem diga que Gil Vicente, (pai)  
morreu na indigencia, e que um não parece  
jovavel, visto ser opinião geral acompanhar  
sempre a côrte.

— x x x —

Aqui nasceu o padre Polchior da Graça,  
bom theologo e escriptor estimado no seu tempo.

foi.  
 Rejeitou a união de Simancas, por ser nomeação do usurpador Philippe II, de Castela.  
 Este acto de nobre patriotismo, não serviu de exemplo a muitos portugueses, que acceitaram títulos, esmoldas, honras e dinheiro, dos reys usurpadores castelhanos.

x x x

Barcelo é patria d'outros muitos varões insignes pelas armas, pelas letras e pelas virtudes; e muitas biographias fazião extensissimo este artigo.

x x x

O Campo da Feira era antigamente nos subúrbios de Barcelo e se chamava Arrabalde de Cima da Vila, mas contiguo ás muralhas, e sobre elle estava a Torre da Feira e uma das duas altas torres que as guardavam.

A povoação, porém, desenvolvendo-se, transpuz a cerca dos seus muros, estendendo-se pelo lado septentrional do Campo da Feira, hoje uma das mais bonitas sitios da vila.

A antiga torre, com as suas janelas ogivas, e corno da pelas suas vetustas ameias ainda existe, bem conservada, no seu primitivo logar, desgrando os estragos do tempo e testemunha munda, mas veneranda das passadas glórias desta notavel povoação.

No fim do campo, está o Convento das freiras beneditinas, de que já falei, o templo do Senhor da Cruz, o Convento de S. Francisco e a igreja dos Terceiros.

Estes dois edificios estão separados pela frondosa mata, que já cerca do Convento e pertence a Joa d'Alencordia.

É um apadave e pruvor passivo, pois que a certam, cruzando-se, larpas e hum ali-  
nhadas ruas, guameidas de furdos arredos de  
varias especies.

— x x x —  
Esta vila foi de tal modo destruida com as guer-  
ras dos godos, suevos, vandalos e alamos, e depois  
com as dos arabes, que nem d'ela restavam ruinas;  
a ponto que veio a ser objecto de questao a sua  
primitiva situacao, julgando alguns que era na  
fz do Cavado, 12 quilmetros, ao O; mas a opi-  
niao mais provavel e mais seguida é que a  
antiga cidade romana de Agua Celenas, era  
no mesmo sitio da actual Barcelos.

Não se sabe quando nem por quem foi reedi-  
ficada; mas supõe-se que foram os arabes, que  
agradados d'isto hebr o sitio, a reconstruiram.

É certo que no tempo do Conde D. Henrique, já  
era povoação de alguma importancia!

— x x x —  
Tem a vila boas casas e muy chafarjes de excellen-  
te agua, alem de quatro nos arrabaldes.

Estes são apreciaveis e fertilissimos, sobre tudo nas  
marques do rio.

— x x x —  
O Convento dos capuchos franciscanos, foi prin-  
cipiado com esculas do povo, em 1649.

Como já se disse, está actualmente n'ele o Hospi-  
tal da Misericordia.

O resto do edificio faz hoje parte da Camara e  
n'ele está tambem a bonita casa da estacao tele-  
graphica e o resto é quartel de tropa.

Tem tambem Barcelos uma bella feira de mer-  
cado, principada em 1864, sobre a estrada real  
(de primeira classe) de Lisboa para a N., e por cuja

estado transitam varias diligencias diarias.

Tinha praes velho, dado por D. Afonso I (sem data) confirmado por seu filho D. Sancho I, em Santarem em 1108.

D. Manuel the deu praes novo, em Lisboa a 7 de Ago de 1515.

Trata-se n'este praes das terras seguintes: Aguiar, Tania, Nerva, Pehajel e Vermosim.

Diz a n'ra p'raza, que "Uma morda cae no melhor paes".

E' com repugnancia pois, que vou narrar um facto que não houve emito alguns individuos de Barcelos!

Perculpem-me os habitantes desta nobre vila; mas este livro e' um registro de todos os factos relativos a cada povoação ou sitio notavel e não podia deixar de relatar isto.

Os barcelenses, se uma vez praticaram um acto menos honroso, reniram essa culpa e apagaram essa morda com innumer actos de incontestavel bravura e acorrelado patriotismo.

Esse facto:

Logo D. João I tomar a cidade giscauna de Ceuta (como effectivamente tomou a 21 de agosto de 1482) depois da conquista, repartiu os pontos da cidade pelos moradores das cidades e vilas que em elle foram e a ajudaram n'esta empresa.

Logo a praça atacada pelos mouros desesperados, em grande praça e em grande alarido, os de Barcelos de tal maneira se aterroraram, que fugiram, abandonando o ponto da muralha que lhes havia sido confiado.

Junto a este ponto estava outro defendido pelos

vimaramente, que, sendo fuzi os seus vizinhos, se dividiram em dois troços, defendendo, em um o seu posto e em outro o abandonado, o que perderam com grande bravura e galhardia, sendo os mouros em ambos furiosamente repetidos com grande perda.

D. João I premiou esta bravura e castigou quella cobardia, mandando que d'ahi em diante fossem os de Barcelos varrer as praças e occupar de Guimarães.

Por mais de 70 annos iam os vereadores de Barcelos nove vezes por anno (nas vezes das festas da Camara de Guimarães, que eram n'aquelle tempo) com um barrete vermelho na cabeça, uma banda da mesma cor no hombro, espada a cinta, um pé calçado em d'escalas e cada um armado com sua vastoura de giesta, fazer a limpeza ordenada, em Guimarães; e finda ella, iam a Camara e entregavam os vereadores os seus barretes e bandos, em sinal de servidão.

Se algum faltava a este acto de humilhação, era condemnado em pena pecuniaria o que quasi todos preferiam, a fazer tão ridiculo papel.

Por esta cauza não havia quem quizesse ser vereador em Barcelos; pelo que o duque de Bragança, D. Jaime, pelo anno de 1488, contratou com o povo e Camara de Guimarães de lhe ceder as freguezias de Cunha e Peniche, do termo de Barcelos e de que elle era senhor, para não continuar n'aquelle obrigação; o que os de Guimarães accetaram, e continuou esta comedia até 1580 em que terminou.

— x x x —

Tem estação telegraphica municipal por Decreto de 7 d'Abril de 1869.

Aqui nasceu pelo meado do século XVI, o doutor Pedro Esteves Marques, suvidor da Casa de Manzança, filho bastardo de um padre chamado Mestre João e de uma moçua.

Este Pedro Esteves Marques, teve de uma pedreira comersa, chamada Maria Pinheira, uma filha por nome Catarina Pinheira, que casou com Pedro de Souza Saba, e destes dois procedem os Condes da Castanheira, Monsanto e Vidigueira e outras casas nobres e titulares do reino.

x x x

Foi deesse que foi 1.º duque de Barcelos D. João, filho morganático de D. Fernando I, feito por D. Sebastião, em 5 d'Agosto de 1578, e anno este titulo ficou sendo privativo dos principes da Casa de Manzança, foi 2.º duque de Barcelos D. Fernando II de Manzança; 3.º seu filho D. João II (depois D. João IV, rei), 4.º D. Fernando, seu filho depois principe real, que morreu de 19 annos, solteiro e sem descendencia.

Conserva-se este titulo na Casa real.

x x x

O Concelho de Barcelos é formado pelas 95 freguesias seguintes:

Abade do Reino, Abreu, Adães, Aguiar, Aires, Aldreu, Alhuia, Alxêr, Alvit (S. Martinho), Alvit (S. Pedro), Lpinço, Arezelo, Areias de Vilar (S. Martinho), Areias de Vilar (S. Vicente), Balapães, Vila Nova, Barcelos, Barcelinhos, Banho, Barqueiros, Bastões (S. João), Bastões (S. Estevão), Cambeses, Campos, Carapeços, Tanel, Carreira, Carvalhal, Carvalhas, Chavaz, Charente, Cristelo, Costourado, Courel, Couto, Crixomil, Vargosa, Cruzães, Durraes, Encourado, Faria, Falme, Feitor, Fonte Coberta, Fomeiros, Fragoso, Galeps, Garenil, Gilvande, Gritos,

Condado, Guimarães, Lousal, Lousã, Lousã Nova, Lousã,  
Luz, Macieira, Manente, Mariz, Martin, Mi-  
das, Mithases, Mithatás, Paçom, Mondim, Monte,  
Moure, Neprino, Oliveira, Paracela, Rocha Furada,  
Rezia, Rezhal, Ruzza, S. Martinho, Puziz, Quiraz,  
Remete, Santa Eugénia de Rio Cor, Santa Lu-  
cia de Rio Cor, Sepriado, Silvino, Santa Leven-  
dia do Tumul, S. Veríssimo do Tumul, Trepoca,  
Ucha, Viadrol, Vila Nova, S. Martinho de Vila Fre-  
cinha, S. Pedro de Vila Frecinha, Vila Leon, Vi-  
lar de Foz e Vilar do Monte.

Todas no arcebispado de Braga.

< Vide "Portugal Antigo e Moderno", Volume I de  
Augusto Louçã de Azevedo Barbosa de Pinho de-  
al - pag. 327 a 333 - (1888-1890). >

### Parcelinhos

Freguesia, freguesia, comarca concelho e arrabalde de Pa-  
celos donde se está separada pelo Cavado, 18 quiló-  
metros a O. de Braga, 360 av. N. de Lisboa.

Orago Santo André, apóstolo.

Arcebispado e distrito administrativo de Braga.

O vigário era apresentado pelo prior da Colégia de  
Parcelos e tinha de rendimento 608 000 reis.

A igreja chamava-se antigamente Santo André  
de Marézes, procedido de uma aldeia deste nome.

Marézes, é uma pequena aldeia, quasi esche-  
tivamente habitada por serrateiros.

Fica proxima a Parcelinhos e ao lado da estrada  
da que conduz a Torre do Vezim.

A fonte de S. Martinho é famosa em toda a pro-  
vincia, pela optima qualidade da sua agua.

D'ela bebiam os Arcebispos de Braga.

Estando a fonte arruinada, foi reedificada pe-  
la Camara de Parcelos, em 1710, com grande



maguiflencia, e tem no frontão a seguinte inscriçao:

"Si verae nascentur aquae de vertice caeli, haec de caelesti vertice limpida fluit"

Esta em communicação com Barcelos, por uma magnifica ponte, obra dos romanos, de admiravel solidez.

Deste lado e sobre a ponte (logo á entrada d'ella) está a Capella, octogona, de Nossa Senhora da Ponte, toda ferrada de azulejo e a telha e toda vidrada.

Tem mais de 500 annos. Antijamente formou parte do braço de Barcelos.

Tem Barcelinhos mais outras capellas, que não tem o nome notavel.

Em 1841, foi feita Paróia de Barcelinhos, Manoel José de Oliveira (o Manoel dos Contos).

Hoje e casado com a viuva do dito Paróio, o senhor Visconde de Augueira.

E' terra abundante de boas aguas, fertil e sandalim e suas cercanias unido a suasiveis.

E' uma grande povoação, com bons predios e vista de Barcelos, fez um ottimo epito.

E' situada sobre a margem esquerda (n.º) do rio.

(Vide "Portugal Antigo e Moderno" (Volume I) de Augusto Soares d'Aguiar e Barbosa de Lima Real, a paginas 326 - (1873-1890).

Barcelos (Dr. Aguiar Cavado) (1935) do Sr. Teodoro da Fonseca

Barcelos, orago Santa Maria Maior, Nossa Senhora das Neves ou Nossa Senhora d'Assunção, foi primitivamente do padroado real, passando depois para

ra e da Casa de Bragança.

Era uma abadia, e seu praxeo intitulava-se Abade de Santa Maria Maior de Barcelos, denominando-se assim ainda nos primeiros tempos desta igreja ser elevada a Colegiada, passando porém mais tarde a ser governada pelo Prior da mesma Colegiada, convalidado nesse serviço pelo Congregação Curia até 1859 e habido em diante pelos seus beneficiados até 1 de Dezembro de 1869, data em que por lei foi suprimida a Colegiada.

De facto, porém, esta só terminou em 1915 com a morte do seu ultimo conregado o Prior José d'Amorim Pereira Leite.

Barcelos, segundo uns, vem de Barra Celani ou Barca Celani, barra ou barca do rio Celano (Cavado); segundo outros de Barca Celi; nome de uma barca que fazia serviço n'este rio; segundo outros de Pracia ou de Terceira e ainda segundo outros de Parcellus, de origem fenicia, que quer dizer barca pequena.

Não são também conhecidas as escripturas quanto a origem e fundação desta povoação: uns remontam-na aos Gregos; outros aos Cartaginezes; outros aos Romanos; outros aos Galo-Celtas, aos Barcinos ou aos Celerinos, povos que habitaram esta parte da península, e por fim outros, para não estarem a arguetar hipóteses, dizem que a origem e fundação de Barcelos se perde na noite dos tempos, não se podendo determinar a época da sua fundação nem tão pouco qual o povo seu fundador.

Dizem mais os escritores antigos que esta povoação foi completamente arrasada nas lutas entre os povos bárbaros que avassalaram o nosso território e que os Arabes a reconstruíram e reedificaram.

O que é certo, porém, é que, quando desappareceu no horizonte o sol da nossa nacionalidade, reinou já o reino casario deste surto. O Afonso Henriques dá-lhe foral em data indeterminada, (1) confirmado por D. Afonso II em Santarém em 1256, e D. Manuel I foral novo em 7 de Agosto de 1515.

Nas inquirições de D. Afonso II de 1220 vem a frequência de Barcelos com a designação = "Sancta Maria de Barcelos" de Terra de Nêvia.

Nestas inquirições se diz: que o rei é seu padroeiro; que tem aqui alguns requeços; que devem fazer a ramada ao rei da devesa regia e que aqueles que possuírem bestas devem fazer carriagem ao rei, assim como se contém na sua carta e praxeiro voz e coima.

"Et modo est villa in reuda pro eccv moralitimo."

Nas inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.ª Alçada, se diz:

"In Indicato de Nêvia. Item, in parochia Sancta Marie de Barcelos, que el Rey est padron et segnor da ecclesia e da villa. Et am de fazer al-Rey a ramada da devesa d'el-Rey de Barcelos."

(1) O sr. J. Manoel Sampair, no seu livro "Barcelos Resenha", a pag. 16, fixa a data deste foral entre 1140 e 1146.

Et se el-Rey quizer fazer fossado (1) aquelles que  
ouverem bestas devem fazer a carreira al-  
Rey, scilicet: se for a Rey darem li meir ma-  
ravedi e vida e cevada; se for a Francisco  
ou a Maganca II maravedis e vida e cevada  
et non li fiharem nichil de seu. (a)

Esses maravedinos que esta vila trouxeram  
am a dar os lenho a primeira lamprea que  
y ouver".

Fata-se aqui em Ciura de vila, Fundo de vila,  
Caral de Trigue, Pesegal e Pibeira.

\*(a) Tem estes som os freiros desta vila  
per cabeça, scilicet: \* (mencionam-se alguns  
nomes e no fim concluem) "e estes som freiros  
del-Rey da vila de Barcelos et Couto cum toda  
a sua geerazom".

Barcelos era hum pequeno n'esta época e ain-  
da meos em épocas posteriores.

Emcravado entre Taria e Penafiel de Pastuzo,  
que lhe ficavam ao sul, apenas separado pe-  
lo rio Cavado, tendo ao nascente, eus limites

(1) Fossado era a expedição militar ou cavalgada para falar ou colher  
os furtos e novidades que o inimigo tinha aprontado. Para este fim apode-  
ravam-se do campo, entrincheirando-se em valles ou furtos, mantendo-  
se na defensiva e guardando as costas ass que se occupavam na apunha dos  
furtos, novidades e furtos.

Havia o tributo da fossadeira que pagavam aquelles que, tendo obrigação  
de irem ao fossado uma vez por anno, não iam, applicado para as despesas  
que no dito fossado se faziam.

(2) Vida, sustento, comida, refeições. Esta vida ainda que ordinaria-  
mente se dava em cousas de comer já guisadas, como caldo, car-  
ne, leite, fritos, etc... algumas vezes se pagava a dinhei-  
ro ou em cousas comestiveis não guisadas.

vinham até leuá pinto, ao ribeirão de Fontels ou do  
 Amel, Apuiar ao norte, pertencia a Terra de Neiva,  
 mais tarde os juizados do mesmo nome, residindo  
 as suas justicas no Castelo de Neiva, e não se pô  
 de determinar bem a extensão da sua alforja qual  
 se limitava talvez apenas a vila e arrabaldes.

Trazidas do Castelo de Neiva as justicas pa-  
 ra Barcelos no século XIV, esta povoação au-  
 menta e progredie.

Por carta de 5 de Fevereiro de 1372 foi dado  
 a Barcelos o juizado de Penafiel de Pasturas e o Con-  
 selho da Vargem, juntando-se-lhe posteriormente os  
 juizados de Apuiar do Neiva, Faria, Vermunim, etc.  
 transformando-se o concelho de Barcelos em um dos  
 maiores do paiz, a qual ainda em 1836 abra-  
 çia sete léguas de largor, de nascente a poente, e  
 dez de norte a sul, sendo limitado ao norte pelo  
 rio Lima, ao sul pelo Ave e ao poente pelo Oca-  
 mo. (1)

Se foi grande o concelho de Barcelos, maior foi ainda  
 a sua comarca.

Com o advento porém do liberalismo, fraccionou-  
 se este concelho e esta comarca, ficando reduzidos,  
 depois da criação da comarca de Espinho em 1882,  
 a 91 freguesias, sendo incorporadas as outras nos  
 concelhos e comarcas vizinhas.

Barcelos orgulha-se de ser sede do primeiro con-  
 dado territorial português.

D. Diniz, por carta de 8 de Maio de 1298, foi  
 conde donatario de Barcelos a D. João Apuio  
 Telo de Meneses.

(1) Sr. Domingos Ysaquim Pereira, Memoria Historica,  
 pag. 175.

Levou-se uma serie de seis condes (1) até que  
D. Afonso Teo de Meneses, 6.º Conde de Barcelos, mor-  
re na batalha de Aljubarrota, combatendo peles  
castelhanos, e então D. João I deu este condado a  
seu amigo e condestavel do reino D. Inês Alvares  
Pereira.

Este em 1401 dotou sua filha D. Brites Pe-  
reira de Alvim para casar com D. Afonso, filho  
bastardo de D. João I, além de algumas sesmar-  
tas, em o condado barcelense.

D. Afonso foi pois o 8.º Conde de Barcelos, sendo  
elevado em 1442 a 1.º Duque de Bragança.

Barcelos no seculo XVI foi ainda elevado a  
ducado, começando desde 1572 a usarem o tí-  
tulo de Duques de Barcelos os herdeiros da antiga  
casa.

Pela aclamação de D. João IV, 3.º Duque  
de Barcelos e 8.º de Bragança, ficaram a pertencer  
aqueles títulos ao príncipe herdeiro.

O rei D. Carlos I, quando viajava no estran-  
jeiro, usava sempre o título de Conde de Bar-  
celos, talvez pelas iniciais serem as mesmas de  
Carlos de Bragança.

D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque  
de Bragança, foi o grande reformador e restau-  
rador de Barcelos, que cunhou o seu nome.

A vila, terra aberta e sem defesa guerreira,  
mandou cercar de muralhas.

Eram estas muralhas altas e de forte resistencia,  
tendo os adarves guarnecidos de graviosas armas  
de defesa, fechando um amplo poligono irregular, li-  
mitado pelas ruas Faria Barbosa, Largo da Porta Nova,  
rua Barfina de Freitas, rua do ~~Rei~~, Largo da Fonte de  
Bains, rua das Vivandeiras e rua Duque de

(1) Sobre este assumto veja-se o livro já citado Barcelos Resenha do Sr. J. Manoel de Sampaio.

Magança, fechando na torre da Porta Nova de Martim.

Aqui elevava-se uma alta torre com uma porta sobre a ponte e duas para o interior; uma para a rua hoje Rua Barbosa e outra para a rua Duque de Magança.

Entre as duas portas laterais dessa torre mandou construir a Câmara Municipal em 1631 a Fonte de Santa Tróica, guardada no Museu Arqueológico Municipal.

Seguindo dessa torre para o nascente a primeira quadra das muralhas ia até ao Pezagal a margem do rio e aí terminava em uma pequena torre, cujos vestígios se veem ainda na quinta da Casa do Ex.<sup>mo</sup> Conde de Vila Brava, e perto ficava um portão: o do Pezagal que era por assim dizer a porta da traição desta fortificação.

A alguns metros deste portão subia a muralha em linha recta para o norte até ao sítio onde está o edifício do Paço do Conde, seguindo daí para noroeste até à Torre da Porta Nova.

Ainda se ergue ali essa torre, de arquitectura sólida, mas com os símbolos de quatro pavimentos, cobrada primitivamente de ameias de deiza e hoje de adorno, desde que para ali mudaram a cadeia (entre 1631 a 1636).

Era a antiga residência do Alcaide, foi considerado monumento nacional e está destinada à instalação de museu e biblioteca municipal.

Dessa torre seguia para noroeste um lance de muralha que ia terminar na Porta Nova que dava serventia da sua Direita.

foje D. Antonio Barrozo, para a arrabalde de  
Cima de vila.

Sobre o arco dessa porta abria-se um  
oratório onde estava a imagem da Senhora  
da Abadia.

Da Porta Nova seguia a muralha a mes-  
ma direção noroeste e pouco adiante vol-  
tava para o prante, seguindo depois em li-  
nha recta e paralelamente a Rua D. Antonio  
Barrozo até a travessa do Aprove, onde se  
encontrava outra torre e a porta do Vale, por  
cima da qual se venerava a imagem de  
Nossa Senhora da Esperança.

Da porta do Vale partia de novo a muralha, atia  
sestava a rua D. Maria de Freitas e, desceendo n-  
ma curva, passava junto a rua do Póço, ao lan-  
ço da Fonte de D. Aires, a villa das Videantheiras,  
descia sobre a muralha do Cavado e ia terminar,  
como dissemos, na Torre da Torre.

Primitivamente os muros de Barcelos tinham  
apenas tres portas e tres torres descurtas e dois  
postigos: o da Fonte de D. Aires e o do Recanal.

Mais tarde, porém, foram abertas mais os  
seguintes: o da Ferraria, 1631, que dava saída  
a travessa da rua Divina, antiga rua da Fer-  
raria, o da rua das Velhas, hoje rua D. Inez de  
Barcelos, 1635, tambeu conhecido por o da Feira (1).

Fr. Pedro de S. J. em seu livro "Tratado  
Parcegnico", edição de 1672, diz "tem a villa  
bons muros e nestes sete portas, quatro mais  
principaes e tres de menos servico".

O Censo da População de 1537 diz:  
"A villa de Barcelos he da terra D. Inez  
etc. He villa hum cercuada de muros e torres  
fortes e tem por fortaleza os paços de D. Inez

(1) Vide Dr. Antonio Seixas in Barcelos Pleista, n.º 465 - Abril de 1909.



e jaz peguada no Rio Cavado tem uma ponte de pedra muy fermeza que say do povo e passa contra a cidade do Porto para o arrabalde de Barcellos.

Daqueas murallas ainda existem restos desde o Largo dos Mathuros ate a torre da Porta Nova; na parte que da para o Largo da Fonti de Baixo e Vivandieras e sobre o rio nos quintaes das casas da rua Santa Barbara.

Junto a torre da ponte, cupi ainda se verem ainda nesta, estava o castelo que servia de residencia dos Condes, quando vinham a esta vila, mandado tambem construir por aquelle D. Affonso, 1.º Duque de Bragança.

Comunicava este castelo com aquella torre e por um passadizo com a Igreja Matriz, que servia de capella dos Reis.

Do palacio dos condes duques de Barcellos existem apenas as paredes inteiras de uma parte dele e uma alta chaminé dos seus pios.

O terreno em que assentava este edificio foi cercado de muros com ameias na gerencia de uma Camara da presidencia de Mr. Jose F. Soares, em 1890.

Servem estas ruinas historicas de Museu Archeologico Municipal, iniciado pelo Sr. Mr. Manuel Fonseca, quando presidente da Camara, a qual ja tinha sido creado em 1900.

Da torre da ponte apenas existem vestigios, como dissemos, junto a esta; abalada pelo terremoto de 1755 derruiu e caiu por terra em 24 de Janeiro de 1800, impedindo por alguns dias o transitto na ponte.

A parte da muralla desde a Ponte

até a Fonte de Baixo foi demolida em 1881.

A Torre do Vale já tinha sido demolida em 1797 e a muralha desde a Fonte de Baixo até aquela torre foi-o em 1857.

Em 1867 foi demolida a porteira da travessa do Espírito.

Já porém em 1806 alguns moradores da vila conseguiram apurar parte das muralhas junto aos seus quintais, aproveitando-as para recreio próprio.

E, assim foi desaparecendo esta forte legião guerreira da idade média que, diga-se de passagem, junto aos seus muros sumam hoje memórias de algum se deus.

Quanto à ponte que liga esta vila a Barcelinhos, dizem uns que é romana; outros que foi fundação de D. Afonso, podendo porém assestar-se que se não é romana, deve ser obra anterior a este conde, que apenas a restaurou. (1)

Tinha arcadas nas suas guardas de pedra e era estreita e de pavimento lajeado.

Em 1881 foi mandada alargar, substituir as suas guardas de pedra por outras de ferro e o seu pavimento calcetado.

Sustenta esta ponte cinco arcos, deprimida no impeto das grandes cheias por fortes cortinaes.

"A Fraternidade" recebeu também a influencia benéfica de D. Afonso, o grande reformador e promotor do desenvolvimento da sua vila de Barcelinhos.

Muito do que a este tempo tem de bom e belo

(1) Esta ponte já existia no primeiro quartel do século XIV. Barros, J. Augusto Lima, - Factos Episcopaes, vol. II, pag. 231. - Nota 2ª. (Insc. e fl. 23 deste volume)

Igreja Matriz  
 Construída do século XIV, transformada  
 nos séculos XVIII e XVI.  
 É monumento nacional.



"Vide pag. 83 deste Volume"



BARCELOS — Matriz, lado norte (em restauração)

À esquerda  
 Um aspecto das  
 obras de restaur  
 da Matriz na fa  
 ce voltada para  
 o Largo da Cama  
 ra, modificando a  
 expectativa abais  
 sentada nos fotografias  
 coloadas.

As obras de restaur da Igreja Matriz (antes aban  
 piada) — foram resolvidas faziam-se pela Junta da  
 Freguesia em sessão de 15 de Novembro de 1910.

As obras para o antauro da Igreja Matriz principiaram em 1 de Agosto  
 de 1927.

Vide paginas 62 do IV Volume destes Apontamentos.



Obras de restaur da  
 Matriz — à esquerda  
 antes do restaur.  
 à direita antes  
 do restaur.





DEPOIS DE RESTAURADA

Orago da Igreja Real Colegiada de Santa Maria de Vila Rica, e a sua Igreja-mor da Nossa Senhora da Assumpção collocada na capella-mor, e uma das mais primorosas obras esculptura. Representa uma summa Magestade assentada em hum Trono de ouro encarnada de prismas de joz. 6' de estatura perfeita, e de todos he hu sobre natural atractivo dos corações. Tem esta Igreja treze Altars, que são o

da Capella-mor, e além deste para o lado do Evangelho tem o de S. Pedro, o de S. Francisco, o de Nossa Senhora da Paço, o de Nossa Senhora da Piedade, o de Nossa Senhora da Luz, e dos Santos Reis Magos, junto da porta travessa por onde se sahe para o largo velho da Paço, se ve-se ali mais desta Igreja, a Pia baptismal, e logo a porta principal; e pelo lado da Epistola tem o de Nossa Senhora do Rosário, o de S. João Baptista, o do Antão de Sacramento, e do Antão

e logo a porta travessa de para o de S. João Baptista, e o de S. Antão de Sacramento



DEPOIS DE RESTAURADA



CAPELLA-MOR EM RESTAURAÇÃO

MATRIZ DE BARCELOS



DEPOIS DE RESTAURADA

dade; por logo se pindo de o farrizo da Turchia dos Pichins metidos de brassos de huma abobeda no meio da parede, e levantada da terra, com as armas da mesma farriz; se ve-se a escaza escada que sube para o Choro e tino dos sinos, além destes altars do corpo da Igreja tem dentro da Igreja hu Altar do Santo Christo. Com para se esta pimenta farriz de tres naveas espaças, e compridas com duas arcos, hum na Capella-mor, e outro no fim da Igreja por cima da porta principal, e junto deste tem duas naveas pequenas que se repetão a cada hu das naveas das bandas, e por cima da banda do Norte fica a Casa do Cabido e Archivo da Collegiada, e correspondendo com o Choro do meio onde se regem as horas canonicas, fica hu suficiente oppo além de hu relicio que tem ao pé do pulpito da parte da Epistola.



PLAN RESTAURADA

MATRIZ DE BARCELOS



PULPITO PROJ. TARD POR J. VIGARA

Passa a folha 80 deste Volume - Viola sua continuação

se deve a ele e aos seus immediatos successores.

Continuou-se no seculo XVI a sua bella restauração até que com o advento do seculo XVIII e ainda no seculo XIX se puzer novas reformas e aprimoramentos ao gosto da época.

Ultimamente tem-se feito ali grandes obras, tentando restitui-lo a sua antiga architectura, fazendo-se para isso muitos estudos, acompanhados igualmente de algumas fantasias.

Está este templo no alto da rua de Barbados, entre os Paços do Concelho e o antigo palacio dos Condes Duguay de Breuille, separado destes edificios por seus respectivos largos.

De estilo românico, transição para o gótico, a sua fachada ergue-se virada ao prante, na qual entre dois porticos ou contrafortes abre-se um bello portico em cinco arquivoltas de arcos apontados, successivas e descendentes, apoiadas em quatro pares de columnas de fustes lisos, bases e capitulos abasteados.

Terminando a fachada em arcos, abria-se primitivamente no centro uma rosacea, que foi substituida no seculo XVIII por janelas retangulares, sendo estas ultimamente tapadas e aberta rosacea.

O aspecto desta fachada ficou muito alterado com o levantamento da nave central, até ao primario arco, o que foi bastante para a desfigurar.

Do lado direito da igreja ergue-se a torre dos sinos, sem cúpula e sem ameias.

Do lado da torre ainda se veem vestigios do passado que dava origem a esta igreja com os paços ducaes.

Dentro o templo é de tres naves, separadas

por arcos apontados suapeusos por feixes de qua-  
tro colunas de fustes lisos e capitais historiados.

As paredes interiores do templo e os fustes des-  
tas colunas foram no século XVIII revestidos  
de azulejos dos quaes a maior parte foram man-  
dados retirar pelas ultimas obras e restituídas  
aquelas colunas a belleza primitiva do seu prami-  
to, ficando o resto a espera de outra rafa-  
da de bom senso e bom gosto que os mande  
retirar e collocar em sitio apropriado.

A Capela maior com sua abside quadrangu-  
lar, mandada reconstruir pelos alcaides da  
antiga, e magestosa.

A sua abobada em pedra tem no fecho  
central o monogramma de Christo = I.H.S. = acom-  
panhado na orla por estes dizeres = ESTA OBRA  
FEZ BARCELLOS NA ERA DE MSIV (1504), em  
bons caracteres goticos.

Em um dos fechos lateraes lê-se a inscriçãõ  
= M.F. GIL DA COSTA =.

Por aqui se infere que a abobada desta  
capela é obra posterior a do Duque D. Afonso  
e que não foi mandada fazer pelos duques  
seus successores.

Pelas ultimas obras realizadas foi retira-  
da d'ali a rica tribuna estylo barroco e col-  
locada na Capela do Sacramento e substituido  
o cadeiral dos conepes pelo que estava no côro.

Na occasiãõ da substituiçãõ do cadeiral apa-  
receram nas paredes duas portas em arco que  
dão communicaçãõ para as capelas lateraes.

O altar e haino sem retabulo sustentado  
por colunas.

Veneram-se n'esta capela duas imagens  
de subido valor artistico e archeologico.

No centro, a de "N.ª Senhora da Assunção," jan-  
 doreira desta freguesia, em estilo barroco e do la-  
 do direito a de "N.ª Senhora da Trangureira," tercentis-  
 ta, em estilo gótico, que da sua capela do alto  
 do Monte da Trangureira, em Pereira, foi recuada  
 da para esta igreja no século XVIII.

Do lado direito da capela maior, em frente a en-  
 tre desse lado, está uma capela ultimamente  
 restaurada, tambem em abobada de pedra.

No centro dessa capela, no chão, vê-se uma  
 sepultura em cuja tampa tem gravado um  
 escudo com as armas dos Barbosas e por bai-  
 xo os seguintes dizeres: AQUI JAZ MANOEL BARB.  
 FALLECEU A 25 DE JANEIRO DE 1596. ESTE JA-  
 ZIGO PERT. A SEUS DESCEND.<sup>tes</sup>

Deste lado segue-se a primeira capela lateral  
 que é a de Sacramento. É ampla e nela está  
 a rica tribuna que era da capela maior, tendo nas  
 paredes quatro telas representando os evangelistas.  
 Os seus techos são em madeira formando cai-  
 xotões.

A esta segue-se uma outra capela de aboba-  
 da em pedra em forma de boca de canhão, se-  
 guindo-se mais dois altares lateraes.

Deste mesmo lado ao entrar a porta principal  
 está o túmulo dos Pinheiros sob um arco metido  
 na parede. Este túmulo tem a seguinte inscriçãõ:  
 "SEPULTURA DE ALVARO PINHEIRO CAPIT DESTA  
 VILLA E DE SEUS ACENDENTES E DECENDENTES".

No fecho do arco vê-se um escudo esqua-  
 relado com as armas Pinheiros, Alvaras, Perceiras  
 e Lobos.

Do lado esquerdo, junto a Capela maior, a en-  
 frente com a nave desse lado está uma capela  
 de abobada e altar de pedra, que se pece tam-

hem a influencia das ultimas reformas neste tempo.

Da parte de fora dessa capela, junto ao seu arco, foi retirado na parede um oratorio por cima do qual collocaram uma pedra, que estava em uma capela demolida, representando um escudo encimado com a Tercera Cruzada e com duas chaves cruzadas.

No campo desse escudo lê-se o seguinte:

SACRA ECCLESIA LATERANENSIS.

Esta em seguida a organ que foi retirado do coro e para aqui mudado ha poucos annos.

Fica em frente da Capela do Sacramento e está no sitio onde era uma Capela lateral que foi cortada ha poucos annos para alargamento da Praça Municipal. Segue-se-lhe uma pequena capela de abobada em forma de bandeau, exactamente igual a do outro lado.

A esta capela segue-se mais dois altares, sendo o ultimo, junto a porta travessa, o dos Reis Magos.

O arco que abriga este altar é fechado por escudo espartilhado com as armas Trincas, Barros, Trincas e Cortes. Difereça uma moldura de prata e timbre o dos Trincas.

Seu baixo no praquize 1612 data da concessão deste brazão.

Este altar era cabeca do Hospital do Pedipir, vinculo instituido em 1519 com a designação de Capela dos Reis Magos.

Tinham os Hospitales do Pedipir sepultura particular, que desapareceram quando do estabelecimento da igreja no seculo XIX, sendo entao recolhidas as cinzas nela encontradas em um pequeno sarcophago de baixo do altar e ha poucos annos sobre a parede



colocadas numa pedra com a seguinte inscrição:  
-SEPVTVRA DOS MORRADOS DO PERDIÇÃO.

Todos estes altares lateraes estonam primitivamente encostados nos pilares dos arcos que separam as naveas, sendo em Junho XVIII metidos nas paredes lateraes.

Tem esta igreja duas portas travessas: uma que dá para a Terceira das Torres e outra para a Praça Municipal.

As tres naveas são forradas a madeira em caixotes e actualmente não tem côro; o côro que existia foi demolido e as rasgadas lamelas substituidas nas obras que estão correndo por pedras geminadas, quarzoidas, bem como as rosaceas, com artistices vitraes, adquiridos em 1930 em Barcelona.

A pia batismal em granito recebeu a seu antigo lugar, a qual tinha sido substituida por uma outra moderna em marmore no Junho XIX.

Foram pelas ultimas obras retirados os dois pulpitos metidos nos pilares dos arcos. Serve-se agora de um pulpito portatil de madeira em estib ptoico.

Todas estas obras ali realisadas foram da iniciativa do deão junior desta freguesia Sr. Fr. Joaquim Alexandre Garças, com a cooperação de varias pessoas e entidades desta cidade, sob a direcção de engenheiros e architectos de plomados.

Se a iniciativa da restauração da matriz de Barcelos não vier ainda realisado o seu sonho restituída a igreja a toda a sua primitiva belleza, não foi por falta de persistencia e tenacidade da sua parte, mas por não

ser afidados e comprehendidos por quem compete.

A sacristia é do lado direito, entre a primeira capela deste lado e a do Sacramento. É quadrada e esbagoza.

Tem um bom lavabo em pedra e no centro uma meza de pedra, stampa de uma sepultura no reverso da qual ainda se veem vestígios de um brasão e de uma inscriçãõ quasi apagada.

Este templo foi classificado monumento nacional por Decreto de 15 de Outubro de 1937.

Foi aqui criada uma Colegiada em 1464 com bras rendas, chegando a ter treze cónegos.

Estas rendas, porém, foram cercadas para aumentar as da Patriarcal de Lisboa e as da Paço da Capela de Vila Rica.

As dívidas desta Colegiada foram apresentadas pela Cam. de Magança e cobradas pelo Ordinário.

O prior apresentava os benefícios da massa da Colegiada, isto é, os praxeos nas freguesias de Barcelinhos, Correi, Faria, Gilvindo, Guizão, S. Martinho de Vila-Francinha, Frihases, S. Paio do Camadal e Vilas de Tijos.

A Colegiada de Barcelinhos foi suprimida por Decreto de 1 de Dezembro de 1869.

O Cruzeiro Paroquial desta freguesia esteve no fundo da antiga rua da Igreja (hoje rua do Barbador), no cruzamento desta rua com a do Terreiro (hoje Praça de Magança).

Na Praça Municipal, entre a igreja Matriz e os Paços do Concelho, mandou a Camara Municipal, construir um chafariz em 1630, em virado por uma cruz.

Para ser cobrado ali esse chafariz foi

mudado o Taboalho do Concelho, que estavam  
se larço, que também se chamava da Freixo,  
para a Larço da Porta Nova, onde se conserva  
ate 1865.

Neste anno, resolvendo a Camara Municipal  
regularizar a rua Fria Barboza na sua em-  
bocadura em a Larço da Porta Nova, mandou  
derrubar o prebuiinho, ficando dispersas as  
pedras que o compunham, de modo que a  
base foi para obras pias da vila, e foi apli-  
cado a frente de sancieiro de iluminação pu-  
blica e a grade metálica em uma parede qual  
quer.

Em 1905, devido ás investidas e instân-  
cias do Juiz de Direito Sr. Antonio Ferraz, adjuvante  
do do Concelho, a Camara Municipal, da pre-  
sidencia do Sr. Dr. Jose Barros, reconstituiu  
e mandou cobrir o seu antigo prebuiinho  
no lado frente dos Paços dos Condes Duques de  
Barral.

Esta emblema, não lhe faltando ate as  
correntes de ferro que enfein a frente, encon-  
tradas em um esenderio da Freixo da Porta  
Nova.

É um dos mais bellos monumentos do  
seu genero em a sua ergula em Jacinda  
em estilo gótico.

Tem esta pequena muitas igrejas e capellas que  
vamos descrever.



Frente da Igreja Matriz  
voltada para a Rua  
do Barbedão.  
Ainda não tinha se feito  
as obras da sua reforma-  
ção.



Uma perspectiva muito antiga da Matriz e Paços dos Condes Duques de Bragança e parte da Ponte sobre o Canal.

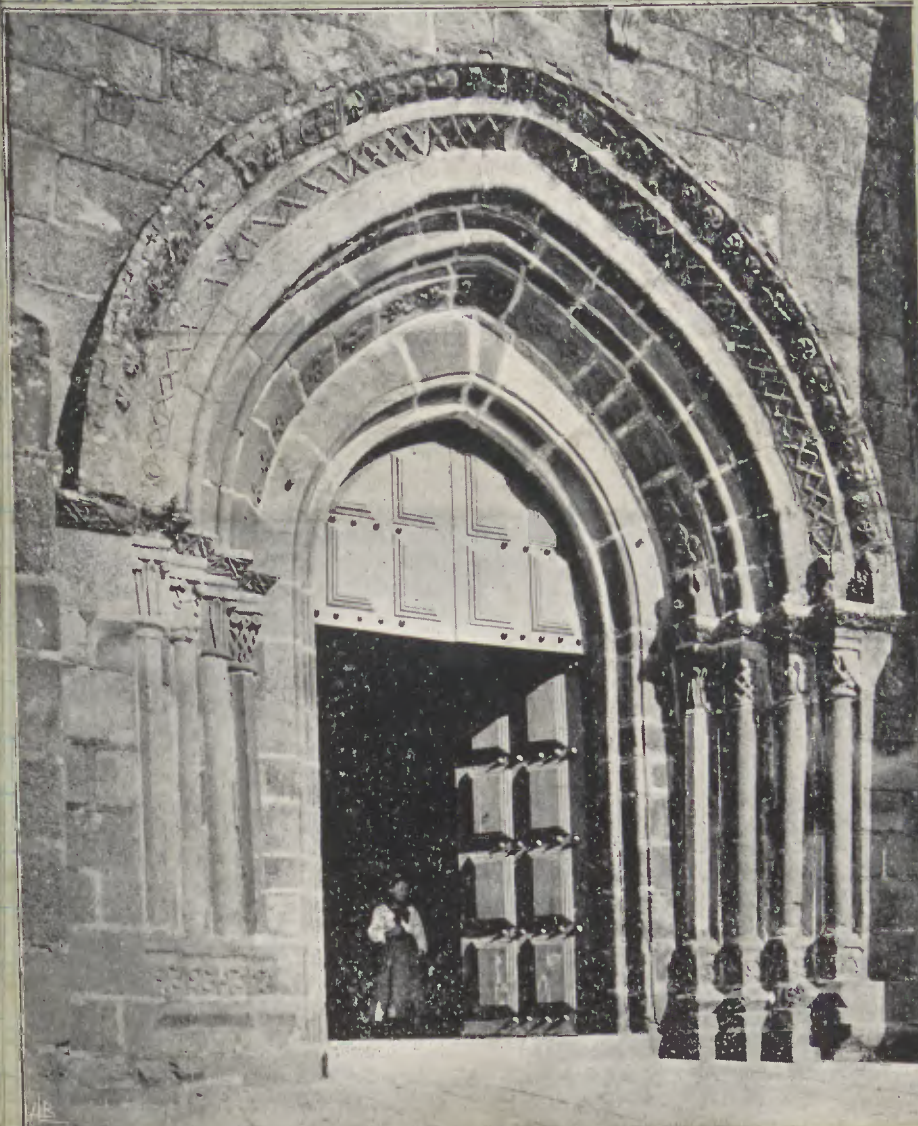
A Igreja  
Matriz  
antes da  
sua re-  
construção  
em 1854  
por  
N. de Aze-  
vedo de  
1927.



BARCELOS - Igreja Matriz



Esta igreja foi dada quando se presidia a restauração da Matriz, mas que por virtude de novos estudos não se mantiveram, como se prova pelo seguinte documentário que findo neste livro.



Porta principal da Matriz que ainda hoje se conserva intacta e que dá entrada para a Rua de Barbado. Escadaria de entrada que era em linha lateral, mas com a porta depois em linha recta. A sua construção costuma ser da época da sua fundação por D. Fernando.

Orgão de São João. Oblegada confirmada por D. João II em 1474.

# Matriz de Barcelos



Foi fundada por D. Fernando I, Duque de Bragança, e é um dos mais nobres monumentos de Barcelos. Anexas ao templo, que possui três naves e que foi colegiada a partir de 1474, existem a Misericórdia e o Hospital — de iniciativa de D. Manuel I (1512).

A igreja sofreu vicissitudes várias,

— à mercê das embadas do tempo e das desconsiderações dos homens... Em 1846 foi profanada! O respeito pelas coisas sagradas era, afinal, fruta do tempo; e a veneranda matriz de Barcelos tinha, por mal dos seus e dos nossos pecados, de a saborear.

Mas atrás de dia, dia vem; e sobre a matriz de Barcelos descansam hoje, respeitosos e enlevados, os olhos de todos os portugueses, — que todos eles sabem conjugar a grand'za e religiosidade do Passado com a Fé e a esperança do Presente e do Futuro.

XXX

A Igreja que abeira junto minha mãe só como a  
Igreja Matriz, era substituída para o lado do Largo Municipal  
mas como o seu conjunto com a algariz-cruz  
e casas que devido ao alargamento do Largo já desapareceram e de  
que hoje não restam vestí-  
gios.



ceram e de  
que hoje não  
restam vestí-  
gios.

XXX

Os trabalhos  
que acicra se  
não adianta de  
Lilacemos por  
memória de...  
Lilacemos por  
memória de...

A Ponte de Barcelos =

A feição architectural da Ponte de Barcelos, de arcos apontados, paramentos horizontaes, e pilares muros do século XV e paramentos medievos, fixaram a opinião contemporanea de que a construcção o Sr. Duque de Bragança, quando abençoou seus Paes, restaurou a Ponte, promoveram a sua reedificação e continuou a construcção dos muros fortificados, iniciada por seu pai o Rei D. João I.

Esta opinião que eu aqui na "Pesquisa" de 1927 estava



tambem em accordo com os estudos dos subterranos Sr. Martins Capela,

Dra. Feliz Alves Pereira e Martins Sarmento, que, para se verificar serem proprias as pedras de origem romana subsistentes em Braga e poucas tambem as da epoca grega.

O academico Professor José Augusto Pereira nas suas investigações archeologicas para futura da sua proficiente obra "Factos da Primordia de Braga", acaba por se de descobrir a prova documental de que a Ponte de Barcelos (peça honrosa das Armas da Terra) e' mais antiga.

Na "Collecção Chronologica" do Arquivo distrital de Braga encontra-se, em original autentico, a licença passada em 12 d'agosto de 1028 para se levantar altar na Igreja que está na Ponte de Barcelos e que mandava ali edificar Igos Loureiros, Chante de Braga.

Concedeu a licença o Arcebispo D. Gonçalo Pereira (1026-1048), avô paterno do Condestavel D. Nuno Álv.

vares Terceira.

Ficamos portanto conhecendo a prova de que a tradi-  
ção de uma porta em Barcelos emite antes mere-  
cedo credito, imperme que valeria a historia local.

Portanto agora posso afirmar que: a Porta de Bar-  
celos ja existia no principio do seculo de 1300, ou  
si de origem afonsina ou mesmo romana e foi reconstru-  
da pelo Sr. D. D. D. de Bragança com a feitura que ainda  
he vemos acuatadamente medievos resultante dessa  
reconstrução.

Além disso ficamos sabendo que a Ermita de  
Nossa Senhora da Ponte foi edificada em 1328 (a D.)  
pelo Thome de Braga Episcopo Laureço.

O documento que cito enuncia-se indicando a pági-  
nas 136 do Tomo II da mencionada obra de erudito en-  
vite tambem referido. - Barcelos 8 de Janeiro de 1933. (a pte  
de Manoel Lampier - Titular da Associação dos Arqueolo-  
gos. - "O Barcelense" de 14 de Janeiro de 1933.)

### A Porta de Barcelos.

Ha tempos li neste semanario umas referencias a um  
documento citado por D. D. D. de Bragança nos "Factos da  
Primordia de Braga", obra primorosa e de nobres investigações  
arqueologicas, da qual tenho sido leitor, mas com esta não  
ter lido a devida atençao a referida obra.

Porém, depois da publicação feita em "O Barcelense" e  
que, consultando novamente a obra, conheci o valor  
do referido documento, e d'ahi fiquei na expectativa de  
ver se, por copia, ele surtira a luz da publicidade co-  
mo amplamente do que se disse.

Como isto demorava e tendo conhecimento de que  
a prova desejada existia no Arquivo Distrital de  
Braga, na Caixa n.º 10, fazendo parte da Collecção  
Chronologica, tratei de a conseguir, pois bastante falta  
me fazia no meu manuscrito de Bragança.

Depois de ter a certeza que tenho na mão a copia



exacta do estado do documento, promover a sua publicação, que  
 cedida da seguinte carta, que julgo também importante,  
 se bem que não tenha autenticação para a Ligeira, todavia,  
 atentas as circunstâncias que a ligam ao movimento do assun-  
 to em questão, por certo Mop. J. A. Ferreira me fornecerá o  
 atestado: - ... "Senhor: - Devolvo a copia paleographica de car-  
 ta que se commettiu o Arcebispo D. Gonçalo Pereira que existisse  
 altar na Capela da Ponte de Barcelos. A copia esta carta, o docu-  
 mento pode todavia ter algum erro no latim, mas é de  
 saber que se trata de latim barbaro medieval, e por tanto, pre-  
 ciza em alguns  
 casos e tempos  
 de verbos de ser  
 recordados. Com  
 tudo quem es-  
 tiver habituado  
 a ler estes di-  
 plomas, não  
 tem difficuldade  
 na sua tradução.



Fotografia interessante da antiga Ponte sobre o Covado, a qual foi mais tarde alargada  
 dando-se-lhe guardas de ferro, tomando o aspecto que se vê aliavés juntamente com  
 as ruínas do Palácio dos Duques Brancos e a Igreja Matriz, antiga Collegiada de Bar

estada  
 Ponte an-  
 tiga ti-  
 nha, ce-  
 nor se  
 vê as  
 guarda-  
 as fe-  
 cha.  
 A seque-  
 da me-  
 tra a  
 Ponte com as guardas de ferro.



Neste documento d'alta valia para a historia de Barcellos ha a parte historica e a parte canonica: da primeira consta que o Chante da Sé de Braga, Egas Laurens, edificou na ponte sobre o Cavado (Catao) uma Capella; portanto no primeiro quartel do seculo XIV existia ja a ponte e a capella; na segunda parte o Arcebispo, deitando o requerimento do Chante, da facultade ao Comissar o Domando Martins e Pedro Nunes, scitores das Fieis de Fieis e Trindades para erigirem altar na abedida Capella, devendo, todavia, saber-se que nenhuma fundação advenha a igreja parochial e vizinhas. Datada de 18 d'Agosto de 1328 com o respectivo selo. Assignada por de D. D. Estevão Paes vic. É um documento authenticos, que deviam photographar os historicos de Barcellos e depois publical em monografia. Este é o meu trabalho de cessura.

Sig. "referencia a este documento nos Factos" com esse intuito.

Lembro-me de ter dito alguma coisa sobre o caso ao meu bom am. e melhor artista Lourenço; mas depois

Comanteira estimo

sero inutil

(a) M. Ferreira

Braga - Rua da Oliveira, 9-III-903



Esta fotografia mostra-nos tal qual ficou o pavimento da Ponte sobre o Cavado cujas obras coincidem com as que se fizeram para circundarem o Palacio dos Duques Brades. A Ponte sobre este parochial com honra em 1888-1889.

Não se que a iluminação era feita e a pedras.

— Copia fidelis —

— Document —

"Gunsalvus dei et apostolicæ sedis miseratione sanctæ  
Bracarensis ecclesiæ Archiepiscopus Ricardus Durando  
Martini de Feanes et Pedro Johannis de Trinitates  
Ecclesiarum Rectoribus vestrae diocesis salutem  
et benedictionem.

Scum dilectum nostrum Epus Laurencu Cantor  
Bracarensis ad laudem dei et honorem virginis  
et florisse salubri devotione ductum quoddam  
Capellam edificari jaserit in Ponte de Parcel-  
lis positam super fluvium qui Catavus dici-  
tur.

Nos epus supplicationibus audentes nobis  
et in oratione vestrum in solidum esumeti-  
mus et mandamus quatenus in dicta Capella  
secundum institutionem canonicam altare eri-  
pire valeatis.

Ita tamen quæ per creationem dicti altaris ec-  
clasiæ in onibus parochia dicta Capella est  
fundata et alius circumvicines Ecclesiis nullum  
prejudicium prosectur.

In quorum testimonium has commissionis  
litteras sigillo nostro fecimus sigillari.

Batum Brachare XII die mensis Augusti Anno  
domini millesimo CCC<sup>o</sup> XXVII<sup>o</sup>

Stephanus Glapi vidit

— Tradução deste documento —

D. Gonzalo, por Graça de Deus e da  
Santa Sé Apostólica Prelhepo da Epopi Bra-  
carense, aos nossos dilectos Durando Martine e  
Pedro João, reitores das epopis de Feanes e de Tri-  
nidades, saúde e benção.

Visto o nosso dilecto Egoz Lourenço, Cham-  
be Bracarense, movido por uma salutar de-

oração a gloria de Deus e a honra da Virgem gloriosa ter  
feito edificar uma Capela na ponte de Barcellos, cobren-  
do o rio que se chama Candeio, mandando as suas  
suplicas, comissionamos a vsi "in quaque vestrum  
in Rhidum" e mandamos que fossem erigidos um  
altar na dita capela segundo as instituições canoni-  
cas, de tal maneira fossem que, pela ereção deste al-  
tar, nenhum prejuizo advinha não só a respeito em  
essa paróquia para fundada a dita capela, mas mes-  
mo as outras paróquias circunvizinhas, em virtude de  
que fizemos selar com o nosso selo esta carta da  
Comissão.

Dada em Braga, aos 13 dias do mez de Agosto do  
Ano do Senhor de 1328.

Inteira Fides vici.

Atta para alga de bom para apelo que, como se portam  
de guardar osias desta natureza que veem a esculpir  
a historia da nossa terra. - (a) Francisco Cardoso e Silva  
(Publicação feita no "O Barcelense" de 1 de Maio de 1933)

Em virtude da publicação destes documentos,  
em intervenção do Sr. Mag. Sr. Augusto de Francisco  
Sampaio, socio da Associação dos Arqueólogos Portu-  
gueses, foi collocada uma lapide em pedra, no lado di-  
reito da porta da Capela de Nossa Senhora da Ponte, em  
Barcellos, na ultima O. J. de Maio de 1933 (dia  
28) com a seguinte inscriçao: - "NO ANO DE 1328  
O ARCEBISPO DOM GONCALO PEREIRA  
ERIGIU ALTAR NESTA CAPELA QUE FEZ O  
CHANTRE EGAS LOURENÇO".

Porém, como esta inscriçao não traduz a ver-  
dade, houve certa contravenção na imprensa local  
tendo Sr. José Augusto Ferreira, scultor e distincto  
arqueologo e investigador de grandes e reconhecidos mé-  
ritos, mandado o seguinte modelo para a inscri-  
ção a collocar na Capela de Nossa Senhora

(Passou - folha 33 desta Vol.)

A Ponte de Barcelos e o Cavado

Ja' existia em 1300. Ou e' appressa ou mesmo romana e foi reconstruida pelo R. depois de S. Joaze com a ligon para os deuses e certam. monumentos medievais ressaltando desta.



A Ponte que liga a cidade a Barcelos - Monumento Nacional -

- Outra das obras que a metropolitanam criou 4/12/1907 palcos de esportivos.

reconstrucao. Além disso foram saliendo que a Beunida do R. e da Ponte pra edificado em 1308 (e D.) pelo Chaute de Papa Gregorio. Vide Colecao Chronologica do Arquivo districtal de Braga Tomo II, pag. 136 e pag. 231 e 232 do Tomo III da Citada obra por Monsenhor Jose Augusto Ferreira.

A fotografia que está colocada abaixo, mostra-nos as "Ruínas dos Paços dos Condes Buzques de Bragança", as quais nos recordam os séculos de Paços altamente colocados, dominando o bonançoso rio Cavado e uma grande zona da cidade, gloriosas datas históricas sendo testemunho de muitos acontecimentos que decidiram e resolveram altos problemas de interesse nacional, fôro papel predominante que desempenharam na governação do Estado os seus de-



Vide pag.  
44C

Trecho da cidade e Ponte sobre o Cavado.



Outros aspectos  
da Ponte romana  
sobre o Cavado.





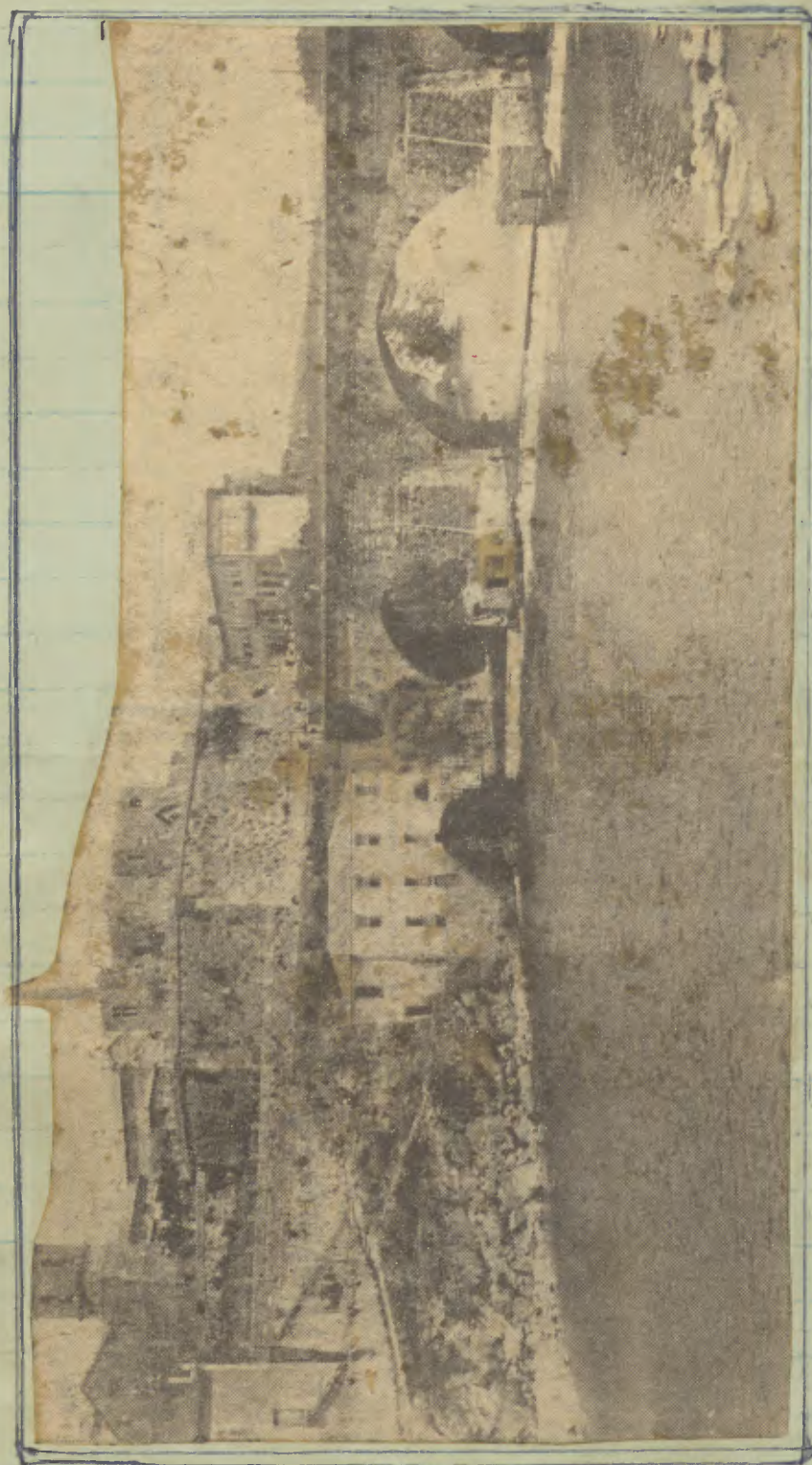
Outros lindíssimos aspectos da Ponte sobre o Rio  
 made, (Vide paginas 5 do 3º Volume)



matários ilustres.

Ai está hoje instalado o Museu Municipal e devidamente guardados  
 diferentes elementos de incontestável valor arqueológico, preciosíssimas  
 relíquias que atestam e patenteiam varias épocas.

Uma visita a estas ruínas e aos valores ali coordenados  
 constitui momentos de espirital prazer e razão de estudo obser-



Um trecho de Ponte de Camões tirado fotograficamente do lado de  
 \*Barcelos. Esta ponte tinha arcos mas suas pranchas de pedra e era estretita e de provimento limitado.  
 Em 1881 foi mandada alargar, substituir as suas pranchas por outras de ferro e as suas pranchas colectadas. Sub-  
 stituiu esta parte mais deprimida por impeller das pranchas chinesas por jotas cortas - moças.

vativo e analítico de evidente vantagem educativa.

Leto serve para compor a certeza de uma visi-  
 ta aos monumentos e valores históricos de Barcelos.

— x x —  
 = A Ponte sobre o Cavado =

Já existente em 1328, foi reconstruída no século XVI e remodelada em 1881. Ao fundo o Paço dos Duques e o Solar dos Pinheiro.  
 O monumento nacional.



da Ponte a qual, apesar de se ter reconhecido que era a pu se devia collocar na república efula, não se pôde fazer a empulenta substituição pelo sistema da Camara não ter verba disponível para a fazer, sem comtudo se lembrar por a que ha esta não trazendo a recordação: - "No anno de 1528 o Arcebispo D. Gonzalo Pereira autorizou a erecção do altar nesta capella, que fez aqui edificar o Chantre da S.ª Maria das Eguas Laurens, conforme consta d'um documento autentico citado nos "Factos da Episcopi de Braga", II, pag. 136 e existente no Arq. dist."

Ponte de Barcelo

"Ao meu contemporaneo e amigo sr. Tenente Cardoso e Silva, como apaixonado investigador historico barcelense."

A ponte sobre o Cavado em Barcelo, segundo a opiniao mais acuditada, deve a fundação a rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriquez, nosso primeiro rei e que obteve esta terra com a sua carta real.

Segundo existencias do seculo XIII, deve tambem ser obra de Santa Maria do Prado de Fria, que é obra da mesma rainha em 1152 e que ainda se conserva, e de Santa Maria de Fies que se lhe separam e hoje nenhuma demonstração architectonica tem de remota e prova pelas modificações e fundamentos que já se veem.

Atribui-se mais a esta rainha a fundação da ponte sobre o Fria em Frazor, terra que seu marido já tinha cedido para a erudição de S. Vicente em 1127, afim de ligar a passagem da estrada real do Porto a S. Trago de Fajoz (Compostela).

Fundou D. Mafalda diversas albergarias em outros tantos pontos do paiz.

Fundou ainda sobre o Douro a ponte de Barcelo, no concelho de Paredes, que descreve mais

tarde, com as enchentes do rio, restando apenas vestígios.

Fundou sobre o Tampe, afluente do Douro, a ponte de Canavezes, de sete arcos e parapetos guarnecidos de ameias.

A tradição quima, com vícios de toda a realeza, que a Rainha D. Afonso estabeleceu duas barcas de passagem para a travessia do Douro: uma na aldeia de Tróvão, freguesia de Penafiel, do concelho de Lamego e outra na aldeia de Torre de Rui, freguesia de Fontoura, do concelho de Paredes, dotando a remuneração dos burgueses com as rendas de certas propriedades que ali possuam, passando tanta gente de pé como de cavalos e mulas em bois e carros, cominando-se penas de multa e prisão aos encarregados deste serviço, se acaso existissem alguma coisa de passagens; eram elas duas taes barcas chamadas de "Por Deus".

x x x

A Rainha D. Afonso, foi filha de Amadeu II, conde de Saboia, Mortano e Piemonte e de sua mulher a condessa D. Afonso de Elbon; porém ignora-se a data do seu nascimento.

Casou com D. Afonso Henriquez segundo a opinião mais razoavel em 1146, porque só em julho desse anno se vê figurar a rainha de Portugal nos diplomas publicos, apparendo preliminarmente com o nome de Malahant, nome dessa primeira saboiana, que depois se converteu em Malafina.

Nos principios da monarchia era costume necessario que o nome da rainha apparecesse juntamente com o do seu marido, para a validade dos documentos.

O casamento foi no primeiro intervalo pacifico que, em 1146 deu lugar as continuas guerras do primeiro rei de Portugal.

Os esponsaes realizaram-se no citado ano, mas a noiva  
marcou com a seu pai puerreir, mais podia enteguer-se  
por um tempo nos deveres de marido e portanto logo no ano  
seguinte, 1147, prosequiu nas pelfise empuestas contra  
os sarracenos, tornando-lhe Santarem e depois Lisboa.

Falleceu a rainha D. Inez, filha na cidade de Coimbra  
em 1157 ou 1158 e fez com seu marido em Santa  
Ruz dessa mesma cidade.

A ponte sobre o Cavado em Barcelos, alguns  
antros d'ar - the origin romana, mas eu penso de  
ponte esta opiniao, por saber que o numero das pon-  
tes da velha Roma papa ainda existentes entre nós,  
e' muito pouco numero e ate limitadissimo.

Embora a grade Pope Andrew (Archiepiscopo Lusitano,  
1666, I, 3.º pag. 57, ementario de 3 de Maio), nos diga  
que na via de Barcelos se passa o rio por humma fa-  
mosa ponte, obra Romana, reparada pelo Imperador Ma-  
ximino, segundo lemos no um cifrão, que esta em  
Mapa, no Campo de S. Anna; esta afirmativa se me  
torna numa grande ou confusão; porque tal cifrão nunca  
existiu senão deveria estar hoje no Museu D. Diogo  
de Souza, da cidade dos Arcebispos.

A existia o cifrão com a inscriçãõ, to-la-ria copia  
do D. Jeronimo Coutador de Aguiar em suas Invençoes pu-  
ra a Historia Ecclesiastica de Braga, pinnaz das Letras  
grãmas, Lisboa 1732, num pouco mais tarde.

E' certo, porém, que a ponte de Barcelos já exis-  
tia no seculo XIII, pois que antecedendo as arcebispas  
do rio, estas nos apparecem mencionadas no volume  
me das Inquirições.

O grade Paulo de Portugal (ou de Santa Maria), um  
dos primeiros reliquios do Convento do Salvador de Vila  
de Frades, que viveu no seculo XV e foi capelão  
da casa de Bragança, escrevendo por 1464 suas  
obras (que se não chegaram a imprimir e ficaram

manuscritos), n'uma delas intitulada "Memorias dos Va-  
ros insignes em santidade da Congregação de S. João  
Evangelista", capitulo X, refere-se a fonte e a ermi-  
da de S. Lúcia, desta maneira:

"Uma mulher vivia por longos dias, só consuso de ornião temente a  
Deos, e de ornião oração, a qual também conheci (referencia no padre Vasco Fon-  
gabes que foi da casa do 1.º Duque de Bragança e depois religioso) e deste ser-  
vo de Deos filha espiritual estava em seu leito já armanhecendo, mas de todos os  
ruidos, mas estando esperta, parecia-lhe estar a porta da Capella da Virgem  
Maria, que está em cabo da ponte de Barcellos, donde ella omny a mundo via  
avis. Viu e fez suas orniões, e devotas orações, estando assi em oração,  
vir vir humma solemn, e devota procissão de Clerigos, segundo seu juizio, todos  
da nossa congregação, e de taesroupas vestidos em sobrepelizes, e ordenadamente  
saliam da villa de Barcellos, pela dita ponte, caminho da nossa casa e suas  
todas levavam candeas acesas, mas omny e floridas palmas".

Este comental de Vilas de todos que vivera, como se  
disse, no seculo XV, sendo entre de alguns trabalhos e  
trabalhos a Ordem dos Leões, a que pertencem, particular-  
mente das Memorias dos Vares insignes, escrito por  
1464, cuja transcrição atroz fez, revela-nos clara-  
mente a existencia da ermiida e da fonte no seu  
tempo, que tudo conhecia muito bem, mas isso que se  
pôde não passa d'uma pequena introdução.

Um documento do seculo XIV, que a illustre arguente  
p. bracamonte Sr. Sr. Augusto Ferreira em suas pes-  
quisas no Arquivo Distrital descobriu e que este  
semanario na intepa publicou ("O Barcelense", n.º  
1149), 1-40-933-, dá-nos mais larga noticia da ermi-  
da e da fonte, dizendo que ella foi fundada pelo  
chante da S.ª Simão, S.ªs Laurens, e que o Arcebis-  
po de então D. Gonçalo Pereira autorizou os reve-  
rendos Durando Martens e Pedro Aires, reitores de S.ªs  
(hoje S.ªs do Pôr do ematto de Montalegre) e de S.ªs  
reitores a collocar em eripir um altar dentro della,  
pelas rogativas que os dois reitores pediram the dirigiram

e obtiveram despacho favoravel em 13 de agosto de novembro de 1328 ( Era 1366).

Recurando ainda ao século XIII, até os annos de 1320 e 1338 das Inquirições de D. Affonso II e D. Affonso III, quando a ponte nada se injere e apenas que as agulhas do rio já existiam, o que não podia ser visto sem a ponte, porque as mesmas agulhas estão ligadas a ponte e amparadas por ela da corrente, nas cheias.

Teria isto feito por esquivamento ou porque a rainha D. Inês de Castro morreu antes de concluir esta obra?

Teria residência em Barcellos o 8.º Conde dono D. Affonso, após a seu casamento com D. Beatriz Teresa de Aviz, em 1401 (A. D.) foi a ponte restaurada por elle, impondo-lhe depois justagem para recuperar a despesa feita, mas que também por um certo período de tempo se pagou esse tributo.

Teria a ponte derribada com alguma enchente do rio, ou acharia-se ainda incompleta e elle a fundamente a reconstruir?

A ponte substituiria a mais antiga e pequena barca, em latitudade barbaem da alta cidade onde ha Ponte-estua, assim chamada para se distinguir das embarcações ou barca grande que também subiam nas aguas do rio desde a estação maritima de Aguaes Celestis até o sitio onde assenta o Convento de Vila de Fealdes ou immedias, que então se chamaria Ponte de Martim, e vice-versa, conduzindo a velhos povo de Roma para a Braga para o mar e d'ahi para a sua capital distante, nas frotas, não só todas as preciosidades esportadas do reino das repices do norte da península, mas também o mais que este paiz produziam.

Entrando no século XVI, vê-se a ponte de Barcellos desenhada por ordem d'el-Rei D. João

mel T, com algumas incorrecções no "Livro das Fortalezas"  
vol. in fol. em perseguição existente no arquivo da  
Torre do Tombo, da autoria de Duarte d'Águas.

Consistem essas incorrecções, apesar de ser tra-  
balho interessantíssimo, no denotado número de  
arcos que lhe fôrta Duarte d'Águas. Hez ou entorge  
quando a cidade e' por ela não tinha mais que  
cinos, por tanto são os que ainda conserva hoje.

Motivou tais incorrecções a sua sua col-  
cação para tirar o desenho, de onde avistava  
toda a vila, menos o rio que corria no fundo.

Pela face lateral da ermida da Senhora da  
Ponte e sua rectaguarda, e ainda outras demor-  
trações do desenho, claramente se conhece por título  
preciso sobre a península, do sítio chamado actual-  
mente Lago dos Penedos. E' sítio natural que Duarte



Esta fotografia mostra-nos a ermida de Nossa Senhora da Ponte de que nos  
temos occupado e bem assim a Ponte, Paços dos Duques d'Águas e Igreja Matriz e fronte  
da antiga vila juntamente a margem direita do Cavado.

d'Águas não comprisse o seu trabalho e o levasse coriza  
para Lisboa, onde o acabaria mas sem ter a cidade en-  
terno de o aperfeiçoar, como devia; contudo fôrta a  
Ponte com arcos e d'elas se não se expuzem, porque

se vira quando aqui veio e de onde estivera cobrado.

A casa da Câmara começada em tempo de D. Afonso Henriques foi no tempo de D. Manuel I reconstruída após o seu falecimento (1515), espumando-se-lhe uma torre; em parte apela parte do actual edifício que vai de ambos nascendo do torreão do Entulho até à esquina da rua Visconde de



Barcelos — Vista panorâmica de Barcelinhos

Esta perspectiva mostra-nos a vista geral de Barcelinhos deixando-nos ver claramente a Ponte foi completamente amplificada modernamente e junto d'ela a Capela da Senhora da Ponte, que pela sua antiguidade e história faz parte integrante do Prazer d'armas de Barcelos.

8. Janeiro.

Havia n'esta torre, face voltada a' praça, logo logo da Câmara, as armas da vila esculpidas em pedra e esta embutida na parede da mesma torre, cuja pedra ainda existe e se conserva no museu municipal.

O sehorio da vila pertenceu, quando se fez a reconstrução, ao 4º duque de Bragança, D. Jaime (1496-1538) e nos repetidas vezes figura a ponte com cinco arcos e de praeptas torres ameidadas.

O lavista, procedeu com escriptura, porque realmente a ponte no seu tempo tinha ameias e foi reparada (reparou-se as acas das serras da Câmara de 4 de Maio de 1630 e 23 de outubro de 1631), que em 1827 lhe derribaram as tropas miguelistas do Marquez de Chaves.

general Lúcia, e, hum arrem cartagem e secular "carvatho" da margem esquerda, em frente a arcada, e o primeiro arco da frente deste mesmo lado.

A frente meçou passagem ou transitu publico e abriu estagos em 24 de Janeiro de 1800 pelo desamranamento da torre do probacio dos duques de Bragança e Barcelos, acta da sessão da Camara de 28 do ditto mez e ano.

Heitor de Goido Barbosa, vigario da freguesia de Santa Teresinha de Pir Cor, em umas lembranças ou memorias que escreveu acerca do qto se passou no seu tempo, diz assim:

"Em 24 de Janeiro de 1800, depois de terem dado as obras da manha, cahiu por terra a portada da torre da frente de Barcelos e, como cahissem sobre a frente, botou abaixo um grande pedrego sobre o primeiro arco; porém não chypou a decahir o arco por estarem as pedras muito trabadas."

Seu transitu continuou impedido ainda, devido ao grande volume de pedra amontoado e emquanto se lhe não retirou de cima e se lhe deu o competente destino, acta da sessão de 20 de Março de 1800.

A Camara passa duas vezes victoria a frente, a fim de reparar tais estagos causados pelo desamranamento, actas de 1 de Maio e 13 de agosto de 1800.

Ficou-se em arrematagão as obras a fazer na frente, (acta de 18 de agosto de 1800).

Durante a guerra Napoleonica e quando das invasões francezas, tomou-se primeiro vigia-la e guarda-la collocando-se-lhe sentinellas, acta de 12 de julho de 1808.

Ocorrendo o anno de 1833, se lhe fizeram novas reparações, relativas a sua conservação, acta de 19 de Janeiro de 1833.

Compendo-se a estrada nacional n.º 4 de Porto a



a Valença por Viana, acordou-se em 18 de Junho de 1855.  
 par-se n'ela partagem, acta de 29 de Novembro de 1855.

sendo de pavimento lajeado e apertadíssimo que  
 segundo "A Lajima" quinzenario barcelense de 1896 n.º  
 16, = tinha ella de largura simplesmente quatro metros,  
 pinto nos resguardos passeiras, sem arte, corriam es-  
 treitissimos passeios, de maneira que quando se en-  
 contravam dois vehiculos o viandante que estivesse n'as  
 sa altura tinha de pôr colado á parede para não sofrer  
 uma amplexo apertadela; além disso o seu lito esta-  
 va por ultimo desigual, oferecendo um atrot diabó-  
 lico" = ou segundo um mapa autentico que possuio  
 do anno de 1844, o seu comprimento era de 412 palmos  
 e 18 de largura, pertencendo ao Estado, foi alargada  
 a expensas do mesmo Estado, substituindo-se-lhe  
 os parapetos de pedra pelos de ferro, trabalho este que  
 durou dois annos, actas de 10 de Março de 1888 e 12  
 de Janeiro de 1889.

Inscrito esta obra e seu obelisco em primeira fór-  
 ma Joaquim da Cunha, natural do concelho de Paços de  
 Braga, residindo em Barcelos desde a sua juventude  
 e onde falleceu falleceu em 22 de dezembro de 1895.

Este melhoramento do alargamento da ponte,  
 deve-se ao sr. sr. enterraneo Anselmo José Farias,  
 quando deputado por Barcelos, que conseguiu do  
 Estado verba sufficiente para tal efeito, e, ao mi-  
 nistro das Obras Publicas, Anselmo Genesio Farias,  
 pelo que se deu, depois, seu nome, a' sua Direcção de  
 Barcelos, mudando-o para Rua Genesio Farias.

(a) Ponte e Arco da Cruz.

(Publicação feita no jornal "O Barcelense" n.º 1155 - 1156  
 de 1933).

"Lapis da Ponte de  
 o Barado depois de  
 feito o seu alargamento."



O Padre Domingos Joaquim Pinheiro, Abade do Leum, no Livro  
tomo XXI, da sua "Memoria Historica" da Villa de Barcellos,  
Barcelhinos e Villa Nova de Funchão - 1864 - a pagi-  
nas 133, diz:

Ponte de Barcellos

"Antigamente passava-se, como dissemos no Cap. 2.<sup>o</sup>,  
no rio de Barcellos n'uma barca, a que chama-  
vam - Barca-Celi - isto e - barca do céu, por  
que n'esta epocha o rio Cavado se denominava  
Celano; porém depois D. Affonso, 9.<sup>o</sup> conde de Bar-  
cellos e 1.<sup>o</sup> duque de Bragança, mandou construir  
a sua custa a ponte, que ainda existe, sendo  
seu inspector Tiago Gomes Pinheiro, que tambem  
a fi do palacio dos duques e dos muros da villa,  
como fica dito.

A ponte e alta e formosa; toda de cantaria,  
direita, larga e bem proporcionada; tem  
de comprimento 412 palmos e de largura 18; e  
firmada sobre 5 arcos, dois dos quaes são um  
de largor e altos, por ficarem no alveo do rio.

Não nos consta com certeza o anno da sua edifi-



No Cavado — Sob os arcos da ponte

e duque D. Affonso, a expensas das rendas das  
as casas e que tambem pouco tempo n'ella se  
passou portageum. E porque D. Affonso e a sua

argos;  
mas e  
certo,  
que fi  
man-  
da da  
leuan-  
tar se  
B. que  
dito  
ande.

e foi concluída em 1461, e fallaram pouco antes de 1484, como dizemos no Cap. 5.º, poderemos sem engano, assegurar, que a Ponte foi edificada entre os annos de 1461 a 1463, ou, como diz o Sr. Amarel Ribeiro, nos fins do seculo XV.

Esta ponte atravessa o Cavado desde Barcelhinhos a Barcellos, entretanto aqui no palacio dos duques, que fica a margem direita do rio.

Tem aquido grandes e repetidas enchentes d'agua, a ponto de tapar seus arcos, e corre a agua por cima do arco da capella de N. Sra. da Ponte e por fimto do carvalho fortino a ella, como já vimos: tem sido sempre uma rocha inabalavel, porque sempre tem resistido e dado passagem franca. Sobretudo a respeito, por pouco tempo, quando no terremoto do 1.º de novembro de 1755 desabou sobre ella a grande torre do palacio dos duques, que a prendia na margem direita do rio. Sua meia noite, quando a torre desmoronou, ficando em pé somente as tres portas do palacio, da margem direita do rio. E o correio, que ainda ia no meio da ponte, para o Porto, seria meia noite, por momentos não foi victima.

E tambem não deu passagem em 5 de



Janeiro de 1827, quando a tropa da Libéria, mar-  
 quês de Chaves, que então estava na vila, temendo  
 de atacada pelas tropas liberais, que contrarios esta-  
 vam em Braga, cortou a ponte na margem espe-  
 da sobre o rio Minho a este lado, atirando-  
 a com as pedras das guardas e velhos carvalhos. For-  
 te a Capella de N. Sra. da Ponte, que nesses ape-  
 tos cortou. De nada, porém, valeram aos Liberais tan-  
 tas fadigas; porque as tropas liberais comman-  
 dadas pelo Marquez d'Albuquerque, commandante  
 d'ellas no Minho, e ajudado pelo Conde de Villa  
 Flor, depois duque da Terceira, os repelleram na  
 ponte de Prado, que, como a de Barcellos, tinham  
 bem fortificada, e ambas com fossos e barricadas  
 e cortada e unida a outra grande foz, os que  
 occupavam Barcellos d'ahi se retiraram em  
 veloz e fugida fuga. Dirigiram-se aos Arroz de Val  
 de Vez, onde se fortificaram com incançaveis es-  
 forços, porém de ha pouco tambem, porque, seguidos  
 e acossados pelas tropas liberais, se passaram  
 as fronteiras de Galizia, onde antes estiveram  
 refugiados e d'onde tinham vindo revolucionarios  
 e reinos a favor de D. Miguel de Bragança!..."



"Vista da Ponte sobre  
 o Carrado vendo-se  
 na margem esquerda  
 a Capella de Nossa Se-  
 nhora da Ponte e restos  
 do Carrado, ficando  
 de os aedus e as aguias  
 em estado de demoli-  
 ção."

A. M. de Azevedo Ribeiro, na sua "Noticia des-  
 criptiva da União Triplex e antiga Villa de Barcellos"

1866 - a paginas 23, diz: "..... Na margem  
 esquerda do Cavado esta a freguesia de Barulinhos  
 (sera' diminutivo de Barulho?), que occupa to-  
 do o litoral, desde pouco acima do Sítio de  
 Santo Antonio até pouco abaixo do ribeiro de  
 Meichos; e pertence a Villa, de que e' arrabal-  
 de, e parte integrante, a sua povoação, seha-  
 rada d'ella apenas pelo rio, mas ligada por  
 uma alta e pequena ponte de cantaria, com  
 4 1/2 palmos de extencao e 18 de largura,  
 firmada sobre 5 arcos de volta inteira, 2  
 dos quaes são muito largos e altos, por-  
 ficarem no abreo do rio.

Foi edificada esta soberba ponte nos fins  
 do seculo 15.º, a expensas da casa de  
 Bragança, e apesar das grandes sommas,  
 em que importou, e de não ser feita a cus-  
 ta do povo, bem pouco tempo n'ella se pa-  
 gou portagem; circumstancia essa, que e'  
 intoleravel, e escandaloso, que sendo a maior  
 parte das pontes, e todas as estradas, feitas a  
 custa do publico, que ainda paga annual-  
 mente uma contribuição especialmente pa-  
 ra as mesmas, e suas reparações, não se  
 cobra portagem em muitas, feitas a custa  
 d'elle; facto esse, que só se dá n'esta  
 Provincia, e que sobre-modo escandaliza, por  
 ser uma excepção odiosa! Só duas vezes con-  
 ta que possa



se interrom-  
 pida a pas-  
 sagem desta  
 ponte; a 1.ª  
 quando no ter-  
 ceiro do 1.º

de Novembro de 1755 sobre a ponte, que quem  
de a margem direita, desabou a grande torre, que  
seu ficava a cavalleiro do Palacio dos Duques de  
Bragança, e a arruinou até ao 1.º arco ou pro-  
mo mais; e a 2.ª em Fevereiro de 1827 quando  
agui esteve alguma tropa do Siveira (Marquez  
de Chaves) que temendo ser atacada, a cortou  
no 1.º arco da margem esquerda.

"Vista panoramica da  
Ponte sobre o Carado, Pala-  
cio dos Duques e Igreja Ma-  
triz, tirada da margem  
esquerda junto aos obata-  
mentos em Barceli-  
nhos."



— x x x —  
— Palacio dos condes e duques de Barcelos — (Vide pag. 46 do 4.º Volume)

O Sr. Domingos Joaquim Pereira, Abade de Faro, na  
sua "Memoria Historica da Villa de Barcelos,  
Barcelinhos e Villa Nova de Famalicão" — (1867) — Ca-  
pitulo VII, a paginas 32, diz — "junto da  
ponte de Barcelos, na margem direita do seu rio  
Carado, n'uma parte e formosissima torre, toda de  
cantaria, e altura notavel, principiava a expan-  
são do palacio dos condes e duques de Barcelos e Bra-  
gança, com communicação para a collegiada, por  
um passadizo, que já não existe, mas de qual  
ainda se observam vestigios na sacadura de pe-  
dra existente e embutida no exterior da torre dos  
sinos da mesma collegiada, do lado do sul, e na  
pequena porta, tambem existente ainda na mesma  
torre e lado, por cima do telhado da casa da despa-  
cho da Companhia das Indias.

Por baixo da torre deste palacio haviam tres

portas de arcaria, uma virada a frente e lado do sul, que dava entrada da porta ao fundo da torre; outra virada ao nascente, que dava saída para as ruas das Flores e Pelames; e outra virada ao norte, que a dava para a rua do Terreiro; e ambas estas duas ultimas para a collegiada e toda a villa, cada uma por o seu dito lado.

Dentro do fundo desta torre, fronteiro a porta e encostado ao alcega do palacio, havia um tanque, de pedra, chamado de Santa Trizica, por que no cimo da sua liza tinha gravada em pedra a imagem da predita Santa, cuja gravura existe na laja da casa da sacristia da collegiada.

Este tanque, porém, que era provido com as águas das aguas do tanque da Praça, deo-lhe-se juntamente com as tres portas, em nossos dias.

Sobre a porta virada a frente estava uma estatua de Barcellos em pé, bem elaborada em fina pedra, no formato de um S. Jorge, que ali foi collocada pelos annos de 1730 a 1733 e por baixo do escabello de seus pés, por carta d'el-rei D. João 4.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup> duque de Barcellos e 8.<sup>o</sup> de Bragança, dada em Alcantara em 30 de junho de 1654, já antes da estatua, estava gravada em pedra esta inscripção em latim:

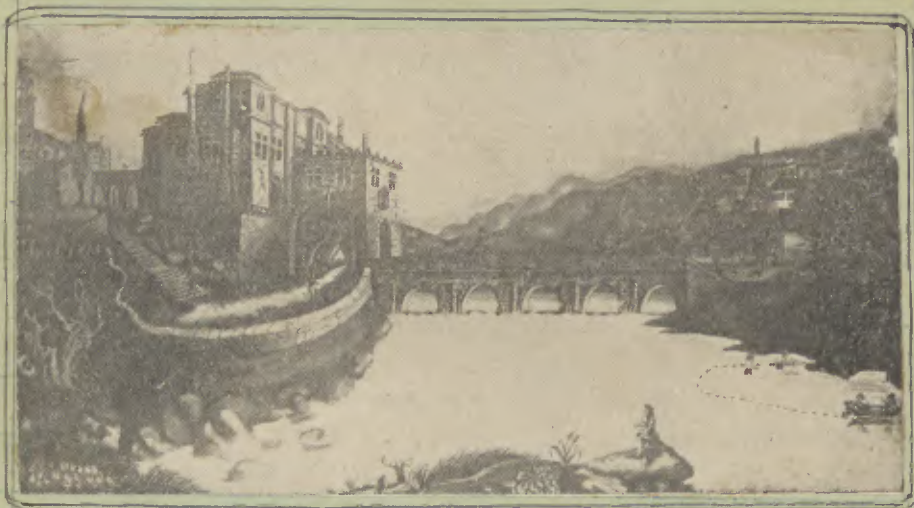
Immort Sacor.

Immaculatissime Conceptione Mariae. Jan 4. Portugal. Rex una cum genit. comitis se, et Regina sua sub annuo cursu tributaria publice vocit. Atque Deiparem in Imperii tutelarem electam a labe originali preservatam perpetuo deponuram firamento firmavit. V. veret ut pietas. Lusitan. hoc vivo lapide memoriale perenne exarari jussit. An.

MDCXLVI. Imperii sui VI."

Diz em portuguez:

"Consagrada á immortalidade. - D. João 4.<sup>o</sup>  
Rei de Portugal, juntamente com as suas côrtes para  
prometterem um voto publico á Summa Linda Con-  
ceição de Maria, a si e aos seus reinos, tributa-  
rios com tributo annual. E confirmou com juramen-  
to perpetuo, que havia de defender a Mãe de Deus,  
elita para tutelar do imperio, preservada da  
mancha original. Vivessem de sorte, que a piedade  
de sua eterna mandou gravar em viva pedra  
este memoria eterno no anno 1646 do nas-  
cimento de Jesus Christo, sexto do seu imperio."



"Desenho aqui  
relado que  
representa, em  
1786, o Pala-  
cio dos Duques  
e Condes de Bragança."

Esta mesma inscripção em latim estava tambem gravada em pedra á Porta Nova, como se dirá no Cap. seguinte.

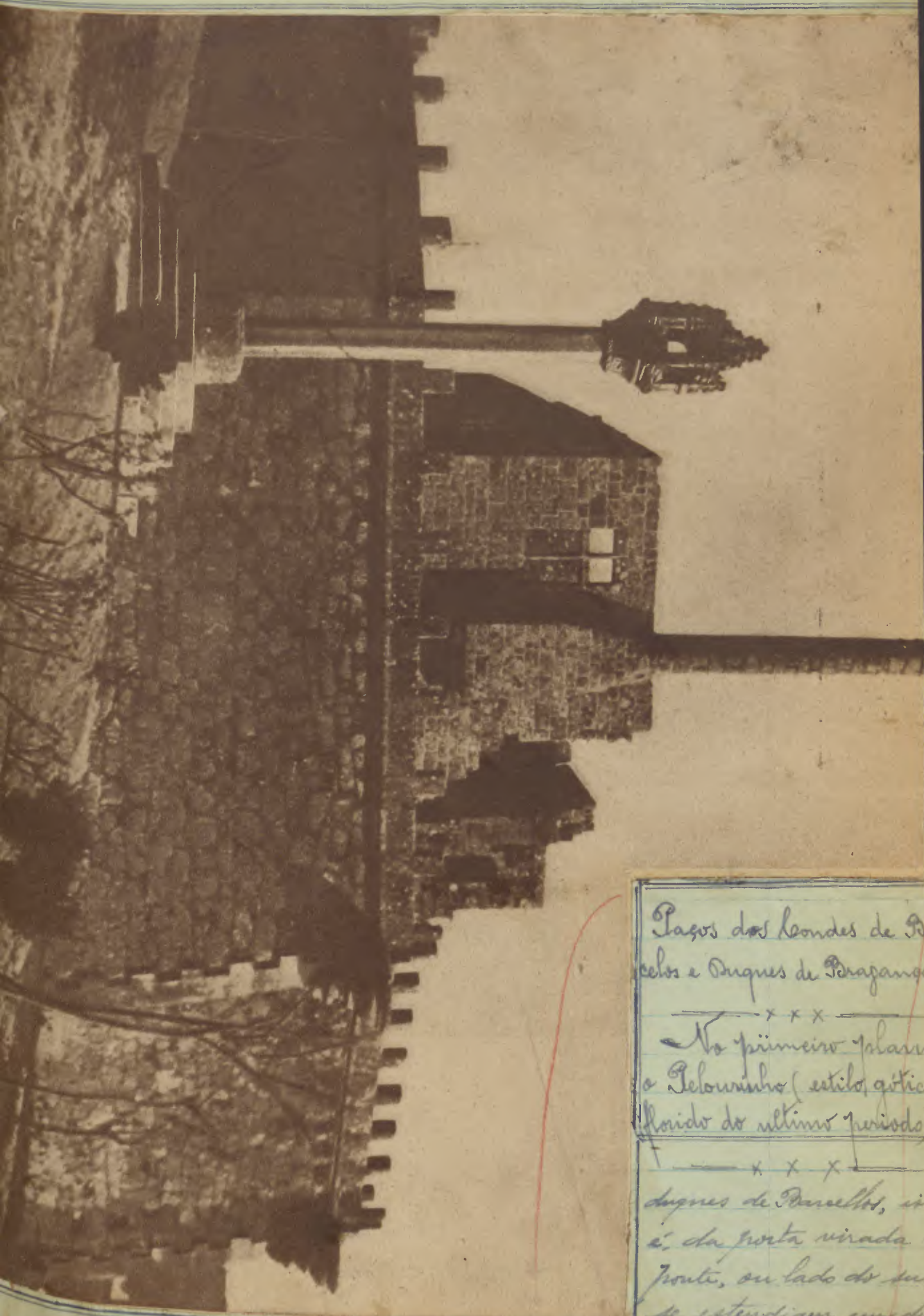
O mencionado palacio foi mandado edificar pelo pre-  
dito D. Affonso, 2.<sup>o</sup> Conde de Bragança, 1.<sup>o</sup> Duque de  
Bragança, e filho do rei D. João 1.<sup>o</sup>, que n'elle vi-  
veu, bem como seu filho D. Fernando 1.<sup>o</sup>. Foi seu ins-  
pector Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo honrado da  
Realza e de Portugal, que era senhor da casa solar  
dos Pinheiros, da qual se dará noticia no Cap. XVI.

Capitulo VIII

— Muros, torres, portas, postigos e cadeia —

— Ambos os lados da porta do palacio dos condes e





Pagos dos bondes de Pa-  
celos e Duques de Bragança

xxx

No primeiro plano  
o Pelourinho (estilo gótico  
florido do último período)

xxx

duques de Bragança, situ-  
a-se da porta virada a  
ponte, ou lado do sul  
se estendiam em direc-

continuas os muros, que cercavam a antiga villa.  
 Estes muros, além da torre do palacio, tinham  
 mais duas elevadas torres, uma das quaes é a  
 Cadeia d'hoje, alta, quadrangular, de 3 anda-  
 res, corvada de pequenas ameias, que lhe enco-  
 brem o telhado; e a outra era a que se demoliu  
 na Porta do Valle, pela qual se sahia do  
 Azeite para a Parreira em direitura.



"A Torre da Porta Nova adap-  
 tada a Cadeia comarcã des-  
 de 1631-1636, té 22 de junho  
 de 1932 por 11 horas da manhã  
 em que os pregos foram mudados  
 para a Cadeia nova mandada e  
 edificada pelo Comendador Paulo Seliberto.  
 Esta fotografia mostra-a com as frentes para  
 o Largo da Porta Nova e Calçada. No segun-  
 do plano a face voltada para o Largo Jo-  
 se Novas. As obras para o seu restau-  
 ro iniciaram em meados de 1933 por con-  
 da do Sr. dos Monumentos Nacionaes."

BARCELLOS — PRAÇA JOSÉ NOVAS E CASTELO DA PORTA



Dentro desta ultima torre havia um altar dedicado a N. S.<sup>a</sup>; onde se dizia missa; no qual nasceu um hyrio junto do crucifixo; pelo que alguns chamavam a esta torre a do Luhor do Lyprio.

Estes muros não se tinham aquellas 3 portas do palacio, noticiadas no cap. anterior, mas tinham mais 3 de arcaria tambem, a saber: a da Fonte de Pais, que ainda existe, a da Torre do Vale, que fora demolida com ella, e a da Porta Nova, que tambem não existe.

Junto da Porta Nova, que dava sahida da rua Direita da villa antiga para a Calçada, estava esculpida em pedra aquella mesma inscripção em latim, que se deu gravada na porta principal da torre da ponte, no cap. 7.<sup>o</sup>; e no cimo desta Porta Nova realisava um oratorio, no qual estava collocada a imagem de N. S.<sup>a</sup> d'Abadia, que dealli foi transportada para a proxima capella de Sant' Iago, onde se venera, desde a demolição da Porta Nova.

Antigamente, e ainda a 30 annos, os vizinhos da Porta Nova, e principalmente os mercados por alli estabelecidos, todas as noites cantavam devotamente o Terço, em culto publico aquella imagem de N. S.<sup>a</sup> d'Abadia.

Antes da demolição da Porta Nova, e do muro, que d'ella hia ate a Cadeia, havia uma viella entre o muro e as minciras casas da rua Direita, por cuja viella se passava d'aquella rua para o largo da Cadeia, e por sobre esta viella estava a cozinha e sala de comer da casa que era de D. Antonio de Magança e marido de Joã Pereira Ferraz, tios maternos do ex.<sup>mo</sup> e o <sup>mo</sup> sr. Bispo de Lيريا D. Joaquim Pereira Ferraz.

No local d'esta villa e deste muro, e d'uma par-  
te d'um alpendre que do lado de fora do muro  
havia, no qual até então os galhos vendiam san-  
dubas, e' que os prais do sr. Bispo de Licia  
construiram a sua casa nova, que desde essa  
epoca faz face (na esquerda) para a rua Direita,  
para a Calçada e para o largo da cadeia, dando  
passagem entre a cadeia e a casa para o dito lar-  
go; mandando os ditos prais fazer na cadeia um  
cumbal novo, equal ao da sua casa, como ainda  
se observa; tudo por Provisão da casa de Bragança.

Estes muros, além das preditas portas, tambeem  
tinham 3 portigos ou portas mais frequentes e ac-  
cedas por cima, a saber: a da Feira, que praese  
era a da rua das Velhas, e que depois foi alargado  
e aliado, como ainda hoje se observa; a dos Pela-  
mes, hoje rua dos Loureiros, que ainda existe ao  
descer desta para o rio, onde chauram Recipal, e  
a das Vigandeiras, que era aquella que estava  
junto da torre da frente, ao lado do presente, pe-  
lo qual se descia para as agências do rio, pe-  
las escadas, que ali existem, e das quaes tam-  
beem se vai para as Vigandeiras.

Finalmente D. Affonso, 9.º conde de Bar-  
cellos e 1.º duque de Bragança, foi o que tam-  
beem mandou construir os muros da villa, se-  
ndo o mesmo Justão Gomes Pinheiro o seu ins-  
pector.

{ Cópia da "Memoria Historica da Villa de Barcellos,  
Barcelinhos e Villa Nova de Tanhaças" por Almeida  
Ferreira Pereira, Abade do Lour - (1867) - desde  
pagina 32 a 37 inclusive }.

— As muralhas que circundavam a antiga villa (mura-  
lhas que se veem a Phadé do Lour, no que atoy se

transcendem) em processos prontos ainda se podem  
ver.

Como interessante, apresenta-se a topografia que  
abre-se se estiva, na qual se vê uma parte das cum-  
rathas que permitiu de construírem encostadas a  
mesma e uma porção de casas de facha construídas  
e, no cimo da extremidade desta cumratha, um  
lindo mirante, pertença particular do Sr. Rodrigo  
Velloso, então possuidor do palacete do Barão da Re-  
ta e a sua quinta se estendia até ali.

As casas que ali se vêem construídas, devido a sua  
pouca separação e facha construídas, umas cobriam  
de por si e outras, como ameaçavam ruína, foram  
mandadas demolir pela Câmara Municipal até ao  
recauto que se vê no cimo da rua em que esta-  
vam coboadas.

Por esta topografia vê-se também um



dos an-  
tipos com  
deiros de  
ibuni-  
magis  
publi-  
en da  
vira  
que em  
então  
a pa-  
tholes  
xxx  
Repreis  
destas  
casas de  
rem de.

BARCELLOS — UM ASPECTO INTERESSANTE DA ANTIGA RUA DAS VELHAS  
(HOJE RUA FARIA BARBOSA)

LATAS

condições foi preciso fazer-se a terraplanagem do terreno em



que amentavam os seus alca-  
ces que desalojaram tambem  
se da cortina desta muralha  
de maneira que a mesma dia  
a dia comecou a ameaçar sui-  
na, ate que um dia, a propulso-  
rão tomando conhecimento de  
que ela estava prestes a cair,  
acoreou no local, sendo a de  
prando em vez a desloca-se  
ate que naquelle dia 29 de De-  
zembro de 1735 pelas 12 horas, ella  
cahiu desmoronadamente  
sobre a rua, ficando esta im-  
pedida com aquelle grande amon-  
to de pedras que a constitua.

A topografia, aqui cobrada,  
foi tirada momentos antes do seu desmoronamento, sendo-  
se a muralha sem a encosta das casas que tinha e foi bem  
inclinada para o lado da rua para onde caheu e bem  
assim nos mostra parte da grande multidão que as-  
sistiu a este espectáculo.

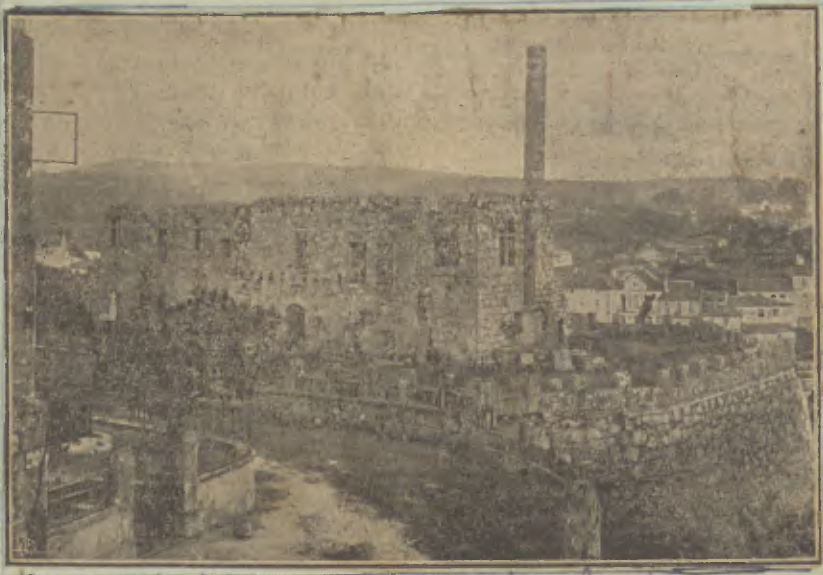
x x x

A. M. de Amaral Ribeiro, na sua "História descrip-  
tiva da Quinta nobre e antiga Villa de Barcelos" - (1869)  
a paginas 134-135 - nos: "

"Lobianciv a ponte existiu o Palacio, (cuja  
ruina em ruina ainda se veem, e foram des-  
truidas pelo terremoto do 1.º de Setembro de 1755),  
mandado edificar pelo Duque de Saxe-Coburgo e  
Gotha para sua residencia sob a direcção do  
Gon. mencionado Eustachio Gomes Pinheiro.

Havia communicação do Palacio para a Collegia  
da por um passadizo, que já não existe, mas  
cuja vestigia ainda se veem, nas pedras, que  
lhe serviram de pavimento e aপরিস, embutidas na

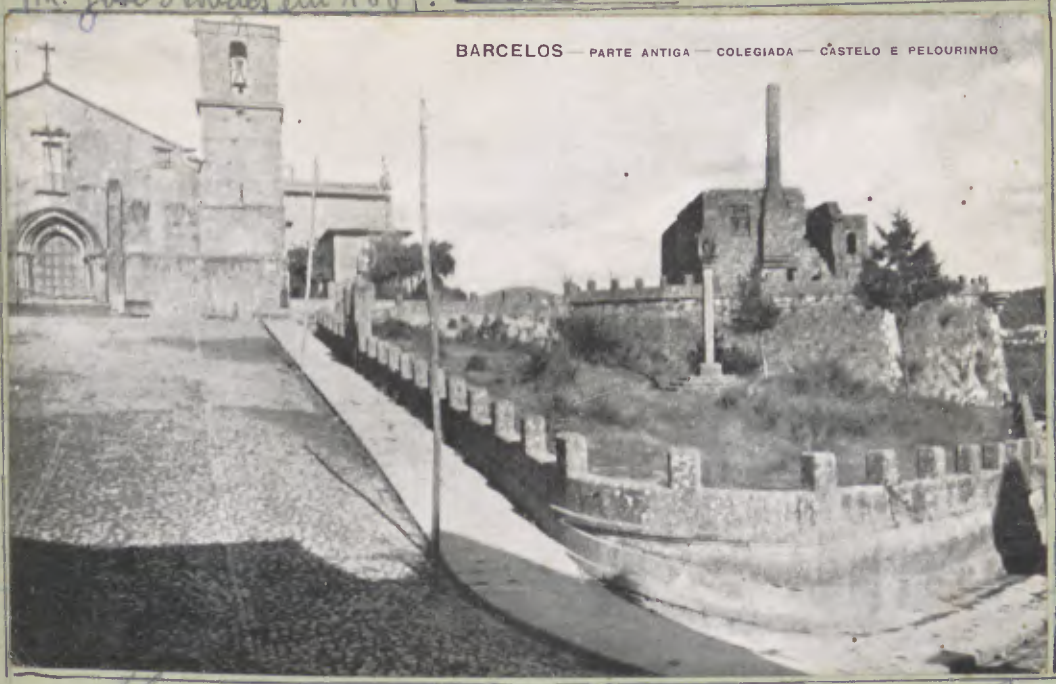
grande exterior da torre dos seios, do lado do sul  
fronte ao Palácio, e na pequena porta, que em  
uma linha, e lado se vê ainda.



— x x x —  
Ruínas dos  
Paços dos Con-  
des e Duques  
de Barcelos —

— x x x —  
No segundo pla-  
no as mesmas  
ruínas desidamen-

te resguardadas por muros ameados, obra da Camara da Presidencia do  
M. José Novais em 1889.



BARCELOS — PARTE ANTIGA — COLEGIADA — CÂSTELO E PELOURINHO

Sobre as ruínas dos Paços dos Duques e Condes de Bar-  
celos ha uma grande documentario que é interessante  
aproveitar para que, por elle, se possa ver  
não só a cidade que tem heuido em guardar  
cuidadosamente esta grande reliquia do passado,  
mas tambem por elle se verem todas as obras  
que a Camara Municipal tem emprendido pa-  
ra lhe dar o realce que tal monumento merece  
e a historia o exige.

BARCELOS — PARTE ANTIGA — CASTELO E PELOURINHO, VENDO-SE AO FUNDO  
UMA PARTE DE BARCELINHOS



Esta fotografia foi tirada do lado da rua dos Diques de  
Mápança para se apurar o Pelourinho que se encon-  
tra levantado na parte inclinada junto ao Pa-  
cio dos Condes e Diques de Barcelos vendo-se a mesma  
circundado pelos lindos muros ameados e as bases  
para as janelas que estavam projectadas construir.

x x x

BARCELOS — SOLAR DOS PINHEIROS — CASTELO DA PONTE E PONTE SOBRE O RIO CÁVADO



Outra fotografia das ruínas do mesmo Palácio, tirada do lado  
de Barcelinhos, mas da parte de cima da Ponte mostrando-  
nos a torre da Igreja Matriz e o Solar dos Pinheiros, sendo  
como todo o casarão que a circunda.



10 - Pelourinho - Egreja Matriz - Palacio  
dos Duques de Barcellos - Barcellos



Esta fotografia, também tirada de Barcellos, da frente de baixo da Ponte, mostra - nos não só as ruínas do Palácio dos Duques Condes com os primeiros muros remanescentes que o enterraram, como a frente da Igreja Matriz, antes de seu restauro com a sua robusta torre dos sinos.

x x x

As ruínas dos Paços dos Duques Condes estiveram por longo tempo abandonadas por incuria das respectivas Camaras Municipaes as quaes concorreram para a demolição das muralhas da cidade da antiga vila como de grande parte d'aquele Monumento para com as pedras d'ali tiradas as applicarem em edificações praticaveis, como na reconstrução do Palácio das Misericordias, sido na Imprensa de Lima, depois de incendiar por ordem na noite de 6 para 7 de Maio de 1852 por ordem do então de S. M. a Rainha D. Maria II, seu marido o rei D. Fernando e seus filhos o príncipe D. Pedro e o infante D. Luiz, aquelle depois o rei D. Pedro V e este o rei D. Luiz I.

— Poucas fotografias antigas ha que nos mostrem um verdadeiro documento de que antigamente havia na vila, muitos principaes palacetes dos seus monumentos mais notaveis.

Enclavia encontramos a que a haino cobramos  
que nos mostra uma das occasões em que se fez  
cedia a demolição das antigas muralhas junto  
a Ponte e ao Palácio dos Duques Condes de Barcelos!



“Projeto de reconstrução do Antigo Paço dos Condes de Barcelos”  
Publicação feita no O Comissio de Barcelos, de 30 de dezembro  
de 1900.

Pago dos Condes de Barcelos - (Sec. XV)

Barcelos no século XVI

<Do jornal "A Lapa", nº. 14 - An. IX - Barcelos 21 d' Abril de 1901 - João Dr. António Ferraz, sob o pseudônimo W. >

A *ptreincorporação* que ilustra esta página representa a vista de Barcelos no século XVI, segundo o desenho natural, inédito, de Duarte d'Armas, feito por ordem de el-rei D. Manuel.

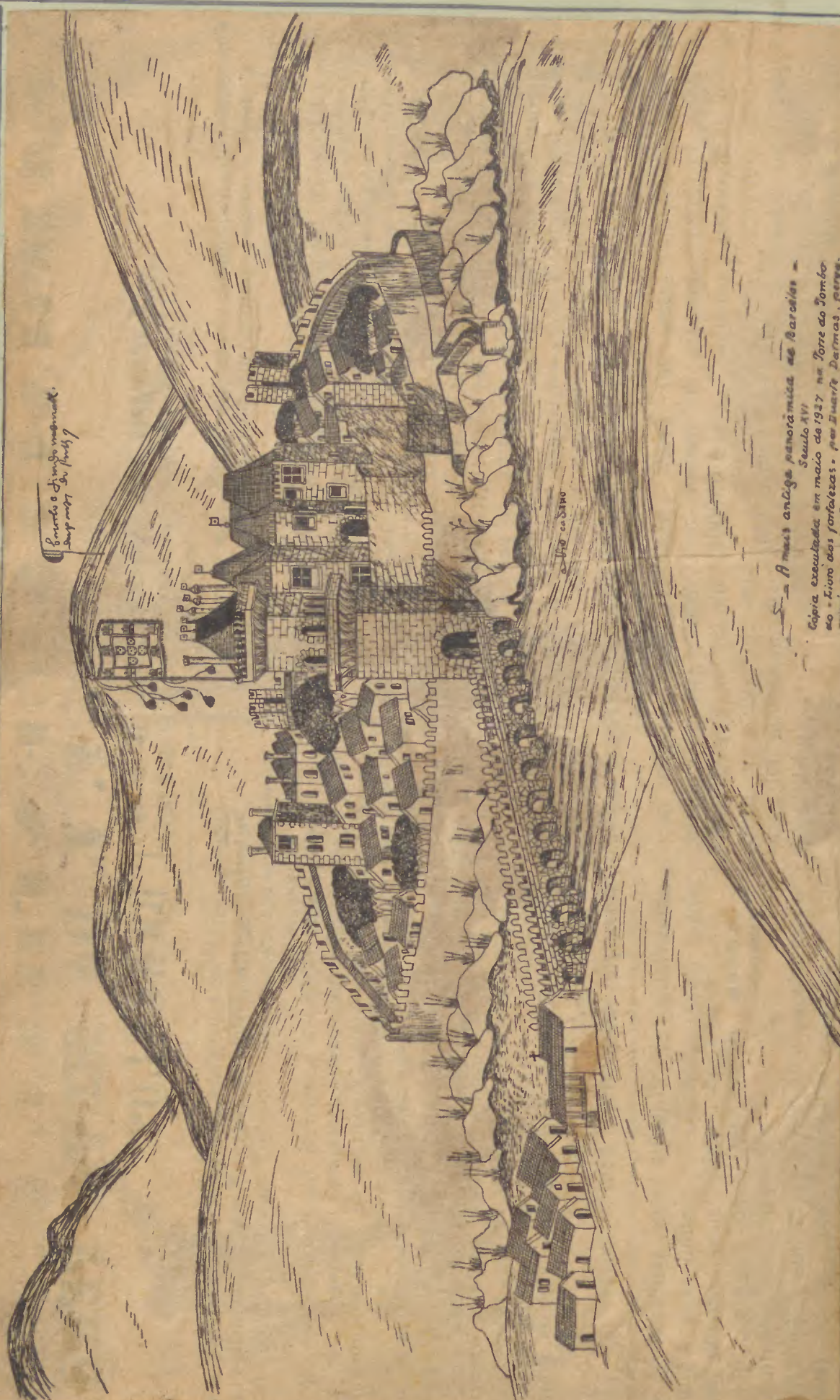
A copia foi encontrada no arquivo da Torre do Tombo, pelo distinto architecto suizo-br. Ernesto Körodi, autor do projecto de restauração do antigo Pago dos Condes de Barcelos, publicando n'um dos volumes anteriores deste quinquenário.

Por este meu auxiliar do passado, tenho os leitores da "Lapa" diante da vista a perspectiva geral de que foi Barcelos, ha proximoamente quatro seculos.

N'este desenho, interessantissimo por tantos titulos, ha, todavia, a notar duas imperfeições, devidas certamente ao pouco cuidado que o desenhista teve na escolha do ponto em que se collocou para bem observar toda a vista.

Temos em primeiro lugar a Torre, que Duarte d'Armas nos apresenta com treze ou quinze arcos, quando a verdade é que, na época em que este desenho foi feito, devia ter tantos como hoje tem, isto é, cinco.

Outra incorrecção he notamos ainda, e é que, já no século XVI, a parte oriental da vila occupava uma area mais estensa do que a representada no desenho, como facilmente se pode averiguar, observando os ves-



Barcelos o antigo mosteiro.  
Luzp. m. 27 de Junho 7

a Torre do Somo

A mais antiga panorâmica de Barcelos -  
Século XVI  
Cópia executada em maio de 1937 na Torre do Somo  
do Livro das fortalezas - por Duarte Dalmás, peregrino  
na época quinhentista

tejos, ainda hoje se veem claros, das antigas muralhas que circun-  
davam Barcelos desde o século XV.

Estas muralhas, encimadas por ameias, tinham tres  
portas principais, e outras tantas torres, que as defendiam.

A porta da Porta, de todas a mais importante, abria-  
se no primeiro pavimento da torre do Paço dos Condes, no  
extremo norte da Porta sobre o Cavado; no norte da  
vila ficava a Porta Nova, defendida por outra torre, que  
hoje se ve de cadeia, ja' um tanto alterada nas suas  
linhas architectonicas; e, finalmente, a Porta do Sul que se  
abria no primeiro pavimento da torre do mesmo nome.

Além destas tres portas, outras havia mais que  
seuas e por isso chamadas portezos que eram a  
da Feira, dos Planos e a das Vigandinas, sendo por  
esta que da vila se descia ao rio.

Do curioso decumho de Duarte d'Avellas desta  
ca - se o famoso Paço dos Condes de Barcelos - objecto  
de uma publicação - e a història palacio do  
"Barhadão"; Atlas dos Condes de Barcelos, de que  
dizemos no proximo numero.

x x x

Apna - em antes de entrarmos na porta -  
Imica - resta - nos apelar para o bom senso e pa-  
triotismo dos nossos contemporaneos, que de que o  
projecto da restauração das ruínas do Paço dos  
Condes de Barcelos seja levado a effecto, para que  
a nossa terra, a terra do nosso bello, tenha  
um museu e biblioteca inter-nos, deis ele-  
mentos preponderantes da civilização e do Progresso.

Nenhum impedimento deve ser levantado;  
nenhum obstaculo.

— E' que a politica vae e as obras ficam!

x x x

A vila de Barcelos Imica - se Abumancim

com ter sido a herdeira da Casa de Bragança e, por  
tanto, da actual família reinante portugueza;

Teve ella principio em D. Agnês, filha  
natural do el-rei D. João II e de D. Inez Tires,  
emendadeira de Santos.

Segundo a opinião mais seguida, nasceu  
este principe nos Castellos de Veivos, no Alentejo  
em 1377, quando seu pai, simples mestre  
da insigne Cavalleria de S. Bento de Aviz, nem  
ainda sonhava com a cetro da realza.

D. Agnês foi educada na cidade de Leiria,  
tendo como pai Gomes Martins de Leiros,  
varão de insigne virtude e saber.

Demante a tempo em que o Mestre de Aviz,  
governava a reino como regente, D. Agnês andou  
ausente dele por ordem de seu pai, com o fim  
de mostrar que era independente na successão  
do reino.

Em 1400 el-rei legitimo-o e reconheceu  
seu direito.

A escolha do monarca recahiu em D.  
Bris Peres, filha do santo e valeroso Condestavel,  
a herdeira de Alfidarota, a compranhadora do  
Mestre de Aviz e a seu amigo mais leal e de  
interesses, a qual, alim de preservar brilhantes  
tradições da família, devia herdar uma das ca-  
sas mais apulentas, senão a mais apulenta  
do reino.

Tanto assim por foi el-rei D. João II ha-  
via pretendido a sua aliança com a infante  
D. Dnata, seu filho e successor no throno; aban-  
da por o Condestavel recusou, porque ambicionava  
ver estabelecer com a seu estado uma poderosa  
casa que fosse continuadora das suas tradições  
nobiliarias.

Apertado pelo rei e casamento em Lisboa, el-rei D. João 4.<sup>o</sup> dotou seu filho com as terras e vilas de do Nova, de Aguiar, de Parque, de Pousadas, Fátima, Rates, Vermeim, Bemfite e Pastos e o Couto da Varga, em doação plena, de juizo e herdade, com meir e minto imperio, dando-lhe tambem o título de Conde de Barcelos, pois lhe dava esbemas do condado.

E em Alvaes, por sua vez, deu as terras de Chaur e Montenegro, Montalegre e Bustelo, com todos os coutos e honras, com todas as jurisdições e padroados e mais as quintas da Carvalhosa e de Coas, de Camado e Sarragoas de S. Fins e Apudinhães, das Casas de Bustelo, da Alvada e da Pousada.

Seguindo as escripturas, celebraram-se as bodas em Lisboa, no dia 8 de Novembro de 1401, com grande aparato e humilto, assistindo os reis, a corte e grande parte da nobreza, que conhecerem de todas as terras do reino a esta solemnidade em tudo magnifica e verdadeiramente real.

Os noivos, senhores da maior casa do norte do reino, partiram para os seus domínios.

Foi então que o Conde D. Afonso, mandou edificar, para sua habitação, o palacio de Barcelos, dotando ainda esta gloriosa villa com outros melhoramentos de interesse e utilidade publica, tais como: as suas muralhas e torres, a reedificação da ponte sobre o Cavado, a erecção em obelizada da sua antiga epifimathiz, dotando-a generosamente, etc.

Além d'isto Francisco o Conde de Bar-

o rei mandou edificar antros em Chaves e Guimarães,  
que tambem habitou.

Sendo repente do reino, seu irmão o  
infante D. Pedro, na menoridade de el-rei D.  
Afonso 5.<sup>o</sup>, foi o Conde D. Afonso agraciado com  
o titulo de duque de Bragança, em 1442,  
e foy senhor desta cidade e do Castelo de Corti-  
vo, Miranda e Fozes, com seus termos, ren-  
das e padroaes, de foy e herdade, continuou  
de condado de Barcelos na Casa de Bragança  
e ate ao reinado de D. Sebastião, que a ele-  
vou a ducado em favor dos primogénitos da  
quinta linha da familia.

D. Afonso foi um perfeito cavalheiro nos  
Campos de batalha e cumpriu a esquadra em  
valor e coragem.

Acompanhou seu pai nas guerras com  
os castelhanos, que se seguiram a batalha  
de Aljubarrota; esteve na tomada de Tny, em  
1478, onde dizem fora armado cavalleiro por  
seu pai, se heur que outros affirmam que foi  
o havia sido, juntamente com seus irmãos, em oppo-  
sita a conquista de Ceuta, que foi a primeira guerra que  
dava onde tremebou a pendão das guinas, de enfim  
pedigão fez parte com a saia de capitulo da pallo,  
onde um dos juiveiros que entraram n'aquele lugar  
em adquirindo pelo seu esforço porisso renome.

Entre os despojos deixados pelos mudealme-  
nos, depois desta assinalada batalha, o Conde  
D. Afonso escolheu com gosto apurado e proprio  
de príncipe, grande numero de colunas de alabastro  
e de marmore, e com tecto abobadado aplainado  
de e aburado de primosissimo lavoro artistico,  
com que adornou seu palacio de Barcelos.

É para a Igreja de Santa Maria da



tranqueira trouxe tambem uma meza e seis colunas de finissimo jaspe, pertencentes ao palacio de Calahuega. Tambem governador de Leota, e por esta altura some de ara do altar-mor da mesma igreja.

Foy o Conde de Barcellos muitas viagens em a que muito se industriou; e de seu amor ao estudo do seu povo bastante a livraria que creou no seu palacio e os varios objectos de antiguidade, algumas unicas raras, que copiou no reino e fora delly, das quaes fez uma excelente museu, que foi a primeira que houve em Portugal.

Tambem grande influencia nos negocios publicos do seu tempo, e foi, como alguns pretendem, reparte do reino durante o tempo que seu sobrinho D. Affonso 5.º se demorou na conquista de Alcaniz-Cepes, em Affonso.

Infelizmente a elle e a seu filho primogénito, o conde de Aurem e marquez de Valença se attribue os primeiros authors da nefanda intriga que teve a seu espingo nos campos de Abrancho.

Tambem o Conde de Barcellos no seu palacio de Chaves, em dezembro de 1461, e foi sepultado na Capella-mor da igreja matriz d' aquella vila.

Depois, para os restos mortaes deste principe trasladados para o mosteiro da Uija, para um mausoleu mandado construir pela 4.ª duquesa de Bragança, D. Catarina, e mais tarde, outra vez trasladados para Capella-mor do mosteiro de S. Francisco de Chaves, onde hoje existem, n'um sumptuoso mausoleu mandado erigir pelo seu 6.º neto e rei D. Joao 4.º.

Do seu matrimonio com a Rainha du Condosta nef teve o Conde D. Affonso tres filhos: -

- 1.º - D. Affonso, Conde de Aurem por herança

ga do Conde de Santarém e marquês de Valença, por merecimento de  
el-rei D. Afonso V, em 1451.

Não tornou estado e faleceu ainda em vida  
de seu pai, em ano de 1460;

2.<sup>o</sup> — D. Fernando que sucedeu no ducado de  
Bragança; e

3.<sup>o</sup> — D. Isabel que casou com seu tio o infante  
D. João, filho de el-rei D. João I.<sup>o</sup>

D. Afonso casou em segundas núpcias em  
1420 com D. Constança de Tronka, filha de D. Afonso  
de, Ancho de Gijón e de Tronka, mas não teve filhos  
deste matrimonio.

x x x

O Conde de Barcelos, antes de ser conde ou fundador da Casa de Bragança, andou durante  
muitos anos na família de Tello de Meneses e teve  
também um filho natural de el-rei D. Diniz, o Conde  
de D. Pedro Afonso — suposto autor do livro de  
linhagens conhecido por — Nobiliário do Conde de Barcelos.

Des Tello e Meneses, foi ultimo conde de  
Barcelos um irmão da rainha D. Leonor Tello —  
D. João Afonso Tello de Meneses, que, por, haver se  
jurado a Partido de Castela contra el-rei D. João I.<sup>o</sup>,  
a perdeu, hum como a sua casa, agradando a  
Monarcha portuguez com esse título e seu condado  
nel D. Nuno Álvares Pereira.

Temos, pois, que, na família vizantina, foi  
primeiro conde de Barcelos o Conde de Santarém  
e o segundo seu filho o Conde D. Afonso, que foi  
também o 1.<sup>o</sup> duque de Bragança e por uma lon-  
ga serie de descendentes, esta hoje em sua Al-  
teza Real o príncipe D. Luiz Filipe, que é o 20.<sup>o</sup>  
Conde de Bragança.

x x x

Uma de vista de vista artistico-artísticas, o

palácio dos condes e depois de Barcelos, posto que nos seus detalhes architectonicos e simplicidade dos processos de construcção se amolda com os demais estilos da época, que ainda abundam na antiga provincia de Entre Douro e Minho, a festa se, contudo, da primeira classe adoptada na personalidade das habitações senhoresas de Portugal e do norte de Espanha, da qual possue tambem hum Barcelos — na historica Casa do "Barbadão" — um hum caracteristico representante.

No passo que, nos demais palacios o tipo seguido era simultaneamente um arbo entre o flanco guado de Torreses com os seus meios de dyga, casaca-nexas, etc. — formando um pateo mais ou menos extenso, aqui encontramos uma construcção de planta irregular, sem corpos elevados e tendo o seu andar sobre a pequena altura do solo, portanto facilmente accessivel.

A irregularidade do plano exhibia-se facilmente pela forma topographica do terreno em que amittuido; e quanto a separação da habitação era ella acompanhada por duplas murallas encimadas e hum viziada pela torre avançada que se erguia no extremo norte da fonte e em amunição com a pala ar, o que sufficientemente o defendia de qualquer inesperado assalto.

Comquanto tivesse simultaneamente mais extensas do que as outras, vizinhas, pois que se estendia até a igreja collegiada, que era a Capella do palacio e em a qual amunicava por diferentes portas, como ainda hoje se pode ver na fachada sul desta magnifica Igreja, e' certo que a obra dos Borgueses não se distinguia nem pela sua simplicidade nem ainda pela sua ornamentação architectonica exterior ou interior.

A não ser a demasiada elevação do te

trabalho de manifestar influencia francesa, o numero de chaminés  
por, em consequencia da guerra da independência, se elevavam  
a grande altura, e os seus ornamentos, particularmen-  
tadas estas que impunham ao edificio, com as bastantes  
suntuosidade, este palacio, não passava de uma boa habi-  
tação de habitacão, que parece não estar em relação com a  
luz e situação com que se poderia esperar a suntuosidade.

Exceção - se isto não acontecesse de não ser. Para  
isto a residência habitual dos príncipes, mas sem Guimaraes,  
onde a mesma localidade. A mesma residência edificou  
um palacio suntuosidade. Suntuosidade e com a capi-  
cidade bastante para o seu momento estado.

Entretanto, não se pense que a arte da  
magnificência familiar brasileira era uma habitação  
vulgar e mesquinha. Não.

E quem hoje contempla aquelas ruínas suntu-  
osas, miseravel espedaço que nos resta de um pas-  
sado glorioso, mal avalia a beleza d'essa  
habitação do século XV.

A falta de belezas arquitetónicas do seu  
aspecto exterior, era largamente compensada pela  
riqueza da decoração interior.

Tudo quanto podia constituir o luxo domesti-  
co dos tempos medievos, ali se encontrava com  
profusão e riqueza.

Até, as casas de habitação que eram  
sempre as do andar nobre, deviam ter sido  
adornadas com elevados tetos, de bellos trabalhos  
enriquecidos pela pintura.

As portas eram ornadas de finissimas  
trabalhos e abundante preparação, e as janelas de for-  
mosos vitraes policromos.

Das paredes, revestidas geralmente de madeira  
ou azulejo até certa altura, pendiam riquis-  
simos paines de Prá e outras tapeçarias.

As melhores plantas da Tersia e da Impria —  
(Impria) — cobriam os vastos prazimentos.

Veludos e brocados, tapetes de suor e tuatos,  
ornavam as portas e as janelas, os leitos e divãs.

Junto-se a isto um movimento de juvenis  
na música e labores artísticos, ainda que raro;  
ricas baixelas prezando os bustos e estatuas, e  
teremos uma ideia aproximada do que seria es-  
ta vida e a sua moral de século XV. o solar da  
actual família reinante portugueza. (Continua a folha 53 deste

Volume)

— x x x —  
Em 24 de Setembro de 1835 entre diversos

papeis encontrados em Paqueta, na residência do ju-  
rídico João Antunio da Silveira, vulgarmente conhecido  
pelo "Venancio", foi encontrado um papelucho com  
as seguintes letras:

Ε·Μ·C·C·Z·X·Z·I·N·I·E·M·C·I·P·C·O·O·O·N

P·L·M·V·S·U·I·C·A·U·M.

CTI·A·N·U·M

"Existem estas letras em um pedaço p.<sup>a</sup> traz do Theatro  
na Torre da Ponte desta Villa de Paqueta copiadas por  
mim em 20 de Set. de 1845." (João Antunio da Silveira.)

A copia de que acima se transcreve, e a copia  
fiel do original tirada por mim.

Com a vontade deste achado procurei desde  
logo conseguir que pessoa autorizada para fazer  
a decifração d'apela inscriçao e que conseguí no  
cabo de quatro annos de persistentes tentativas e  
em tão boa forma que tendo habido a porta do

Ex.<sup>mo</sup> Conde Manuel de Aguiar Barreiros, com residência em Braga  
recebi d'ele a seguinte carta que posteriormente aqui disse trans-  
crita: Braga, 8-VIII-1944

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Tenente:

Com os meus melhores cumprimentos, permita que lhe diga desde já: Baten a face por-  
ta; pois que sinceramente lhe confesso a minha incompetência para decifrar inscri-  
ções de jaz. desta do pencho encontrado nos alieiros do palácio dos Condes de Barcel-  
los.

Além de bárbara que parte (a inscrição), receio muito que a copia que me  
mandou não seja exacta e, mesmo que o for, não dizalque perfizo haveria a  
deportar-se ainda com incisões posteriores, como é frequente dar-se. No entanto  
vou ver se consigo evidenciar mais uma vez a minha incompetência em as-  
suntos desta ordem, de que tanto alheado tenho andado:

E (na) M (ilissima) c c 2 X 5. In d (i) e in (imo) c (alendarum) f (unio, au-  
nlio) (obit) P... (Petrus?) P... (Palmerium?).

An (i) m (a) c (larissima) f (unio) (in) pa (ce) v (ivat) un (amen)-

Na era de 1254, no primeiro dia das kalendas de  
Junho (ou Julho) morreu Pedro (?) Palmerium (?). Que  
a alma preclarissima deste jovem viva em paz. Amen.  
Será isto?

Desculpe-me, por quem é, esta trapalhada; que não dá mais  
que me dê o teu para dar, e creia-me sempre ded.<sup>to</sup> e amigo

(a) C. Manuel de Aguiar Barreiros

Paço dos Condes-Duques - (Sec. XV-XVI) -

A esquerda, o belo Belorinho em góticos floridos.  
Nas ruínas do Paço está hoje instalado o Museu Arqueológico  
em formação.



Paço dos Condes - Duques

— Ruínas dos Paços dos Duques de Bragança e Murallas —

— Ruínas dos Paços dos Condes Barcelos e Duques de Bragança, & restos das antigas murallas — (Vide papinas 56 deste Volume) —

Nestas históricas ruínas funciona o Museu Arqueológico Municipal, pertenciam à Casa de Bragança, mas foram cedidas à Câmara Municipal de Barcelos por el-rei D. Carlos I para ali se construir um Castelo, delineado por um distinto arquiteto, que felizmente não se fez, e ali se instalada a Biblioteca e Museu Municipal.

O terreno em que assentava este edificio foi ensado de novo com arameas na presença de uma Comissão da Presidência do Sr. José Tomas em 1890.

Hoje se tem de Museu Arqueológico iniciado pelo Sr. Miguel Fourn, o qual já tinha sido creado em 1903.

A parte da muralla desde a Ponte até a Fonte de Baixo foi demolida em 1811. (Vide fotografia a papinas 52 n.º deste Volume).

A Torre do Vale já tinha sido demolida em 1797 e a muralla desde a Fonte de Baixo até aquella torre foi-o em 1857.

Em 1806 alguns moradores desta vila conseguiram apor parte das murallas junto aos seus quintaes, aproveitando-as para recreio próprio.

As antigas murallas de Barcelos — um troço de cortinas que existia na Rua Faria Barboza (Vide papinas 43 e 43 n.º deste Volume) — deram-se a 29 de Dezembro de 1935, pelas 12 horas (meio dia) — o que foi presenciado por centenas de pessoas. Era um domingo.

Iniciaram a reconstruí-las, para lhe darem o arranjo que hoje tem, nos primeiros dias de Agosto de 1943.

Vide papinas 46 do 4.º Volume e 101 do n.º Volume.

O postigo da Travessa do Apor foi demolido em 1867.



*Pelourinho e Ruínas do Paço dos Duques de Barcelos, em 1948*



Desenho dos Paços dos Duques de Bragança, datado de 1872,  
da autoria de Henrique Louçã - Insigne Pintor de Arte.

Poras seis horas da manhã do dia 24 de Janeiro de 1800 (6<sup>ta</sup>  
feira) foi Barcelos alarmado com a ruína da "Torre da  
Ponte".

Sobre Domatias e Paços dos Duques de Bragança - Vide pa-  
ginas 101 do 4.<sup>o</sup> Volume destes Apontamentos.



(Número de folha 57 deste volume)

Como é salido no plano de melhoramentos que a digna e zelosa mesação actual propoz realizar, entre a aproveitamento das valiosas reimas do velho solar dos Condes de Barcelos, que ai deusaram a cavalieiro do Cavado, como seltimeta prova de um passado aut-tem em impregnção constante av do amor da tradiçã, av desmazelo e incuria dos noos poble que deviam presar como timbre de grandisa, practiones heraldicas da sua existencia do porr antiprississimo.

O noos praiz tem, em geral enformado d'esta declino criminoso, deste mal do abandono, unites noos apitado pela noosse de um falso progresso ou civilização mafainada que vai derruindo, e' um vandalismo, icorvelarta, os atestados arquitecto-riales ou estatuarios, dos feitos nobres, açõs heroicas, de tudo, enfim, que constitua as fragmas de pedra da gloriosa historia portugueza.

Jã Alexandre Heroullano consiguira, com magna e azes, em hebs periodos do mais acuchado patriotismo, na lingua portugueza de meos tre infantinos, este triste modo de ser d'uma proteridade irreflectida e desafriedada que devia va su ia acabando com quasi tudo que que figurava, no espaco e no tempo, a grandisa, epica, a valor civico, a accão moral e social de uma nacionalidade que firma no seu passado a razão grandiosa da sua existencia autonoma.

O respeito pelo passado deve ser um preceito e tornar-se em culto, quando esse passado enche de orgulho e desvanec de gloria hi-pitima apelas a quem vuole a conservaçã do seu lustre.

A historia dos povos não deve simplesmente recoher-se nos arquivos literarios, deve poder-se entuplar, tambem, nas linhas alta-

neiras dos monumentos plásticos.

Sepiam, embora, estes meios persuasivos que  
o livro, são mais promptos na lembrança que  
vivam do facto que memoram, da causa que  
lhes deu origem.

São mais acessíveis, porque estão a luz do  
sol; são mais populares, porque são de todos  
e a seu ensinamento a todos aproveitável, sem  
outro trabalho mais que fita-los e pondera-los.

Attaim, pois, a conservação dos monumentos e a  
sua reparação ou restauração, quando em  
decalabro, é um dever, mas dever que tem sido  
nemto preterpado, como, de fúrida, havemos  
preferido.

Ainda bem que a nossa Camara se afasta  
do mau estado de abandono ou de negligência  
iconoclasta e com criterio superior, patriotis-  
mo estremo e illustração e circumspecção inte-  
ligente, vai restituir a nossa terra um dos seus  
monumentos mais antigos e de maior vulto - o  
antigo Paço dos Condes de Barcelos - nas linhas  
esboçadas da sua misteriosa existência.

Os trabalhos architectonicos foi encarregado  
o competentissimo professor da Escola Industrial  
de Leiria, sr. Ernesto Korrodi, o qual vindo  
agui, ha poucas semanas, já no dia 24 en-  
viava ao digno vice-presidente da Camara  
e nosso illustre amigo, sr. Dr. Antonio Ferraz,  
a perspectiva geral do projecto, que constitue  
um projecto e bem acabado desenho, onde se  
pode claramente a belleza do edificio que vai  
resurgir em nossos dias, com adaptacão provei-  
tosa - museu e biblioteca municipal - esplen-  
doso e severo como nos vetustos tempos em  
que se erguera solanço.

Temos traços iconopápicos poderemos aqui incluí-los porque o espaço nos vai esvaziando, e mesmo o leite proveu lucrar, pela deficiência do nosso mérito.

Ainda assim algo diremos, acrescentando a daria, o exame da famosa perspectiva.

O distinto arquiteto aproveitou tudo o que existe e vai admitindo as ruínas segundo o plano primitivo, mas lhe deturpando o carácter artístico e o gosto da época.

A parte voltada ao rio (lado nascente) forma uma fachada quebrada por dois arcos remanescentes, deixando intacta, no centro, a porta ogival que ainda perdura.

O corpo mais saliente desta fachada, assenta na actual muratura, abaindo, no primeiro pavimento, uma deliciosa sacada, ladeada de janelas, que põe um belo realce em todo o Confineto.

No lado do sul ficam no andar sobre três janelas e a chaminé completa.

No lado poente, a fachada quebra-se em arcos rectos, tendo o primeiro corpo duas portas ogivais e uma outra com cobertura muito elegante; e no andar sobre curiosos janelas.

No lado norte tem porta ogival e forma o seu confineto um curioso e ceto que ligando a porta nascente dá ideia de um bonito chalet.

Os telhados em apuíha no estivo do da be-nha da Ponte, com varias púmpas nos seus vertice, completam o aspecto venerando que convieram ao edificio.

Emfim, podemos afirmar que esta obra preser-ta e que terá o mais unanime aplauso a dipen-

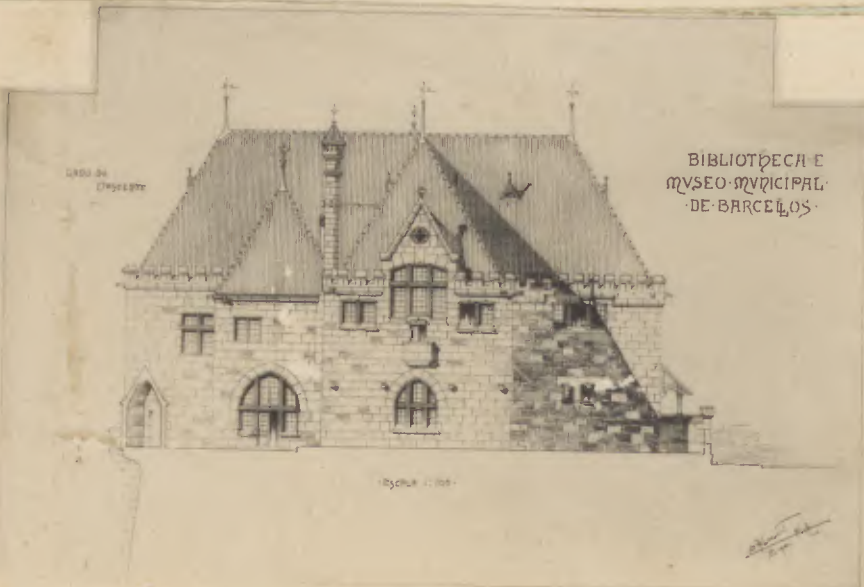
veregar que se propõe executar-la.

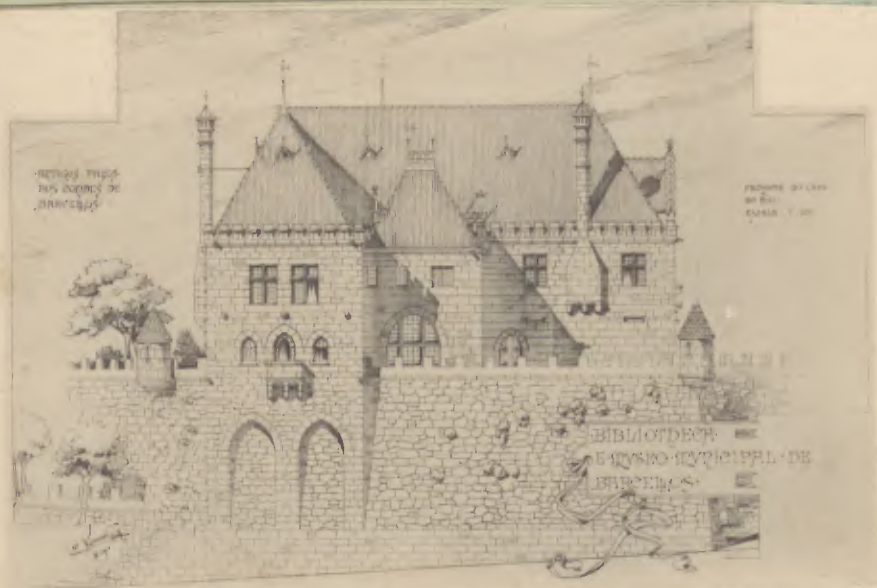
De facto, o projecto era lindissimo, porém, devido ás emergencias politicas da occasião que parantiam pouca estabilidade ás entidades que propositas quer reparaadoras, havendo ~~allemos~~ prime proposito de umas não tomarem na devida consideração a utilidade que outras tomassem, embora isso não realisar em prejuizo das herdidades a que pertenciam, esta grandiosissima e bella obra não se chegou a realisar, embora Barceles reconhecesse que era sublime.

Colocamos abaixo diversas fazes de tal projecto, para que no futuro se possa apreciar a qualidade do crime que entre os politicos cometeram.

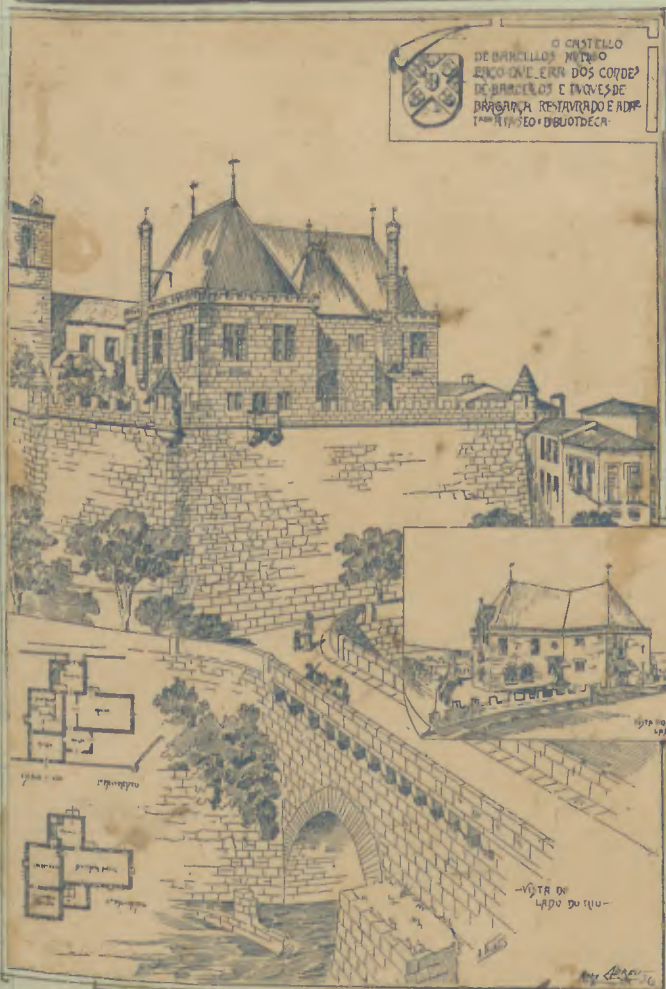


N.º 1 1903 - Restauração do Paço dos Condes de Barcellos (Projecto Korradi)





1903 - Restauração do Paço dos Condes de Barcellos (Projecto Korradi)



Todo este conjunto que aqui se colhecia relativamente ao restauro e aproveitamento do Palácio dos Condes de Barcellos, para Museu e Biblioteca Municipal, da autoria do habido engenheiro Ernesto Ferrer Korradi comprou a metade do que atrás dizemos. A obra era boa, mesmo não saberei, mas as ideias dos portugueses de então, não encontraram que hoje Barcellos tinha um estabelecimento de ordem cultural que tanto visse expandir a Pátria do Covado.

Para comprar o que atrás dizemos fizemos a seguinte transacção:  
 - Paços dos Condes de Barcellos =  
 - Sua restauração para Museu -

(O' Comenim de Barcelon de 15 de Agosto de 1903)

Foi l'ontem adjudicada ao empreiteiro Antonio de Miranda, desta villa, a obra de fuduir do projecto da restauração do Palacio dos Comdes de Barcelon, e fazer nas ruinas do mesmo Palacio, segundo o sumario apreciado trabalho do distincto architecto Sr. Ernesto Ferrrodi.

A Camara despendo que esta obra seja feita com todo o rigor do projecto e sem defectos architectonicos por errada empresaria do projecto e sabendo que a Sr. Sr. Antonio Toray, principal propuador d'esta restauração e vice-presidente da anterior vereação, que tomou a iniciativa d'esta importante obra, pelas suas empenhas com o Sr. Ferrrodi e estudos de anticipidades com elle emito l'um como deve ser executada a obra, de l'iberou judi a esta mesma illustre e questionar praticos que se dispoe auctor a encargo de fiscalisar quella restauração, requisitando a ambascunha do autor do projecto quando o julgue indispensavel.

O digno vereação que tem merecido os mais calros aplausos pela sua brilhante administração, não judia proceder mais acertadamente.

Consta nos que a Sr. Camara se preparava para receber em dignamente Sr. Rei, que vem assistir as manobras de 16 e 17 do proximo mes de Setembro, com Sua Magestade se dignasse visitar esta villa, convidando-o entao para presidir ao lançamento da primeira pedra d'aputa restauração e efectuando l'um cum alumnos su um lunche.

O digno presidente da Camara, porém recebeu hoje a telepama seguinte:

"José Julio Vieira Ramos, presidente da Câmara Municipal Barcelos = S. M. El-Rei meu augusto amo sente que a sua muito curada ida ao Reino He não permitia ir a Barcelos assistir a inauguração dos trabalhos de restauração dos Paços dos Condes de Barcelos, pratica boa obra devida a inteligente iniciativa da digna presidência de V.ª Ho.ª - Conde de Arcevo."

- As muralhas de Barcelos (Vide pag 52 deste Volume)

- Barcelos militar -

(Sec. XV)

(Pel. Por. António Lemos)

Comparando não fosse grande a sua importância estratégica, Barcelos possuiria sobra um notável sistema de fortificações.

Vila antiquíssima, situada no coração da propulsiva região entre Douro e Minho e não muito distante de povoações tão importantes como a Torre, Braga, Viana e Ponte de Lima, ficava pela sua situação topográfica exposta às duas frentes e inclusive desses tempos rudes, em que a guerra era constante, prevenia o avanço dos homens, devendo, por consequência, possuir, como particularidade das povoações medievais, um castelo, uma muralha, uma torre e uma atalaia, que a protegesse e lhe proporcionasse condições de resistência aos frequentes ataques do inimigo.

A necessidade desses meios de defesa deduz-se ainda da existência que temos da existência de outras fortificações n'esta região e não longe de Barcelos, tais como: em iguaes muito longinquas um ou outro centro hum-romano, de que ainda restam vestígios no Monte da Torre, fronteira ao Castelo de Vieira, no Monte de S. João,

sempre em Vila Rica e na Fronte da Lixa, na freguesia das Caxambas; e, mais modernamente, alguns castellos proximos, como os de D. D. João, São João de Bastião, Faria e Verusium, cujos restos notaveis nos primeiros tempos da colonização portugueza.

Se os povos diáta repint, então a mais pro-  
grada e florescente de todos o reino, se não vissem  
enfrentes as continuas guerras d'esses tempos barbaros,  
certamente que não cuidariam com tanto afeto  
e interesse na realisação d'esses meios de defesa.

Demais, sabemos que, de todas as provincias  
portuguezas, era provavelmente a de Santa Rosa e  
Santo Agulha em que, nos seculos XI e XII, com  
mais frequencia se encontravam castros e fortificações  
militares. Além o diz o sr. Alexandre Her-  
culano, referindo-se a esta época relativamente  
distante: "Defesas e cometimentos, eis o que se  
repetia, a bem dizer, diariamente, porque em  
cada montanha, quasi em cada anteojo, sur-  
pia uma fortaleza, as vezes uma simples torre,  
cuja conquista importava a sujeição do ter-  
ritorio circunvizinho, e que eram sustentadas  
com tanta firmeza pelos que as defendiam, como  
combatidas com tenacidade pelos que as atacavam".

Desde hoje se descobrem claros vestigios  
da antiga fortificação de Barcelos.

Além de uma forte e elegante torre, que  
serve actualmente de cadaria comarcã, temos va-  
rios trechos da antiga muralha, mas completamente  
a descoberto e extintos, outros incorporados já em  
vários edificios da Vila, mas ainda facilmente  
reconhecíveis.

É por estas venerandas reliquias, que a  
memória do homem e a acção destruidora do tem-  
po ainda não conseguiram apagar, que hoje



podemos com facilidade reconstruir toda a antiga  
fortificação d'esta importantíssima vila.

O seu sistema era o geralmente adoptado  
em todas as cidades da historia, nomeadamente  
nos tempos medievales; um campo entrecerchi-  
rado de duas ou mais linhas de resistencia  
e um recinto de separação.

As cidades ou vilas devia ser fortificadas,  
as habitações dos seus moradores eram envolti-  
das por uma cintura de forte muralhas amur-  
das, limitando um espaço maior ou menor, ou  
de ficavam os quartéis, o templo e outros edificios.

Edificio desta recinto e no ponto mais  
elevado da povoação, em qualquer frequência,  
estava, uma outra ordem de muralha envolvendo  
a alcaçova, ou castella propriamente dita, com  
a sua torre de menagem, onde residia o  
alcaide-mór ou governador da praça, e sob  
a protecção da alcaçova, a catedral ou igreja  
matriz, e não longe os praças do concelho, em  
fronte dos quaes se erguia o pulvenhão.

A defesa fazia-se da parte superior das  
muralhas e torres - dos adarves e arcos - por  
dependo-se os combatentes com as ameias que  
as guardavam; e o ataque geralmente era archi-  
nariamente feito das torres, que, de onde a ou-  
de, excediam as quadrilhas dos muros tanto  
em altura como em superficie.

Prato de outra porta interior da povoação  
havia uma torre que a defendia, e a aproxi-  
mação do inimigo ás muralhas e portas era di-  
ficultada pelos fossos ou cárcovas, que envolviam  
toda a fortificação, pelo menor nos pontos mais  
accessiveis d'esta.

E, finalmente, para dar entrada no

interior da praça, havia junto da sua porta principal uma ponte levadiça sobre a foz.

Seis, um rápido esboço, a tipo classico da fortaleza medieval.

Estudemos agora a fortificação de Barcelos. Não ha duvidas que foi D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos, quem, entre outras obras, por empreendimento e realisou, mandou construir o castelo e linha de muralhas que protegiam a vila.

Foi isto ali pelos primeiros annos do século XV. Seia, porém, esta fortificação a primeira que Barcelos possuia, ou D. Afonso limitou-se a reparar ou mesmo ampliar uma outra já existente?

Se bem que nenhum documento autentico esclareça esta obscura pergunta, nem d'ela se occupem as velhas crônicas barcelenses, e já não nos remitto provavel, se não certo, que antes da fortificação do Conde D. Afonso, outra existia já e de construção muito antiga.

Seis as razões em que fundamentamos o nosso asserto.

A vila de Barcelos era, já no começo da monarchia, uma das mais importantes porções de Entre Douro e Minho. A pequena distancia d'ela - a alguns quilometros - tiveram como já tivemos occasião de dizer, os Castellos de Faim e Tenafes, e um pouco mais distante o de Verneiro e o de Neiva, de que D. Afonso Henriques se apoderou quando, ao declinar o anno de 1127 declarou guerra a sua avó. Ora se Faim, Tenafes, Neiva e Verneiro possuíam esses fortes castellos não se pode adivinhar que a vila de Barcelos, indubitavelmente uma porção muito mais importante do que

qualquer d'aquellas, fosse uma villa abulta, comple-  
tamente desaparecida e sem nenhum dos vestios de defen-  
siva militar, entao tão frequentes e generaes nos paiz  
Nas ha mais:

Se de monumentos architectonicos guardados no arquivo do cast.  
se municipalities sabemos que ja no anno de 1630 se  
achava em ruinas uma fortificação fortissima, de-  
a porta do Vale, pois em um sessor da Curacia de  
9 de Fevereiro desse anno, foram multados em dez lre-  
zados alguns moradores da freguesia de Santa  
Maria do Abade de Feira, por se recusarem a vir,  
com bois e carros, remover a pedra das ruinas da referida  
porta, como a Curacia lhes havia ordenado. E, em sessor  
de 14 de Outubro de 1631, foi deliberado pelo juiz, verra-  
dores e procurador do concelho que, para commodidade  
do povo desta villa e augmento d'ela, se abrisse uma  
freguesia na Ferraria, visto estar cabida a porta do  
Vale e ser por ali mais difficil mas ate juiz por  
a traço.

Esta prova-se que em 1630 se achava completa-  
mente em ruinas a porta do Vale ou da Esperanca,  
como era tambem designada; e sendo ella do tempo  
do Conde D. Affonso, mais e' provavel que esse fizesse  
seu estado, porque do mesmo tempo era a torre da  
Forte, que se cahiu em 1600, e isto devido, diz-se,  
aos estragos n'ella produzidos pela terramoto de 1555,  
e igualmente a torre da Torre Nova, que ainda hoje exis-  
te e e' habitada, achando-se tão bem conservada  
que não revela a mais pequena indiziao de ruinas  
proxima. De mesmo modo as muralhas, de que res-  
taem alguns largos, quasi tão bem firmes e seguros  
como o deveriam ser processando depois da sua con-  
strução; e se em partes já desapareceram, foi isto  
devido á natural expansao da vida, e a frequen-  
te e crescente necessariamente, tinha absoluta

necessidade de se dilatar pelos terrenos estensos.

Em todas estas rapèes estamos convencidos de que o Conde D. Afonso nada mais fez do que restaurar e ampliar a velha fortificação de Barcellos, realisando n'ella ao mesmo tempo certos melhoramentos aconselhados pelos progressos da architectura militar do seu tempo.

Depois das hipoteses considerações sobre a importância da fortificação de Barcellos, que dissemos no penultimo numero desta revista cumpre-nos descrever a seu traçado e constituição.

Transporemos nos ao Livro XV. O observador que, voltado para a vila, se collocasse sobre a primeira ponte de pedra que liga Barcellos a Barcelinhos, tinha na sua frente, formando a extremidade norte da ponte, uma elegante torre quadrangular, toda de cantaria e constituida por dois corpos sobrepostos.

O corpo inferior, eufi provavelmenteitava porem assente em uma varanda de galeria sobre um tamborem de cantaria, sustentada em fortes cachorros de pedra, correndo ao longo das faces nascente, sul e frente da mesma torre.

Sobre esta galeria assentava o segundo corpo da torre, tambem de forma quadrangular, mas um pouco retrahida e com portas para a galeria, coberto por um telhado de frontão bulbado e circundado de ameias de que emergia a espina chavira de um pátio interior.

Da ponte entrava-se para a interior da torre por uma porta de arco de volta redonda, que era a porta principal da vila, havendo mais duas das mesmas dimensões e forma, uma na face nascente, pela qual se entrava na rua dos Pelanos.

foi uma Santa Barbara, e outra na face voltada  
 os prentes, que dava para a antiga rua da Porta,  
 depois chamada do Ferreira e actualmente do Padre  
 de Mapanem.

Entre as duas portas lateraes da front e na  
 face oposta a' front, mandou a Camara Municipal  
 construir em 1631 uma fonte, que se abastecia das  
 aguas do chapuz da Praça (hoje Praça Municipal)  
 e era conhecida pelo nome de Santa Maria.

Está hêto esperecimem architectonicos do seculo  
 XV em a torre de minagem ou alcaçova do Cas-  
 tello em que habitavam os donatarios da vila —  
 os Condes de Barcelos.

Pela damos uma copia de um desenho archi-  
 tectico do seculo XVI, archivado na Torre do Tombo.

Esta torre particam as muralhas que, como  
 dois enormes braços de granito, empicam em forte  
 ampleso toda a vila.

Constituidas de pedra solta e argamassa, mu-  
 to altas e de espessura bastante para resistir ás ar-  
 mas do tempo (2.<sup>m</sup> 80), tendo os adarves quarnecidos  
 de pilas lencias de calcão, as muralhas fechavam um  
 amplo recinto de forma poligonal irregular, limi-  
 tado pela rua Santa Barbara, Largo da Porta Nova, ruas  
 Barbia de Freitas, Boqueira e Curcio, Largo da Fronte  
 de Baixo e villa das Vigendeiras.

Seguindo a muralha de nascente, o  
 quincis laços ou quadrela partia do cumbral da  
 Torre da Fronte e seguia até ao <sup>1.<sup>o</sup></sup> Receto, sem  
 que a' margem do Covado, e ali terminava  
 n'uma pequena torre ameada que, juntamen-  
 te com uma segunda cortina de muros este-  
 riores, correndo paralelamente a' muralha, de-  
 fendia uma pequena porta ou porticho, que  
 lhe ficava proximo.

É o portão do Recife, que ainda hoje se vê bem conservado no quintal da casa do Sr. Martinus de Jesus, bem como a torre, já um pouco modificada, a nascente da varanda da casa dos Srs. Condes de Vila-Boas.

Era por este portão que os moradores da vila comunicavam com o rio, o que tinha grande importância para o abastecimento d'água em caso de assédio demorado; e, oferecendo uma saída fácil e oculta, servia também de porta falsa ou de traição, por onde se faziam as sortidas e se escapavam os defensores da praça, quando não podiam por mais tempo prolongar a resistência.

D'este portão e torre saem também uma fortificação.

A alguns metros para nascente do portão do Recife, subia a muralha em linha recta para a parte alta da vila, na direcção sul-norte; e, pouco mais ou menos, no local onde hoje está o edifício do Paço de Paqueta, desviava-se um pouco para noroeste indo terminar no Largo da Porta Nova (ante do Campo da Feira) em outra torre de maiores dimensões que a da Ponte, mas de arquitectura muito mais simples.

É uma torre quadrangular, muito alta, de paredes grossas (2<sup>m</sup>, 80) e primitivamente cercada de ameias de deffa, que depois foram substituídas por outras de adorno, quando para ela mudaram a cadeia (1631a/1636) que então estava nas casas que hoje pertencem aos Srs. Machados Carmonas, no Espirito.

Tem esta torre quatro pavimentos, comunicando os tres primeiros com uma escada

de pedra, exterior, por onde tambem se subia as  
cumadas, e o ultimo por uma escada interior,  
partindo do terceiro andar.

Na face voltada para a Porta Nova, ha  
no primeiro andar uma porta em ogiva e  
uma janela em cada um dos andares super-  
iores, e na sua oposta uma janela no ter-  
ceiro pavimento.

A face voltada para o Campo da Feira,  
tem apenas uma janela no ultimo andar  
e na oposta uma porta nos tres primeiros  
andares, comunicando todos com a escada exte-  
rior e nas ultimas duas janelas.

Como se ve de todas as faces da torre a  
do noroeste, isto e, a voltada para a en-  
cruada de Sant'Agostinho, hoje demolida, e a que  
tem maior numero de aberturas, o que se ex-  
plica pelo facto de esta torre ter sido especia-  
lmente construida para defesa de uma das  
partes da vila - a Porta Nova.

Do cumhal norte da torre partia  
outro laço de muralha, que ia terminar  
um pouco adiante, na Porta Nova.

Esta porta dava sahida da rua Direi-  
ta (antiga rua de Cima de Vila) para o ar-  
rabalde do Salvador, ou, mais propriamen-  
te para o antigo Campo da Feira e  
arabalde de Vera-Cruz.

Chamava-se Porta Nova (e não Por-  
ta, como muitos erradamente supõem)  
por ser talvez a ultima construida, ou por  
que depois da feita, se viu quaesquer modifi-  
cações tendentes a embelezá-la.

Que não era uma porta de arqui-  
tectura simples, como qualquer das ou-

traz prova - o o facto de na parte superior do arco haver um oratorio de grandes dimensões, onde foi collocada a imagem de Nossa Senhora da Abadia, que, depois, pela devotão desta porta, passou para a procissão eruida de Saint Leger.

Da Porta Nova seguia a muralha na mesma direcção noroeste, e, a poucos metros de distancia, desviava-se um pouco para o presente, seguindo, depois, em linha recta e parallelamente a sua direita, até a rua da Esperança onde terminava em outra torre e porta, designadas torre e porta do Vale, e tambem da Esperança, por haver ali um prepe no nicho, onde alguns devotos veneravam a imagem de Nossa Senhora da Esperança, que em 1689 passou para um pequeno oratorio ou eruida no pavimento terreo da torre, mandada construir por um tal João de Carvalho, homem nobre de Barcellos e em 1730 foi collocada no altar da Trindade, da Igreja Matriz.

Da porta do Vale partia de novo a muralha, e, descrevendo uma ampla curva semi-circular, que contornava a rua de Fundos de Vila, o Terreiro e a villa das Vigas deiras, descia sobre a margem escarpada do Cavado e ia terminar no cummal presente da torre da Fonte, passando assim toda a villa.

Primitivamente, os muros de Barcellos não tinham mais do que as tres portas e torres que descrevemos, e os dois portões, o do Peçaf e o da Fonte de Bains.

Mais tarde, na primeira metade do século



XVII, a Camara, a pedido e por conveniencia dos moradores da vila, mandou abrir a portega da Terrinca, que dava sahida da Travessa da rua Direita para a Fogueira, e a da rua das Velhas tambeem chamado da Feira, por fazer a pegue na distancia do antigo Campo da Feira.

A primeira foi construida em 1634, e a segunda em 1635, depois de a Camara ter solicitado a competente autorizacao do Conde e Duque de Barcelos, D. Joao II.

O Castelo da Vila ficava como dissemos no topo da torre da Porta, e era cercado de fortes muros armados que o protegiam.

No mesmo tempo que servia de obra defensiva, era a residencia dos Condes de Barcelos quando visitavam a vila; e talvez por este motivo, e' que propriamente o castelo nao era a casa dos Condes, mas sim a torre da Porta Nova, onde residia o Alcaide-Mor.

Segue extracto de um documento do principio do nosso municipio - o instrumento de posse do alcaide-mor de Barcelos, dada a Antonio Paes Viegas, Cavalleiro da Ordem do Cristo, Comendador de Santa Maria da Guadalupe, em Evora e scoutico de el-rei D. Joao IV, que diz:

"Sabam quantos este instrumento de posse dada por virdade e autoridade de justica e em virtude das cartas do Duque nosso senhor virem que no anno de Cristo de 1638, aos 18 dias do mez de março do dito anno, n'esta villa de Barcelos e fortaleza d'ella, que esta nos muros da dita villa donde chamam a porta nova, que e' o Castello d'ella, etc, etc."

(Vide Reg. Ger. da Cam. de Barcelos (1635-1638) p. 240.)

Temos, pois, uma extensa e forte cir-

tura de muralhas, com suas portas e torres de defesa, envolvendo toda a vila, e no interior desta n'uma elevação natural do terreno, o chamado Castelo e Torre de meneguens, rodeado por seu terço de muros ameados, que lhe dificultavam o acesso.

De todo este conjunto se vê que Barcelo, possuía um sistema de fortaleza em que, pela sua construção e disposição, foram rigorosamente observados os princípios fundamentais da arte de guerra, tanto pelo que diz respeito ao modo de combates, como ás armas por elle empregadas durante a idade média.

x x x

Voltando a falar da Torre da Porta Nova, amplendo o que já disse a respeito das papieiras de Barcelo, que devida ao seu restaurar em 1933 lhe foram arrancadas as fortíssimas grades de ferro que então tinham todas as suas portas e janelas que privavam da liberdade todos os criminosos que n'ella encarcerados sem, de quem papieiro Leitão, nos fala no seu "Guia Illustrado de Barcelo" - (1908) - da seguinte maneira: - " . . . . . Das quatro torres a que amarrava esta muralha de defensão com que o Sr. Duque de Bragança enfiou Barcelo em península, n'uma obelive, rija, desempenada, sem lhe faltar um unico dente a sua coroa d'ameias, nem que por ella não houvesse passado a animadversão de cinco seculos.

É a Torre da Porta Nova, um se corpo quadrangular, que ainda no seculo XIX servia ás noites os mercadores da vizinhança resar o terço, em ploria de Nossa Senhora d'Alfadinha que, do cimo da Porta, abençoava quantos passavam.

travam a villa por essa servidão e hoje - depoi-  
sita de condemnados - apenas suve o pinto das  
suas sentinellas.

Contudo, nenhuma como e, ainda oympra-  
ra contra si casaria moça, que já vem mais  
praca do qu'ella, e ainda no passado 3 de maio  
pride Comunesco as cavalleiras para nos mos-  
trar a Villa de Barcellos - praciute avô levau-  
tando nos braços um netito para lhe dar a  
vir - uma proccissar ou um psaurauca  
que a multidão encobre a terriguice do  
pretiz.

Nos seus tempos um dos pontos de privilegio  
no envolvimento, a Torre e hoje o centro da terra  
barcelleuse, a melhor vista, portanto, donde a  
retina lhe espie as suavidades, lhe levanti  
a carta chorographica da descriptiva, e lhe  
alveje, com a flecha do entevo, os seus contor-  
nos.

Sube-se a escuridãr subsidiaria dostruz  
andares, trepa-se por uma escada viridi-  
meira até ao protipo recortado na sub-tilla,  
enfia-se por esse buraco destacando com  
a cabeça caliga e terra dos ultimos ventos, re-  
batendo com o corpo as teias de aranha do m-  
dimento; e, subrados, enfarussados que  
nem limpa-chaminis, d'essa meia treva  
de porão, onde trepada as azedo dos ca-  
cões, ascende-se por fim a um desajpo-  
de horizontes com alléguas do ceo, liberdades  
plainas, refugios entremeidos de moirtes, se-  
dos d'agua e sombias de latada, em termo,

Hoje a Torre da Porta Nova, devido ao  
- seu restaur, serve de sede para a Comissão

de Turisima boafe, n'um dos seus pavimentos dos andares superiores, guarda o recheio do Museu do "Ginpro dos Alcaides de Feia".

A proposito e ainda recentemente a Torre da Porta Nova, transcorreu o que "Parcellas-Revista" - Etno-anuario illustrado, em 13 de Novembro de 1910, no seu n.º 11 (2.º anno) dizia, assinado por J. L.:-

### A Cadeias

O edificio que entre os annos de 1631 a 1636 foi a presbitado para a cadeia civil desta comarca, e uma torre de cantaria de sumo que abraçava e defendia a nossa villa das investidas dos inimigos: bastante alta, de paredes muito grossas (de quasi 3, 90 de grossura) e dividida em quatro pavimentos e cada um d'elles (os inferiores) n' recorre luz por uma janella na face voltada ao norte, tendo o andar superior mais duas janellas: uma voltada ao nascente e outra a poente.

Este edificio e' insalubre. Posteriormente, falta-lhe o ar e a luz sufficientemente necessaria para poder ser habitado. E' humido e e' frio e alem d'isso tem se permitido que d'ello se fizesse um antro de immundicie, dividido ao pouco ou nemhum cuidado que tem havido na sua conservacao e azeir.

Por isso, e se attendermos a que a sciencia ensina que evidentes sinais das indispunções e doenças hygienicas que toda a casa de habitacao deve ter, devemos-nos revoltar e esquivar que não se admitta, dentro de uma povoação que se moderniza, que uma casa tão insalubre, sirva para habitacao de creaturas humanas.

Não se acredita que essa torre empedrada pelo tempo e ja de aspecto exterior tão deffinito, continue a servir de carcere, emquanto

que não se lhe façam os necessários e indispensáveis melhoramentos.

Como complemento da descrição das muralhas da antiga vila, o Dr. Teodoro da Fonseca, a paginas 163 do "Barcelos apud Cavado" - 1935 - diz: - O Palácio dos Condes Duques de Barcelos - (ruínas das Torres). (Vide pag. 52 deste Volume)

As paredes demiquiladas, que se vêem no muro abraçado a fronte sobre o Cavado n'esta cidade, são as ruínas do palácio mandado construir por D. Afonso, 1.º Duque de Bragança e 8.º Conde de Barcelos.

Mandou este duque também cercar a vila de muralhas com torres, sendo uma a entrada da fronte que he a esta freguesia com a de Barcelinhos, tendo esculpido esta torre com o palácio que lhe ficava superior.

Neste edificio hoje apenas existem algumas paredes e uma alta chaminé; a torre que fechava as muralhas derriu em 1800.

"Causa do" diz Antonio Lopes de Figueiredo na sua "Noticia Bibliographica", em 1873, a pag. 78, referindo-se a este palácio, ver o abandono a que se acham votadas estas ruínas reliquias da justina nobreza desta notavel villa."

O muro em que assentam estas ruínas foi cercado de paredes e muralha ameadas nos fins do século XIX, pela Camara da Prefeitura do Dr. Jose Torres, tendo por em seu tempo sido retiradas as ameias e a sua pedra empregada nas obras da Igreja Matriz.

N'estas historicas ruínas funcionam o "Museu Arqueologico Municipal" pertencendo

eram a Casa de Prapença, mas foram cedidas  
à Câmara Municipal de Barcelos por el-rei D.  
Carlos I, para ali ser construido um castelo,  
delimitado por um distincto architecto, que feliz-  
mente não se fez, e n'ele instalada a Biblio-  
teca e Museu Municipal."

— x x x —  
Hoje, porém, está todo aquele recinto reser-  
vado para o "Museu Arqueologico Municipal" aonde  
se pode apreciar um esplendido recheio.



Ruínas do Paço dos Condes Duques de Barcelos



— Um detalhe do  
Museu Arqueologico —

— x x x x —  
Sembrava a ascensão não se fuzda exclusiva-  
mente com a "Torre da Porta Nova", que por muitos annos  
estava servindo de cadeia civil de nosso concelho,  
vaz abaixo transcorria-se um interessante as-  
pecto da historia do fahido Dr. Matheus Lima, médi-  
co que foi da nossa terra, em que seia uma corda  
pela qual se comprava que n'aquele torre, na sua pe-  
nitencição ao rez-do. chão, existia uma enxada  
que, com grossissimas pedras de ferro, prendava  
os mais temerarios facinoras que tivessem de ser  
ali recolhidos na cadeia ás ordens das Justicias  
do Estado, e n'aquele reza assim: —

— Após —

Logo ha dias mais uma vez a "Justicia de Casti-  
na de Barceho" do meu filho amigo Manuel Pellicer,  
barcelense tão notavel pelo seu valor civico como ami-  
guico pela applicação do seu espirito brilhante, deti-  
ve-se na sua rejuencia no lar de Airois, som-  
missimo local para mim pelas recordações da vida  
da infancia.

O individuo barcelense diz ai que o Padre  
Carvalho da Costa (Compagnon Portuguez) chama a  
pequena praça Poço, talvez por n'ele se acharem  
os poços publicos, e a que modernamente chamam  
Airois, não sabemos com que fundamento.

Ora, por muitas vezes me tem influenciado  
a ideia (o que não esq. de resto patente de  
invenção, pois já nem mencionado pelo Abade do  
Loure na sua "Memoria Historica" que devemos pro-  
curar denominação exacta do lar) nas  
circunstancias que n'ele mesmo se davam.

O lado presente desta praça era todo con-  
stituido pelo solar dos Machados Carmonas, casa  
de antiga praxeia, onde vive ainda hoje como  
seu representante o Sr. D. J. e meu neto  
amigo José Machado Carmona Sallés de Mendon-  
ça.

Conta-se n'esta villa que um dos Ma-  
chados Carmonas, irritado pela fuzão, heu  
que legal, de um seu creado, se dirigira á  
cadeia de Barceho, com sete ou dez pintas de  
bois fuzidas umas ás outras, e fizera arrau-  
car as grades da enxovia pondo o seu serviço  
em liberdade.

O facto parece veridico, pois que ainda ha  
hem poucos tempos, tres annos, quando unido, antes  
das obras feitas para a installação da praça da  
Cadeia, a janella que existia encaimada no

o que actual tinha vestígio de ter suportado entre grade de ferro, e as buracas laceradas indicavam arrancamento.

O que não julgo real é que fosse um Duque do Camêda, relativamente moderno, que matrasse se alguma fogueira, mas um antigo possuidor da mesma saga que tivesse largos privilégios.

Diz a tradição que por causa dessa cena violenta contra a autoridade do rei perdera o nobre os seus feudos.

É uma referência ao golpe de D. João II sobre a feudalismo.

O lado nascente do largo tinha uma bancada em assente de pedra a todo o comprimento da casa que se demoliu para edificação em 1841 a que agora existe feita por Atanásio de Souza Pereira Lima.

Seria esta bancada de pedra pertença do solar ponteiro e prestaria alguma ou imunidade a quem lá se sentasse e daí aproveit?

Significava ela um direito antigo, sendo conservada de peração em peração, ou teria simplesmente a utilidade banal de conceder repouso aos frequentadores de antigo mercado?...

Não terá a disputa alguma mais ou menos fundamento a exigência de denominação do largo?...

### Dicanti paduani

O que nos deve merecer a atenção é a lenda do arrancamento das grades da cadeia andar aliada a um possuidor do solar do Aprio, os assentes de pedra do mesmo largo e a situação do solar intra-muros, devendo esse terreno ter pertencido à fidalguia histórica portuguesa, fidalguia que, no dizer de Fernão Lopes na Crónica de D. João I, desaparecer na sua grande parte para dar lugar



as mostaras prohibidas pelo Mestre d'Almeida.

x x x

Repentinamente a Torre da Porta Nova, adaptada a cadeia comarca, transseru-se a seu A. M. do Anual Milenar, na sua "Fôrta descripção da cãmara do mune e antiga Villa de Barcellos": nos diz a proprias

31:—  
 "O contraste dos paucos edificios publicos, que ha em Barcellos, e em si descripção temos feito, e o da cadeia publica. He uma alta torre quadrangular de 3 andares, cobrada de pequenas arvores que lhe encobrem o telhado: por qualque arrabalde, que se entre na Villa da topa nos olhos aquella mole immensa de pedra despedrada, que se podesse ser lavada e amolhada pelas espiozas laprimas, que a fome, a miseria, e doenças, occasionadas pela falta de ar e luz tem feito derramar aos infelizes ali encerrados, seria mais alva, que a neve, e mais mole que a cera! He mais uma junta de pedras do que uma vivenda de racionais, embora criados. Não tem separação, não tem commodos, não tem emdicar alguma hygienica, nem moral. O que tem de notavel unicamente, alem do seu aspecto tetrico, e pavoroso, e a impropriedade do fim, que tem, e a ser coeva com o Palacio dos Duques de Bragança por ter sido edificada essa Torre, como já dissemos, por ordem do Duque D. Affonso, e direcção de Justas Gomes Pinheiro. Sua o fim primitivo para que se edificada o mesmo que hoje tem, ou seria como a da outra, que já não existe, para servir de castello de defesa?"

Poras numerosas accommodações, que

tem para ser uma prisão; por pender nella a muralha, que cercava a Villa, e mais que tudo pela escada exterior, feita em tipo da que de cantaria fina, e que cobria a entrada no 2.º andar da Torre, o que denota ser obra muito mais moderna; e é de crer que o fim primitivo foi o da defesa, e só muito posteriormente serviu de prisão.

Apartando a vista dessa tobeza, e medonha masmurra, que é um solenne protesto contra a civilização actual, e propiziavos no mais que ha de notavel em Barcellos.



Esta gravura mostra - mais notadamente a embelezamento da Torre da Porta Nova - "A sadia comarca de que atraz nos fala A. M. de Amaral Ribeiro na sua 'Fotografia descriptiva da cidade sobre e antiga Vila de Barcellos' (1866)" - podendo-se apreciar como foi construida a escada exterior e prédio adiacente que era muralha do carcereiro, mas que hoje tudo desapareceu por virtude das obras de restauração que a Direcção dos Monumentos Nacionais a suppletu."

A Torre da Porta Nova, foi considerada Monumento Nacional por Decreto n.º 11.454 de 19 de Fevereiro de 1926.

Esta documentação da nossa Câmara, chama-se Castello da Villa ou Torre da Porta Nova.

Nella tomou posse o Alcaide Mor de Barcelos António Paes Viegas, cavalleiro da Ordem de Cristo, comendador de Santa Maria da Cidade em Barcelos e secretario de el-rei D. João IV, o Restaurador.

No livro do Registo Geral da Câmara Municipal do anno de 1635 ou 1636 a folhas 43 verso diz:

"Seihão quanto este instrumento de posse dada por virtude e authoridade de justiça e em virtude da carta do Duque nosso senhor virem que no anno de Christo de 1638 aos 18 dias do mez de março do dito anno, nesta villa de Barcelos e Fortaleza della que está aos muros da dita villa aonde chamão a porta nova que he o castello della, etc, etc."

E' isto chamar-se o Torre do Alcaide ou Torre de Meirapens.

Foi construida no seculo XV por commando do D.º Conde de Barcelos D. Afonso, filho legitimo do el-rei D. João I e de D. Inez Pires, que morreu Comendadeira de Santos, na Ordem de S. Tiago.

Tambem foi conhecida como Torre do Barril ou do Barrilosa e Torre de Cima de Vila, como primitivamente se chamava ao Capo da Porta Nova (vide o volume das Inquirições) - Castello da Vila ou Torre da Porta Nova e mais tarde Cadela Vilha.

Quando ella se construiu, destinaram-na sem coruja e apenas rematada por arcos de defeza, torres e de pedra pizsa.

Enquadrançular elevando-se as suas paredes nas faces do nascente, norte e poente.

até a altura em que se conservavam e a face  
de sul, somente ficou até a altura da muralha,  
ficando d'além para cima aberta.

Tudo isto se pôde verificar pelo Livro das  
Fortalezas, na planura da Silva de Barcelos, ex-  
treme em fol. em preparação do século XVI, exis-  
tente na Torre da Torre e pela parede na parte  
superior da muralha da face voltada para o  
Lago de Trovas e que inicialmente se conhece  
extensamente na junta vertical que une a par-  
te nova à velha.

Tudo sido nomeado secunário de D. João  
IV, aclamado Rei no 1.º de Dezembro de 1640, a  
Camara obtendo licença da Casa de Bragança,  
mandou adaptar a Torre da Porta Nova para  
Carcere publico, fazendo-lhe n'ela a escada ex-  
terior do lado sul sobre a muralha e parede  
de pedra até elevá-lo até altura dos outros, mas  
com menor espessura e construção - se um ar-  
co abatido no 1.º pavimento para receber  
o travessamento do 2.º.

Transformou-se em janela a festa exis-  
tente sobre a porta de entrada da parte do pae-  
re e substituíram-se as ameias de pedra que  
eram brancas e de pedra parda, pelas actuaes  
que são de embellezamento e fez-se a coruja  
que circunda toda a Torre.

x x x

Não é ainda via de proposito - visto por se um tra-  
çado da fortificação de Barcelos, traço e se-  
parado da autoria do sargento Alvaro Pais - mais conhecido pelo Al-  
var de Pais: -

### O Teatro no Lago dos Condes de Barcelos

Foi-se feito ultimamente publico n'este sennario  
diferentes esboços e publicações por, anclando espalhar



Do lado esquerdo a "Torre da Porta Nova", (que inadvertidamente chamam "Torre de Menagem"); já se chamava, onde presentemente está instalados o Museu do Grupo Alcaides de Lourenço e a Comissão de Turismo. - (1946) -

Foi considerada Monumento Nacional por Decreto n.º 11.454 de 19 de Fevereiro de 1925.  
 O' construção do século XV.

Do lado direito, um plano para o restauro da "Torre da Porta Nova", de que não se lançou mão por se lembrar que na da Torre que se adapta se a igreja.  
 (Arranjo do arq. J. Vilaça)



xxx  
A esquerda outro aspecto do illustre  
artista José Vilaca, para adaptacao da  
Torre da Porta Nova, a  
Museu e Biblioteca Municipal.



Torre de Menagem ou da Porta Nova:  
Edificacao do seculo XV, convertida em  
andara comeca no seculo XVII. Classificada "Monumento  
Nacional" em 1926. Abriu-se ao publico (1946) em  
restaur., para instalacao de museus.

xxxx

dos, tomam os amadores de vedanças, certas investidas bastante enfastiosas, e, por vezes, tecem de pécaes incompletas por falta de elementos que andam assim dispersas.

Vimos transcorrer uma publicação da autoria do já citado Alade Antonio Pires, feita no final "do Lapim", nº. 11 - Ano IX, de 3 de Janeiro de 1906.

Fala-nos em especial do teatro em Barcelos. Depois da casa de espetáculos a que ali se refere, houve-se alguma das dependências da Casa da Câmara, que, mais tarde foi destinada a quartel de tropas; um sítio de Barba daí; n'uma casa antiga que se fez pertença de Augusto Bandeira e no Largo da Cadeia (hoje Sr. Pires), uma casa onde está instalada a Associação Barcelense.

Houve também no Campo da Feira por um tempo algumas barracas para espetáculos, até que a fôrça se decidiu a fazer a construção do actual "Teatro Municipal".

Passamos a ver o que nos disse o Alade Pires: "Chronica - Barcelos ha mais de 50 annos." "Teatro no Palacir dos Duques"

Uma vez mais a luz da publicidade o projecto de uma obra sobre as ruínas do palacir dos antigos duques e condes de Barcelos, no intuito de fazer perdurar aqui traços da nossa antiga nobreza, vem a público-se de modo como os velhos barcelenses e quasi todos do meu tempo, e dos seus filhos, ainda vivos se entrem de alguns vestígios grandiosos, em proof da civilização de Barcelos.

Levantou-se ali; ha tempos, uma colúnia de canthais de bom gosto, e todos de bons filhos legítimos da nossa terra, que meteram hombros a prezação em fazer da construção de um teatro, em Barcelos, obra que já nos animando lentamente, mas galhardamente animada, como a ouris caçador que vacillava de vapor e a fazer sob a direção de uma provisor de meses. Três annos compraram esse hon

prota os meus praticos, herdaram - no nobremente, em  
Barcelo nunca faltou pente que se queiasse o concelho  
de suas fozas para a empunhaçom da sua terra.

Hoje quem se atropu a pente de uma cruzada  
santa com arapem e com boa vontade, e o triumpho seu  
cristo.

Fazem o que velhos barcelunes fizeram ali puros anos  
de mil e setenta e cinco e trinta e oito ou trinta e nove, aprourei-  
tando-se das antigas ruinas dos paços dos duques  
de Barcelo, ali edificaram um teatro de uma comedia  
com umito hipico, mas bonita no interior, e de modo  
a satyza as empunhas da terra.

Lá foi unidas reges, ainda rapaz, grama o amant  
m. S. da 1.ª ordem; e assim os camarotes de 1.ª e 2.ª or-  
dem tinham assinauras certas e permanentes das me-  
lhores familias de Barcelo, havendo uma 3.ª ordem a que  
chamavam varandas, uma especie de galerias.

Devo registar os nomes dos principaes influentes  
e amadores dramaticos, que uniteram mãos a obra,  
e a sustentaram admiravelmente, até que veio a  
destruir pela empunhaçom de uns e pela morte de outros.

Eis os nomes dos amadores e influentes: - João Ber-  
nardino Rodrigues Pomado; João Joaquim Pereira;  
Manuel Vianna; André Joaquim Pereira; Santo J. de  
Serrada; João Evangelista de Lima; Domingos Car-  
reira da Silva; Julião J. de Silva, dama; Antonio  
da Silva Pinto, dama; Manuel Sandidade; J. de Maria  
da Costa Leite; João Luiz Correia Figueira, ensaiador; Da-  
vid de Barros da Silva Botelho, fronto; José Manuel  
Fomes, que não representava; José Bernardino Rodrigues  
Brasileiro, natural de Santa Leocadia do Tamy e que mora-  
va no Largo da Luz, onde está hoje um barbeiro. Este  
era tesoureiro da empunha; e quando se um  
heto dia com os amadores, foi-se um dia de especta-  
culo no paço de boa do procehir, arto-o a' sua



válha e mandou-o deitar ao rio, da frente a banha.  
 Repito este incidente porque também não deixou de ter a  
 sua parte!

A coisa esteve a chegar a abanar-se, porque a trouxa  
 veio, ao fim ou contaram, se parecia abstar com o que  
 vinha a fazer falta à empresa e aos amadores.

A primeira tentativa de prova e prova das reuniões, que  
 veio de leste a oeste e que se tornou para a oeste, não  
 sendo, ao fim então, mudaram, aproveitando tal qual  
 mente o era na construção do teatro que, por bastan-  
 tes anos ali se conservou.

A madeira da construção do teatro era de pinheiro,  
 que foi praticamente cedida, a cargo dos amadores e  
 influentes, por alguns proprietários da vila; e eis o  
 motivo porque, em breve tempo, o teatro desuiu.

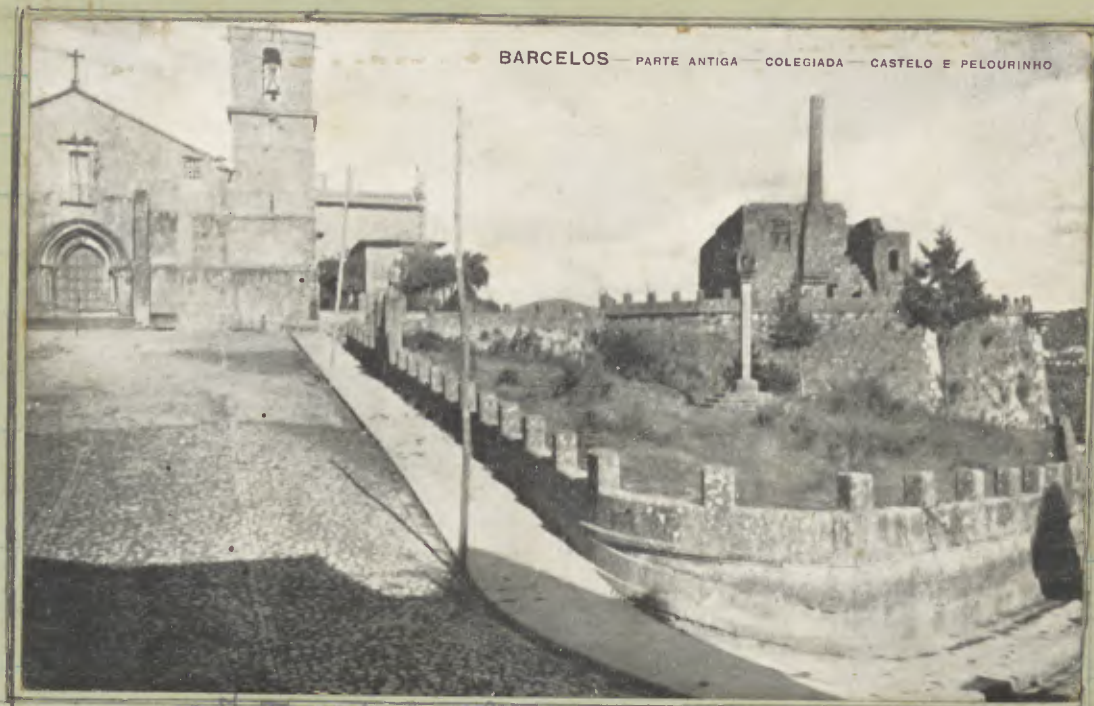
O cenário ainda foi aproveitado para uns teatri-  
 nhos que ali se improvisaram posteriormente em as  
 velhas casas do Juiz de Agueda, ao fim da  
 rua da Freixo (1), e ainda em um outro, o último  
 que ali houve, no edifício da Câmara, onde se acha  
 quartelado o 2.º Batalhão de Infantaria 2.º.

Se não foi aqui, atendendo às escassas do que  
 se modestíssimo pinheirais. (a) Archerbys -

Rua aqui - Francisco Gomes e Silva - (Publicação feita  
 no "A Barcelense" nº 1357, de 27 de Março de 1937).

(1) Hoje pertence da família Meneses Pinheiro. Palacete que  
 foi do "Barbador", Ernesto Gomes Pinheiro.

— Abaixo junto a uma Zircapua  
 uma das ruínas do Palácio dos duques condes de  
 Barcelos, mostrando - nos a face voltada para  
 a rua do Barbador onde esteve instalado o  
 teatro a que se refere o Abade António Paes,  
 sendo - se circundado de muros ameados, e as  
 ameias foram retiradas para, com elas, fazeram a  
 Freixo Velha, quando a restauraram desde 1927 a 1932.



Cast. Torre da Torre Nova

Resposta ao Sr. Tenente Francisco Cardoso e Silva

Li em o mt. passado deste Almanaco (O Barcelos n.º 1344 de 26 de Janeiro de 1935) o seu artigo sobre a Torre em Barcelos, e V... ao referir-se a Torre da Torre Nova (Cast. Velha), por amizade, me dá a palavra de proficiência julgando talvez por eu ser, por ai alguém, muito versado em assuntos de arte militar e um grande especialista, mas n'isso se enganou.

Eu apenas sou um curioso e apaixonado por vestígios relativos a nossa tão querida terra, Barcelos.

V... melhor poderia resolver o problema sobre o assunto de que trata.

Diz-me que "por o que ali se está praticando, reserva-se ao publico o direito de uma reprovagão formal."

Acto-the trata a razão e no sapendo direito publico, eu vou mostrar-the em como foi construído esse edifício restaurado.

Com nenhum criterio se estava um balcão de pedra (talvez para exporção de alguns casos de reprovagão) na porta que dá para o Largo de S. Lázaro.

O pavimento terreo interior vai sendo alterado  
indef.

A esquadra de madeira, que anteriormente dava  
impulso para a muralla sem observação da "cacha-  
rada" de pedra embutida na parede, destruiu-se.

As janelas estreitaram-se, etc.

Infeliz restauro, que está a parecer bem como o da  
matriz de Barcelos.

Chama V... a Torre da Porta Nova, Torre de Lina da  
Vila, - Torre do Alcaide, - Torre da Cadela e recentemente  
Torre de Menapem; pois diz-se que errou em duas destas  
designações - Torre do Alcaide e recentemente Torre de Me-  
napem?!...

Para ocupar meu espirito inquieto, desjivei pa-  
ra qual o motivo que o levou a assim proceder.

Nisto só me confuso e nada de harmonia.

Seu poderio tambem erisuma. Ia com o titulo de Torre  
de Barcelos, chamada Porta da Muralla, porque me  
baseava no Decreto n.º 454 de 19 de Fevereiro de 1836,  
que para a classificar de monumento nacional, tam-  
bem assim lhe chama.

Esse V... lhe chamasse Custede da Vila ou Torre de  
Porta Nova alguma razão tinha, porque esta designação  
se lhe dá em documentação do arquiv da nossa Camara.

Refiro-me ao instrumento de posse da Alcaidaria  
da Vila de Barcelos para Arturio Pais Viegas, cavaleiro da  
Ordem do Cristo, comendador de Santa Maria da Cuidade  
de sua Evoca e secretario de el-rei D. João IV, e Re-  
taurador.

Consulta V... o citado e dephrauel arquivado em  
prol, que no livro do seu Registro Geral do anno de  
1635 av de 1638, a folhas 4 verso, terá que ler: "Dobão  
quanto este instrumento de posse dada por virtude e authoridade de  
Justiça e em virtude da Carta do Duque nosso senhor visor, que no  
anno de Christo de 1638 aos 18 dias do mez de março do dito anno

nesta villa de Barcellos e fortaleza della que está nos muros da dita villa: onde chamão a porta nova que he o castello della, etc, etc...

A designação que he da Torre de Almeida, ignoro onde a foi buscar, e fico sem o perceber, sucedendo entre tanto com chamar - he "é recentemente Torre de Menagem".

"Esta fotografia mostra a Torre da Porta Nova já exteriormente restaurada, vendo-se a frente voltada para o Largo José Soares com a sua parte de porta em opivo que por dentro está tapada a pedra em forma de balcão como a ترى se diz no que se vem transcrevendo.

Já não se vêem as esquadras exteriores e a cage que tinha adstricta para o radiador do cano, bem como todas as grades que tapavam a liberdade dos reclusos que lá internavam."



Aparece ha um muy buena ficha na Torre da Porta Nova e n'ella se lê:

A. 1679. S. F.

E continua V. admirado.

"Tem sido tamanhos os embargos para se descobrir o que aqui se diz, que me parece tu sendo já reclamada a intervenção de alguma autoridade."

A Torre do Barroca (ou Barroca) e Torre da Cua de Vila, como primitivamente se chamava ao Largo da Porta Nova (veja-se o volume da...

quinze), Castelo da Vila ou Torre da Porta Nova e actual-  
 mente Ardeia Velha, foi construida no seculo XV por  
 mandado do 8.º Conde de Barcelos D. Álvaro, filho le-  
 gitimado do rei D. João I e de D. Inez Peres, que  
 morreu comendadeira de Santos, na Ordem de S. Tiago.

Quando ella se construiu, a semelhança de  
 outras torres da época, deixaram-na sem coriza e  
 rematada por annias de d'algua, que eram passas fin-  
 das.

Quem a examina como e; as suas paredes ele-  
 vavam-se na face do nascente, norte e poente,  
 até a altura que conservam, e a face do sul ou pos-  
 terior, somente até a altura da muralha, sendo de  
 aí para cima aberta.

Leu-se no Livro das Fortalezas do Duque  
 d'Aviz, na grandamaria da vila de Barcelos, vol.  
 in fol. em pergamino, do seculo XVI, existente  
 na Torre do Tombo, e, bem assim, se examina de  
 respectiva parede na parte superior da muralha  
 em a face voltada para o Largo José Novas, dipin-  
 da das outras três faces pelo seu corpo, e até se conhece  
 exteriormente na junta vertical que une a velha  
 a nova.



BARCELOS - Largo da Porta Nova

Esta fotografia mostra-nos a Torre da Porta Nova vista desde o lado do Largo da Vila Nova.

Para isso, não são precisos prazos.

Saindo António Pais Viagas para Lisboa, por ter sido designado secretário de D. João IV, aclamado, rei no 1.º de dezembro de 1640, e em acto sobre no dia 15 immediato, que era quem tinha obrigação de velar pela conservação da Torre de Barcellos, e ao seu efeito de alvará de mão da mesma vila, o Senado da Câmara, obtendo a respectiva licença da Casa de Bragança, mandou adaptar a Torre da Santa Torre para carcere publico, fazendo-se nela a escada de pedra exterior, e construído-se de outro lado, sobre a muralla e praça de pedra até eleva-la á altura dos outros, mas com menos espessura; e um arco em posto abolido no 1.º pavimento para receber a transpimento do 2.º converter em janela a abertura em festa existente sobre a porta de entrada na face do presente; substituíram-se as ameias de pedra que eram de pedras pedras, pelas actuaes que são em heleramento e fez-se a cornija em toda a torre.

E, finalmente, a Casa do Tomo Municipal, no Toyo, empregado por Maria Machado, irmã do inventador do morgado da Camomna, em S. Pedro de Alentejo, Francisco Machado Camomna, que sendo solteiro, mas com descendencia illegitima, chamou a successão d'elle, aquela mesma sua irmã, e por sua disposição, transferia depois a vinculo para seu sobrinho António Machado Camomna, filho de Luiz de Barros Machado, também sua irmã, que foi o 1.º administrador deste morgado.

A esposa de Maria Machado e sua irmã Estancia de Abreu Machado, obrigaram a este seu sobrinho António, entre outros papeis, o da Casa do Tomo Municipal, no Toyo, em Barcellos.

Apresento, pois, V... a explicitação resumida da inscriçãõ gravada na pedra que foi encontrada nos primeiros dias de dezembro do anno

pretérito a qual se prende e relaciona com a já dita transformação da Torre da Porta Nova.

Como não do imposto, e para o fim desejado, não precisava V... de ir consultar a cartomante misteriosa D. do Lavado, onde nada aprofundou.

Desmascarado, que não tem segs. - (2) Bento Artas da Cruz

("O Barcelense" n.º 1245 de 2 de Fevereiro de 1935.)



= x x x x =

Esta fotografia mostra-nos a porta que foi aberta na Torre da Porta Nova, substituindo uma larga janela da escorria da Cadeia Civil, a qual faz alusão a Dr. Martins Lima (a folha 93 deste manuscrito), cuja porta é a que ainda hoje serve de entrada para a mesma Torre e que a mesma altura, ainda Cadeia Civil, dava entrada para a Casa da guarda das forças militares que a tinham sob sua vigilância.

Nesta mesma fotografia ainda está a janela devidamente gradeada, do 1.º andar, que hoje está substituída por uma porta.

= x x x x =  
Torre da Porta Nova

"Dir. Oriente do semanário 'O Barcelense' - Paulo Lins. - Li ha dias um seu interessante jornal, n.º 1245 de 2 de Fevereiro, um artigo sob o título 'Torre da Porta Nova' artigo este em que se fazem varias referencias ao 'Machado Carmona e a sua casa do Aljovar', as quaes, não trazendo a menor luz para a data que

e articulista que confirmam, são meus escudos, como  
passaremos a ver.

Até hoje nenhum do-  
cumento aparece que di-  
za ser a casa do "Machado  
Carmona" aquela que em tempo  
passado foi do Sr. Municipal; e  
a afirmação dos meus antepas-



sado, segundo reza a tradição, em tempos recuados a  
velho Forno foi doado em usufructo, não e era certa-  
mente a casa que, desde pelo menos o anno de 1586 tem  
estado na posse da minha familia. As referencias, que  
neste livro contém a citada arte, são imprecizas e  
pouco claras, como vou passar a demonstrar e, até mes-  
mo erradas, porque:

1.ª - Já a 12 de Novembro de 1586 foi confirmado ao  
Machado Carmona, pelo D. Pedro P. Teófilo de Proença,  
o privilegio de não aboletar na sua casa de Vila Rica  
pessoa alguma contra sua vontade, nem mesmo que  
a villa viessem, o rei, a rainha ou os príncipes. (Copia  
orig. em meu archivo).

2.ª - D. Inacia Machado, irmã do instituidor  
do vínculo de Alvor, Francisco Machado Carmona, cav.  
da O. de C. e escriptor - proprietaria das cegas do  
juizado do Neiva, foi por elle nomeada, apenas  
usufructuaria do referido vínculo, em seu testamento  
de 6 de Maio de 1639 e, N.º Administrador e Morga-  
do, seu filho Antonio de Alvor ou Antonio Ma-  
chado Carmona, Cav. da O. de C. e filho de Thomaz  
e de Alvor Leitão e Spinhosa Inez de Barros Ma-  
chado; (Publicação prima no meu archivo). Ora Inacia  
Machado não empregou, que se saiba, a casa  
do Forno; o Corrento de Velar de Frades e que  
she empregou a ela umas cegas e quintal, sitas  
à rua da Caduê Velha, no Rio, por escritura de



13 de julho de 1624, casa esta que, se realmente era Torneo, não poderia de ter sido transferido, como a articularista quer, 50 e tantos anos depois! (Ove. no meu arquivo).

3.º - Porque, Maria Machado, não era irmã de Estácio de Abreu, mas sim sua tia, nada tendo legado seu dote, que se saiba, a seu sobrinho António.

4.º - Porque, quem viveu e morreu no Paradiso dos Carmoas, a casa de Apriw, não foi Maria Machado, mas sim Maria de Abreu, irmã do 1.º Adalberto Machado, por sua escritura em 10 de Outubro de 1669, com as mesmas cláusulas e obrigações do viúvo já existente e instituído por seu tio em 1639.

Esta mesma casa, já ao tempo ali residia o 1.º Paradiso (cópia no meu arquivo).

O velho Torneo municipal deve ter sido na rua de Cadeia Velha, provavelmente algum dos preços edificados do 4.º ou 5.º que os Carmoas possuíam aqui no local, talvez a casa que foi demolida à rua do Paiz para a dos Assumpção e Fonte de Paiziv e que se menciona numa escritura feita a 6 de Nov. de 1761 e trasladada do Reg. de Foid e Trays do Convento de Valm de Trados. (Ove. no meu arquivo).

Portanto das duas uma: - ou o Torneo municipal já estava transferido em 1624 e 1669 ou a actual casa dos Carmoas e a casa de Maria Machado em 1624 nunca foram cadeia.

E, já agora sendo directo, desde que não amôr a venda de e no interesse histórico das viduarias archiepiscopais de Barcelona tive de lhe demonstrar que as referencias aos Carmoas de então, longe de provar a transferência do Torneo em 1679 antes terminantemente a isso se opõem, pecunite - e me que me alargue com provas mais sobre outros pontos do actus já citados.

A mim vier, os "Documentos Nacionais" adoptam

do para a Torre, a denominação de "Torre de Menagem"  
apoiada com evidentes procedimentos e critérios, baseando-  
se, possivelmente no relato que se lê no Epist. Gual  
dos anos de 1635/38, onde se afirma que uma o  
alcáide tomou posse, portanto onde, implicita-  
mente, previu menagem ao Domatario, se é que  
de menagem a mãe baptisaram por ser a mãe por  
te e a mãe das torres da muralha.

Afirma-se-me isto bem mais racional e  
congruo do que chamar-se-lhe Torre do Barrão si-  
tando-se para apoiar de tal denominação o volume  
das "Inquirições" obra do século XVII, como se uma  
obra escrita 200 anos antes, alguma coisa tivesse de  
emum com uma justificação consistente e pouco du-  
plicitis.

Também não se compreende como é que pode  
inguir au o que tem de ver, com adaptações da  
Torre a encleia, em 1679 e ter retirado para a  
obra um alcáide ali por volta de 1640/45.

Mas ainda há mais. A inscrição que se dis-  
cutte, segundo se vi, não é a que a seu principal  
relata = A 1679 S.F., mas sim, A 1679 SE, e  
que demonstrá ser uma inscrição incompleta,  
tendo, a pedra onde se acha gravada, apun-  
do como enclivamento na parte superior da  
muralha, parecendo indicar assim, que não  
teria sido esse o seu lugar primitivo, podendo  
do mesmo admitir-se, ter vindo para ali,  
de qualquer outra denominação ao tempo feita e  
cuja pedra fosse aproveitada para obras na  
encleia.

Apoiado tem pois, senhor director de "O Barce-  
lense", ao que jáa reduzido, depois de bem dis-  
secado, o artigo "Torre da Porta Nova", e por sua  
verdade, nada prova e antes pelo contrario.



BARCELOS - Largo José Novais

Esta  
foto  
prezava  
mostra  
nos a  
partida  
Torre da  
Porta Nova  
voltada  
para o  
Largo

pel' transacção - se a torre padecida já era a Cadica e a casa destinada ao Carneiro com a  
creda extinta, o que tudo desapareceu devido ao restauro da Torre da Porta Nova.

nem haverá e embargar a história da Torre. Toda e qualquer  
maior história, onde tudo quanto se lhe putou, das justificações bem  
montadas, é necessário que se não faça de acimo lá, verificando-se  
a fim de alguns históricos, que com o assunto nada tem que ver e que discam em quem os  
é a pessoa e lamentável impressão de se só viram a complicar e confundir, quando, em  
tais relatos, toda a clareza, concisão e verdade é necessária e imprescindível. Aqui-me com  
toda a cordialidade (a) - Leopoldo Machado Camma - Barcelos - Casa do Afonso 18-2-1935.

N. N. - Agora, tem a palavra e nome heradeo celebrados inventados históricos, muito antes da  
Cruz - La Barcelos n.º 1248 de 23 de Fevereiro de 1935.

A Torre da Porta Nova - tit. Direito do semanário "O Barcelos" - levou  
antes do artigo sob o título "Torre da Porta Nova", publicado neste semanário n.º 1248, com  
pre - me diga - me que sustento e com que tudo quanto se escreveu, porque a verdade é pela  
verdade e a verdade Deus por sempre que se diga. O tit. Leopoldo Camma, actual  
possuidor da Casa do Afonso, desta cidade, quis demonstrar por todos os  
que esta era casa nunca foi Torre Municipal em antigas eras  
começando por assim fazer não! -

Até hoje nenhum documento aparece  
que diga ser a casa dos Machados Camma aquela que em  
antigos foi Torre Municipal, etc...

Tudo como está por o tit. Leopoldo  
Camma não recorrer de um modo consciencioso a seu

precioso arquivo, porque se rebuscasse bem, n'ela  
encontrava documentos a comprová-lo.

Das alegações que se viram para fundamentar  
uma ação jurídica sobre a venda da Carmoã  
em S. Pedro de Albit, apresentadas pelo advo-  
gado da vila de Barcelos, Francisco Xavier de  
Barbosa e datadas de 25 de Maio de 1827, con-  
sta o seguinte: "Antonio Machado Carmoã, casado com  
D. Amartacia do Amaral e Figueiredo, filho de Belchior de Faria e  
de sua mulher D. Catharina do Amaral, n.º 4, foi cavalleiro da Ordem  
de Christo e Senhor da grande casa de seus maiores, sita no rio de Aprove  
da Vila de Barcelos, que antigamente foi cadeia, ou carcere publico da  
mesma Vila", etc...

E assim como estes outros documentos devem  
aparecer no citado arquivo da casa Carmoã, pre-  
cisando porém de muita paciência para rebus-  
car, e nada mais.

Apna, José de Francisco Lampião, em  
seu artigo publicado na "Acção Social", n.º 109,  
de 15 de Agosto de 1925, referindo-se ao Largo do  
Aprove e aos três edificios historicos n'ela existentes  
(Casa do Condutor, Casa do Alcaide Barcelos e  
Casa do Tronco Municipal), diz: "Lembra-se a veragão  
carmoãna de aplicar n'estas reliquias de outros tempos umas lapidas  
rememorativas, ideia excelente acho já approvada.

Sendos largo pequeno e pequenos dois dos edificios, tambem reduzidas te-  
em de ser as inscrições nos tambores e nos digues; placas de ótimo promi-  
tão regional, letra antiga a metro gravada funda na pedra e para uns  
dos alfabéticos as creações do primoroso aquarelista Alberto de Souza"...

Os digues poderiam ser assim (trauseu, vi-  
mente da ultima casa, por serem d'ela que intres-  
sam a' questão):

"Esta casa foi o Tronco prição municipal antiga,  
até os annos de 1531-1538, passando depois para os Morga-  
dos da Carmoã."



"Esta fotografia mostra-nos a Casa Solar dos Carmoas onde foi instalada o Troco Municipal (cadeia comarcã) - que deu lugar a estabelecer a linha que temos vindo transcrever entre duas individualidades das praças, mas pretende mostrar nomeadamente, por documentos que digitar em seu poder, que a Casa-Solar dos seus antepassados nunca foi adaptada a Troco Municipal, e outra mais segura do seu perfil, pretende que a história de Barcelos seja clara e nunca falseada".

O mesmo J. Francisco Lampião, publicando em 1927 um livro, muito coradinho de resto, sob o título Barcelos resenha histórica - pitoresca - artística, a pag. 32, mais diz: "Das torres mantém-se robustamente de pé, imponente-se as partes, no campo alipia da antiga Barcelos, o Castelo, moradia do Alcaide-mór da nomeação do donatário, que no século XVII se passou a chamar Torre da Porta Nova e ali se instalou a cadeia comarcã por 1631-1636 quando se extinguiu o antigo Troco Municipal, situado no actual Largo do Afoio hoje moradia particular, por escritura de compra de 1 de Janeiro de 1669 e anexação ao vínculo da Carmoia instituído em 8 de Maio de 1639 por Francisco Machado Carmoia e em seus descendentes se conserva".

Além destes outros elementos se me ofereceram sobre o assunto, três copies de meu saudoso amigo e respeitável acadêmico Dr. Antunes Fraz e do meu também particular amigo ex. <sup>mo</sup> Sr. Theotónio da Fonseca, etc.

(Continuar) (a) Santa Antas da Cruz - (Publicação feita em

"O Barcelense" nº 1250 de 9 de Março de 1935.

— Torre da Porta Nova —

{ Continuação de nº 1250 }

Também do referido livro intitulado Barcelos resenha histórica, etc., da autoria de J. Francisco Lameiras, pag. 26, se infere o seguinte: — "No arquivo da Casa do Vinhal (Santaliciós) existe um instrumento de 3 de março da era de 1427 (a. D. 1389) pelo qual o Condestável fez doação em prazo, à sua boa e comadre Gracia Martins ama do futuro 1.º duque de Bragança, das casas que tinha em Barcelos repadas à cadeia e à vizinha nova, sendo o documento passado em Barcelos".

D'áqui em diante estudarei esta vizinha nova, pelo seguinte ponto de vista de a bem conhecer, para, emfim, a mim, e ao mundo, converter.

A rua do Popo e a rua da Cadeia Velha, eram no século XVII, duas estruturas e curtas vielas que ligavam a rua dos Mercadores (parte superior da rua de S. Francisco) à rua da Trapania (também parte superior da rua Visconde de Liria), e a rua dos Agulhas (parte inferior da rua de S. Francisco) à rua da Capitania (também parte inferior da rua Visconde de Liria), apenas separadas por duas moradas de casas que estavam arruinadas e pertenciam a Domingos Gonçalves e ambas essas ruas comunicavam da rua de Santa Maria, já então chamada da Misericórdia, junto da porta das armas do castelo por parte do 3.º batalhão do regimento de infantaria n.º 8 onde ainda se conserva, para memória, uma cruz de pedra, embutida na parede, que visivelmente se conhece, embora coberta pelo reboco, — com a rua da Porta do Vale, em direcção às casas do Empado de D. Tarjã (Barreira) e para o bairro da Madalena (Campo de S. Joré).

Na esquina da rua de Santa Maria em Misericórdia, e entre a dos Mercadores e a dos Agulhas

ficava a alpendre das fangas do coruchão, que se  
 pinto a casa do Ondestanel e se hoje moradia de  
 José Lopes Germano; e do lado oposto, entre a rua da  
 Espanha e a da Capatacia, também na esquina,  
 ficava a casa do Alferes Barcelense, que ainda exis-  
 te.

Essas moradas de casas puz, como foi dito, ficavam  
 no centro do largo do Arrivo e pertenciam a Domingos  
 Gonçalves, a Câmara as comprou e mandava infra-  
 puzar, isto se vê da acta da sua sessão de 8  
 de julho de 1631, por esta forma: "Casas que ao Povo  
estão calhadas e derrubadas"....

Substituindo-se os velhos pradiços puz e infra-  
 puz ainda existente no dito largo, a mesma Câmara,  
 em sua sessão de 2 de Janeiro de 1632, lan-  
 çou no livro de actas, o seguinte acórdão:

"O juiz de foy e vereadores declararão ter feito petição a Sua  
 Magestade para lhe passar foyta de 200:000 reis para a fonte da Porta  
 Nova e chafiz da praça desta villa e casas que comprarão no  
Povo, aonde assenta a fonte da obrigação do mestre pedreiro João  
 Lopes, e Sua Magestade mandou passar provisão para a Trovedor  
da Câmara informar".

(Continua) - (2) Bento antes da leuz. { Publicação feita em  
 "O Barcelense" nº 1251 de 15 de março de 1935 }.

— x x x —  
 — Fonte da Porta Nova —

(continua de nº 1251)

De exposto se vê que a Fonte Municipal, a antiga  
 cadia no cárcere publico da villa de Barcel, não  
 era na Casa que foi demolida a rua do Povo  
para a dos Acoupos e Fonte de Paixo, não!...

As casas vendidas a Câmara puz Domingos  
Gonçalves e puz ella expropuzou, ficavam  
 no centro do actual largo do Arrivo, onde assen-  
 ta a chafiz da fonte da obrigação do mestre

pedreiro João Lopes.

(Arquivo da Casa Carmona, fl. 152 verso).

Vou bater à porta dessa vizinhança nova, da rua da Cadeia Velha, que é a casa que o sr. Leopoldo Carmora hoje possui no lugar do Aguiar pegado aquela que outramente foi a Torre Municipal, porque em ser a Cadeia essa moradia particular, não deslustra nem dishonra a nobre família de Barcelos, ilustre por tantos títulos, e que no século XVII, distinguiram eminentemente nos serviços da casa de Bragança, antes e depois da revolução de 1640.

Desta família, uma das mais nobres de Barcelos, por colheção de documentos do arquivo da Casa Carmora, eu fiz uma sinopse cronológica, que a seguir devesi publicar, para que se saiba do quanto, na nossa linda cidade, ela é e sempre foi respeitada.

A propósito, tem aqui calhamento, para distinguir homens e feitos, a que vou transcrever do mosteiro grande de Padre António Vieira, em seus Sermões:

"Quando as mercês são prova de ser homens, senão de ter homens; e quando não significam valor, senão valia, nunca injúria se faz a quem se não fazem. Dizia com verdadeiro juízo Marco Tullio, que as mercês dadas a indignos, não honram os homens, afrontam as honras. E assim é: As comendas em semelhantes peitos, não são cruz, são aspa, e quando se vêem santos ensambentados de honras, bem vos podeis honrar de não ser um d'elles".

Mas, voltando ás casas que a Condestável D. Inês de Sousa Pereira tinha em Barcelos pegado à cadeia e à vizinhança nova, as oratórias esclarecem:

Que a Padre Vasco Gonçalves, natural de Barcelos e da nobre família dos Tias-Bras, que foi creado do 1.º duque de Bragança D. Afonso, filho bastardo d'el-rei D. João I, chantre de sua capela e embaixador seu valido, d'ela foi senhor, e n'ela habitou, quando se mudou



e morador n' esta villa de Barcelo.

Tendo certo deparado com a mesma supuz, se re-  
colheu ao convento de Vila de S. Paulo, do Conreg. Republica  
de S. Paulo Evangelista depois chamados Leis, onde tu-  
mon a habito, obrando a favor da ordem do convento,  
trabalho os seus hauees entre os quaes se contava a sua  
casa de Barcelo, chamada casa nova, por ser de  
recente constroçao, n' esta epoca.

Este Padre por ser de virtuosa famia na Ordem dos  
Leis pela excellencia de suas virtudes, especialmente  
na virtude da caridade e zelo da pobreza, obteve n' ella  
algumas prelacias e acabou santamente sendo reitor  
da mesma casa de Vila de S. Paulo, no anno de 1450.

Seis apri a origem, a breue traça, da casa visi-  
nha nova fundada a' sadica, com seu quintal e entre  
ella e a do Condestavel D. Fructo Aluarez Pereira, e' que  
ele, no emprego de um, em vida de tres pessoas, fez  
dragão a Gracia Fraziz (Martins), mulher de  
Esteuam Anes de Pomba, por alcaide e Portolita, ou  
Preg. de Barcelo e tambem seu compranhio de ar-  
mas e parente.

(Continua) (2) Fonte Artes da Cruz  
{ Publicação feita em "O Barcelense" nº. 1252 de 23 de Março de 1935 }

— x x x —  
Referentemente a este assumto publicou-se a seguinte:

-Carta-

... Sr. Director de "O Barcelense" - Barcelo

Sr. - A seu collaborador historico anda em verdade  
na maré de inghuidades. Se da primeira vez vim a sua  
prezença, para corrigir em documentos, mais interpreta-  
ções e erros, volte apara por unica e exclusiva culpa  
d'ele, para o desmentir nas afirmações meuzs verdadei-  
ras que teve a leviandade de lançar a publicidade.

O celebre documento" de Francisco Xavier de Barbizo,  
datado de 25 de Maio de 1827 e a que o seu artien

lista se refere, em ar de victoria, no N.º 1250 de "O Paes  
alumi"; p.º; ha anos, confiado a mestre Francisco Car-  
mõna, a pedidos deste e por este permitida a copia ao  
seu collaborador historico.

Trata-se trata porcia de um documento, p.º  
o não é; assim como é redondamente falso afirmar  
que tenha servido para qualquer acto juridico, so-  
bre o vinculo da Carmõna, nem poderia servir, pe-  
la simples razão de nada ter que ver com os Cas-  
mõnas.

Não é mais que uma vulgar conjectura,  
dada "de cegueira" e por escrito, pelo Sr. Xavier de  
Barbosa, para demonstrar, que a Senhora D.ª Dona In-  
na Arriscado de Lencida se encontrava no direito de  
revindicar a posse e administração do Vinculo, Alouca  
e Padroado de Funchal, e que, não poderia reverter  
a favor da Leãoia, a quando do fallecimento da sua  
administradora D.ª Francisca Correa de Lencida, Con-  
deza de Cavaleiros, visto achar-se a primiza, em  
7.º grau de consanguinidade com esta ultima.

Quanto ás alheias que no mesmo escrito se  
faz aos Carmõnas, sem se ter somente para demonstrar  
a ascendencia e a genealogia materna da Condessa  
de Cavaleiros e a seu parentesco, por esta linha,  
com a immediata successora; tal relato genealogico  
pouca até por varios disparates e erros, seria imper-  
doavel n.º um trabalho sério, mormente, vivendo e  
reputado advogado em Parciob e havendo ao tempo, na  
vila um historiador dos mais illustes do paiz, como  
o era Felizardo Gago, a cujos vastos conhecimentos  
seria facil recorrer para a obter exacta.

Mas... admitamos agora e por momentos, que  
se dê por bom e com valor documental o referido escri-  
to; porque razão não quiz o seu attribuido transcre-  
ver tambem o periodo referente a João Trachado?!!

É que não lhe não se viu de primeira, pois  
 terá que dizer: = "o primeiro que se estabeleceu na dita vila (é erro,  
 não foi o primeiro) e Grande Casa de Barcelos" e que sobrevive  
 na as ruínas anteriores e ruínas documentadas, e que  
 se não destruir e avariar o edifício que se tinha em vista,  
 pois que, João Machado ou J. M. Carneira nasceu em  
 1548 (Tome do Tombo - "Habitações", M. I. de Offensas - D. S.)

A ruína em questão, era desviana a alteração do que  
 há, das tradições que tão levemente no seu pri-  
 meiro artigo atiram as colunas do templo.

Ainda agora me lembro, no último número, no  
 fazer a transcrição do documento do Arch. da Casa da  
 Visitação, dada J. Manoel Loureiro a pag. 28 da Res-  
 olução Histórica de Barcelos, não heita em carrega-  
 com um acerto a mais na frase "prezados a cada  
 e a vizinha nova", o que, parecendo sem importan-  
 cia, tem muita, visto transgredir a ordem de duas  
 casas n'uma só.

De tudo isto se vê que, se a seu colaborador  
 histórico não falta acuriosamente a realidade, para  
 menos a si próprio e publicamente, atestado de inco-  
 petência, demonstrando não ter sabido interpretar nem  
 mesmo ler os documentos e escritos referidos.

Escrever a história não é para qualquer, para  
 a fazer com competência, é preciso mais, muito mais  
 do que fazer buscas em arquivos e tomos; quem a fizer tem  
 de possuir qualidades pouco vulgares e antes de tudo, se  
 heu ler.

Com a maior consideração - Att. Sr.<sup>o</sup> e Sr.<sup>ta</sup>  
 (a) Leopoldo Manoel Carneira - Barcelos 20 de Março de 1935.  
 (Publicação feita em "O Barcelense" n.º 1253 de 30 de Março de 1935).

x x x  
 — Torre da Porta Nova —

(Continuação do n.º 1252)

A' falta da edificação que serviu antepamente de Torres.

Municipal ou carcere publico da villa de Barcelo, vinda  
dar um passeio pelo largo do Alvariz e suas im-  
dições, a rúa se a encontra e onde elle se fia.

Estou no sembo XVI.

Do arrabalde de Barcelinhos, da freguesia de Santo Andre  
de Marçães, atravessa a rúa Avado, e pela frente me-  
dieval com parapeitos de pedra amaciados, muito estre-  
ita, mette por baixo da torre do palacio dos duques  
de Bragança e tambem condes de Barcelo, por um  
arco ogival que tem voltado para a mesma frente  
e para o sul, entrando por elle a estrada que  
conduz á cidade do Porto.

Este sumptuoso palacio, ainda completo,  
exhibe - em todo a vista a sua elegancia e de-  
cida frontaria, toda de siltão, assente sobre  
pedra, excedendo a 150 palmos de altura, duas  
varandas de pedra sobre a frente e com janelas  
para os quatro ventos.

Em baixo, de nivel com o pavimento lizo  
da frente, esta a porta de Santa Mónica, de  
uma só bica e com seu tampo finto.

Dois arcos tambem ogivales: um pa-  
ra a frente e que dá para a Rua do Travenço  
(Duque de Bragança), e outro para a nascente  
e que dá para a Rua dos Pelames (Faria Bar-  
bosa), onde habita o pessoal empregado no  
negocio de cordovão e costume de couros e peles,  
adquirindo d'ahi seu nome.

Estes tres arcos ou portas tem de presso nas  
paredes treze palmos e de largura catorze.

Subo pela Rua da Picota (parte in-  
ferior da Rua de S. Paulo D. Henrique) que acaba  
na Praça assim chamada (Largo da Cama-  
ra), onde se ergue o presbiterio, tendo á mi-  
nha direita a Rua dos Carvalhos e á esquerda

de arvores desta especie, ao norte da qual fica o almoxarav (cemiterio dos judeus).

Encontro abertas as ruas do Bairro dos Judeus ou Cimema da Judicaria, uma na extremidade norte e outra na do sul desta rua ou bairro, que ambas se abrem e fecham ao tempo do sino da oração Aré-Fraias, pela manhã e ao fim da tarde.

Os judeus são mercantes, negociantes, carniceiros, etc, e outros empregos, pagando a signa-judeica, tributo de 30 dinheiros por cabeça, de vido a terem vendido a Cristo por igual quantia; e o parceiro do morgado de Aborim (Parabolas) tributo de um marco de prata por cada filho varão que d'elles nasceste, privilegio confirmado por D. João II quando foi hospede de deste morgado, em jornada pelo reino.

Na Cimema da Judicaria ha a sinagoga (templo onde o seu rabino expoa as lições dos Livros de Moyses, ficando por alturas das trazeiras do Sento S. Vicente).

Deixado o bairro da Judicaria viro a Rua dos Mercadores (S. Francisco) desendo por ella e ahi se toma nome por ali existirem lojas de capulinas e fangueiros expostos as portas espezinhadas do genero mercantil que expozam.

Nesta rua fica a capella de S. Francisco de Assis que fundara Fernão Anes da Costa, seu tio do duque de Bragança D. Fernando I.

A mesma Rua dos Mercadores e a Rua da Traparia, (Viseconde de Liria), são paralelas e ambas chegam ate a embocadura do bairro dos judeus e começo da Rua Direita (D. Antonio Barrow).

Na Rua da Traparia ha tambem estabelecimento de fangueiros e mercadores que vendem

paços e outros terrenos (traparia) de que deriva a designação.

É situada na Rua da Traparia a Hospedaria dos Religiosos de S. Francisco de São Paulo para seu reparo na vila de Barcelos (casas demolidas no presente século pelo Sr. Fr. Ferreira Leites e que ele comprou a Teotónio Lopes Monteiro, de Aveiro).

Acres da dotação do morgado e capela de S. Francisco da Rua dos Mercadores, feita por Luiz Anes da Costa, irmão do fundador da mesma capela Simão Anes da Costa, em suas cláusulas, obriga ao seguinte:

"Se os bens da dita capela, anualmente, se possessem em arca da capela quatrocentos mil reis, os quais fossem distribuídos pelos frades de S. Francisco da observância, que viessem pousar a hospedaria da dita capela e se lhes daria para a primeira ceia dez reis para pão e vinho, e se fossem mais de dois, se lhes daria segunda esmola. Se a estes dois ditos bens se possessem mais casas da dita capela duas camaras para sempre para os ditos frades, e tudo o mais necessario para serem bem hospedados. Que sob pena de sua honra os ditos administradores não consentissem, que nestra alguma se apresentasse na dita casa da hospedaria, nem que dormisse nas camaras, não sendo frade de S. Francisco da observância."

Embocando na Rua da Traparia, para a dos Mercadores, está o assento ou banco de pedras que dá o nome a Rua do Poço, encostado a casa e a todo o comprimento d'ela, que hoje possui o edifício Sr. Fr. de Pessa e Meneses e que foi demolido por Atanásio de Souza Pereira Lima, em 1841.

Separado desta rua, apenas por algumas das antigas muradas de casas que se erguem no centro do largo do Azeite, como já disse, aparece a Rua da Cadeia Velha que o nome adquirira do edifício do Tribunal Municipal Cadeia ou carcere publico da vila de Barcelos, casa que foi a habitação o ultimo.

insignias da Camara, de saudosa memoria, Frei  
Frachado Carmora Sallir de Mendonça.

Embora se diga agora que não, e talvez de  
então, haviem esta sua primeira edificação da cadeia n'ela  
existente, que é hoje a moradia do sr. Leopoldo  
Carmora, no dito largo do Azeite.

Como se depreende, todas as ruas e largos,  
eram batizados pelo seu nome, de modo a  
que a singular, n'aqueles tempos idos.

Os intrusos com a sua adulação trêz dituro  
pau e, assim astuciosamente, prejudicaram a ver-  
dadeira historia desta nossa querida terra e da nossa  
tão linda cidade.

(Continua) (a) Entre Asas da Cruz.  
{Publicação feita em "O Paraluze" nº 1253 de 30 de Março de 1935}.

— x x x —  
— Torre da Porta Nova —  
(Continuação do nº 1253)

Da casa anexada ao insgnias da Camara no actual  
largo do Azeite, arredou-se a cadeia ou car-  
cere publico para a Torre da Cima de Vila, já então  
começada a chamar-se Torre da Porta Nova.

Sob a administração, segundo o meu saudoso a-  
migo e respeitavel acadêmico, Sr. Antonio Ferraz,  
espectou-se de 1631 a 1636, cuja a primatária  
me deixou na duvida, embora da autoria de  
um grande mestre e consciencioso investigador  
historico, como ele era.

E a razão é simples e clara:

Dois annos depois, isto é, em 18 de Março de 1638  
na Torre da Porta Nova se apresentava do lugar de  
alcaide-mór da villa de Paracatu, Antonio Paes Viegas  
(Registro Geral da Camara, de 1635 a 1638, fl. 42v.)  
tendo sido desprochado pelo duque D. João II, de Bra-  
ganza, e como donatario da terra lhe prestara me-

naquem em Vila Viçosa, onde a mesma duquesa resi-  
dia, praxe e velha costume do nomeado ir em  
pessoa a presença do senhor render-lhe tributo e  
jurar obediência e fidelidade, guardando a sua  
fortaleza com o risco da própria vida em casos de  
apertado sitio e tempo.

A donataria entregava então as chaves do cas-  
telo ao seu vassallo e lhe fazia d'ela paz e muni-  
cipio, esperando bom serviço no desempenho do cargo.

Antonio de Vilas-Bras e Sampayr na sua  
Nobiliarchia Portuguesa, 1787, a pag. 128, diz:—

"Tanto que o Alcaide omir tem a onere do Officio, he obrigado  
a fazer homenagem, na forma que se contém no livro das honerra-  
ças que está em poder do Escrivão da Jurisdicção, antes que tome posse  
do Castello, a qual lhe ha de dar um porteiro da onaga, e entre as mãos,  
perante hum Tabelião que lhe passara instrumento publico de como a to-  
mou. Ao porteiro ha de dar o Alcaide omir o que lhe parecer com tanto  
que não seja menos de dez cruzados".

Primitivamente a juramento de fidelidade  
era prestado no palacio dos Condes de Bragança  
e depois de Barcellos, n'esta villa, mas depois que  
eles passaram para Vila Viçosa, até o anno de 1640  
foi sempre ali prestado esse juramento e a respeito  
na mençam ao mesmo duquesa. (A)

(A) De 1483 a 1496 essa homenagem se fizera em Lisboa  
a D. João II, depois que o mesmo rei confiscara bens e titulos  
a Casa de Bragança e anescaia- os a corôa real, privando bo-  
jo do cargo de alcaide- omir de Barcellos, a que era da sua  
nomeação.

Falecendo D. João e succedendo-lhe seu primo D.  
Manuel I, recobren de Castela a familia Bragança exi-  
lada e, então, generosamente, tudo lhe foi restituído por  
este monarca.



Por isso e' trapalhice historica chamar-se-lhe Torre do Alcaide ou de Menagem (a designação ultima propriavel e oficialmente prejudica), como quem foi de Marcos Sampair, Da Associação dos Arqueólogos e Delegado dos Monumentos Nacionais (Polticias de Barcelos, n.º 140 de 28 de Fevereiro de 1935).

Torre do Alcaide e' tambem muito dispareta, porque esta designação, assim mesmo, não foi wa que eles aí morassem, nem os primeiros senhores da nomeação do duque D. Afonso e seu filho D. Fernando I, ni' em periodo aproximado de 60 anos, pois que este ultimo duque faleceu no 1.º de Abril de 1478, em Vila Viçosa.

Sicando o palacio dos condes-duques (Torres) destruido, passaram os alcaides-mores a viver ali e onde fixaram a residencia, como governadores da vila, e representantes dos donatarios, havendo para isso o seu consentimento.

A alcaidania - mor de Barcelos andou por algum tempo na nobre familia Durheim toda vida, e a seguir familia fy parte do prumo da mesma vila, com os officios da Camara.

E' impendavel tambem este erro cometido pela ignorancia, chamando-se Torre do Alcaide, como disse o mesmo José de Marcos Sampair, Da Associação dos Arqueólogos (Polticias de Barcelos, n.º 141 de 7 de Março de 1935).

O seu verdadeiro nome foi de Torre de Cima de Vila, que he o castello d'ella, ate aos principios do seculo XVII e, de ai em diante, Torre da Costa Nova.  
(Constina) (2) Pointe Antas da Cruz

— Sinopse cronologica dos factos do carcere publico da antiga vila de Barcelos, conforme as actas da Camara: —

A Torre da cadeia velha de hoje, nos

principios do século XVIII, chamava-se-lhe o Castello - Sessão de 4 de Janeiro de 1683 e Repetto Geral, em 18 de Março de 1688;

- Prohibidas tomadas sobre o proveimento de carnes para os presos da cadeia - Sessão de 21 de Agosto de 1682;

- Declarando que o antigo edificio do Tronco foy mudo e no carcere publico, era situado na rua da Cadeia velha, ao Poço - Casa Carmona - Sessão de 27 de Maio de 1684 e de 29 de Dezembro de 1696;

- Obras que se mandaram fazer na cadeia, em tão Torre da Porta Nova - Sessão de 20 de Agosto de 1779;

- Delibera-se construir um novo edificio para carcere publico - Sessão de 17 de Janeiro de 1857;

- Representação feita a Sua Magestade para authorizar a demolir a Torre da Porta Nova, onde esta instalada a cadeia - Sessão de 3 de Março de 1860;

- Conflicto entre a Camara e o Juiz de direito a propósito da nomeação do carcereiro - Sessão de 28 de Setembro de 1835; e

- Representação do Juiz de direito para a construção do edificio de uma nova cadeia - Sessão de 10 de Novembro de 1877.

(Vide pag. 61 do 4.º Volume)

— x x x —  
Torre da Porta Nova

(continuação do nº 1257)

Vou concluir este assumto que julgo devidamente emittido.

Apareceu uma pedra de fenda por alturas do primitivo pavimento da Cadeia Velha, como agora se lhe chama, em principios de mez de Dezembro de 1884, e que foi encontrada pelo pedreiro Sr. Patricio da Luz, Branco, o "Furgado" da freguesia de S. Tiago, quando do rompia a parede do lado do, e do outro extremo.

edifício, onde se lê:

A. 1679. S. F.

A pedra aparece metida no enclivente da parede da cadeia e não na muralha, como se viu a articulista frei de Manoel Lampião para armar ao epíteto e para certos epítetos da topografia, escrevendo, em "A Notícias de Barcelos," de 28 de Fevereiro de 1925, o seguinte:

"A mesma ordem de apreciação provoca a pretendida desfiguração da pedra epigrafada ha pouco encontrada como enclivamento na muralha de Barcelos junto a Torre. O que lá está, em capitais romanas muito grosseiras, talvez simples lembrança de alvarél, é na verdade, A. 1679. S. E. e a falta de ponto entre as ultimas letras exclue a possibilidade dessas serem abreviaturas por iniciaes. É uma pedra de pedra, a inscrição incompleta, o local de origem desconhecido, a certeza de alusão a obras da Torre pouco segura."

Logo que cheguei ao meu estabelecimento na noite seguinte, fui ver a pedra, acompanhado de pessoas da categoria, e impressei-me com a prescrição que a eu encontrou, apud Sr. Barbosa e com a minha oit. Sr. Manuel Pinheiro, que ambos me disseram ter ela aparecido no enclivamento da parede da cadeia, do que fizerei bem ciente.

A inscrição, como vimos, está completa e tem o ponto entre as ultimas letras e no final delas, sendo tambem a ultima letra um F e não um E, vindo a dizer que no ano de 1679 se fez a figura.

Tanto de a articulista apregoar que a letra é um E e não um F, só vem deturpar a historia da nossa terra que não é a sua, julgando talvez que fôrta braços a seu lado praças, esportes ardentes para bandeiras, inscrições erradas para a Enciclopedia de Nossa Senhora da

Ponte, para as Torres e para o Monumento dos  
Mortos da Grande Guerra, o que tudo se prevê não  
ser local.

O articulista em si propôs encontrar um  
loco, quando descreveu as inscrições da abobada  
da Capela-mor da matriz de Barcelos, onde mos-  
trou haver ali abreviaturas, como se dá agora na  
pedra da cadeia e não haver iniciais de nome  
em lembrança de abanel.

Na matriz descreveu as inscrições com precisão  
a... e nada mais.

Mas como foi essa pedra ali parar?

A hipótese a considerar-me a ser, a falta de do-  
cumentos, que a fundação da cadeia da Casa Car-  
mona, no Aljube, se fizera no último quartel  
do século XVII e depois da conclusão das obras  
na Torre de Cima de Vila, fechando-a sobre a  
muralla, onde meteram essa pedra, vindo de  
outra parte desconhecida.

Para remate desta minha palestra, in-  
voco a memória do bom amigo Aluísio Qui-  
te, perguntando-lhe se tem a pedra fechada,  
porque eu, agora, já fechei o protótipo.

Barcelos, 21 de Maio de 1935

(a) Bento Artas da Cruz

Um tempo: - O caso é apenas isto: - a chamada ca-  
sa Carmona é constituída por dois edifícios justapostos,  
a da frente apenas do século XVII-XVIII.

Prova documental - até agora por estudar - a ser que  
- a dita parede - mostram que a dupla casa dos Car-  
monas não pôde ter sido um carcere público, o  
Torre barcelense antigo.

Jose de Manóel Sampayo, da "Associação dos Arqueolo-  
gos - "Iniciais de Barcelos", vol. 143 de 24 de Maio de 1935.

Uma pergunta semita fácil de resposta: "A chamada casa Carandua é constituída por dois edifícios justapostos, e da frente apenas do século XVIII".

Como se vê abaixo - ou a seguir na rectificação é Mas por onde entravam os fiéis?

Seria pelas trazeiras ou pelo telhado, se a casa Carandua fora constituída na frente?...

— Igrejas e Capelas da cidade de Barcelos e outras que pertenceriam à antiga vila —

— Igreja Matriz — "Vide pag. 22 deste Volume!"



Egreja Matriz ou da Colégiada (Santa Maria Maior)

— Igreja Matriz —  
Era assim a sua construção exteriormente (fachada principal - frente).

Deu virtude das obras que principiaram em 1927, para o seu restauro, queriam que se ficasse as suas características originais. — x x —





LARGO DO MUNICIPIO

tra assim a sua cons-  
trução com fonte para o  
Largo da Câmara.

Em virtude do seu restau-  
rado isto desapareceu.

Na presente fotografia mostra-  
nos não só o que lhe desapare-  
ceu, como o da igreja - igreja e  
algumas casas que foram feitas  
no Largo, pertenciam à antiga

"Rua da Misericórdia", que recentemente se denominava Rua do Visconde de S. J. J. J.  
e vulgarmente conhecida pela Rua do Armatil, por ali estar quantalado o Batelão.



Foto  
Galeano  
PORTO



BARCELOS - Igreja Matriz

Depois de se ter posto em obra e se terem acertado as opiniões de  
diversos engenheiros sobre o devido e conveniente restau-  
ro do templo, deliberou-se  
despachar o que estava feito e que ficasse assim, tal qual se vê na foto acima.

— De facto esta igreja ficou, na sua restauração, unida  
tas e unidas obras que mais tarde tiveram de se pôr de  
parte, não deixando contudo de se ter posto unidas com  
to de seis que podiam ser aproveitadas nas obras de restau-  
ro que mais tarde resolveram fazer com carácter defi-  
nitivo. Das cinco prumarias que atingiu se engrandecer, a uni-  
ção por um, na verdade, todas as obras do restau-  
ro fizeram a fazer "à la diable".



BARCELLOS — Portico da Igreja Matriz (antiga Collegiada)

Assim as obras que,  
 em virtude do restau-  
 ro da Igreja Matriz, alte-  
 raram a sua fachada  
 da principal - (entran-  
 da principal) foram  
 alteradas as suas es-  
 cadras de entrada, que  
 foram em semi-círculo,  
 constituindo uma longa  
 portanua, ficando em  
 de cima estabos em li-  
 nha recta, ficando o  
 portico reduzidissimo  
 a pequenas proporções.  
 Este portico foi, talvez,  
 a ruina assim que não  
 se viu qualq'ue alteração.

A erecção da Matriz em Colegiada foi alterada  
 em 1464 e confirmada pelo Papa Paulo II em 1474.

A igreja Matriz foi restaurada em 1903 (piz) e o altar  
 foi adicionado ao mestre sacristão Manuel Rodrigues da  
 Cruz Lima, conhecido por "Manuel Russo".

Sendo nomes desta localidade o P. Joaquim Gaidal  
 foi a Matriz restaurada, sendo grandes modificações  
 feitas que foi alterada a sua fachada principal, as sa-  
 las interiores, destruição de duas lindíssimas torres, levantando  
 o de agulhas, demolição de dois pulpitos que tinham vis-  
 ta na nave central cobrindo nos pilares que dividiam  
 os primeiros arcos das sepulchros a contra da Capela - Foi fe-  
 ra a porta de entrada principal.

Estas obras principiaram no dia 1 de Agosto de 1907.  
 Na torre dos sinos também foi abeto um portico.

com ameias. As portas que foram abertas na igreja, bem como a sacristia, foram revestidas de vitrais que se compararam a expensas particulares, bem como a custos das diferentes e grandes obras aqui realizadas, as quais, por último, o Estado também principiou a compartilhar. A igreja abriu na torre dos sinos, foi mandada tapar ficando a torre como se encontrava primitivamente, por ordem da Direcção dos Monumentos e Belas Artes, no fim de 1933.

Em 1939 foi esta igreja toda lapidada com a pedra que constituia toda a parte amuada do Palácio dos Condes D. Pêgas e jardim anexo, bem como a pedra de um lance de cinco escadas e um patco de igual dimensão ora existentes e ainda uma fenda de sustentação que elevava a altura tanto as faces laterais de todo o escaדרio da estatua a D. Astorino Barroso (releuio de 1939), e foi enviada para a imprensa local, pois se chegou a desmoronar o contacto de se deslizar todo o escaדרio desta estatua.

"Esta fotografia mostra-nos uma das naves da Igreja Matriz, foi restaurada inicialmente, sendo-se criticadamente dois altares omitidos na parede, o 1.º a contar da esquerda o dos Reis Magos e o 2.º o do S. J. Coração de Jesus.

Por cima vêem-se duas lindíssimas portas, já com vitrais, que lhe foram abertas em consequência das obras de restauração a que a submetteram."



Foto  
Belera  
PORTO

BARCELOS - Uma das Naves da Igreja Matriz





A esquadra a Igreja Matriz, tal qual se a ante do restano que proficientemente a supstaram.  
 Do lado dela a parti adjacente ao Tabaco dos Andes Dupes aonde esta o Relunha, em tempo que tudo estava abandonado.



BARCELOS - Igreja Matriz

3

Em cima a Igreja Matriz com duas de restano que tiveram de ser despitos por se reconhecer que não correspondiam a verdade ou d'ela se deviam a proximidade.

xxx  
 At lado a Igreja Matriz com as suas despitos e aonde se encontra o Relunha.



Foto de Lisboa PORTO



BARCELOS - Igreja Matriz

Capela de Santa

— x x x —  
Ao lado di-  
reito esta in-  
cruzação mos-  
tra-nos a  
Capela - Mir-  
lón e seu altar  
retornado, em  
pedra cuja ben-  
ção inaugural  
teve lugar em  
unidade sobri-  
dade em 29  
de Março de  
1937.

— x x —



— x x x —



Tem ainda uma fase das obras de restauração da fachada da Igreja de Santa Maria do Castelo.

= Barcelos, era uma abadia, o seu paço intitulava-se Abade de Santa Maria Maior de Barcelos, denominando-se assim ainda



nos primeiros tempos desta igreja ser elevada a Colegiada; passou, porém, mais tarde a ser governada pelo Prior da mesma Colegiada, e a ser usado neste serviço pelo Conego Luis até 1859 e d'ali em diante pelos seus beneficiados até 1 de Dezembro d'ali em diante pelos seus beneficiados, digo Dezembro de 1869, data em que por lei foi suprimida a Colegiada.

De facto, porém, esta foi terminou em 1915 com a morte do seu ultimo conego, o Sr. José de Amorim Vieira Leite.

— x x —  
A Igreja Matriz communicava em o Palacio dos Condes duques de Barcelos por um pastedico, servindo aquela, no tempo, de capella ducal.

(Vide folhas 21.º deste Volume.) e 83 do mesmo.

= Das liras das erecções camaraes =

1681 - A povo, servido por ordem de Sua Alteza, consentiu em que fosse lançado o "Real d'Agua" para a erecção da Colegiada.

— x —  
A Igreja Matriz é um interessante exemplar do românico de transição.

A sua elevação a Colegiada data dos annos do Reinado XV. Lencera azulejos, imagens, etc, de muito valor.

Depois das obras realizadas ha anos, tem mais uniformidade no seu aspecto de conjunto.

— x —  
"Continuação de papirias e de verso deste Volume"

"... Toda esta igreja está decentemente ornada com suas tribunas d'onde das nos Altões e boas estimas de Damasco.

Tem esta igreja as Limandades sepietas a do Santissimo Sacramento na sua propria Capella com sua sacristia e Casa do Calido para os Limandos; A de Nossa Senhora da Paçoca na sua propria Capella com sacristia e he a que dá a tumba para todos os enterrados, excepto aos que são Limandos da Misericordia. A Limandade de Nossa Senhora do Rosario no seu proprio Altar,

de S. João Baptista no seu Altar, e das Almas tambem no seu altar, que he o de  
Nossa Senhora da Sidade. Tem no altar de S. Antonio e de S. Bonifacio, alias  
de S. Christoph, e Christophano. A de S. Bonifacio no Altar da Santissima Trindade;  
ha mais uma devoção de S. Marcos, de S. Martin, de S. Sebastião e da Santissima  
Trindade; Alem destas tem os Reverendos Sacerdotes a sua mandado e coberto  
no Altar de S. Pedro, e a mandado da Ordem Terceira no seu proprio altar  
e Capella de S. Francisco.

Do "Dicionario Geographico de Portugal" (Memorias Paroquiais - Sec. XVIII - 1721) - Volume 6.<sup>o</sup> - Documento 33 fl. 211 - Torre do Tombo. =

"Vide pag. 62 e 96 do 4.<sup>o</sup> Volume destes Aportamentos"

Do "Dicionario Geographico de Portugal" (Memorias Paroquiais - Sec. XVIII - 1721) Volume VI - Documento 33 fl. 211 - Torre do Tombo. =

"Os Historiadores que falam desta Lusitana Real Collegiada pa-  
dessem uma equivocação muito notavel; por que todos dizem que a Collegiada  
da Villa de Barcellos foi confirmada pelo Pontifice Paulo 2.<sup>o</sup> no anno de 1474, o que  
certamente não pode ser; porque este Pontifice morreu em 25 de Julho de 1471  
trez annos antes do tempo em que os Autores dizem fora confirmada por elle,  
como se pode ver na Ordem dos Pontifices. E por isto se hauems de dizer que  
foi confirmada por elle, como se diz por Pio 2.<sup>o</sup> a instancia do Duque D. Fer-  
nando, logo depois da morte do Duque D. Affonso seu pai, que falleceu  
em a villa de Chaves no mes de Dezembro de 1461, quando o mesmo Duque  
D. Affonso a não tivesse feito confirmar em sua vida pelo Pontifice Eugenio 4.<sup>o</sup> por  
suplica que he foy por seu filho D. Affonso, Conde de Anceu, e Marquez de Va-  
lencia primeiro deste titulo em Portugal quando foi ao Concilio Terrenceuse, que tam-  
bem se chamou Florentino, no anno de 1438. Se hauems de dizer que se a  
confirmou Paulo 2.<sup>o</sup> foi no 1.<sup>o</sup> anno do seu Pontificado, que seem a ser no de 1464 e  
não no de 1474, quando ja era morto; neste mesmo anno de 1464 foram feitos os  
Estatutos desta Lusitana Collegiada pelo Archbispo de Braga D. Fernando da Guerra, por represen-  
tação que he foy o Duque D. Fernando filho do dito Duque D. Affonso primeiro Fundador, e sus-  
tituidor desta Lusitana Collegiada, dos mais Estatutos se não se referir ao Duque D. Fernando ao  
que seu pai havia feito, e que ja na mesma Collegiada haviam Estatutos creados pelo  
dito seu pai. =

"Vide pag. 62 e 96 do 4.<sup>o</sup> Volume destes Aportamentos"

Collegiada — "Vide pag. 83 deste Volume."

(Capitulo XX da Memoria Historica da Villa de Barcellos, Barcelhins e Villa Nova de Famalicao, por Domingos Jozeim Garcia, Abade de Leuro, 1867).

— A Igreja matriz e parochial de Barcellos, antes de ser elevada a collegiada, era governada pelo parochico d'ella, que se intitulava — Abade de Santa Maria Maior de Barcellos, — e ainda assim se denominava nos primeiros tempos da existencia da sua igreja em Collegiada, antes de 1454.

..... D. Afonso, 2.º conde de Barcellos e 1.º duque de Bragança, quando morador no seu palacio de Barcellos, de accordo e humplacito do archiepo de Braga D. Fernando da Guerra, principiou a creação da collegiada, quando nella compoz e annexando-lhes os rendimentos d'algumas outras igrejas do seu feudo, por Provisões do mencionado archiepo, dadas em Braga em 1433-1434 e 1436.

..... D. Afonso, porém, não pôde em sua vida completar seu tão nobre, religioso e benemérito projeto, mas seu filho D. Fernando 1.º (10.º conde de Barcellos e 2.º duque de Bragança), tambem de humplacito com o mesmo archiepo D. Fernando da Guerra e por Provisão desta, em data de 6 de Setembro de 1451, ordenou, estabelecer e erigir em collegiada aquella igreja matriz de Barcellos, quando se ella mais alguns compoz e dependencias.

..... Esta collegiada foi declarada insipue no 4.º Concilio Brachense, actio 3, cap. 21, que foi promulgado e comecou em 8 de Setembro de 1566, o qual diz assim: — Declarat autem pro insipibus habendas omnes Cathedralis Ecclesias. In Collegiatis autem Vinnarensium, Barcelleusem, Coscophiteusem.

Quiz em portuguez:

Declara insipues todas as igrejas cathedraes. E das

epifanias coligadas só declara insíperas as de Guimarães, Barcelos e Leodopita.

... Quando era seu D. João André de Souza da Cunha alguns altares estavam arrimados nos pilares, em que se sustentam os arcos das naveas; mas, pelo zelo e industria d'aquele D. João, se mudaram para os arcos, que então se abriram nos freios das lateraes do templo, acciando-se e reedificando-se então toda a epifania e legendos-se quasi toda de novo.

Não conta com certeza o anno em que se fez a reedificação, mas é certo que foi entre o anno de 1705 ao de 1720, porque n'essa época o D. João André de Souza da Cunha assistiu ás diversas visitas, que o arcebispo D. Rodrigo de Moura Furtado fez pessoalmente á catedral.

... Tinha n'esta altura onze altares: - Capela-mor - Capela de N. S. do Purpurio - Capela de N. S. da Graça - Altar das Almas - Altar de N. S. do Rosario - Altar dos Reis Magos - Capela de S. João Baptista - Capela do S. Sacramento - Altar de S. Antonio - Altar de S. Sebastião - Altar da Trindade ou da "Amaldade Ecclesiastica".

x x x

- Belezas artisticas - "Heatris" -  
(Vide pag 22 deste Vol.) - "Reliquias do passado - "Alphamiz de Barcelos" -

Uma vaga avastaladora de vivo entusiasmo pela cultura do passado apertou-se nos nossos dias de varios individuos e colectividades.

Lançaram-se com fervoroso devoto em prol da defesa e conservação dos diversos monumentos que pululam em terra lusitana.

Até ha poucos, vendade sefa - e terti - e dije - estavam abandonados e esquecidos.

Como que um pitto de alarme practico, apertoso e violento, levantou-se de norte a sul do país.

increpando a incuria impudoravel dos poderes publicos.

Manifestação de revolta feita contra os que deixaram as reliquias do nosso glorioso passado entre as mãos dos barbaros civilisados e a acção destruidora do tempo.

Em Barcelh, com a vista embebida em pombado de andares e deliquentes muros, algumas republicanas que assistiram a actual Junta de Paroquia da villa, meteram humbo a uma amada e benevolissima obra, de restaurar a igreja matriz - admiravel monumento do século XIV.

As obras commecaram ha longos meses sob a quasi total indifferença das diversas classes sociais da localidade. Os membros da Junta de Paroquia barcelhna, com a maior boa vontade e acção impudoravel do seu insubstituivel presidente, Sr. Manuel de Luz, e a cooperação dedicada do seu paroco rev. Fr. Joaquim Fajardo, tomaram uma realidade a sua aspiração de ha eremita: - Conseguir al-  
gum ospital para iniciar o restaur da actual matriz.

Convidaram a novel architecto Sr. Jose Vilaca, artista constitutentissimo para dirigir Comme il faut as obras necessarias e indispensaveis no um bellegamento e reconstrução historica do edificio exemplar romanico.

As comissões de man poder e benevolencia desmandadas de nenhum amor a arte são inarrancaveis.

As juntas paroquias barcelhnes, indistinctamente, têm uma tremenda responsabilidade da lesa arte nos nefandos crimes, das inesteticas reprimas, que em grande escala assolaram o marvithoso templo.

As banalidades de titha maculando belgas architectonicas, os azulejos brancos, vulgares, que revestem humpremente as paredes do altar de Nossa Senhora da Graça, fazem a luz a retentiva do visitante, uma casa de Lisboa.

As esbeltas colunas e os  
resplendentes capitulos esta-  
vam encobertos por agri-  
lhas antigas, estas de fa-  
briço muiço, como os re-  
tantes que revestem ma-  
joritariamente a velha  
cathedral.

Os arcos ogivales em  
plano, elegantes, he-  
llos, fôr vôr apparean-  
do na sua grandezza  
elocvente.

Capelas, como a de  
S. Maria Ladeira do Boza-  
rio, onde essa anda-  
mente e tecto caim-  
do exhibe fôrtes irri-  
sões e no cimo  
uma clarabóia de vidros  
de cores hercantes de sala  
de jantar.

A impo-

juia pintura esbranquiçada dos arcos e do tecto  
transporem-se agra n'uma tonalidade fôrte de  
castanho escuro.

Dentro em poucos os vitraes sevem reter a luz fôrte,  
prejudicial, incómoda, que fôr cruelmente a retina,  
dando a indispensavel meia lembrança que accessi-  
ta o crente para entrepu-se, de verdade, a mais pro-  
funda meditação religiosa.

É a divinal ressurreição, que se gôrta, n'uma  
primavea encantadora de fôr artisticas, de beleza  
rara, que unido bene võe especer prodigamente os  
membros cultos a matriz da pratin de S. Vicente.



Em Barcelas — Em cima: A Igreja Matriz. Em baixo: De pé e da esquerda  
para a direita, os membros da junta de parochia, snrs.: José Carmona,  
Manoel Souza, presidente, e Antonio Roriz Pereira, sentados os snrs.: rev.  
parcho Joaquim Gaiolas e o architecto José Vilaça



Substancia em referido tempo uma maravilhosa obra de talha demandada, sembo XVIII, a seguir ao ordem da grandiosidade e vasta estetica da da igreja de S. Francisco de Braga.

Impetuosos os seus renascença, ricos e deslumbrante com admiráveis mascarões de traços seguros, expressivos, como que fôrto de uma assentada.

Imporante trabalho, de encantadora beleza, com traços, impressionavel, de uma perfeição absoluta.

Conhece-se a primor e pavor do artista a voltar caprichosamente a qual sublima manifestação de arte preciosa.

(a) Domingos Ferreira

{ Publicação feita em "O Comercio do Porto" - nº 245 - ano LXXIII de 19 de Outubro de 1927 } (Vide pag. 83 deste Vol.)

= Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz = (Vide pag. 67 nº do I Vol.)

{ Noticia descriptiva da misão sobre a Antiga Villa de Barcelos, por A. M. do Amaral Ribeiro - (1866) - a pag. 54 } -

"..... Seguindo-se da Villa pela rua da Calçada, e entrando-se no Campo da Feira, fica no lado Oeste deste, e pertencem a' Igreja dos Encinos, com a fonte exactamente ao sul, e fôrto ao Norte, e fôrto ao sul o Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz.

A fôrto exterior do Templo é octogona, com quatro lados rectos, e quatro convexos; interiormente é em fôrto de cruz; o tecto é d'abobada de sanctaria fôrto, com um eloadissimo e elegante timbão no centro.

Tudo ali é fôrto fôrto, perpendicularmente lavrada, e é o seu tecto em fôrto d'arte; só se encontra por malicia nas paravões dos altars, dos fôrto do Coro, e nas portas, que são tres; a principal na fôrto com a inscripção latina em letras d'ouro.

radas do lado esquerdo - "Exstructum anno MDIV"  
e do lado direito - "Amphiatem anno MDCCV"  
e duas lateraes, estreada cada uma n'uma  
das curvas do octogono, immediatas a' recta da  
frente.

Tem unicamente tres altars, o da capella-  
mór, onde esta o altario, o do lado da Epistola  
onde se venera o Precioso Jesus e Nossa Senhora das  
Dores, e o do lado do Evangelho, onde existe a  
veneravel e milagrosa Imagem de Christo Senhor  
nosso com a Cruz as costas, apertado em terra  
imagem, que foi trazida da Flandres por um  
mercador d'esta Villa, e que se achou collocado  
exactamente por cima do lugar, onde em 1504  
appareceu a fumaça Cruz descrita no solo.

Na grande do lado da Epistola deste  
altar esta em letras douradas, e abertas na  
pedra, uma inscripção latina, que não se  
memora esse apparecimento, como se fez, que  
esse sumptuoso e rico Templo foi edificando  
com esmolas, e a expensas publicas; diz  
ella: "Anno M.DIV, decembris XX die, feria, hora diei IX,  
prima cruce apparuit in hoc solo, et brevi septa sacello, so-  
lum fuit Christo Domino, principatum Basiliensi, cui post  
geminum seculum ad sempiterni memoriam temporis ele-  
mosinis, et impensis publicis hęc basilica dicatur." -

Existindo n'outro tempo nesta d'agulla  
lugar uma pequena ermida consagrada ao  
Salvador, e que foi demolida para se edificar  
este Templo, passando por esta razão a im-  
agem do Senhor para a ermida do Espirito  
Santo deu origem a' edificação do mesmo Tem-  
plo e apparecimento de uma Cruz descrita  
no solo como melhor se verá do instrumento  
publico que estava se salvar, e que, devendo

existir no arquiv da irmandade, passaram  
a extrahir do "Tractado Paraypico" de Frei Pedro  
de Logares; e e' o seguinte:—

"Dizeem os mordomos da  
confraria da Santa Cruz,  
desta Villa de Barcelona, se-  
ta no arrabalde d'ella,  
que em poder de Bartho-  
lomeu Frachado de Mi-  
sanda da dita Villa, es-  
ta um livro de notas  
emitt antigo, passa de  
cento e trinta annos, no  
qual esta escripto, e lau-  
gado na dita nota  
um unilapre, que nos-  
so Senhor sobre sua Er-  
mida de Santa Cruz,  
onde esta sua Igreja  
com a Cruz as Costas; tem  
o dito livro em seu



Fotografia da fonte superior da Torre e timbório do  
Temple do Pom. nos da Igreja da Santa Cruz da Vila Nova.

proder, por fear de seus antepassados, por recear de não  
se perder, e para apontar a outros fechos de unilapre,  
que acontecerão na dita Ermida; thus e' necessario u-  
ma certidão em publico, e privado, que seja fe' com  
teor de verho ad' verbum d'ella e para mais fe' de  
verdade, que seja vista a dita nota diante de dois  
Testificas do publico e judicial, e mais autheuticos,  
que possa ser. Pedem a vossa mercê thus mande pas-  
sar a dita certidão, e receberão mercê e justiça.  
Que se thus passe certidão na forma pedida.

— Certidão —

Saihar quanto este instrumento de certidão dada  
por mandado, e authoridade de justiça virem,  
sem nome de Deus, nem altro e poderoso Senhor,

amen. Sairão os que este publico instrumento de  
fe, e do testamento do Santo milagre, vierem, que  
no anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo  
de mil quinhentos e quatro, sexta-feira, vinte dias  
do mez de Dezembro, ás horas de nove horas, pouco mais,  
ou menos, indo o meu honrado Bispo da Costa, es-  
cudeiro d'El-Rei, e juiz ordinario em a dita Villa  
de Paracatu, pela Rua Direita da dita Villa, e chegado  
comigo Tabellão ante as portas de Pedro Machado, sa-  
tir sem escudeiro, vinha João Pires, sapateiro pela  
dita rua, que vinha da Beirada do Salvador, em que  
ha pelo dito dia uma Missa, em reverencia, e hon-  
ra das Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, e disse ao  
dito juiz, e a mim Tabellão que fossemos ver, e por-  
dar uma Cruz, que demonstrava um paudo san-  
to milagre, que estava pintado da Cruz, nos cavallinhos  
do Campo da Serra. Pelo qual o dito juiz, comigo  
Tabellão fomos com o dito João Pires em direita  
onde está a outra Cruz, que está no dito Campo,  
e no meio da estrada, que vai, e corre da dita  
Villa para Santiago de Galtiza, e outras partes;  
em direita da dita Cruz, no chão, em um barrei-  
ro, estava feita e assignada, que fora da parte di-  
reita, quando homem vem do Salvador, uma cruz  
proporcional, e tallada, e direita + Cruz, toda  
fôr feita como esta repa acima, de tres covados e  
meio de comprido, e dois covados e tres quartas em  
ancho, e de largura a quadra d'esta de um pal-  
mo, e em todo por igual, e estando o dito juiz  
e eu Tabellão, e Pedro Alvares contador, que sup-  
abli cheppou, e o dito João Pires, ella se tornou mais  
d'outra côr, quasi toda alvada, pelo qual foi sup-  
abli por elles e por mim Tabellão vista toda a  
terra de redor, onde não foi achada nenhuma  
outra feita d'aquelle teor e qualidade, simente.

um feitor, como cêros, tão longe das Cruzes, como duas  
 varas, ao que visto a dita milhape tão cauteloso, e pre-  
 cioso, e manifestando-se pelo dito feitor, acedia em  
 se pedia da dita Villa, e de fora d'ella, a ver, e ad-  
 rar a dita Cruz, chegando com os sobre-ditos entre  
 sem Pedro Machado comdeino, morador na dita  
 Villa, e cercaram de pedra de redor e com outros mi-  
 tos homens, e povercaes da dita Villa acordaram  
 ser edificada uma casa ao pé; e longura da dita  
 Cruz, a honra, e nome chamada Santa Cruz,  
 erguendo logo ali pedras quatro, que se levantaram  
 a longura, e largura da dita Cruz, se pedia esta,  
 e ficou a dito dia, até acabada a vespera, aonde  
 com o dito feitor, e tenente Vn, e Santa, Alva-  
 ro Simões, Pedalpo, e todos os moradores da dita  
 Villa foram ao dito milhape com paucha, e Alema-  
 ne processão, para dizermos onde se pedia a dita  
 Santa Cruz, e foram no dito dia, a tarde acabada  
 a vespera, o devoto Collegio, Conegos e Clergia desta  
 Villa de Santa Maria, a porem, e levarem, onde a  
 Santa Cruz estava em um paucha Cruz de pau.



BARCELLOS — Largo da Porta Nova — Templo do Senhor  
 da Cruz — Sahida da missa das 11 horas

Templo do Senhor Povo Jesus da Cruz (1911) apreciando-se uma sahida da missa  
 das 11 horas da manhã e destacando-se os trajes d'aquelles tempos e o largo ainda muito  
 modernizado. (Vide pag. 63 do II Volume)

...muito bem feita, que metterão com muita Aleluia e  
dada com a Procissão, que levavam, em que ia  
com elles a Companhia de Nossa Senhora da Misericórdia  
da dita Villa, e ali despararão a dita Cruz, e chanta-  
da por divisa, e mostramento de dita Santa mil-  
ge, que ali estava, aonde todos os fideis, e devotos Christãos



BARCELLOS—Templo do Bom Jesus  
da Cruz e Largo da Porta Nova

Esta fotografia mostra-nos não só o Templo do Bom Jesus da Cruz, embandeirado, mas o Largo da Porta Nova, em dias que se faziam as Feiras e Festas das Cruzes de grande nomeada em todo o Paiz.

com muita devoção efferentão, e que lhes parecia de  
sua fazenda, permittendo todos da divisa de diuina  
no praça a dita Casa, as peras em Tabuleiro esere  
vi e assim a desparar, por o tempo não dar mais  
lugar com a chuva, cercada de pedra; e Francis-  
co Correia, e Alvaro Ferrandes, clero, autor, sem  
testemunhas Francisco Correia, Diogo da Costa, Alvaro  
Ferrandes, Pedro Machado, segundo tudo isto  
consta do instrumento do Santo Padre da Cruz,  
que esta escrito em um livro de notas, que  
tem em seu poder Bartholomeu Machado de  
Miranda, do qual foi fielmente trasladado,  
sem cossa, que duvida faça, do qual livro,  
que em poder de dito Bartholomeu Machado

fica, em todo e por todo em respeito. Lo por me  
 ser mandado passar a presente pelo Licenciado  
 João Barreto de Sá, Juiz de Fora n'esta Villa de  
 Barcellos pela Ordem de Pragmação. E a passai na  
 realidade hoje sete dias do mez de Maio de mil e  
 seiscentos e trinta e oito annos, e a concertei com  
 o officio abeiro nomeado, e assignado, e ao dito  
 Bartholomeu Machado de Miranda lhe torneou a  
 João a dito livro e assignou.

A qual certidão atraz em João Machado de  
 Faria, Tabelião da publico e judicial n'esta  
 Villa de Barcellos pela Ordem de Pragmação de fiz ti-  
 rar, e trasladar de um livro de notas, heum e  
 fielmente, e o observei, concertei e assignei de um  
 publico signal, fiz que tal he, e o dito livro de  
 notas tem em seu poder Bartholomeu Machado  
 de Miranda, desta Villa, ao qual era entreguei



BARCELLOS - Templo do Bom Jesus da Cruz

"Esta photographia mostra-nos o magnotivo Templo do Senhor Bom  
 Jesus da Cruz, edificado em 1504 e ampliado em 1705.  
 Anteriormente e em forma de cruz, com o tecto d'abobada de fina cantaria  
 com um elevadissimo e deante d'um altar. Exteriormente o templo e octogó-  
 no, com quatro lados rectos e quatro curvos."

e de como o recebeu assignou apoi commisso Fabellin,  
que assignou publicos, que tal he.

Recellu a proprio livro.

Bartholomeu Machado de Miranda

Contractaremos ainda o que a semelhança res-  
puiti diz o Padre Carvalho da Costa na sua Copyplicação  
livro, que por ser hoje raro, heu como o de Frei Pedro  
de Torres, a que acima nos referimos, talvez não esteja  
ao alcance de todos; diz elle: - "Neste Caminho da Fei-  
ra em a circumo da <sup>da</sup> Graça (a do Bom Jesus da Cruz), se  
vê cada anno a celebre milagre das Santas Cruzes  
(que testemunha toda este Reino, e escrevem Authores ve-  
ridicigos) começando a apparecer em Maio nas  
prinas de sua Invenção, e muitas vezes em Setembro,  
nas nefras da Escaltação e durar cinco e seis dias.

O modo, com que apparecem, e de Cruzes ordinarias  
de cor negra, e tamanho da haste maior, que  
uma braço, os braços em boa proporção; nem se movem  
traz a flor da terra, cavando-a, vôr sempre movem  
do a mesma forma.

Tive principio este admiravel apparecimento  
no So de Dezembro de 1504, em seita feira  
manha, tempo, em que se achada a primeira  
Cruz, que se viu estampada milagrosamente  
na terra, no sitio, em que hoje esta a imagem  
de Christo Senhor nosso com a Cruz as costas.

Nestes dias, em que apparecem as Santas  
Cruzes, tiram os devotos Povoados da Capella do Senhor  
Santa terra, que fazem uma corva de cinco, e seis  
palmos, a qual milagrosamente se torna a macho  
de terra, até ficar na mesma planicie.

Como testemunhas oculares e choristas em  
parcial, e de novo dever rectificar-se algumas  
inexactidões do Padre Carvalho da Costa, sem que  
com ellas nem levemente pretendamos abalar a



Se' dos fies, quanto ao apparecimento das Cruzes, reputado miraculoso tanto pela tradição, como pela fe; e devendo aos Deos: a Deus nada e' impossivel.

Não e' só no circuito da Terra, nem só nas resferas da Invenção, e da Ressurreição, que as Cruzes apparecem, e e' falso, que durem cinco ou seis dias unicamente; apparecem em todo o Campo da Terra, e hem longe da Terra; ja as vimos no Campo de S. Jão perto da Capella de S. Bento; começaram algumas a apparecer em meados d'April, e durar algumas até fins de September, e outras todo o anno mais ou menos viziveis.

Quanto a' assegurar por elle avarançada de milagrosamente se tornar a enchida de terra, até picar rocha, a cova, que os Pomceiros abrem na profundidade de cinco, ou seis palmos para tirarem terra da Cruz, que esta na Capella do Senhor, nada nos consta a semelhança respectiva, senão, que para evitar as escavações dos devotos, existe um taburno, com alçapão fechado, sobre a primeira Cruz, que apparecem, e por cima da qual se va a Turagem do Senhor.

Se se desse a circumstancia do crescimento da terra, na verdade era um manifestar milagre, e dado elle, para que se havia de vedar a escavação, e entranção da terra, se miraculosamente ella crescia?

Repetimos, referenciamos-nos de sermos Catholicos, e longe de nos querermos com esta restrição, e considerações abalar a fe; ou entibiar a devoção dos Fies; a verdade porém, e a imparcialidade a isto nos preceito.

O solo do Campo e' todo barente ruim e arenoso; não serão betas de terra preta, que camin-

almente se cruzem, e que, varrida a área, que  
as encobre, pelas brizas do quadrante do Norte,  
que principiar em Abril, e reinar até fins de Septem-  
bro, tomem outra vez a péra acullas com a área,  
e foi, que as do quadrante do Sul tornam a accum-  
ular sobre ellas?

O mesmo Frei Pedro de Poyares acima re-  
ferido relata um facto de uma santa Cruz appa-  
recida no mesmo Campo, com a qual prova ser com  
effeito miraculoso tal apparecimento; diz elle: —

"Havia na Villa de Barcellos um homem  
moço, por nome Mathias Paes da Silva; este  
não queria crer, que apparecia Cruzes no dito  
Campo; negava o apparecimento, quanto  
pôde, accumulando razões, e mais razões  
a seu obstinado parecer. Sucedeu, que estan-  
do no dito Campo com um magote de esquadri-  
nos, fallando-se nos tal apparecimento, elle  
a negar quanto pôde. Deis que de repente di-  
ante d'elles appareceu uma Cruz na terra,  
sem hum lavrada (como se fora feita por  
moir de deus officio) vendo isto Mathias Paes  
se pôz de joelhos, adorou a Cruz, e foi acerri-  
mo defensor depois do apparecimento das Cruzes  
em Barcellos. Deste caso se fez um instam-  
mento publico, que fez Jão Freire, notario  
Apostolico, haverá quarenta annos, que isto  
sucedeu."

Frei Pedro de Poyares escreveu em 1670, to-  
do succedeu pouco mais ou menos, segundo  
elle diz, em 1680.

[Transmissão da Instancia descriptiva da Santa Cruz e Antiga Villa  
de Barcellos, de A. M. Amarel Ribeiro - (1866) - desde papi-  
ros 54 a paginas 69 inclusive.]

Cruzes do Campo da Feira

Transcrição do Capítulo XXIII da Memória Histórica da Villa de Barcellos, Barcellos e Villa Nova de Famalicão, por Domingos Joaquim Pereira, Abade do Louro - 1867 - a paginas 85.

O milagre das cruzes, que tem apparecido no Campo da Feira, outra vez chamado do Salvador, tem sido affirmado, não só por testemunhas de vista, mas por muitos escriptos, que quizeram eternisar a memoria d'este prodigio; como foram George Ludlow, no seu Apologico Lus. a 3 de maio, - Sr. Pedro de Vozar, no seu Tractado panegyrico em honor da villa de Barcellos, - Antonio de Villas Boas e Sampaio, na sua Prohibição Portugueza, - o padre Antonio Carvalho da Costa, na Chirographia portugueza, - Luerio, no Prosubstantivo espirit. cap. 28, - Garcia no Espirit. da Histor. portug. 4.ª p., cap. 17, - Cunha, na Histor. de Braga, 2.ª p., cap. 55, vol. 11, - e ultimamente, no anno passado, o Sr. Amador Ribeiro, na sua Intuição descriptiva de Barcellos.

E depois de ter praves auctores, que produzi em adiantar sobre o occypho tão disantado e comprovado? Recopilar a memoria d'elle, e acrescentar omissões, e que uma vez fossem, e que de mais tenha chegado a alguma noticia.

Logo do solo, onde hoje se o altar do Senhor da Cruz, havia antigamente uma pequena capella ou eremida, chamada do Salvador, na qual, em reverencia e honor das Chagas de N. S. J. Christo, se dizia uma missa nas sextas feiras.

Quando porém, na sexta feira, 20 de dezembro de 1508, pelas 3 horas da manhã, appareceu a primeira cruz n'aquelle mesmo solo, em que (hoje) por causa d'elle está collocada a igreja do Sr. da Cruz, (como bem se explica e authenticaamente consta do instrumento publico, que se lê no - Panegyrico -

de Frei Pedro de Torres, cap. 23 pag. 82, e na Monografia descriptiva do Mon. Amara (Bilhão) pag. 58 - para se venerar esse Mon da aparição da primeira cruz, todos os Barceluneses officeraram e deram coelhos para se obter, como coelho, aperta cruz, com uma abobada firmada em quatro quilares, dos quais se firmavam quatro arcos, e onde os peões assentavam a abobada.

E grandes, pouros depois, em mercado, na rua de Barcellos, troube das partes de Flandes a apada imagem do Mon da crux, e por collocar na parte d' aperta primeira cruz, toparam de todos os arcos dos lados de norte, nascente e poente, deixando n' este ultimo uma pequena porta, com pedes de ferro, virada os mesmos lados do poente, onde então havia um soute de camarões, e por logo esta adornado com casas dos habitantes do bairro do Bom Jesus da crux, por estes pedes de ferro se via e adorava aquella imagem, por ahi collocar ainda repartiam esta eremida, por meio, em duos naves, e na do lado nascente firmaram um altar com seu retalho, onde se dizia missa; e por isso se entrava por arcos da parte do sul, por isso aberto e a porta desta nave.

E em volta desta segunda eremida fizeram uma arcada colocada com tebado, e sustentada em colunas de pedra.

E assim se conservou até o anno de 1705, no qual, como ja se diz, com copias edificadas, que concorreriam de toda a parte, se firmassem a edificam a prancheta e ma pequeno templo, que se deu descripto.

Esta é a copia (im-  
copiada) da autentica  
imagem do "Senhor

com o  
Senhor

as Costas" que se  
encontra no  
Templo que  
vimos des-  
crevendo.

Fotografia autentica.



Essa imagem que apparece em 1504, de  
 pondo os historiadores, sea bem proporcionada e simi-  
 ta, de côr negra, de comprimento de tres covados  
 e meio e de largura de dous covados e tres quartos  
 nos braços, e d'um palmo de largura tanto na haste,  
 como nos braços.

Esta cruz  
 nunca se  
 estinguir,  
 porem sempre  
 nua, e por  
 mais terra  
 que d'ella  
 tirassem  
 os minutos  
 romeros e  
 devotos, que  
 alli a vi-  
 nham bus-  
 car, como  
 milagrosa,



Milagrosa Imagem do Senhor Bom Jesus da Cruz

Esta imagem sempre e allegica a Turquia do Sul  
 como Jesus da Cruz que se venha ao seu Magestoso Templo,  
 e publicada para effeitos de propaganda dos fides religiosos que se  
 alyce, de qualquer dos primeiros dias do mez de Maio de cada anno.

Alguns palcos d'altro, sempre essa cruz apparece chui  
 d'egual terra dura, e tão dura, como se alli se como tivesse  
 escavado e bolado.

Seu segunda os apparecimentos d'essa imagem  
 Cruz, tem apparecidos muitas outras, nos si nos nos  
 nos Campos da Terra, perto e em volta do templo  
 do Senhor da Cruz, mas ate no campo de S. Jo. perto  
 da Capella de S. Bento da Borequinha; e isto como  
 si pelo decurso dos annos, mas principalmente pelos  
 dias da invenção e da enaltação da Santa Cruz.

sumas maiores e outras menores, mastodons de terra negra  
no centro da terra barrenta - amarelhada dos cumpros,  
todas, e todas em terra negra e tão dura, como a procluzia  
a natureza.

Eu mesmo e os meus contemporaneos soumo testi-  
munchas seculares das tres cruzes, que em filicia appa-  
receram e se conservaram unidos annos, ate que desapa-  
pareceram, no lado do presete do chapiz do campo da  
Feira; a do meir maior e as duas dos lados menores,  
mas todas bem firmadas, como demonstrando as tres  
do Calvario; e as pedras foram alli veneradas, com  
fios e luzes em volta, pelo seu valor devoto e Ma-  
ricôto velhos de cima de villa, que juntos unidos  
eram das unidos fies, que a ellas concorriam.

Soumo tambem testimunchas d'algumas outras,  
que teem apparecidos e desaparecidos no Campo da  
Feira, mas no de S. Jo. e de fronte da Cal-  
çada, logo gerasi em presete do templo do Senhor  
da Cruz.

Vejam agora os sabios da escriptura,  
Que segredos são estes da natureza.

(Cantões, canto 5, Est. 22)



Do "Guia Ilustrado de Barcellos" de

Joaquim Leitão (p. 8 e 9) - 1908 -

"Foi, justamente neste campo e  
no charr venerado d'esse templo que, ha cinco seculos  
e sapratuir Jo. Pires teve a visão de uma cruz feita  
"de tres cordões, de meyr em comprido, de outros cordões,  
de tres quartos em ancho, de de largura a quadrada d'ella  
de hum palmo de em tres por si mesm."

"A povo curava, tirava a terra e logo a cura se  
botava a arbor."

Ha quem ohe a appareçer das lages - que a povo  
mar quer que haja sido uma, antes unidos,

como encaixamentos de veias amparadas d'argila, schistosa, saarepida em geral no seuro, e de medicina duraça. Vêem, apenas, nestas veias amparadas, ramificações com comitantes dos schistos carbonatos do Sítio da Terra - me-  
po, a que atravessa a estrada publicia entre Braga e Porto.

A fôrça na appareição das Cruzes vin Paris. E logo defendeu e firmou esses covactos de umilape, com uma casa de pedrinhas onde se palava, as trinda-  
des, o oleo da fe.

A fôrça do divirio social correu, altoem, os ven-  
tes do phenomeno foram fazendo monte e amontando-  
se foram hum assim as pedras do mudo ate a  
altura d'uma eremida, subindo ate a puzianda  
d'uma epuzinda, ascendendo ate esse astral timbo-  
vir de Santa Cruz, vindo a ser logo, a origem das  
Cruzes, de pedra e cal, como o mesmo tempo.

A ella se reduzem as romarias do eremito, a  
ella se reportam todos os anniversarios, terças e desti-  
nos da fazienda rural.

Com ella se partam as economias da colheita  
e em ella se aprepam dores de sustentados e sonhos de  
mãos. Para as cruces foram achadas manadas,  
espetos de pads e pedidos de amor."

— x x x —  
= Como foi que teve principio o magnifico templo do Bom Jesus da Cruz  
em Barcelos?

(Publicação feita pelo Barcelos)

O facto do aparecimento da primeira Cruz, em uma sexta  
feira, 20 de Dezembro de 1504, — chamou a concorrência de  
fies a contemplar de tão estupendo acontecimento, que,  
sendo classificado de milagre, para ali se converger to-  
da a devoção dos fies, e de tal arte, que, em hum  
trecho, uma pequena eremida resolveu a Santa Cruz,  
e n'ella era esporta a veneração dos fies a Luzem.

de Jesus Crucificado.

Para se avaliar da grande conveniencia de fizes e dos actos de piedade praticados entre os fiéis do Santa Cruz, hasta se reproduziu-se o que se te em os rebatos de mais que em uma visita pastoral dos Prelados Maranhenses a vila de



Esta zincografia mostra - nos exteriormente o magnifico Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz a lindissima Imagem do Senhor dos Passos que foi esculpida em Roma em 1845, estampa esta, acima colada, que foi distribuida por occasião da grandiosa Procissão do Senhor dos Passos que se realizou, n' esta cidade, com grande pompa em 24 de Março de 1946.

Além disso colamos - de outra estampa e a seguir outros documentarios distribuidos conjuntamente ligados por occasião d' outra Procissão em 23 de Março de 1946.





de Jesus Cristo.

Para se avaliar da grande veneração de que se goza a imagem do Senhor dos Passos, basta ver reproduzida esta que se vê em os relatos de uma visita pastoraf dos Prelados Marquesses a vila de

Artística imagem do **Senhor dos Passos**, de origem italiana, da autoria do célebre escultor romano Giuseppe Berardi - (Sculpi in Roma 1875).



Esta imagem é considerada uma das mais belas e perfeitas existentes na Península. Foi adquirida, depois de benzida pelo Papa, para ser venerada no Majestoso **Templo do Bom Jesus da Cruz**, em Barcelos, cuja construção é do Séc. XVIII, em forma de cruz latina, todo formado em sólidas abobadas de pedra, tendo ao centro um grande zimbório que constitue uma admirável obra de arte, merecendo, por isto, uma visita.

Ten. Cardoso e Silva

Artística imagem do **Senhor dos Passos**, de origem italiana, da autoria do célebre escultor romano Giuseppe Berardi - (Sculpi in Roma 1875).

É considerada uma das mais belas e perfeitas existentes na Península. Foi adquirida, depois de benzida pelo Papa, para ser venerada no Majestoso **Templo do Bom Jesus** de Barcelos, cuja construção é do Séc. XVIII, em forma de cruz latina, todo formado em sólidas abobadas de pedra, tendo ao centro um grande zimbório que constitue uma admirável obra de arte, merecendo, por isto, uma visita.

Ten. Francisco Cardoso e Silva

Esta zincografia mostra - nos interiormente o Majestoso Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz a lindíssima imagem do Senhor dos Passos que foi esculpida em Roma em 1875, estampa esta, primeira colada, que foi distribuída por ocasião da grandiosa benção do Senhor dos Passos que se realizou, na esta cidade, com grande pompa em 24 de Março de 1946.

Alcimo colava - de outra estampa e a seguir avoz documentado distribuído conjuntamente ligados por ocasião d'outro benção em 3 de Março de 1946.



Cap. 49.º - Presidência nos a reunião devota que os moradores desta Vila tem no Santo Crucifixo, que está na Capela de Vera Cruz nos arrabaldes da Santa Terra, em virtude por bem renovar quaisquer visitas, em que se mandava, - que não fossem homens em nenhuma fazer oração a dita crucifixo, em capela, de certos horas em diante e levantarem quaisquer crucifixos nas ditas visitas feitas. Encomendamos, muito especialmente, ás senhoras, que fazem visitas a dita crucifixo já de morte, se acordarem cedo, e quando for possível, procurem visitar a Santo Crucifixo antes de se partirem.

Qualmente consta da visita pastoraf feita em 27 de Junho de 1637 pelo Archiepo D. Sebastião de Matos e Noronha, que souberam a ordem Primazial de Braga desde 1635 até 1641 - o seguinte:

Cap. 25.º - Foi incurremmente, que havia sido prohibido por visitação do Senhor D. Agostinho de Castro, no 14 anterior, que de morte se não fossem.

Artística imagem do **Senhor dos Passos**, de origem italiana, da autoria do célebre escultor romano Giuseppe Berardi — (Sculpi in Roma 1875).

É considerada uma das mais belas e perfeitas existentes na Península. Foi adquirida, depois de benzida pelo Papa, para ser venerada no Majestoso **Templo do Bom Jesus da Cruz**, em Barcelos, cuja construção é do Séc. XVIII, em forma de cruz latina, todo formado em sólidas abóbadas de pedra, tendo ao centro um grande zimbório que constitue uma admirável obra de arte, merecendo, por isto, uma visita.

1941  
março  
23

Ten. Francisco Cardoso e Silva

Barcelos.

Assim, das capitulas da visita pastoral, que o Sr. Arcebispo de Braga, D. Gouvo Furtado de Menezes fez a Barcelos no dia 15 de julho de 1634, consta o seguinte: —

"Cap. 49.º — Considerando nós a muita devoção que os moradores desta Vila tem ao Santo Crucifixo, que está na Capela de Vera Cruz no arrabalde da Porta Nova, e venho por hum revogar quaisquer visitas, em que se mandava, — que não possam homens ou mulheres fazer oração a dita crucifixa, ou capela, de certas horas em diante e levantarem quaisquer censuras nas ditas visitas feitas. Encomendamos, muito especialmente, ás mulheres, que fazem visitas a dita Crucifixa já de noite, se recordem cêdo, e quanto for possível, proceam visitar o Santo Crucifixo antes de se partirem."

Igualmente consta da visita pastoral feita em 27 de julho de 1637 pelo Arcebispo D. Sebastião de Matos e Noronha, que soube a ecclia Primazial de Braga desde 1636 até 1641 — o seguinte:

"Cap. 25.º — Por inconveniente, que havia, foi prohibido por visitação do Sr. D. Agostinho de Castro, nosso antecessor, que de noite se não fizessem."

visitas a Igreja de Santa Cruz; e posto que o Senhor  
D. Affonso Turtado de Mendonça, movido da devoção de  
algumas pessoas piás, moderasse esta prohibição,  
foi logo logo impellido que se usava mal d'ela;  
posto que ordenamos sob pena de excomungar ma-  
yor, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade, que  
seja, não corra os passos, nem vá em romaria  
à Igreja de Santa Cruz, des que tangere as Ave-  
Marias até ser manhã clara, que se possa dizer  
missa?

D'agora se infere quanto e qual era o movimento  
a devoção, o numero extraordinario e crescente dos  
fiéis, em continuas romarias, peregrinações e outros  
actos de devoção em volta da ermida, que fundava  
a - Vera - Cruz.

Bastam se foram carreados achegos para a  
construção do monumental mosteiro de São Jesus  
da Cruz, de Barcelos, que é a melhor maravilha da  
arte, que o século 18 legou à provincia do Minho.  
(Do jornal "A Época", n.º 9, publicado em Barcelos em Dezembro de 1905.)

N'este magnifico Templo existem as seguin-  
tes inscrições:

At lado esquerdo do altar da principal arca fronte,  
esta gravada em letras douradas esta inscrição em  
latim: - "Constructum anno MDIV" - que diz em portuguez  
"Edificado no anno de 1504"; e do lado direito es-  
ta: - "Ampliatum anno MDCCV" - que diz: "Augmen-  
tado em 1705."

No interior do Templo:

Na parede do lado da epistola do altar mais esta a  
beta em pedra e em letras douradas uma inscrição  
que foi composta por Manuel Barbosa Machado, ca-  
valleiro da Villa que, por ser erudito nas boas letras,  
diz assim: - Anno MDIV, decembris XX die. Jura VI,

h.aa. IX, prima Cruz appareit in hoc solo, et brevi septa saeculis, adim finit Christo Domino, principatum deficiente, cui germinum seculum ad sempiterni monumentum temporis elevationis et immensis publicis hanc basilica dicatur."

Que diz em portuguez: — Em 20 de dezembro de 1554, na S.ª feira, pelas 9 horas da dia, appareceu n'este lugar a S.ª Cruz, que, cercada com uma capella de pedras, veio a servir de altar ao Senhor com a Cruz do Costes, em honra da qual a mesmo seculo, para memoria sempiterna, com expensas e expensas publicas, erigiu este templo.



Nas seis da manhã e ano de 1554, tendo a brytania do Senhor Bom Jesus da Cruz, mandado lavar toda a hedera do templo, descobriu-se o remate da cruz que se achava ali a circunda, e que tem a forma d'uma coroa real, (na parte de fora do templo), que lá se achava, e a seguinte inscrição em latim: — ECCE

CRUCEM

DNI

Que diz em portuguez a seguinte: — "Eis aqui a Cruz do Senhor" = ou "Eis a Cruz do Senhor"

— x x x —

O arquivista desta immutabilidade e sobre, mesmo em tempo em esboço recincentos. Não se sabe na certeza a data em que começaram as obras do magnifico templo, nem quem foi o seu architecto erodente. Encontra-se um livro, manuscrito, sem capas, contendo alguns cadernos avulsos a' vista do qual consta o seguinte: —

Livro que serve de assentarem os devotos as esmolas com que se offerecem para o templo q. se quer dar principio na Capella de Santo Christo no Convento das Cruzes desta Villa de Barcelos, a qual



era conseq. cura da Collegiada desta villa, teve o arroyo do desvotamento de abusar da sua elevada honra e dignidade, ecclesiastica e de presidente da mesa, para incitar no animo dos de mais seus collegas que não se rendessem os seus valiosos bens de raiz, nem se requeresse em tempo competente a devida licençã para esta Demandada continuar a possuir e na posse dos mesmos bens, visto ter-se promulgado a lei que marcava anno e dia para as expressões de fidede de disporem de seus bens de raiz ou mudarem-se de competente licençã pagando os direitos e coiza determinados na lei.

Tais esse mesmos presidente, vendo a seu infame plano puetes a realizar-se, puz na a conseguir para a Demandada incosse nas penas da lei, como incosse, ainda outra vez insidiosamente illudir os collegas da mesa, e com tal engenho que lhe assignaram uma procuração para elle, por intermedio d'um irmão que tinha em Lisboa, dar a deumã a' coiza dos bens de raiz das capellas que se haviam substituido n'esta Demandada, como vagas para a mesma coiza em virta de se não ter dado cumprimento a lei; fando-se os de onais mesarios nas suas promessas de não da puerer dos mesmos bens e continuarem estes na posse da Demandada!

Leviram-se os termos da lei, que foi a confissão e a posse dos mesmos bens pelo proprio presidente da mesa, e d'elles se assemblou para sempre durante sua vida (puzir para a lei dava aos deumã) e assim tão indignamente trahir as promessas e juramentos que haviam dado perante os seus collegas mesarios e perante a precedente d'esse tempo!!!

Somelhante fudas não pedia d'um de ter, como teve, a devida correctivo por parte da opinião publica, sendo d'agui corrido - para não ser tabeylynado, e indo terminar seus dias em Braga.

Depois deste, houve mais indivíduos que passaram  
sob os desta Lemandade, de modo que a Fazenda Nacional  
se veio a apressar-se d'elles em 18(?) foyendo-os  
então arrematar como bens Nacionaes.

Assim, d'um feitor, ficou esta Lemandade des-  
projada dos seus importantes bens de raiz, foyes e pre-  
sentes, havendo de que foi privada no anno de 1770, prin-  
cipalmente São Tomaz que a usou para povo!!!...

— O Conego Manuel Antonio de Miranda — Conego en-  
ca da Nossa Colegiada — a quem se deve o que acima se refere —  
foi recompellido por carta de 18 de Outubro de 1770. —

— x x x —  
— O milage das luzes — (Vide pag. 64 do 2º vol.)

A fira de Barcelos

{ Barcelos - Resenha Historica - Pitoresca - Artistica - de J. Manuel Lam-  
par e Augusto Loucasava - (1927) } (pag. 59 a 61) e 159 d'este Volume)

A historia barcelense de S. Paulo diz que se sa-  
lienta-se o aparecimento, no Arrabalde de Cairua de  
Vila, não longe da antiga ermiida do Salvador, de algumas  
ameparadas de argila chistosa, talvez ramificações dos chis-  
tos carbonosos da chamada Terra Negra, que se repint  
entre Bompado e Funchalim, de vezos meijos como em  
vãos, em vez de humos, insensivel a helena da urdu-  
ra e ao esmagamento da terra d'outra parte, ali a d'outra parte,  
produz par e foyes uns ridentes vales de São João  
do Calundino e do Ribeirão.

Numa 6.ª feira, 20 de Dezembro de 1804,  
morte houve da manha, o sapateiro João Pires teve  
a visao d'uma cruz preta no chão e de luz corada  
de meir em empinto, de d'outra corada, de tres quartos em  
amcho, de de largura a quadra d'ella de hum palmo de  
em tres por igual = (Sr. Pedro de Sousa, Treatado Puer-  
picio de Barcelos, 1872). = O povo cavava, tra-  
va a terra e logo a cova se tornava a encher =  
(Rocha Freire, Relação Historica, 1871), e na

aparição vir Deus!

A fumaça do divino seif correu, altou, até se arrear profunda e indelévelmente nas crevas da repiar.

Milagre! Milagre!

As pedras ignoraram todos os milagros da historia barceluse - e não ha duvida que os ignoram - mas que numa dada sexta feira de ha quatrocentos annos Nosso Senhor trouxe com seu omnipotente dedo o simbolo do seu martirio, isto não ha visto, nem visto que o não saiba, o não ouça e o não venere!

Milagre! Milagre!

E' a fe' resplandecente dum povo simples e naturalmente bom, que ao ser supremo vê tambem bondade devedora!

Logo todos acudiram com afertas, com disheiros. a Cruz milagrosa em breve se cobriu com uma abóbada firmada em pilares de santuaria, inicio duma erudição do Senhor da Cruz as costas e um mercador barceluse trouxe de Flandres em 1505 uma imagem apropriada.

Mas até meados desta pecunia materialisação de crucifixo a imaginação se apodera, uma lenda se forma: o Senhor da Cruz antigo era irmão do Senhor de Matziuhos e do Senhor de Far; todos foram deitados no mar lá em terra muito longe; vieram juntos por mar até que uma onda arrojou um a praia de Matziuhos, outro a praia de Far e o terceiro levou-o a mare Cavado acima! Gente viraram-no, viraram-no do rio e por se fazer noite ao cheparem a Barçell, guardaram-no naquela capela das Cruzes. Mas amanheceu do e dispostos a continuar viagem, foi impossível tira-lo da capela! E hoje, e parat-



do e sempre, que sempre pense em desobrar a  
imagem! Impassível! Quere estar em Barcelo-  
ta nos Tempos das Cruzes! (Linas Pereira, Tradi-  
ções populares).

O Bom Jesus de Barcelos  
Inveniu para o de São,  
e o de São para Matosinhos  
Que todos tres são irmãos.

Formou-se logo um culto, que a piedade atá-  
vica da região converteu em romaria desobrada  
para um tipo diferente do da região, para maior quan-  
do, nesta região essencialmente agrícola, toda a me-  
tização entra francamente na presença.

E é esta uma das principais romarias do Ter-  
ceiro, a preponderante em todas as do concelho,  
a qual se reportam todos os aniversários, tensões e  
destinos da família rural. Com ela se pastam  
as economias da colheita e com ela se apicam  
dores e sonhos.

Para as Cruzes se adiam rezos, meca-  
das, ofertas e pedidos de... amor!"

A preciosidade porém do actual Tem-  
plo do Senhor da Cruz é a maravilhosa imagem  
de Cristo com a cruz, escultura italiana, que é  
um primor de arte, na base da qual se lê:

"Giuseppe Bonardi. Sculpi in Roma 1875"

e que muito particularmente reconhecido no frater-  
no, sendo incontestavelmente uma das melhores  
produções artísticas existentes em Barcelos.

— x x x —  
— Lenda do Senhor da Cruz —

(Tradições populares, linguagem e toponymia de Barcelos - (1915) a  
Imprensa MA) =

Diz a povo que o Senhor da Cruz, que se venera na  
rotunda do Calvo da Torre, é irmão do Senhor de Matos-

ribas e do Senhor de São.

Foram troços as tres lançadas ao mar lá mesma terra  
emitt distante.

Vieram sempre juntos pelo mar abruços, até que uma  
onda arrojou um delles para a praia de Montserrat; con-  
tinuaram os dois a sua viagem para a norte até a foz do  
Cavado.

Um foi arrecessado para a praia de São e o seu  
cão levado pela mare' rio acima. Uma multidão de gente  
que passava junto do rio, admirando d'quelle espectáculo,  
aproximou-se da margem, tirou o peão fino e foram  
caminhando com elle para o interior da provincia; mas  
fazendo-se-lhes ouvir um barulho, tiveram de a pender  
ali dentro d'uma capella. Um dia seguinte quando se  
disponham a continuar viagem, foi impossivel arran-  
car-lo da capella e ficou-se convencido que era  
vontade para ali.

O Senhor da Cruz tem a sua festa, chamada das  
Cruzes a 3 de Maio; O Senhor de São, na segunda fei-  
ra de Pascoela, e o de Montserrat em dia do Espírito Santo.

Vide "Notas complementares"

A foz do Pom Jesus da Cruz, interiormente tem  
tres altars: - O do S. S. Sacramento que, hoje, se  
destina a realisar o do S. S. Sacramento, antes era o altar  
do Cabano.

No altar esquerdo - da Capella do lado do Evangelho  
e' o que está destinado a veneranda Imagem do  
Senhor Pom Jesus da Cruz, - o do lado direito, do  
lado da epistola, - está destinado a veneranda Imagem  
Senhora das Anxiedades.

Junto ao primeiro altar, está um oratorio com  
a Imagem do Menino Jesus e junto do segundo, um  
outro igual oratorio com a Imagem de Nossa Senhora  
Avisadora.

No altar - mi - (o do S. S. Sacramento) - tem

em lugar de destaque - do lado do Evangelho - a imagem  
de São João e do lado da Epistola, a imagem de Santo  
Antônio.

— x x x —  
Todos os azulejos que formam este  
Templo, são lindíssimos e de arte bastante admirável.

Alguns outros de arte a eles se têm referido.  
Todos eles constituem preciosos alusivos aos martírios  
de Cristo.

Nalguns referem-se que certo figurado repre-  
sentam seis dias nos pés.

De resto, n'este Templo tudo se pôde apreciar  
como bom, não só o trabalho de tanta obra de arte,  
mas, como o resto de toda a obra.

Há uns painéis pintados a óleo no interior  
do Templo que, naturalmente por estarem pintados  
em pedra mal preparada para receber tal tra-  
balho, não nos dá a luz que comheer utilmente  
a sua alusão aos Passos de Cristo.

Mas nem, comtudo, deisa de merecer  
o seu valor artistico de antiguidade, se bem que  
o artistico difficilmente se pôde fazer reviver.

— x x x —  
A Imagem do Senhor dos Passos que a Lemanda-  
dade do Senhor Dom João da Cruz, adquiriu, foi tra-  
bada em Roma e lá adquirida, sendo benção  
debe Santo Padre.

Esta imagem estava destinada a ficar em  
Roma, tal valor artistico se lhe attribua, mas por  
virtude de certas diligencias e preturas, os barcelo-  
ses prodeam trazer-la para o nosso culto artistico.

— x x x —  
Por arquivo desta Lemandade desapareceram por  
si todos os livros de actas e contas, existindo apenas al-  
guma documentação que poucos elementos prestam.

a quem deles mezigar para fazer a sua historia.

D'alguns ali existentes podemos tirar as seguintes notas:

- Que se principiaram a reedificar e remodelar para a construção do Templo em 27 de Maio de 1698.

- Que a obra foi feita por indicação de Antonio Faria Machado, Mansel de Andrade e Almada e Domingos de Faria Leite, com assistência dos Rev. dos P. Cozeiros Manuel Garcia de Carvalho, Domingos Carvalho e José Ribeiro.

- Que o livro-meio custou 1563,740 reis.

- Que em 27 de Agosto de 1773 abriram-se o tecto por cima da porta de entrada e as portas lateraes para darem mais luz e airdade para o Templo.

- Que o livro para as esmolas para as obras do Templo tem o seguinte termo de abertura:

"Livro que serve de assentarem os devotos as esmolas com que se offercem p.<sup>o</sup> o templo q. se quer dar principio na Capella do Santo Espirito no Campo das Cruzes desta Villa de Barcellos, o qual livro se fez e mercado e rubricado pelo P.<sup>o</sup> Domingos Carvalho, Vigario de S. Martinho de V. Freixoalva.

Barcellos 21 de Mayo de 1698@."

"Levem com esta obra por sua devoção Antonio de Faria Machado, Mansel de Andrade e Almada e Domingos de Faria Leite e com a assistencia dos Rev. <sup>dozes</sup> P. e Cozeiro Manuel Garcia de Carvalho, D.<sup>o</sup> Carvalho e Joseph Ribeiro."

Este livro tem os seus ultimos termos as sinopses e datados de 23 de Junho de 1775.

= Lendas

x x x

= Lendas =

Ha ainda na voz do povo umas lendas que correm como certas:

- Que determinada Meza da Confraria resolveu umas

dar encarnar de novo a Imagem do Senhor Bom Jesus da Cruz, mas a pintura por mais esparta que empreza não foi capaz de o conseguir porque a tinta não pegava embora fosse metacoloradamente pintada com óleo que havia de melhor.

— Que, na ermita antes, puzeram os barbeiros fazer uma preceição, percorrendo as principais ruas da antiga vila com a Imagem do Senhor Bom Jesus da Cruz n'um bellissimo auro, mas que na occasião em que chegaram com a imagem á porta do Templo, esta começou a crescer tanto que não cabia pela porta, não tendo porque tinham de desistir, pois toda a gente que assistiu a isto verificou que o Senhor da Cruz não quer sair dali; razão porque hoje ninguém pensa n'isso. (Vide pag. 64 do 2.º Vol.) e pag. 42 do 4.º Volume)

— Hospital da Santa Casa da Misericórdia —

— (Convento que foi dos religiosos de S. Francisco) —

— (Da Invenção Historica da Villa de Barcellos, Barcelhinhos e Villa Nova de Famalicao — por Dominicus Jozequin Pereira — Abade do Convento (1867) a pag. 100).

No campo da Feira em qual faz hoje pelo lado do nascente, se vê o grande edificio da igreja, convento e cêrca, que foi ultimamente dos religiosos de S. Francisco, padres capuchos, que foram da provincia da S. Tholade, cuja historia é esta: —

Durante a vida do duque de Barcellos D. Theodorico 2.º, os moradores da villa determinaram edificar um convento de feiras; e unidos unidos dos principais da villa, com licença do mesmo duque, a expensas comuns, principiarão a edificar o convento, dando logo o dinheiro necessario para a comêço da obra, e prometendo dar o mais que necessario fosse, para intear a obra.

de feiras, quando acabados o edificio, mettessem  
n'elle as suas paruitas, ficando os fundos com o pri-  
vilégio de que sempre as suas herdeiras e descendentes  
fossem admitthidas no convento por meios dote, que  
as mais.

D'isto fez-se escríptura, declarando, que a in-  
cansão do convento seria a da - Conceição.

Principiarão - se as obras no Campo da Feira



BARCELLOS - HOSPITAL DA SANTA CASA

Esta Lithographia mostra-nos a fachada principal - (frente) - do nosso  
Hospital da Santa Casa de Misericórdia que se construiu no vasto Campo da  
Feira aproveitando-se para isto, o antigo convento dos padres capuchinhos de  
S. Francisco. Vê-se ainda o Campo da Feira despidido de vegetação, isto é,  
de arvoredo.

mais abaixo do local, em que hoje está o mosteiro que  
foi das feiras de S. Bento, e, tendo-se trabalhado nel-  
las algum tempo, cessaram, não consta porque  
motivo, e ficaram alguns annos as paredes já fi-  
tas sem uso algum.

Ar diante; porque a villa desejava ter  
um convento de religiosos, praeu convenientemente que  
se retirasse aquellas paredes, e a occasião do estado,  
em que se achava o mosteiro de Santa Maria  
de Fiães, da ordem de S. Bernardo, e da convenien-

cia, aquelles padres teriam em o mudar para o principado edificio de Paranhos.

E com effeito em 8 de Março de 1641, se fez em Lisboa alvará; pelo qual el-rei D. João 4.<sup>o</sup> fez mercê ao abade e religiosos de Fiães de si-tir e principio do novo mosteiro, que o duque D. Theodorico mandou edificar n'aquelle local, arrabalde da capella do Espírito Santo; concedendo, que, para elle mudassem o seu mosteiro de Fiães; que então estava quasi arruinado; com declaração, que desde logo continuariam as obras do novo mosteiro, e que n'elle haveriam de 15 a 20 religiosas residentes, que fossem obrigadas a ter n'elle uma cadeira e aula de latim.

E a 3 de Fevereiro de 1642 tomaram posse do local Sr. Laurencio Botelho, abade de Fiães, e Sr. João da Silva, ou da Libeira, abade de Biscov, perante Pelheir de Góes Rêgo, vereador mais velho da camara e juiz pela ordenação, Pelheir Machado e João Trigueira, tambem vereadores.

Com tudo, não se verificou esta mudança, talvez porque os padres de Fiães não julgaram conveniente deixar Fiães, onde tinham couto seu, e as regalias e privilegios, que se têm na Chronographia portugueza, Tom. 1., tract. 4, cap. 3. Mas porque nos moradores da villa continuava o desejo de terem entre si religiosos, que podessem utilizar a sua patria com frutos espirituais, tractaram com os padres Capuchos do convento do Bom Jesus do monte da Franqueira, vizinho da villa, e distante d'esta cerca de meia legoa, a mudança do dito convento da Franqueira para o principado convento da villa.

Convidado os religiosos na mudança, alcança

seu provincial regia do 1.º de junho de 1648, na qual  
 el-rei, vendo que os padres Bernardos de Friaes não ti-  
 nham usado da facultade, que havia auctor, lhes  
 concedido, e que, tendo sido notificados para, em  
 prazo de tempo certo, se revolvarem na sua cun-  
 daça para Barcellos, conceder a referidos locais aos reli-  
 giosos da Franqueira, para fundarem aquella seu  
 convento para Barcellos.

Com virtude da citada provincial regia, em 13 de  
 março de 1649, Fr. Manuel da Bemposta, guardião  
 da Franqueira e o padre confessor Fr. Jeronimo, am-  
 bos em nome do seu provincial, appareceram presen-  
 te a camara de Barcellos, dando conta d'aquella nec-  
 cessidade, que el-rei havia feito a elles e ao povo, e que na  
 preparação se havia assentado a execução da refer-  
 ida fundação.

A Camara respondeu-lhes com palavras de fran-  
 de e cortesia e apadecimento, e a firmando-lhes, que com  
 o seu provincial se tractaria de todo o tempo dos meios ne-  
 cessarios para se effectuar o que todos acoz des-  
 javam.

A 16 de junho do mesmo anno de 1649 to-  
 maram posse das referidas prazas e local Fr.  
 Pedro de Celorio, padre da provincia, que tinha  
 acabado de ser provincial, e seu companheiro  
 Fr. Inyphel de Breir, os quaes estavam então no  
 hospicio, que tinham em Santa Martha, n'aquella  
 vizinhança de Barcellos, onde ainda existe a capella.

Mas, porque o local do edificio principado  
 não era muito commodo para se continuarem  
 as obras, demoraram a novo convento no local, em  
 que ainda hoje existe, e a 22 d'agosto do dito  
 anno de 1649 se lançou a primeira pedra  
 deste convento com a seguinte sollemnidade, cantou-  
 se missa (nao nos consta aonde) o padre rei-



tor de Villas de Fades Manuel da Conceição, cuja com  
muidade concessen com cantores e arrouamentos, puzjan  
do o dr. Gaspar Pinto Correia, Comy-lua da Collypa  
da, e havendo proceimto solenne, com danças ordena  
das pelos moradores da villa, a qual passava por  
entre alas de arcabuceiros da ordenança, tudo em  
demonstração do gozo, com que recibiam a santa com  
panhia d'aquelles religiosos, que foram os primeiros e  
ultimos, de que até hoje se tem o Barcellos.

A esta solenne celebração da primeira pedra da

5 - Hospital da Misericórdia - Barcellos



Outro aspecto da fachada principal do Hospital da Santa Casa de Misericórdia,  
cujo estabelecimento está instalado (embora ampliado e modernizado) no  
Antigo Convento dos padres Capuchinhos de S. Francisco.

Vê-se o Campo da Feira ainda despidos de arvores e n'ele um exercicio  
de tropa d'infantaria do então Batalhão aquartelado n'esta localidade.

quello convento tambem foi presente o padre superior  
sial d'aquelles religiosos e a camara municipal  
d'aquella epocha, que lhos mandou um bom  
presente para o finitar d'aquelle venturoso dia.

A mesma camara em 31 d'agosto do ditto  
anno de 1649 mandou, que os lavadores das  
pequenas, uma legoa distante da villa, com  
seus carros rearretassem pedra para o convento.

Continuaram depois as obras, e em 11 de Janeiro de 1652 (isto e' passado pouco menos de 3 annos desde que se lançou a primeira pedra do convento, não estando ainda de todo acabado o convento), se disse a primeira missa na sua igreja, havendo n'esse dia festa e sermão.

Em 1754 o povo consentiu que se desse aos frades 70:000 reis do real d'agua, para o encanamento do seu ariuel d'agua.

Ultimamente se aperfeiçoou o convento, que ainda em 1834 era um dos melhores, que tinha aquella provincia da solidade, tanto no edificio, como no local, que e' muito alegre e salubre.

Advertia-se, porém, que não houve mudança do Convento da Sangueira, como a principio se determinou, porque esse sempre ficou conservado no seu antigo local com alguns frades; e ainda hoje alli se conserva, mas sem elle e vendido pelo governo, como se dá no cap. 49.

= Hospital e Misericordia =

(Da Memoria Historica - Abade de Funchal - 1867 - pag. 104)

Antes, porém, de principiar a transcriçãõ a cima citada quero mencionar quem se dispozha a fazer este apontamento, de que tudo quanto atraztracto está relativamente ao Convento dos Santos Lazareiros de S. Francisco, foi por entender que tornaria a Fundação da Santa Casa de Misericordia de Paraiso mais comprehensivel para quem se dispozha a estudar e a explicar este assumto.

Vamos, pois, ao que nos diz o Abade de Funchal: -

"Este convento, que era dos frades capuchos e que foy edificado, por esmolas do povo, foi extinto em 1834 e os seus reliquios expulso.

Na sua entrada tem, em frente da igreja:

um comprido e largo terreiro, com passeios de cantaria d'ambos os lados, aberto no centro do muro da cerca, que frontea com o Campo da Feira. Sua cerca é bastante espaçosa, tem dentro suficiente espaço de apicultura da villa, pomar, hortas, terras lavradas e apaziguadas matas de carvalhos e pinheiros; e é toda cercada de boues e altos muros.

Esta fotografia mostra-nos uma parte do Campo da Feira, por ocasião de uma das muitas concorridas feiras semoniacas que anti'ora se faziam, deixando ver ao fundo o Hospital da Misericordia, ainda sem a parte que foi construida para o asylo de invalidos, mas conservando na sua frente parte da sua grande cerca vedada por altos muros, tendo no centro aberta a entrada a que atraz se refere o flado do livro, tendo por ambos os lados passeios de cantaria, mas que inda hoje já não existe". (1947)



Em 1834 passou a ser proprio nacional este lindo edificio; mas, porque a local, onde entao existia o Hospital da Misericordia, era menos adequado e proprio para estabelecimento d'apella natureza, por não ter as condições hygienicas e ser um edificio sem os commodos e proporções devidas, pela valorosa protecção do ex.<sup>to</sup> Sr. Barão, Visconde de Leiria e General do Porto, foi este convento, epya e cerca concedido pelo governo a irmandade de da Santa e real Casa da Misericordia em 1836, para ali se estabelecer com o seu hospital.

Comra, pois, ao nobre Visconde, ao digno e benemérito filho de Barcellos, que tantos serviços

tem pertadojá sua patria nativa e ao seu  
 pais, não só na guerra peninsular e no ul-  
 tramar, mas nas campanhas da liberdade.

No cap. 45 fallaremos com mais detença d'este  
 illustre filho do Barcellos.

Leitos os precigos comodos no convento,  
 em 1836 passaram para elle os doentes, e depoi-  
 saram para alli trasladados os ossos dos defun-  
 tos, inhumados na antiga misericordia.

Poucas terras terão um hospital tão bem  
 situado e em local tão ajuisado, conveniente  
 e sadio, como presentemente tem o Barce-  
 leuse.

Ha n'este hospital uma boa galeria de re-  
 tratos de seus benfeitores, entre os quaes figuram  
 el-rei D. Manuel, D. Pedro de Albuquerque e  
 o pae de D. João 4.<sup>o</sup>, D. Maria 2.<sup>a</sup>, o Visconde  
 de Leiria, e outros.

Este novo hospital tem duas boas esquadras em



Um aspecto do hospital, vendo-se ao centro a 2.<sup>a</sup> freguesia, ao lado direito desta  
 a parte destinada a doentes e ao lado esquerdo a parte destinada aos filhos  
 de Invalidos.

Peruarias, viradas ao prante no Campes da Teia,  
uma para homens e outra para mulheres, e em  
lado do nascente se continua na conclusão d'uma  
terceira, ao longo da qual já tem um novo cemiterio mais  
espaçoso dentro da cerca, que a mesa de 1866 alli se viu  
deu fazer, com uma linda capella de deffronte e encom-  
mendação dos fallecidos.

Este hospital basta, a' sua custa, as freyras deen-  
tes, - dá' escola de cem reis (em dinheiro) a cada pu-  
ra quatro vezes no anno, a saber, no 1.º de Janeiro,  
dia de Paschoa, de todos Santos e Natal, por lepa-  
do do dr. Custodio Gonçalves Lido, medico do Porto,  
- Jemee-Ihes na quinta feira santa cinco rajas de  
pão mistura cozido, e na vespera de Natal 500 reis  
de lenha, por legado de Antonia Gomes Douçella, -  
manda-Ihes dizer missa na capella de Sant' Iago  
todos os domingos e dias de preceito, - e socorre-os  
algun diariamente com agua e a santa.

Este humanitario e pio estabelecimento  
é digno de toda a protecção e de ser esculado,  
porque sua instituição e seus fins não podem  
ser mais uteis, do que são.

Governando estes reinos a rainha D. Leonor,  
viuva d'el-rei D. João 2.º, durante a ausencia  
d'el-rei D. Manuel, que se achava em Castella,  
para acutar a successão deste reino, instituiu-se  
em Lisboa a irmandade da Misericordia em 1498  
por de 1498 a instancias de Fr. Miguel de Contreras,  
pade Trino, e d'outros varões pios, cujo compromis-  
so, ultimado em 3 de Março de 1614, foi man-  
dado observar em 19 de Maio de 1618.

Para perpetua memoria do instituidor, por  
alvará de 25 d'Abri de 1627, foi ordenado a  
todas as Misericordias do reino, que em suas  
bandeiras usassem da imagem d'um pade.

Trinco, com estas iniciais - F.M.T. -, que parecerem dizer - S. Tripas / Substituição -.

Não tendo a Misericórdia de Barcelos como promessa seu proprio e adoptado ás suas circumstancias e novos costumes, repete-se pelo antigo da Misericórdia de Lisboa, feito em 1514.

Mas d'onde data a fundação do hospital e Santa Casa de Barcelos? Não antiga e a origem d'este primeiro hospital, pois d'ella não ha documento algum.

Sabe-se, porém, que foi em 1464, junto da capella de Santo André (que ainda existe e pertence á Santa Casa) ao pé da Fonte do Bairro, na estrada que vai para Casas de D. N., onde se chama a Padem, havia uma casa, entor. adelpa e outros recolhimentos, com uma vinha e uma deuga em volta, tudo pertencente a uma gafaria ou hospital dos Lazaros ou leprozos, alli estabelecida, e que fora primitivamente doada pelo visconde de Villa Franca Joaõ Pires Lançar com 17 medidas de prao ter çado.

Consta que a esta gafaria ou hospital pertenciam mais 5 casas na villa, com o prao total de 43640 reis, um alambique de vinho no valor de 300 reis; e mais tinha de varias pequenas de prao salgados e annuaes de 84 reis em dinheiro, e 205 rasas e meia de prao em varias especies, que ent'ora recebia, mas que hoje não parece algum, por perdidos.

Depois, por ordem d'el-rei D. Manuel, se substituiu um hospital com epesja e com a porta virada a' rua, que até entor. se chamava de Santa Maria, e desde entor. da Misericórdia; este hospital era (entor.) administrado pelos juizes e regedores da villa. Entre as camaras dos enfermos tinha um oratorio da invocação do Espirito Santo.

No correr dos tempos se estabeleceram n'este

Hospital da rua da Misericórdia a irmandade da  
Mesma Misericórdia; e os juizes, vereadores, juve-  
nes e homens bons da villa representaram a el-rei D.

Manuel, por aquella papeira, havia emito tempo, não  
tinha d'elles; que a Misericórdia tinha poucas rendas  
e exorbitas, e por não podia cumprir seus deveres;  
e por, por isso, se desejasse unir ao hospital da  
Misericórdia as rendas d'aquelle papeira.

Então el-rei D. Manuel, por carta de 12 de  
maio de 1520, dada em Evora, unio ao hospi-  
tal as rendas da papeira.

Como, porém, os mesarios da Misericórdia que  
lessem melhorar d'epreja e fazer edificios maior, muda-  
ram depois a epreja para a Praga, que era no local  
onde hoje se achava a sala das sessões da camara  
municipal; e, onde hoje é a sua secretaria, era, an-  
tes d'ella a casa do despacho da Misericórdia, como  
se disse no cap. 11.

Em 22 de janeiro de 1573, dia da conver-  
são de S. Paulo, se lançou a primeira pedra desta  
nova epreja, sendo provedor António da Costa Al-  
meida. Lançou a pedra e cantou missa nesta  
ocasião o D. Juiz da collegiada Manuel Va-  
lente, e pregou o P. João de Lucena, da companhia  
de Jesus.

Esta epreja era <sup>de</sup> bastante grandezza com sua  
capella-mór, na qual se venerava o S. João Baptista  
e S. Inês Magua com sua irmandade,  
instituida por José d'Almeida Bezerra, da casa de  
Peiro.

Tinha dois altares lateraes no lado do arco cru-  
zeiro; o do lado do evangelho do S. João Evangelista, e o  
do lado da epistola de N. S. Sr. da Conceição. E a-  
havia destes dois altares duas capellas, uma que  
era do Morgado de Villa Corva, instituida por

Antônio de Moura, e sua mulher Beatriz d'Almeida,  
em testamento de 11 de Maio de 1578, da qual foi ad-  
ministrador Sebastião Luiz de Faria, e velhos morgados  
d'Apella. Depois foi administrador d'ambos Pedro  
da Cunha Sotto-maio, de Vila Rica do Castello.

Esta segunda igreja na Praça fez-se com  
contribuições lançada ao povo em subsídios de tiga  
pelo anno de 1711 em diante.

Hoje, porém, está demolida e transformada na pa-  
la das sessões e da secretaria da camara como  
foa dito no cap. 17.

Finalmente, o hospital e Misericórdia existem  
hoje no mosteiro, que foi dos religiosos capuchos da orde  
dade, como tambem já se memorizou n'este cap.

x x x

(Da Memoria Historica, do Alcade do Porto a pag. 53, parte do Cap. XVII.)

... Foi do antigo Paço do Conselho e  
Tribunal, igreja e casa das sessões da Misericórdia, que  
em 1849 se erigiu este nobre e magnifico edificio;  
o qual ficou tambem pertencendo a antigo hospital,  
que segue este paço, pelo lado do frente, pela  
rua da Misericórdia até pontear com a Praça da  
Apoio, com porta separada para a dita rua da  
Misericórdia, e com a mesma architectura, que au-  
tementicamente tinha.

Esta ultima parte do edificio, que era antes ou  
o hospital, interiormente comunica com o Tribunal  
de justiça; tendo entrada particular por aquella porta  
da rua da Misericórdia; e serve de abajimento a  
estação telegraphica, de parte para frousa do paço,  
e d'outra voltada para os artistas.

Assim se ampliou este paço do conselho  
e Tribunal de justiça; porque a igreja e hospital  
da Santa e Real Casa foram transferidos para  
a igreja, convento e cêrsa dos padres capuchos, como





BARCELOS — Hospital e Asilo da Misericórdia

- A Igreja da Misericórdia -

(Do "Aquem Cavado" - Barcelos - (1935) - por Testões da Fonseca pag 149)

..... No tempo do Duque D. Teodósio II, filho do rei D. João IV, restauraram os muros de Barcelos e edificou um convento de freiras, sob a invocação da Conceição.

Escolheram a sítio no Campo da Feira, um pouco mais abaixo onde hoje está a igreja do Espírito Santo, e começaram as obras, as quais não se sabe porque motivo em breve pararam.

Em 1641 foram cedidas estas obras aos padres bernardos de Fiais para ali estabelecerem um convento com a obrigação de nele terem uma aula de latim.

Como os de Fiais nunca se aquiesceram d'essa concessão, nasceu a ideia de darem aquelas obras aos religiosos capuchinhos do Convento do Bom Jesus da Franqueira para mudarem para aqui a guisa de convento.

Estes padres acataram a proposta, mas não encontrando a sítio comodo demoraram

novos convento no local onde hoje está o Hospital, lan-  
cando a primeira pedra em 22 de Agosto de 1549, sendo  
os trabalhos dentro d'uma lapa em volta da vila obri-  
gados a acarreterem a pedra.

Não se efectuou a fundação do convento da  
Tranqueira; os padres continuaram lá, vindo porém  
porvir o seu novo convento, sendo se conservaram  
até 1834.

A igreja está actualmente ao centro do edifí-  
cio, ligando a Alameda de Luvaldas, que fica a esquerda,  
com o Hospital, a direita.

A sua fachada tem um nicho em que se ve-  
ria a imagem da Senhora da Conceição em pedra e abai-  
xo, no mesmo pedestal das janelas que estão logo ao  
côr, tem tres nichos: o do centro com as imagens de  
Nossa Senhora em visita a Santa Isabel, e do lado esquer-  
do com a imagem de S. Francisco e o do lado direito  
com a de S. Branca.



Esta fotografia é a copia  
fiel da entrada primitiva  
da igreja da Misericórdia,  
a qual ainda se conserva  
actualmente sem a menor  
alteração na sua estética.

Fundo isto se veri-  
fica pela cuidadosa e metida  
obra de escultura que atraz fez  
o Sr. Estevão da Fonseca,  
no seu "Apêndice" de  
esta obra tem-se uma  
reprodução da transição d'on-  
de melhor se possa tirar con-  
dições seguras para a historia  
da Rainha do Conado -  
D. D. D.

Templo amplo e sufficientemente espaçoso, e de estilo gótico. Tem tres altares: o altar - maior e dois lateraes. Ao lado esquerdo, abaixo do altar lateral, abre-se uma pequena capela no mesmo estilo da igreja.

Tanto a capela - maior como o corpo da igreja são forrados a estuque em forma de abobada.

Tem dois pulpitos e coro, donde assistem os ermitãos e deveses corvalesmente aos actos religiosos.

Pertence esta igreja actualmente a Comandaria da Santa Casa da Misericordia.

x x x

(Da mesma obra "Apem. Corado", do Dr. Teodoro da Fonseca, a pag. 172)

... Tem esta cidade um bom Hospital, actualmte unido pela Comandaria da Santa Casa da Misericordia.

Vê-se por este ramo de assistencia e unido antigo em Barcelos.

Nas inquirições de 1220, quando se trata da freguesia de São Paio do Carmo, aparece-se a referencia a Albergaria de Barcelos.

Sabe-se que em 1484, em Carta de D. João, pinto a Capela de Santo Roque, existiam umas casas com suas dependencias, pertencentes a Albergaria, hospital de leprozos ou leproso.

No reinado de D. Manuel I instituiu-se um Hospital com igreja e porta para a rua de Santa Maria, que mais tarde passou a chamar-se rua da Misericordia e em nossos dias, rua do Terreiro de São Januario, a qual era administrado por frades e seculares da vila.

Estabelecida pouco depois a Comandaria da Misericordia n'esta vila, foi-lhe entregue o hospital.

Como as rendas do hospital fossem pequenas e a Albergaria havia umido tempo não tinha deveses, D. Manuel por carta de 12 de Maio de 1520

unir os seus do papaeiro ao hospital.

Para alargar o seu hospital a Comandada da Misericórdia mandou a sua capela em 1833 da rua da Misericórdia para a rua Municipal.

Em 1834, foram extintos os conventos em Portugal e incorporados os seus bens na Fazenda Nacional.

Em influencia do Visconde de Leiria, o governo ordenou em 1836 a abertura dos padres Capuchinhos a Comandada da Misericórdia para nela estabelecer o hospital.

Adaptado ao fim a que era destinado, sofreu posteriormente alguma alteração, sendo uma das mais importantes a de 1910.

Em 1932, a Comandada da Misericórdia mandou construir na Beira do Hospital um Balneário público.

Em 1888 fundou-se o Asilo de Inválidos para ambos os sexos, sob a administração da mesma Comandada, e construiu-se para isso um edifício proprio no lado esquerdo da Igreja.

Há nesta freguesia outro asilo, o Recrutamento e Asilo da Infancia Desvalida do Terceiro Deus.

x x x

### Notas:

— Em 22 d'Agosto de 1649 — Lança-se a 1.ª pedra para a fundação do Convento dos Capuchinhos da vila de Barcelos, havendo presente o Rei com duas ordens das suas mães.

— Em 22 de agosto de 1694 — Lança-se a 1.ª pedra para a fundação do Convento de N.ª Senhora da Conceição da Vila de Barcelos, que hoje está servindo de hospital de misericórdia.

— Em 10 d'agosto de 1850 (3.ª feira) foi lançada a 1.ª pedra para a construção do Asilo de Inválidos, tendo comparecido todas as autoridades locais, e a nobreza que reverteu este acto de grande esplendor e grandiosidade.

## As Misericórdias

< "O Barcelense" nº 1306 de 4 d' Maio de 1936 - Dr. Teófilo da Fonseca >

Em 15 de Agosto de 1498 a Rainha D. Leonor, a instancias e conselhos de St. Tiago de Combrás, instituiu a companhia da Misericórdia, cujos fins principais eram redimir cativos, curar enfermos, soltar presos, alimentar pobres, casar órfãos e amparar viúvas.

Sintetizando o espirito caritativo existia da época, veio realisar esta instituição a missão de assistência social de todos os tempos.

Creada em Lisboa a primeira Misericórdia do paiz, sem fundos nem capitães, os seus primeiros recursos foi buscar-las ás dotações régias e ás esmolas.

Em determinados dias do ano sabiam a rua a Provedor e Almoxarife em audiência publico a angariar doativos para as despesas da irmandade e no fim de certas missas iam até às Igrejas pedir esmola de pão para os presos e para os doentes do seu Hospital.

Foram-se accumulando os capitães e juizes ventos das Misericórdias até que a estes fundos, proveimentos da munificencia régia e da caridade publica, veio juntar-se a generosidade dos benfeitores, que em seus testamentos e doações instituam a favor d' aquellas legados e valores doativos.

Tornaram-se assim algumas Misericórdias ricas e poderosos organismos.

A instituição das Misericórdias, devido á sua especial constituição e finalidade, tomou um incremento e importancia tal, que em breve tempo as vamos encontrar es-

parthadas por todas as cidades, vilas e algumas aldeias de Portugal.

E não só no continente, mas até no vasto império das descobertas e conquistas portuguesas, em África, no Brazil, na Índia e ainda na China floresceram as Misericórdias.

Paranhos foi uma das vilas portuguesas em que primeiro se criou tão útil e simpática instituição.

No reinado de D. Manuel I fundou-se n'esta vila um hospital com igreja e porta para a rua Santa Maria, que depois se passou a chamar rua da Misericórdia, e qual era admirado por juizes e regedores.

Organizada pouco depois a irmandade da Misericórdia em Paranhos, regida pelo compromisso da sua concessão de Lisboa, foi-lhe entregue a aguelo Hospital.

Como fossem diversas as ruas da Misericórdia e a Gafaria, estabelecida na Troita de Baixo, extra-muros da vila, havia muito tempo que não tinha shentes, D. Manuel por carta de 12 de Maio de 1520 uniu os baços da Gafaria a aguelo Hospital.

Funccionou a Irmandade da Misericórdia naquela rua até 1836, data em que tendo-lhe sido <sup>devida</sup> pelo Governo, a instancia do Visconde de Liria, o convento e cêrca dos enfermos no bairro da Feira, mudou para ali a sua sede hospital.

Em 1888 fundou-se o Arco de Loualido para ambos os sexos, sob a adscricção da Misericórdia, construindo-se ao norte da igreja um edifício adguado ao fim.

A accção da Misericórdia de Paranhos,

não se limitava, porém, a' admissão de  
seu hospital e do seu arils: era muito mais vasta.

Regida desde principio pelos estatutos da  
de Lisboa acompanhava nos ultimos momentos os  
condenados a morte, dispensando-lhes socorros ma-  
ternaes e espirituaes; e envolava os encarcerados, in-  
do até os irmãos pessoalmente em certas épocas  
de ano distribuia-lhes pão e dinheiro; mandava  
dizer missa áquelles nos domingos e dias santos, junta-  
mente na capella de Sant' Ego, em frente á  
Torre da Porta Nova, e depois no proprio edificio  
da cadeia; distribuia todos os annos obitos para  
casas rapangas pobres e bem confortadas; pre-  
sencia uma razão aos doentes que terminavam  
a sua hospitalisação e assistia aos enterrros de  
seus irmãos, prestando-lhes honras fúnebres.

Os Doctores do seu Hospital facultavam con-  
sultas medicas aos pobres e prescrevia-lhes curati-  
vos e medicamentos.

A Irmandade da Misericórdia de Pau-  
los foi rica, tendo uma vida despendida na  
sua admissão, cumprindo as obrigações a  
que se impoz e que lhe eram impostas por Le-  
gados.

Com a mudança, porém, das condições  
economicas do paiz após a Grande Guerra, so-  
freu esta instituição, como todas as suas congê-  
neres, um grande abalo financeiro, passando  
a ter grandes difficuldades economicas.

É certo que a Jurem, vendo a situação  
aflicta em que se debatem as Misericórdias, veio  
em seu auxilio, concedendo-lhes subsídios e do-  
nativos.

Serão estes, porém, sufficientes para que  
as Misericórdias possam desempenhar cabalmente

a alta miséria reparadora social, quando a pobreza e a miséria cada vez se abastam mais?

Para resolverem problemas importantes a sua vida, reúnem-se as Misericórdias de todo o país e organizam os seus congressos em que se discutam os mais graves assuntos a elas referentes.

O IV Congresso das Misericórdias realizou-se este ano no Museum, meiz de Maio em Braga. Não deve faltar a ele a Misericórdia de Paços, como uma das mais antigas e das mais importantes.

As Misericórdias devem pugnar pelos seus interesses e actuar tanto quanto possível a serviço da sua acção, mas ter sempre em vista o fim para que foram criadas a saber: aliviar os tempos presentes; conservar o espírito cristão que lhe foi insuflado na ocasião da sua criação; mas repulgar os actos, d'após que a sua sombra queriam ser proselitismo e matar a intolerância.

A cidade deve beneficiar a todos que precisam de auxílio e amparo, bons e maus, crentes e não crentes; e fazer o bem não offesa a quem.

Le em alguns campos, visto as condições sociais modernas, a acção das Misericórdias foi reduzida e até annuada, como remissão dos cativos, na assistência aos fracos e condemnados a morte, nos encargos com os expostos e menores abandonados, nas amizações entre os que tenham demandas pendentes, vizinhos que se malqueriam ou famílias desavindas, etc, alargou-se em outros campos de horizontes ilimitados a quella sua acção de justiça e bondade.

Atende compete ás Misericórdias a rea-



car e sustentação de Maternidades, de Bebês e Lactários, de Belgios e Asilo para crianças, para velhos e estropiados da vida, de Hospitais de educação geral e de especialidades.

Numa palavra, pertence às Misericórdias a assistência e proteção à infância, à velhice e à humanidade enferma.

Para o desempenho desta tão augusta missão precisam as Misericórdias da proteção do Estado e da benevolência dos ricos; são estes que em mais obediência temem, até no seu próprio interesse, na conservação e expansão de tão útil instituição.

Por seu lado as Misericórdias devem pugnar pela sua existência e engrandecimento e nunca abandonar da sua vida zupfina e da sua individualidade independente.

x x x

### - Misericórdia de Barcelos -

Hospital e Asilo, sobre um antigo convento de frades capuchos, do século XVII.



Misericórdia e Asilo

### - Dos livros das vereações Camarárias -

1710 - Foi convocada a Câmara, que consentiu no Real d'Alçada para a fundação do Hospital para curar os pobres.

O gradeamento exterior na frente da Santa Casa de Misericórdia de Barcelos foi colocado nos princípios de Janeiro de 1882.

Em 1932 a Comandade da Misericórdia mandou construir na Lateral do Hospital um Balneario publico.

Em 1888 fundou-se o Asilo de Inválidos para ambos os sexos, sob a administração d'aquele Comandade e construiu-se para isso um edificio proprio ao lado esquerdo do Hospital.

(Passou a folha 140 do livro)

173

113

= Templo dos Terceiros de S. Francisco =

(Da Memoria Historica, do Abade do Limp - 1867 - Capa XXVII - pag. 109).

A veneravel ordem terceira da Penitencia, instituida pelo sagrado P. S. Francisco, foi primeiramente erecta na Collegiada n.º um altar de S. Francisco, que estava encovertado a um pilar, junto da porta travessa da praça que entao, poucos annos de 1657, era mais a cima da que hoje existe do mesmo lado, isto e; onde actualmente esta o altar da Im.ª de Nossa Senhora e Santa Rozalia.

Foi erecta ali pelo Fr. Manuel da Paizear religioso observante da provincia de Portugal, que entao assistia em Vila do Conde e foi elle o primeiro commissario da mesma ordem.

Depois, no correr dos annos começaram a ser commissarios os religiosos capuchos da provincia da Solidade, do convento de S. Francisco de Baccos.

Do altar encovertado no dito pilar mandou-se a ordem para a capella de N. Senhora da Encarnação, que houve no local onde hoje se ve a porta travessa, virada ao passo dos duques e admo de traz da epifania collegiada, cuja capella tinha sido substituida por Álvaro Gonçalves, e era entao achriestrada por Helena de Sampair Faria, a qual pela muita devoção que tinha ao fr. Marcos S. Francisco, consentiu que a ordem 3.ª se mandasse para a dita capella, e foi o assentimento ratificado depois por escritura publica, de 26 de junho (parece que) do anno de 1670, pouco mais ou menos porque a copia da escritura não emitta bem se lê. E Catarina Ramirez de Faria, viuva de Paulo de Carvalho da mesma villa como immediata successora na capella, tambem deu seu assentimento por escritura de 24 de outubro do subdito

Cópia para o Arquivo

am.

Nesta capela se conservou a ordem muitos  
anos, até que no ano de 1675 o rev. Gaspar  
Meendes de Carvalho, morador em Beirões, sendo  
adjuvante de d'esta capela, a vendeu a irmandade  
de d. S. Sacramento por 30.000 reis por escritura  
de 13 de julho de 1675.

A irmandade, porém, de S. S., que então estava  
na capela, hoje de N. Senhora do Rosário, cedeu esta  
a ordem 3.<sup>a</sup> a qual tomou conta d'ela em 8 de julho  
de 1677, conservando-se n'esta a irmandade de  
S. S. enquanto se não acabaram as obras da sua  
capela nova que foi de N. Sr.<sup>a</sup> da Encarnação e em  
22 de abril de 1679 a ordem tomou posse da capela  
de Rosário, mudando-se a d. S. S. para aquella  
sua nova e depois para a que hoje tem.

A ordem 3.<sup>a</sup> conservou-se na capela que  
hoje é de N. Sr.<sup>a</sup> do Rosário até se mudar para o  
novo templo que mandou erigir no Campo da  
Feira, deixando a capela da Colpiada a irman-  
dade de N. Sr.<sup>a</sup> do Rosário.

Quizeram levantar o novo templo a Pechá do Am



to, mas as feiras e embarcaram, alegando que  
essa obra lhes ia demorar o claustro e a cêrca.

Por isso erigiu-se outro local e o novo templo foi levantado no mesmo campo da Feira ao nascente, onde ainda hoje se vê, sendo a capela - moi construida em terreno, que pertencia a' cerca dos padres capuchos.

Este templo e' magestoso e vasto.

Lançou-se a s.ª pedra em 11 de março de 1734, sendo ministro da ordem o conde André da Costa Lages e secunario o P. Manoel da Costa Leitão.

A 28 de Maio de 1738 as freiras tinham apenas 7 palmos fiado só por falta de meios; e, se não fosse as esmolas dos pais e outros donativos vindos do Brazil e com especialidade da Bahia, onde alguns dos irmãos os mandaram pedir, e prouto do tributo denominado do real de agua que a piedosa rainha D. Maria I mandou aplicar para a obra, não se concluiria o templo, como se concluiu.

Uma casa para este lado



Apesar do pouco, fizeram por concluir as duas torres dos sinos, que deixaram a sua fronteira alguma tanto apitada; com o falecimento, porém, do irmão da ordem Antonio da Costa Mendonça, senhor da obra e quinta de Casal de Vil, que deixou a dita ordem uma ampla esmola, logo

a definitivo de 1866 com o incansavel zelo que a caracteriza, applicou-a a' conclusão da torre do lado do norte, que apesar da sua architectura diversa da frontispicio do templo, se ultimou

com elegante e formosa aparência.

Trata-se agora de a pararmos de siros, com esmolas dos irmãos.

(Vide pag. 94 do IV Volume)

Notas: - Ha umito que a torre dos siros amagava ruina e pela luma hora da tarde do dia 12 de fevereiro de 1912, derruiu, não se tendo quebrado (felizmente) nenhum sino do seu carrilhão.



Esta igreja por motivo de se encontrar em estado de ruina foi demolida de comum acordo com a Camara e Companhia, recebendo esta d'aguila a quantia de setenta contos em titulos da Camara e vinte e cinco contos em dinheiros.

Como esta igreja estava condemnada a sair deste local, sabendo-se que esta resolta era inabalavel por se haver contracto feito entre a Camara e a Companhia, no anno de 1909 (anno em que tal contracto se realisara) tendo os Rs.º João de Souza e Dr. Joaquim Paes de Vilas Boas, directores do Banco de Barcelos, comprados um bilhete inteiro com o n.º 7222 para a lotaria de Santo Antonio, a qual saiu premiada com o primeiro premio de dez mil contos de reis ofuere-

ram a quantia de cem contos de reis para a ajuda da construcção d'uma nova igreja que substituiria se esta a qual devia ficar em o nome de Igreja de Santo Antonio da Cidade.

Esta igreja começou a ser demolida em 1930 sendo presidente da Camara o Sr. L. Caspary de S. S. e o Sr. Francisco Fribe dos Santos Caravara. Esta demolicão principiou no dia 16 de julho pelo Altar de S. Jo. do Campo, dia em que era a festa de S. Feliz

Igreja de Santo Antonio da Cidade

Esta situada entre a Avenida Alcides de Faria e o Campo da Cidade, com a frente para a antiga Pedra do Couto.

Edificio de estilo ultra moderno, foi construido com esculhas e doações dos devotos, empregando-se nas suas obras os materiais da demolida Igreja dos Terceiros.

Eleva-se a sua alta fachada, amparada do lado direito por uma ainda mais alta torre, no centro de um adro fechado por parede com duas portas de saídas.

Com a subida a terre abriga a porta transversa um pequeno alpendre sustentado em colunas.

Dentro é formada a maadria em cothos e travess a vista, sendo os seus altares o maior e quatro lateraes em talha unida.



Foto  
Bellegos  
PORTO

BARCELOS - Igreja de Santo Antonio

Em cima por este lado

simples.

Tem dois pulpitos e coro.

É pública e gratuita - se fazu desta igreja a matriz da nova freguesia em que se pensa dividir a cidade.

Esta igreja foi inaugurada solemnemente em 12 de Junho de 1932, sendo bençidida por Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Angra D. Guilherme Inacio da Cunha Guimarães, havendo n'este dia uma missa solemne de Santa Trizinda e do Beato Tiago de Santa Maria, a qual sahio da Igreja Matriz recolhendo a nova igreja de Santa Antonio.

No dia imediato (13) houve missa de Pontifical, ás 11 horas, celebrada pelo Senhor Bispo de Angra e sermão pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Serpa, do Chousal. (Vide paginas 159 do II Volume destes apontam.<sup>tos</sup>)

- Restituição dos Freios -

«Da Memoria Historica» do Abade do Louro - Cap. XXIV - a pag. 91.

Estendendo o Campo da Terra pelo lado do norte d'ele, existe o convento das religiosas Benedictinas, que foram extintas n'ele, porque as duas d'elas, que se tinham em 1834, foram extintas e dadas para o Convento das Benedictinas de Viana do Castelo.

Este edificio, prolongando-se pelo campo dos Louros, onde era a porta da portaria para o Convento, e porta do carro para a cerca, corren- do por cima as fachas das celas e dos corredores, flan- queia todo o lado do presente deste ultimo cum- pro; e para o norte e nascente tinha as outras duas faces, incluídas dentro das paredes da cer- ca, tendo toda esta obra, por entro, um espa- ço e claustro, para em as varandas tinham sahida

todos os corredores do mosteiro.

No centro da face, que fronteira com o Cumpro da Terra, fica a epifania e côro de cima e de baixo, que fica das reliquias, e que fugi e da irmandade de N. S. do Terço, que da expul. do Espírito Santo, da qual falaremos, se mudou para ali, depois da extinção do convento.

A epifania tem uma longa porta de entrada, e de cada um dos seus lados tem cinco janelas emolduradas.

Noz dois extremos d'essa linha teve dois altos mirantes, um dos quaes formava um campanilho recto com o Campes dos Terros e outro com a Pedra do Couto.

Na parte exterior da porta da entrada da epifania tem de cada lado d'ela uma lapideira; a da esquerda, ao entrar, com esta inscriçao latina: -

"Joane V imperante, Petri II placito amovente, hoc Monialium coenobium ad aeternam temporis memorarium Divo Benedicto dicatur! -

Que diz em portuguez:

- No reinado de D. Joao V, por beneplacito de D. Pedro II, este convento de manachas foi comprado, para memoria eterna, a S. Bento. -

E a da direita com esta inscriçao:

"Rodrigo II, Hispaniarum Primas, qui opus eripendum curavit, sacro pontificali ritu, primum lapidem posuit XIV Augusti die, anno MDCCLVII."

Que diz em portuguez:

O Primaz das Hespanhas D. Rodrigo II, a quem se deve o pensamento e empenho da edificaçao desta obra, lançou a sua primeira pedra, fazendo sagrado pontifical,

Faca copia por este lado



no dia 14 d'agosto do ano de 1707.

A epifania é bastante espaciosa; tem três altars, e da capela-mor, e um de cada lado do arco cruzeiro d'ela; as paredes são todas forradas de azulejos, pintados com emblemas, e sentenças extractadas da Scriptura e da regra de S. Bento; e o tecto e todos forrados de madeira em taboleiros, sendo pintados n'elles, a oleo, com o desenho mais correcto e vivas cores, como se datassem de pouco tempo, todos os passos da vida do glorioso patriarca S. Bento.

Dentro da capela-mor, por cima da porta que, ao lado do evangelho, dá entrada para a tribuna e torre do sino, está pintada em azulejo esta inscriçãõ:

"Anno Domini M.DCC.VII, die vero XIV. Augusti;  
D. Prodericus de Moura Teles, Archiepiscopus Macharen-  
sis, Hispaniarum Primas, huic aedificio primum in-  
fecit lapidem". —

Que diz em portuguez:

— No dia 14 d'agosto de 1707, D. Proderico de Moura Teles, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, lançou seu edicto a fundação desta edificação. —



Interior da epifania do Convento - hoje epifania de N. Senhora do Terço, vendo-se a alta-mor.

Por cima da entrada porta da capela-mor, por do lado da epistola, dá entrada para a sacristia, tambem esta pintada em azulejos e esta inscriçãõ:

"Anno Domini M.DCC.XIII, die vero VIII

Jubii, idem D. Prodericus de Moura Tels, Archie-  
piscopus Machaensis, Hispamiarum Primas, Pro-  
viales in hoc a se fundatum coenobium a  
Machara transtulit, et reclusit.

Que diz em portuguez:

No dia 8 de julho do anno de 1713, o mesmo  
D. Rodrigo de Moura Tels, Arcebispo do Braga, Primas  
das Hespanhas, morden de Braga e encerrou nes-  
te coenobio, que havia fundado, as manachas.



Interior da igreja do Convento - hoje epifia de N. S. do Terço, vendo-se  
o toro de cima e de baixo.

De todas estas  
missões de este  
se, por o arcebis-  
po de Braga, D.  
Rodrigo de Moura  
Tels, por humph-  
eito de D. Pedro  
2.º e no reinado  
de D. Joao 5.º fi-  
o que estivesse  
a primeira parte  
deste coenobio,

de que era fundador, aos 14 d'agosto de 1707, obia dedi-  
cado a S. Bento; e que o mesmo arcebispo, depois  
de consumidos seis annos n'esta edificaçã, ali en-  
cerrara as peizas aos 8 de julho de 1713.

Este dito, resta - nos agora saber d'onde  
vieram as peizas, como foram encerradas e por que  
motivos; eis, portanto, o que passamos a desou-  
ver.

Segundo Fr. Leão de Santo Thomaz, na - Be-  
nedictina Lusit., tom. 2.º -, e o padre Cavalho,  
na Chorop., tom. 1 tract. 3 cap. 3., Pair Gomes  
Pereira, cavalleiro principal da villa de Monção,  
havia, pelo meo anno de 1150, fundado n'um  
de seus arrabalde um coenobio.

Como, porém, as feiras habitassem este entre as inquietações e molestias, que costumam ser frequentes nas praças d'armas, vendo-se por três vezes as religiosas obrigadas pelo suor e necessidade a deixarem aquella habitação, foram aliem recolhidas todas no seminario de S. Pedro, da cidade de Nagm.

Omitindo suas saídas, noticiaremos somente, que nas duas quincenas se tornaram a recolher ao seu convento de Monção; e que na terceira sahiram por ordem d'el-rei, no ano de 1659, com o destino de se lhes fazer um novo convento fora de Monção.

Recolhidas que foram ao seminario, multiplicaram-se as publicas de varias Camaras da provincia, pedindo a el-rei cada uma para que se edificasse e mandasse fundar um novo convento na sua terra.

Barcelo tambeum se porem, e puzendo a contulencia de consideravel quantida de de dinheiros, lançado um cabeçar de seiza, para as obras do novo convento; e sua solicitação atendida,

O Pulpito da Igreja de N. S. da Terceira Antiga Camara do Fieiras Benedictinos - meiosidade em N. S. da Terceira do Anno XVIII



nao só em razão da opulenta contribuição, senão  
tambem do optimo sitio destinado para a fundação  
do convento.

Em 8 de Setembro de 1704 a povo opulenta presen-  
te a camara mais doze empregados para a obra  
do novo convento. E como n'essa época fallecesse  
D. Pedro 3.º, e começasse a reinar de D. João 5.º  
este recommendou a construção do novo convento ao  
arcebispo D. Rodrigo de Sousa Telles, que tanta zelo e  
actividade empregou no andamento desta em-  
presa, que, logo quando se iniciou a fundação pediu  
nos annos do edificio a 14 de agosto de 1704, esta  
grandiosa obra, (em que se dispendeu, n'aque-  
lles tempo, quarenta contos de reis, que, sem exaspera-  
ção equivaler, pelo menos, a sessenta contos de  
reis d'hoje), se concluiu no anno de 1713. Foi o  
superintendente d'esta obra, por nome do regio, o dr.  
Domingos Gonçalves Ribeiro.

Em 3 horas da manhã do dia 8 de julho  
de 1713, (n'um sábado) e o arcebispo D. Rodrigo de  
Sousa Telles, com todos os desembargadores da sua Re-  
lação ecclesiastica, sae do paço archiepiscopal em  
direcção ao Convento de S. Pedro, onde com annua  
era esperado; e para top' essa communião das re-  
ligiosas, acompanhada tambem das justizas seculares  
na frente da favela, (precedida pela cruz  
archiepiscopal, e coberta pelo arcebispo, em con-  
d'ella, acompanhada de 14 em 14 religiosas de  
um desembargador, d'um escrivão, e d'um mei-  
rinho), marchando, seguida de toda a nobreza  
de Braga e unida da provincia, por entre alas  
de gente da ordenança d'aquele tempo, até a  
capella do Paço, rebando o antigo Benedictus.

Quiraram ali o mesmo; e, seguida ella, as re-  
ligiosas, duas a duas, pela ordem das suas

antiquidades e padrações entram em letras.

E acompanhadas, de 7 em 7 letras, dos mesmos ministros e oficiais, indo na vanguarda o suvidor, juiz de fora e mais justizas de Braga, e atraz da comunidade o archiepo na sua lettera, e depois d'ele a mediata sobrey, e outra mais, que foi vindo ao encontro, assim de fora se dirigiram a Barcellos.

Chegados que foram aos campos do antigo termo de Braga, antes de entrarem na freguesia de Seprenia, (junção do antigo termo de Barcellos, em que iam a entrar), o archiepo mandou receber a Braga as suas justizas seculares; e, chegando então ali as de Barcellos, com a Camara, que tomou o lugar d'apelos justizas de Braga, e salindo-lhes ao encontro o Marchal de Campo, general, D. João Digo de Ataide, que governava as armas da freguesia, e que tomou o lugar em seguida do archiepo, todos assim continuaram, sem marcha até Barcellos.

Ataviando a vila e chegando ao templo de S. Lázaro da Cruz de Barcellos, todos appareceram entre alas de pente da ordenança e entre immenso povo, e, depois de fazerem oração dentro do templo, a pé e em procissão, na mesma ordem em que vieram até ali, prosseguiram as mesmas alas de pente, indo na frente a cruz do calvário da coligada da vila, em seguida os corpos d'ela, depois a cruz arqui-episcopal; apez d'ela as feiras, duas a duas, com a sua Abadessa D. Francisca de S. Antonio, com o seu baculo em punho, e por ultimo o archiepo, governador das armas e mais cavalleiros e pessoas, que concorreram a tão brilhante e portosa junção, não só da vila, mas até de fora d'ela; tanto povo

em pie, que dignamente se podia reconhecer por en-  
te ele e contra lo.

Assim emigram a processão desde a Igreja  
da Cruz até a portaria do convento, rezando-se o  
psalms - Fluente pueri Domini -; e assim  
então portaria dentro uma comunidade de 67 fei-  
ras profissas, 3 novizas, 6 educandas e mais 50  
criadas, trasladadas do Luminario ao seu novo  
convento de Barcelos, que então estava concluido,  
menor e misante do Pedra do Centro, que foi ul-  
timamente concluido em 4 de outubro do dito  
ano de 1713.

Note-se, que as feiras habitaram o seu  
maio desde 1659 até 1713, isto e, 54 annos.

Logo que a numerosa comunidade entrou a  
portaria do convento, a sua abadeza entrou o -  
Te Deum laudamus, - que todas foram cantando  
até ao coro de baixo.

Entram a 11 horas da manhã, e do coro foram  
imediatamente ao refectório, que estava preparado  
com abundancia, a ordem e custa de archiepis,  
que tambem nos tres dias seguintes deu de comer  
a todas as religiosas.

Nestes tres dias seguintes, domingo, segunda e  
terça, (9, 10 e 11 de julho de 1713), sendo este ul-  
timo o da trasladação dos restos de S. Bento, houve  
triduo solene na igreja do convento, com o  
Santissimo Sacramto.

No primeiro e segundo dia houve missa em  
Bata e sermão; e no terceiro houve propheta, feito  
pelos archiepis, com sermões de manhã e de tarde,  
e com processão tambem de tarde até o templo do  
Senhor da Cruz, repressando a igreja do convento; e esta  
processão foi acompanhada por todas as circumstancias  
da vida, levando o archiepis a custodia de S. Sacramto.

O arcebispo hospedou-se (como era costume seu, quando vinha a Barcelh) na casa da quinta da Ba-  
pueira, hoje quasi demolida de todo, donde mandou  
comer as feiças nos 4 dias primeiros. Depois foram  
sorridas com vitellas, carneiros, galinhas, etc. pela  
camara, que se compunha dos vereadores Diogo da  
Costa Mandão, o Almeida Jacinto Vieira e João  
Antes Souza Cupuina.

Este convento e sua igreja, (excepto a sua  
epifa e cõo, que foram dados a irmandade de N.<sup>o</sup>  
S.<sup>o</sup> do Terço, da qual falaremos no cap. seguinte), foi  
mandado arrematar, pelo governo, em 1847, que  
o lançou pela insignificante quantia de menos de  
dois contos de reis (!!!) quantia esta, que só os  
furos das grades internas e externas e a cantaria  
dos mirantes e varandas, que foram apesiadas  
pelo arrematante, produziram!!...

Que diferença entre os antigos e modernos tem-  
pos! Então edificios sagrados... hoje mundanos  
em profanos! O século XIX tornou conta e destruiu  
esta grandiosa e sagrada obra de D. Pedro 2.<sup>o</sup>,  
D. João 5.<sup>o</sup>, D. Rodrigo de Moura Teles, dos Paes-  
Alves e povo da comarca!!!

Foi porque anti' ora fundavam-se e  
consentiam-se estes actos sagrados, onde, lon-  
ge das torpezas da terra, se estudava a ciên-  
cia do ceu, se enedia o espirito de sabedo-  
ria, a oração de bons pensamentos, e se ex-  
cumbava para o mesmo ceu; mas hoje... são  
lhes destruidos, abandonados e metidos a ridiculo!  
que espirito delirante desta época! que mal-  
fada a nossa década!...

= Nossa Senhora do Terço =

(Da Memoria Historica, do Abade do Louro (1867) - a pag. 99)

A devoção de N.<sup>o</sup> S.<sup>o</sup> do Terço, nos primeiros do seculo

"Igreja de Nossa Senhora do Terço"

Estimam-se no antigo convento de freiras beneditinas, fundado em 1494.  
Passou um admirável pulpito em talha, esplendidos azulejos representando a vida de S.  
Bento, e uma famosa imagem, em mármore, de Cristo crucificado.



~~~~~ x x x ~~~~~  
A esquerda a antiga entrada
para o Convento das Freiras, que ainda
hoje existe, vendo-se em cima, no nicho,
a imagem de S. Bento, razão porque
ainda hoje lhe chamam "S. Bento da
Portaria".

Esta entrada hoje está adaptada a
um armazem de mercancia.



~~~~~ x x x ~~~~~  
Pulpito do Templo  
de Nossa Senhora do Terço  
ou:  
Obra em talha dourada  
do século XVIII.

~~~~~ x x x ~~~~~


Igreja de Nossa Senhora do Terço
(Convento das Freiras)

A direita -
- Cristo crucificado -
(altura 809m)

Formosa obra da escola jansenista executada com primor, em magnífica pertença deste templo.



— x x —
A esquerda - decoração em azulejo de Olaria nacional do século XVIII.

— x x —
Vide pag. 158 deste volume de Apontamentos

— o — Pertencem

Interior da Igreja de N. S. do Terço = Os Conventos das freiras humildísimas, fundado em 1707 possuem azulejos esculpidos em sua igreja em magnífica de gosto = Dos livros das peregrinações canarianas =

1682 - A favor fez oferecimento de dar, por espaços de dez anos mil cruzados cada ano para a edificação deste convento.

(Vem de folhas 119 v. do tomo Volume)



BARCELOS - Portico da Igreja das Freiras

seculo XIX, começou
na capela da rua de S. Francisco
memorizada pelo devoto Fr. Frei
Pereira, irmão de padre Luiz de
cristo também da mesma, saindo
da capela à noite, todos os domingos
e dias santos e ali os seus devotos
am a celebração, contendo a igreja pe-
las ruas da vila, como ainda
hoje praticam. A igreja capela
de S. Francisco mudou-se para
a do Espírito Santo, da qual se
consta ter em irmandade em es-
tados aprovados em 15 de Junho
de 1816. Em 1846, algumas
freiras Beatas de Barcelos tinham
sido removidas do seu an-
tigo para o das freiras Beatas

de Viana do Castelo, e a governa sempre tinham de vender a con-
vento de Barcelos por portaria de 21 de Junho de 1846, e assim a
irmandade passou da Igreja para a de S. S. do Espírito - que lhe foi da-
dada pelo Ad.º do Com.º em 15 de Novembro da dita anno de 1846.

x x x
 = Capela de S. José - (Da Memória Histórica do Alameda do Douro).

No Campo de S. José, que anteriormente se chamava
o Campo da Madalena, está situada a capela (hoje)
de S. José.

É tão antiga esta capela, que não ha
memoria da sua primitiva fundação; era, por
reim, em tempos remotos, de Santa Maria Madalena
cuja asserção compuseram as duas imagens da
Santa, que ainda ali se veneram, uma de frente
no eixo da fronteira da capela, e outra de perfil
ao lado do evangelho do altar - maior.

Nos seus princípios foi uma bea

pequena capela, aonde os estudantes da vila festejavam a dita santa.

Capela de S. José, conhecida no Campo do mesmo nome, sendo-se em plano inferior, à esquerda, a rua da Madalena e em cima parte do Campo devidamente murado e gradeado.



E n'essa época este campo, chamado então da Madalena, era circundado de murtas olivieras; e nelle se fazia a feira dogado vacuum; hoje faz-se a dos suínos.

Como esta capela em 1680 foyse umi prouvo venerada, e como a companhia clerical das almas julgasse pequena a capela do Espirito Santo, onde então estava, o reverendo prior e mais meeiros da dita companhia, por unanimidade de 24 de Março do dito anno, feita precatória por da Costa Cavatto, contrataram com os Carpinteiros (que festejavam o "misterio do destino", sem terem capela propria, e que queriam erigir irmandade), de entre todos fazerem maior, como fizeram, a capela da Madalena, com a obrigação de para o futuro a repararem, a irmandade das almas de Guohana, e a dos carpinteiros de tudo o mais, ficando a capela para ambos as corporações, e cada uma delas com chaves da capela.

Tudo assim consta, não só da citada

Esta Capela tinha primitivamente a invocação de S^{ta} Maria Madalena, sendo conhecido por esse nome o Campo que a rodeia. - Tem 1680 teve esta Capela grandes obras. - A sua baixa fachada é abreviada por um nicho com a imagem de Santa Maria Madalena e ao lado direito eleva-se um pequeno torreão para dois sinos, seguindo-se a sacristia e casa de arrecadação. Dentro é formada a madeira pintada, tendo três altares, o maior em talha moderna e os dois lateraes em estilo renascença. Tem côro e fúlgido.



A' esquerda:
Capela de S. José, face voltada para o Campo entre esta e a Igreja D. Pedro V. (1946)

Tem 5 de Setembro de 1740 = Por segunda escritura desta data (lavrada na corte de Andre Aires Lobo, tabelião de Barcelos) o senhor do Francisco Alves da Serra, natural de Gilvande, distribui dos seus haveres para a criação definitiva do côro de Santa Maria Madalena, na Capela de S. José, com sete sacerdotes benfazeiros e vitalícios.

Tendo o Governo atendido o pedido da Companhia de S. José para que lhe fosse concedido um subsídio para reparação dos telhados desta vetusta Capelinha, mandando-lhe entregar para tal fim a quantia de dez contos de reis, foi toda a Capelinha coberta de telha nova e respectivos trabalhos reparados, dando-lhe novo aspecto e preservando-a dos avarias do tempo, cujas obras tiveram lugar nos meses de Março e Abril de 1748.

(Vide folios 123 e 191 deste Volume e 144 do III Volume)

Esta Capela é antiquíssima. Por mais pesquisas que até hoje se tenham feito, não tem sido possível descobrir-se a data da sua fundação, podendo-se afirmar que é a ermida mais antiga de Barcelos.

Foi pequena e foi ereta sob a evocação de Santa Madalena, tendo passado por diversos translocações até ao estado actual em que se encontra. Esta antiga capelinha sempre situada no Campo da Madalena, foi testemunha de muitas festas promovidas pelos estudantes da antiga vila. Naquele tempo, o Campo da Madalena estava no arrabalde da vila - ou entre os muros da vila - aonde se via a ermidinha, com adro e o campo coberto de oliveiras, sitio ameno e pitoresco aonde os estudantes - festeiros quando faziam as festas em honra da sua protectora promoviam danças e distribuição de prendas, etc, etc.

Não sabemos porque perdeu a tradição do nome da sua padroeira e desde longos annos o povo lhe vem chamando - Capela de S. José.

Por valiosa documentação que publiquei no D. Barcelense, desde o ann. 1190 ao ann. 1207, verifica-se que tanto a Companhia das Almas que tinha sede na Capela do Espírito Santo e a permissão de se instituir ali a Companhia de S. José, conhecida pela Companhia dos Carpinteiros, tiveram ali por sede e por um processo que correu seus tramites (ahi por 1740,) nos tribunaes de Barcelos, foi debatido se a propriedade da Capela era de Santa Maria Madalena ou de S. José, sendo a cauza resolvida a favor de S. M.^{de} Madalena. Este processo e demais documentações, encontra-se no Arquivo da respectiva Capela. Aconselho os interessados a consultarem a publicação que fiz no D. Barcelense, aonde tendo foi por mim transcrito.

(Ver de folha 121 verso deste Volume)

123

131

133

escritura, mas tambem d'outros documentos existentes no arquivo de coto, que depois foi erecto na mesma capela.

A irmandade dos capinteiros criou-se ali em 1680, com estatutos, a imitação dos da irmandade dos capinteiros do Porto, e foram depois aprovados pelo Ordinário em 1705.

A irmandade clerical das almas, que se era por 12 sacerdotes da vila, erecta na capella do Espirito Santo, e que em 1680, fora mandada para esta de S. José (onde ainda hoje se conserva o painel das almas no altar lateral do lado do evangelho, que, ha pouco, foi reformado pelo pintor do Porto - Regenda - a instancia da Sr.^{ta} Anna Paquima Simões, mulher do sr. Eduardo Pereira Collyfina tabelião na Freixoira de Paixo), tinha estatutos confirmados pelo Ordinário em 11 de agosto de 1634, pelos quaes era obrigada a celebrar mensalmente um officio pelas almas, cantado pelos irmãos, que todos eram sacerdotes, excepto oito, que eram leigos, e quatro mulheres, que tambem mensalmente mandavam dizer uma missa e rezavam um terço de rosario pelas almas. Por cada irmão que falecia, faziam os clérigos um officio; e os leigos mandavam dizer uma missa e rezavam um terço.

Esta irmandade, porém, desapareceu; e não nos consta como, nem porque.

— x x x —
(Do "Anuário Paroquial" - Barcelos - (1935) por Antonio da Fonseca)
A Capella de S. José - É um templo antigo esta capella, não se sabendo ao certo a época da sua fundação.

11
Tinha primitivamente a invocação de Santa
Maria Madalena, sendo conhecido pelo mesmo
nome o campo que a rodeia.

Em 1680 teve esta capela grandes obras.
A sua baixa fachada é decorada por um
nicho com a imagem de Santa Maria Made-
lena e ao lado direito eleva-se um pequeno
torreão para dois sinos, seguindo-se lhe a
sacristia e casa de arrecadação.

Dentro é ferrada a madeira pintada,
tendo tres altares, o maior em latão moderno e
os dois lateraes em estilo renascença.

Tem côro e púlpito.

A entrada da porta principal serve de
parqueamento pedras que foram tampos de se-
pulturas.

Em uma, por baixo de uma inscri-
ção de difícil leitura, vê-se a data 1684 e
em outra os seguintes dizeres: = S. DE FR. DASTIL-
VA ESVS BRDEIROS.

É pública esta capela.

— Recolhimento das Beatas — mais conhecido hoje por

— Recolhimento Menino Deus —

(Da Memoria "Historica" do Abade do Louro - 1867 - Cap. XXXII - pag. 114)

No fim da rua da Estrada, que vai do
Campos dos Eucos para Vianna do Castelo, ao lado do
presente, está o recolhimento do Menino Deus, a que vul-
garmente chamam das Beatas.

A Junta Victorina, esposa de Bento Fernandes
Jones e de sua cunhada Francisca Teixeira, moran-
dores que foram na rua Direita com loja de merce-
ria, - foi a digna fundadora de tão religioso recol-
himento.

Victorina na idade de 30 annos tinha sido.

Comprada por seu avô, e em tão poucos annos a tornou tão adestrada no manejo de seu rebanho, e em tão intelligente, que este, por uma vez, confiou d'ella dote a treze mil cruzados, mandando-a à cidade do Porto comprar sustinimento para a sua boia; e que ella executou com tanta precisão e fidelidade, que todos admiraram.

Era d'uma vida e costumes exemplares; e tão grande era a sua devoção para com o Divino Jesus, que mandou fazer uma sua imagem, puzê-la n'um nicho, na boia de seu avô.

As afamadas virtudes da Victoria, e os reputados milagres que o seu amado Divino fazia, cresceram tanto, que os povos incessantemente corriam a oferecer a este Divino tantas ofertas, que o D. Prior da collegiada Andre de Souza da Cunha obteve a collocar a imagem na collegiada, na capella que então era da ordem terceira, e hoje de N. S. do Poyaim.

Desde então tanto mais cresceu a fama da milagrosa imagem, e tão inmensas e avultadas foram as esmolas e ofertas, dadas ao Divino Jesus, que informado d'isto o arcebispo D. Rodrigo de Sousa Coutinho, nomeou tesoureiro d'essas esmolas o proprio senhor de Victoria Bento Fernandes dos Santos; e em poucos tempos importaram-lhe em alguns mil cruzados.

Não nos consta com certeza, quaes foram os annos d'estes acontecimentos; mas é certo, que se deram desde o anno de 1704 e 1728, porque o dito D. Prior da collegiada o foi desde 1705 até 1723, e o predito arcebispo desde 1704 até 1728.

Victoria então propozta financeiramente edificar uma capella particular para o seu Divino.

uino, e a faz d'ela um convento para receber
e educar moças dozeletas, e fiz em execução
no local, onde ainda hoje se vêem e admiramos
fundado por tão notável devota, digna de me-
moria eterna entre as pessoas sensatas e ca-
tôlicas.

Muito adianta-
das iam já as
obras do convento,
quando o
suvidor da vila,
por ordem d'el-
rei D. João 5.^o
mandou inter-
mar todos os
pedreiros, que



ali trabalhavam, para irem trabalhar nas obras
de Vila Rica, sem que lhes fosse concedido privilegio al-
gun e, obedecendo á ordem, a obra do convento
ficou parada por alguns mezes.

Não nos consta ao certo o anno deste acen-
teamento, mas foi entre os annos de 1725 a 1730,
porque até esta época duraram as obras de Vila
Rica.

Victoria dirigiu-se a Lisboa, e, obtendo d'el-
rei o regresso dos pedreiros, voltaram a concluir
o convento.

Procurando Victoria na aquizição dos meios
necessarios, obteve avultadas esmolas, e a doativo de
500x000 reis em trigo e telha, ofertado pelos
moradores do extinto Conde de Maranhão, porque
lhes obteve a licença de recrutamento a que
n'essa época se procedia com a maior res-
trição. Cincoenta devotos de Maranhão doaram
200 carros de telha; e 43 de V. Verissimo 19^o e mais.

Em 27 de Setembro de 1733 foi o mesmo convento
comte trasladado da capela da ordem? (então na
collejoada, na Capela de S. S. do Rosário), para a sua
nova epija do recolhimento das beatas, havendo, por
esse motivo, na mesma, corrida de touros, e no dia
da transladação danças e folguedos publicos, como en-
tão se usava em tais occasões.

Victória Jaleon finalmente em Santa Maria do
Acha do Rio; e achou-se sepultada na epija
do seu convento. A falta, porém, de documentos, não
se pôde verificar a época da sua morte, nem se,
durante a sua vida ou depois d'ella, foi por vieram
do Arizana de Souza, hoje Pungel, três reco-
lidas para regularem e receberem as que quizes-
sem entrar n'este recolhimento do Mosteiro de S.

Uma das que vieram de Pungel (que era ha-
bitada da antiga e nobre casa dos Correias de Pal-
semar), serviu de repente; outra de porteira, e
est'outra de escrivã.

Receberam logo o habito da primitiva ordem
de S. Francisco 18 recolhidas, a saber: — Maria de
S. José, Joza Maria de Jesus, Maria Maria da Conceição,
Francisca da Santa Maria, Maria do Sacramento, e
Jez de Santa Maria de Jesus, todas seis filhas do li-
cenciado Manuel Martires da Fonseca; sua cunha-
da Maria Joza de Nazaret; sendo as onze restan-
tes de Braga e d'outras terras. O dote de todas fo-
ram 8008000 reis em dinheiro, 200 alqueires de
pão annuaes, e uma leira lavradia no campo
de Parrochas em Vila Rica, encetando o respecti-
vo encaval, que importou mais de 3008000 reis.

Em 27 de dezembro de 1753 a camara mu-
nicipal fez victoria e assensu o termo publico
se meteu no convento em anel d'agua do canal
da vila.

As recolhidas fôrão annualmente, d'onde
Reis, com a maior solemnidade e seu orap. o —
Frei João — cuja imagem é ainda apulca,
que a fundadora Victoria mandara fazer e venha
va.

Ha no recolhimento outro Freixo, risomun-
te vestido, que a elle o pto. Gregorio pro' Pereira da
Fonseca, secretario que foi da Camara municipal.

O dote das recolhidas era ant'a ora de
6008000 reis; hoje, porém, apenas pagam annu-
almente a tença de 30 mil reis, que correspondem
te a quella dote; e o recolhimento só tem 15 senha-
ras.

Firalmunha, este estabelecimento é util
e proveitoso a sociedade, que preserva os bons cos-
tumes, e que tem como fundamento da boa moral
o temor de Deus e os principios religiosos.

Senão d'arbitrio a virtude, e de sempre se suprimo
aquellas, que, por occasião ou descuido, puderem evi-
tar a miseria e os luctos do mundo, servindo a Deus
na clausura.

Será tambem para esta arbo. sapoadas que
se prepara esse pobre mortal, que tanta proceca-
ção, para sempre, de sobre a superficie Lusitana (?) para
ampliar dicima vez seus institutos (?) e a pagar da
memoria dos homens a
existencia dos successos e serviros, que ainda real-
mente se não preparam, como se fôrão e re-
hissu nos paols?!

Spa; mas exigimos aos praticos reformadores
uma unica coisa, por cuja reputação temo
de responder a portugalade. Si. La. Ou não de
cipreis a raiz a estas arvores fôrças, ou fôrças
tae, em seu lugar, outras melhores. Subitac

com exemplos esse provido e interessante barão,
que jamais arranca um fútilo promar, sem
faze-lo reverer em produções mais úteis e mais
prezias a ele mesmo, ou a seus próprios se-
melhantes. Se pelo menos não abraçeis por este
modo, vos tanto não tereis nem tritura de
cristãos, por antes sereis, pelo contrario, os mais
decididos anti-cristãos. Vos não sereis os ami-
gos da gratia nem dos homens, mas sereis os
seus vendugos. Não sereis, enfim, reformadores,
mas sim tiranos.

Lembra-vos de que ainda hoje ha bas-
tantes instituições religiosas de padros, peiras
e recolhidas na Hespanha, Franca, Belgica, Sui-
ça, Inglaterra, Prussia, Turquia, Asia, Africa,
America, e não sabemos se tambem na Ocea-
nia; e de que só em Portugal não ha padros,
e parece preparar-se a extinção das peiras e
recolhidas talvez tambem. E sera isto porque
Portugal esteja no calcunhar do mundo... ou
porque seja mais sabio e religioso que as ou-
tras grandes nações?!...

Igreja do Restolimento do Menino Deus

(Do "Aquemil-Corvado" por Testoneo da Fonseca (1935) a pag. 152).

Esta situada esta igreja na rua Dr. Manuel
Paes, a saída da cidade pela estrada de Viana do Cas-
tejo.

A fundação desta Igreja e Restolimento annexo deve-
se a iniciativa da preta Vitória, escrava de um
mercador da rua Direita d'esta vila.

Adquirindo esta boa mulher uma ima-
gem do Menino Deus, pô-la no estabelecimento do
seu senhor, a qual cresceu tanto a devoção e
as correlativas esmolas, foi mudada mais tarde

para a Igreja Matriz.

Si aumentou ainda mais a devoção, a favor
de seu a escrava Victoria pensou em mandar edifi-
car uma capela particular, obtendo para isso per-
missão do arcebispo de Braga em 6 de Outubro de
1735.

Resolveu por fim ir mais longe; edificou um
templo e um Recolimento para educar moças
dozetas.

Realizando o seu projecto, foi o Menino
Deus trasladado para a sua nova igreja em 27
de Setembro de 1733, havendo na occasião grandes fe-
stas, com corriculas de toiros, danças e pliegos por
barras.

A entrada para este templo e recolimento,
como a do Terço, de lado.

Do cima do portico está um nicho com
a imagem do menino Deus em pedra.

Dentro é probe; tem tres altares; o maior e
dois lateraes em volta simples.

Tem um púlpito e dois côros.

Pertence actualmente a' Veneravel Ordem Terceira
de S. Francisco, desde que para aqui foi mudada
em 1731, da sua escripta irrelia.

— x x x —
A Igreja parva que se encon-
tra ao lado direito mostra - nos a
Pachada principal, isto é, a portaria
de todo o Recolimento menino Deus,
sendo - se ao centro a entrada para
a sua igreja, vista do lado opposto da
que ahy está collocada.





Fotografia da Imagem do Menino Jesus, que pertenceu à preta Vitória, fundadora do «Decolhimento das Beafas» e que se venera na Igreja do Decolhimento e Asilo.

Como em 1929 a Ordem Terceira de S. Francisco teve de tomar conta do Recolhimento e Asilo de Infância Desvalida do Divino Deus, vamos transcrever o que para tal fim se passou entre as respectivas autoridades, para melhor se entender as diligentes obras por que ambas as entidades passaram.

x x x Ordem 3.ª de S. Francisco

Em 11 de Março de 1734 foi lançada a primeira pedra para a edifi-

cação da igreja que a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco teve no agora denominado Campo da Resurreição (antigo Campo da Feira).

Mas a Ordem Terceira de Barcelos foi instituída em 29 de Julho de 1654 e inaugurada em 23 de Março de 1732.

A concessão do terreno para edificação dessa igreja foi feita em 12 de Maio de 1732 e lançado em 29 de Julho do mesmo ano.

No ano de 1782 desabou a torre da Igreja da Ordem Terceira, em virtude da grande tempestade então registada.

Precuraram, os mais dedicados irmãos e a Mesa Paroquial, reunir donativos para a reconstrução da torre.

Entretanto, nos livros das actas regista-se que em 3 e 21 de Dezembro de 1789 se efectuaram reuniões da Assembleia geral, e nelas foi aprovada a ofício n.º 207, de 25 de Novembro d'esse ano, dizendo que a Camara Municipal de Barcelos se juntesse espontaneamente, a igreja em ruína, para um habitação do Campo da Resurreição.

publica, até por que, em acto de victoria, os argu-
mentos concluíam que: "visto a parte desmoronada
devido a' acção do tempo, constituir um motivo
permanente de ruína e não ser viavel a sua re-
construção, se impõe a demolição completa de
tudo o edificio que com o seu aspecto actual
de ruína é impróprio do local, tornando im-
possivel o futuro embellezamento do mesmo".

Na reunião rápida, de 21 de Dezembro, o as-
sumto foi largamente discutido e apreciado, e
da acta consta que a Comissão Administrativa da
Fraternidade, em proposta d'essa que "a demolição
da igreja era inevitavel por se achar compromet-
tida na zona da via supita a melhoramento
e embellezamento immediato" e que "a Camara po-
dia servir-se das leis vigentes para a expropriação
por utilidade publica e mandar demolir a igreja
dentro de curto prazo" e que "a autoridade admi-
nistrativa pôde tambem depois de tomar conhecimento do pa-
recer dos engenheiros mandar fechar o templo por
não o serem segurança publica".

Interviu na discussão o saudoso distincto-
ssimo advogado Dr. Reis Maria, que propuzera certas
condições para a expropriação amigavel, uma
das quaes consistia no pagamento a Fraternida-
de, a titulo de indemnisação por parte da Camara
da quantia de 80 contos, ficando para a mesma
Fraternidade todos os materiais e mobiliarios do
templo existente.

Por proposta do irmao Sr. Antonio Fu-
reira de Andrade foi nomeada uma comissão pa-
ra "tratar amigavelmente e nas condições da pro-
posta anterior, com a Sr.^{ma} Camara Municipal de
Barrês, dos fins para que foi convocada a que-
ta Assembleia Geral".

11
E foi nomeada a Comissão, que ficou constituída da guisa seguinte Sr. Dr. José Marques Barbosa dos Reis França, Manuel António da Silva Teive, Francisco Machado Carmona, Sr. António Vela da Estreia e Joaquim José de Bragança.

Em fins do ano de 1926 ou princípios do ano de 1927, o então Presidente da Comissão Administrativa Municipal Tenente Coronel Francisco Vela da Costa desejava ter uma conferência com alguém que representasse a Ordem Terceira.

Compreendia-se que a Câmara voltava a occupar-se do seu projecto de expropriação da igreja da Ordem Terceira, que deve dizer-se que era a tempo mais oportuno da nossa terra.

Realizava-se a conferencia, mas sem que se chegasse a accordo quanto a formas e condições preliminares de expropriação amigavel, a conferencia foi encerrada.

Logo bastante mais tarde voltou a tratar-se do assunto, e novas conversações foram começadas, provocadas pelo officio n.º 445 de 24 de Dezembro de 1927 em que o então presidente da Comissão Administrativa Municipal Tenente Francisco Caravana, fez sentir á Ordem Terceira que: "seria proceder á expropriação e seria de certo vantajoso para a corporação e grande honra para a actual Comissão Administrativa (do Municipio) que essa expropriação fosse amigavel".

Realizou-se, em 11 de Novembro de 1928, uma Assembléa Geral da Fraternidade, que tomou conhecimento d'aquele officio n.º 445, e aí foi largamente discutido.

assunto da expropriação da igreja, sobre o que a As-
sistencia approvou, por unanimidade, uma proposta
que havia sido apresentada pela mesma Administração
que, por conclusão por proprio a nomeação de uma
Comissão composta de três confrades que, como dele-
gada do Definitório geral e com todos os poderes que
em direito ou fora d'elle lhe fossem necessários e co-
mo representante geral desta Ordem, se avistasse
com a Sr.^{ma} Comissaria Administrativa do Município
e com ella estabeleça as melhores condições de
acôrdo para execução do Decreto n.º 16.096, pu-
blicado no Diário do Governo de 1 de agosto mez



RECOLHIMENTO E ASILO DO MENINO DEUS — Interior da Capela

(Município de 1938) como ella achar mais con-
veniente aos interesses d'esta Ordem, assinando
de todos os documentos que sejam necessários
como resultante do acôrdo, tendo-se em vista
ella obter o maximum de concessões a esta
Ordem."

A Comissaria indicada, e que passou
a exercer todas as funções de administração.

129
137

II

e gerencia e mais os poderes que lhe foram outorgados pela Assembleia Geral, foi nomeada na nova reunião da Assembleia Geral efectuada no dia 9 de Dezembro de 1908, e constituída pelos irmãos Sr. Joaquim Alexandre Gaiolas, João Batista da Silva Correia e João de Souza, e logo assumiu as suas funções.



RECOLHIMENTO E ASILO DO MENINO DEUS — Órfãs a caminho da Capela

Certando-se convenientemente reproduzir, por copia, a contents do Decreto n.º 16.096, a que se fez referencia na reunião da Assembleia Geral:

"Atendendo ao que me representa, por intermedio do seu presidente, a Comissão Administrativa da Camara Municipal de Parahy,

Considerando que a Comissão Administrativa Municipal de Parahy deliberou expurgar o tempo da Ordem de S. Francisco, sito no Campo da Republica, da mesma vila, por o respectivo edificio ameaçar ruina e a mesma duvidar ser indispensavel os planos de saneamento e planos esteticos da povoação;

Considerando porém que surgiram ne-
cessidades no sentido de amparamento se efetua
a aguda espropriação e demissão, dando
cunho a que elas se tornem a menos onerosas
possíveis ao erário municipal e a que a
corporação instituída no templo espropria-
do, além das suas normais funções religiosas,
seja a sua actividade junto de uma
instituição de beneficência pública;
E considerando que existe na mes-



RECOLHIMENTO E ASILO DO MENINO DEUS — Um grupo de Órfãs

ma vila de Bonfim, uma instituição de bene-
ficência infantil, com ipuá pública, a qual
tem atravessado vida difícil por falta de
meios e de direcção regular e permanente.

Usando da faculdade que me confere o
art. 2.º do art. 2.º do Decreto n.º 12.740, de
26 de Novembro de 1926, por força do disposto
no art. 1.º do Decreto n.º 15.331, de 9 de Abril
de 1928, sob proposta dos Ministros de todas
as repartições; — Foi por bem decretar;

130
138/30

para valer como lei, a seguinte:

Art.º 1.º - Fica autorizada a comissão administrativa da Camara Municipal de Barcelos a adquirir o templo da Ordem Terceira de S. Francisco de Barcelos e suas pertencas imobiliares em expropriação amigavel, produzendo e effectuar o respectivo pagamento nos termos em seu parte em



RECOLHIMENTO E ASILO DO MENINO DEUS — Atelier de bordados

titulos de empréstimos municipais já autorizados ou emittidos.

Art.º 2.º - Para o caso de se effectuar a referida expropriação por contrato amigavel entre a Camara Municipal de Barcelos e o definitivo ou representante legal da Corporação Ordem Terceira de S. Francisco de Barcelos, a esta ficará entregue a direcção permanente e gerencia do Recolhimento e Asilo de Infancia Desvalida do Menino Deus, da vila de Barcelos, devendo a actuaal commissa directora fazer-lhe a respectiva entrega, por meio de auto e inventario, de todos os bens e objectos

mentos que a esta instituição pertencem.

§.º Único - A Ordem Terceira de S. Francisco de Barcelona tomará posse, em uso e administração, dos bens e direção do referido Realimento e Arco, e instalar-se-ha no respectivo edificio e igreja no prazo de trinta dias após a entrega do contrato da espropriação autorizada no art.º 1.º.

Art.º 3.º - A alienação autorizada no art.º 1.º deste Decreto será isenta de contribuição de registo por título oneroso, e ficará tambem autorizada a inserção no orçamento municipal dos encargos constituídos no respectivo contrato, com dispensa do prescribed no Decreto n.º 15.446 de 14 de Maio de 1928, Diário do Governo, n.º 109.

Art.º 4.º - Fica revogada a legislação em contrario.

Usando dos poderes conferidos pela Assembleia Geral dos irmãos, a Comissão Delegada da dita ordem, com a Comissão Administrativa da Camara Municipal de Barcelona, e seguinte contrato que concretiza todas as negociações, o voto expresso pela Assembleia Geral - e a delegação legitima dos interesses da Veneravel Ordem Terceira.

Esse contrato acha-se exarado a fh 33 do Livro de Notas do Municipio sob n.º 21.

— "Escritura de compra do Templo da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, desta cidade". —

... Aos 22 d'Abri de 1929, no edificio dos Paços do Concelho, da cidade de Barcelona fez-se a escritura de venda e quitação do referido Templo.

139
131

Condições -

Primeira - Esta renda é feita pela percentagem de 65 mil esmudos, sendo 60 mil esmudos propis em obsequios da Camara, e os restantes 5 mil esmudos em dízimos.

Segunda - A demolição do referido Templo em que já somente terá começo depois de a Ordem Terceira se achar completamente reinstalada no edificio que se acha do Povoamento e do Arco de S. Lourenço Desvalido do Bairro de Deus.

Terceira - Essa demolição é feita por conta e sob a responsabilidade da Camara; e tambem de sua conta e sob sua responsabilidade, mas de haiver da fiscalização da Ordem Terceira, sem embargo de se retirar do dito Templo em que já todos os seus moveis que ha' estarem, que pela mesma Camara serão entregues a Ordem Terceira, avinda esta indicar dentro da cidade e tambem todos os madeiramentos, para apurados e estes serem apurados pela Ordem Terceira no que achar conveniente, ou para serem vendidos por ella.

Quarta - A Camara empromete-se avinda a Ordem indicar até mil arbores de fructa de abacaxia...

Quinta - Todos os trabalhos de demolição e transportes de moveis, madeiras e fructa para onde a Ordem Terceira indicar, são propis pela Camara cabendo apenas a Ordem Terceira, sem encargo algum de despesa, a fiscalização de tais trabalhos.

Sexta - Para o fim de ser construido outro Templo em que já, privativo da Ordem Terceira, a Camara facilitara a mesma Ordem a adquisição do terreno necessario, na medida do possivel.

Sétima - No caso de em qualquer altura, por qualquer razão ou motivo, for retirada a Ordem

Terceira - a direção e presença do Recolhimento e do Arco
a posse em uso e administração dos bens e direitos
do mesmo, a Camara obriga-se a fazer de sua conta
a construção de um novo Templo ou Igreja com
as dependencias necessarias e installado da
mesma Ordem, em sitio previamente escolhido
pela mesma Ordem, ou a, no caso de a mesma
Ordem ja ter Igreja e dependencias proprias a pro-
por a Ordem Terceira, a titulo de indenizacao, uma
quantia não inferior a 250 mil escudos, em dinhei-
ro, e por uma só vez.

Quarta - Estabelecer as emdições e licenças aonde deves-
ser observado os muros e maderamentos, etc.

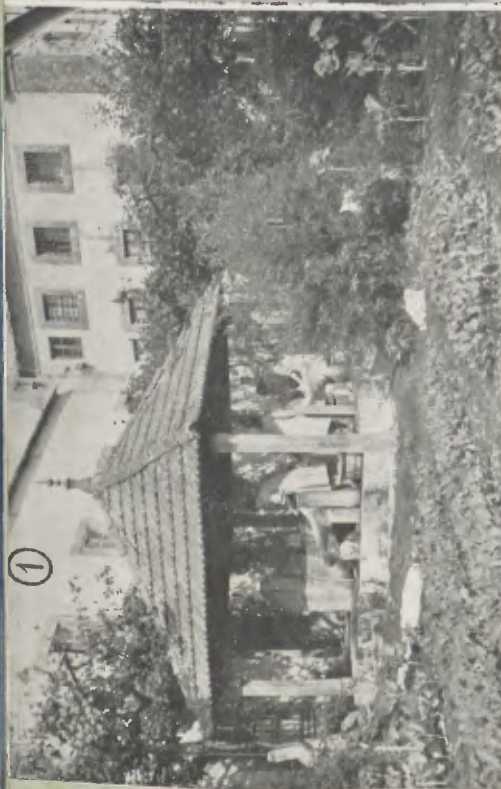
Quinta - A Camara compromete-se a estabelecer
com a Ordem Terceira na obra de amateirar o Arco
e de assistencia que ella se propriamente realisar no Re-
colhimento e Arco, dando-lhe as facilidades que
della dependam para execução d'esse objectivo.

Sexta - A Camara compromete-se no prazo de
60 dias a transferir a sede da escola officina que esta funcio-
nando no edificio do Recolhimento e Arco, não pro-
cedendo tambem comegar-se a demolição do actual
Templo ou Igreja da Ordem Terceira, sem que tenha
sido dado cumprimento a esta clausula.

Sexta Naveira - No caso de nas paredes
ou alicerces ou em outro qualquer sitio do actual
Templo ou Igreja da Ordem Terceira serem encon-
tradas quaesquer moedas ou valores ou documentos
ou inscriçoes, que ali possam depositadas para tes-
timunhar a fundação do mesmo Templo ou Igreja
para qualquer outro fim, a Camara obriga-
se a fazer a entrega de todos a Ordem Terceira
por que todos são a esta pertencendo.

132
140
132

..... E a partir do dia 28 de Junho do mesmo ano, a Comissão - Peligada tinha a sua disposição um donativo de seus contos para poder ser construído



RECOLHIMENTO E ASILO DO MENINO DEUS. — 1 — Lavanderia. — 2 — Órfãs (classe infantil). — 3 — Atelier de rendas. — 4 — Recreio.

"uma igreja na parte norte da cidade, sob a denominação de Santo Antônio da Cidade".

Seu relatório de 30 de Março de 1930, foi comunicado ao Departamento da Ordem Terceira que o ajudou a



RECOLHIMENTO E ASILO DO MENINO DEUS. -- 5 -- Órfãs a caminho do refeitório. -- 6 -- Atelier S.^{ta} Isabel (bordados). -- Aula da 4.^a classe.
8 -- Exercício de Ginástica.

Mansel Alves Ventura, conhecido de quem havia dificuldades em se obter terreno conveniente a construção da nova igreja, e facilitava na Avenida Almeida de Faria, antiga da Estação, tendo-se posteriormente adquirido esse terreno, prumos espaços, e certo mas que foi aproveitados por empresa, em virtude de não ter havido facilidade em obter-se outro.

Fiz-se o contrato, mas não era ali que tinha de edifi-
car-se a Igreja de Santo Antão da Colada.

O Sr. Comde de Val de Aves, por nessa altura ju-
sidiário a Comissão Administrativa do Município, entre-
tinha negociações para ser obtidos terrenos sua pro-
priedade edificando a nova igreja, e foi ele adquirido por
compra ao Sr. Adelino Pereira da Quinta, entando



9



11



10



12

Recolhimento e Asilo do Menino Deus. — 9 — Ginástica. — 10 — Gruta no jardim do Recolhimento. Dois petizes rezando pelos bem-fetores.
Creche D. António Barroso. — 11 — Ginástica. — 12 — Escola infantil.

no preço da compra e que se havia adquirido anterior-
mente.

— x x x —
Em 25 de Outubro desse ano de 1930, foi adquiri-
da ao empreiteiro Manuel Lebares a construção da
Igreja de Santo António da Cidade, pela planta de M. Bog
(Cento e doze contos e quinhentos escudos).

— x x x —
Em sessão de 12 de Dezembro do mesmo ano,
tomou a Comissão Delegada do Repartimento conclusões
em que se havia sido depido o pedido feito ao Ex.
Sr. Sub-Inspector de Saúde, no sentido de serem re-
movidas para a nova Igreja as estadas que foram
encontradas no corpo da antiga igreja desta Veneravel
Ordem.

— x x x —
Na acta da mesma reunião foi registada
a publicação da Portaria n.º 112, no Diário do Go-
verno, II serie de 20 de Novembro de 1930, em que
foam authorizadas a acção de doações, de legi-
dos, etc., de bens de móveis e imóveis.

— x x x —
Em 4 de Fevereiro de 1931, o Diário do Go-
verno, I serie, publicou um Decreto - n.º 18.308 -
dispondo:

Artigo 1.º - Todos os bens, tanto móveis como imó-
veis, que a data da publicação deste Decreto, consti-
tuem o fundo do Recolimento e Arco do Menino Deus,
tambem arcaados por Recolimento e Arco de Infancia
Pobresvalida do Menino Deus, e bem assim do Arco do
Arco do Menino Deus, ambos de Parco, são incor-
porados definitivamente no fundo da Veneravel Ordem
Terceira de S. Francisco da mesma cidade, devendo
a sua mesa administrativa, ou quem legalmente
a representa, promover e requerer os respectivos aver-

134
~~142~~
130

Decretos.

Art.º 2.º - Fica a Veneravel
Ordem Terceira do S. Francisco
da cidade de Barcelos, obrigada
a manter funcionamento do
Recolimento e Asilo e a res-
tauracao e funcionamento da
Docta Escola.

Art.º 3.º - Fica revogada a lei
pilagosa em contrario.

No dia 13 de Junho
de 1932, foi solennemente bene-
dicta pelo Senhor Bispo de Braga
D. Guilherme Pinheiro da Cunha
Sacerdotes por annos deste
monacho Delgado desta Diocese
se, a Nova Igreja de Santo Antonio
da Cidade.



No dia 13 desse mesmo mez e ano, foram inauguradas,
no edificio do Recolimento as Padeiras D. Antonio Barroso.

No dia 30 desse mesmo mez e ano, a Ordem Terceira es-
tendeu a direccao e gerencia da Escola das Padeiras, instalada no
edificio em que funciona o Recolimento e Asilo.

Ali ficou a funcionar, tambem, o Patroato das Rapazi-
gas Pobres, - tambem obra de terceiros paucisimos.

Recolimento e Asilo do Menino Deus

Um pouco da sua historia

Uma mitta, chamada Victoria, esuaava de Bento Terceira
dos Gomes e de sua mulher Francisca Ferrinho, mui-
tozes que foram na sua Domicilio, com ajuda de misericordia
foi a digna fundadora de tam religioso recolhimento,
entao chamado das Beatas.

Grande devota do Menino Jesus, mandou fa-
zer uma imagem que tinha o nome de n'um mi-

cho" da boja de seu auro.

Os repetidos milagres do Invenio e a devoção por ele da preta cresceram tanto, que os juizes comiam a oferecer tantas excoelas, que o entao Bispo da Colôniada Arche de Souza da Cunha e bispou Victoria a collocar a imagem do Invenio na Colôniada.

Cresceu cada vez mais a devoção por ela; e tam muitas se trouxeram as ofertas por o Arcebispo Luiz de B. P. de Souza. Estes nomeou thesoureiro delas a preta da preta, Bento Fernandes Pires, saliendo essas excoelas dentro de poucos tempos, a alguns milhares de cruzados.

Estes factos deram - se entre os annos de 1704 ate 1728 por que a esculda do Bispo e foi desde 1705 ate 1723 e o brito Arcebispo a foi desde 1704 ate 1728, segundo diz o Abade do Lugar, a que nos certamos representando.

Em Provisão de 6 de Outubro de 1725, o Arcebispo de Braga concedeu a preta licença para edificar uma capella particular, para a que ella já tinha 204 cruzados em dinheiro e comprados 28 medidas e meio de terra.

O Arcebispo Teófilo (infirmo ainda o Abade do Lugar) oppo-se a licença, mas o Arcebispo confirmou-a por nova Provisão de 8 de Junho de 1726.

Victoria, anda vez mais animada, quiz entao - construir uma capella, mas uma igreja particular - e a par d'ella um convento para receber e educar moças donzelas - e pôz em execução todo o seu projecto.

"Em 27 de Setembro de 1733 - (é ainda a Invenio Historica do Abade do Lugar por a Bruma) - foi o Invenio processionalmente trasladado da Capella da Ordem Terceira (então na Colôniada, na Capella de N. Senhora do Parto) para a sua nova igreja do Convento das Beatas, havendo, por esse motivo, na occasião, corrida de touros, e no dia da trasladação danças e fogueiras.

publicar, como então se usava em tais reuniões."

Ainda existe uma igreja do Recolhimento a imagem do Menino Jesus que pertenceu a preta Victoria, cuja festa continua a ser realizada no dia de Reis.

Recorre-se nesta altura ao Relatório da Comissão Administrativa do Recolhimento e Arco de São Jacinto Desobediência do Menino Deus a seu presidio o Rev. Sr. Ambrósio Papim Fralberto de S. Carmo, todo o seu teor, sobre de 4 de Maio de 1808, para se poder saber mais alguma coisa, embora muito da fúrpida, da história da instituição:

"Foi esta Casa destinada, assim, ao Recolhimento de crianças que fossem deixadas a mundo para não se entregarem a Deus.

Como se vê dos seus estatutos antigos, datados de 28 de Fevereiro de 1748, e — esses estatutos o monacho Paulam — era aqui algum tanto rigorosa a viver, todo devotado a certos exercícios religiosos"

Provocada por umas pequenas questões, intencionalmente a autoridade administrativa interveio na administração do Recolhimento do Menino Deus, nomeando de uma Comissão interna composta de caraballeiros da zona, para tomar a direção e administração da Casa.

Assim o Recolhimento do Menino Deus, em das Beatas, foi desviado do fim para que o creara a piedosa preta Victoria.

Consideram-se as emissões e dimensões de nomeação da autoridade civil, e assim foi ficando, "no animo de todos a transformação e a supressão do antigo Recolhimento: e alguns passos deram, neste sentido, as diferentes Comissões Administrativas que o seguiram".

Em 14 de Fevereiro de 1891 — sendo Administrador desta Commissão o Rev. Sr. Fr. João Vieira Barros, foi o Sr. inspetor de S. Be. nomeada uma comissão

Comissão para substituir a anterior que era composta dos Sr.^s Dr. Luiz Fre. d'Almeida do Couto (Presidente), Manuel Luiz de Miranda (Secretário), Manuel Luiz da Silva Falcão (Tesoureiro) e Joaquim de Faria Machado.

"A Nova Comissão ficou composta dos seguintes Sr.^s: Dr. Joaquim Galvão de Sa. Carneir (Presidente), Dr. Antonio Miguel da Costa Almeida Ferraz (Secretário), Sr. Leuzio da Esperança Machado (Tesoureiro), Domingos Fre. dos Santos Ferreira e Manoel Alves de Macedo".

A esta Comissão foi incumbido e cometeu-se de fazer a organização que se operou no Recolhimento.

Creara-se o Recolhimento e Asilo de Infancia da Despachada do Divino Deus!

Em 17 de Agosto de 1853 foram organizados os Estatutos que a Governador Luiz do Brito, Comendador Fre. Moraes, approvou por Acta de 4 de Outubro do mesmo anno.

Em 23 de Outubro de 1853 foi inaugurado, com toda a solemnidade, o Recolhimento e Asilo de Infancia Despachada do Divino Deus, com assistencia das Sr.^s Autoridades da terra, do representante do Gov.^o e Rev.^o Arcebispo Guinaz, do Thesoureiro e Sr.^s Governador Luiz do Brito, do Thesoureiro e Sr.^s General de Divisão (o illustre General Schaby), que tanto illustraram a festa.

x x x

= A Ordem Terceira =

- Na Administracão do Recolhimento e Asilo -

A 1.^a de Maio de 1853 a Ordem Terceira foi empastada desse encargo na pessoa da Comendadora Leopolda do seu Definitivo Guiz - e a entrada dela na plena administracão e presenca data de 1 de Junho do mesmo anno.

Comeara-se em estudar o regime inter-
no mais comente a educaçao moral e material
do internato, pua pela sua premissura e pua
santias de epias intencioes directas e orientadas.

Se em reunião de 16 de Junho deliberou-
se entregar tres encargos internos ao Instituto das Fran-
ciscanas Missionarias de Maua, pua foi estova ins-
talado n'esta cidade.

Leu 1 de Junho de 1928, o Insti-
tuto Missionario das Franciscanas de Maua assumiu
efectivamente a direcção interna da casa e estabeleceu
na. Supp de inicio, a ordem da sua accão.



CRECHE D. ANTÓNIO BARROSO — (Sexo feminino)

Comearam-se as obras indispensaveis sob
projeto do architecto Sr. José da Costa Vilas.

Notou-se a educaçao domestica, literaria e
profissional das internadas, tudo sob a direcção
do pessoal competente do Instituto Missionario.

Comentaram-se e repararam-se tetos,
feitaram-se dependencias, fez-se a installaçao
da luz electrica em todas as dependencias do edif.

ciro, metroliza-se e gina-se todo e repine in-
terno.

Internato do Menino Deus

Como se sabe, a transformação do antigo
Recolhimento das Beatas no actual Recolhimento
e Asilo do Menino Deus obedecem a uma neces-
sidade bem profunda e comprehensiva - de carac-
ter moral e social:

"recolher e sustentar meninas órfãs, pobres
e desvalidas prestadas-lhes como alunas in-
ternas a devida protecção, educação e sus-
tuição moral e religiosa; e habilitá-las,
assim, com a instrução precisa para
tomarem na sociedade uma occupação
honesta donde auferam meios de subsis-
tencia".



CRECHE D. ANTÓNIO BARROSO — (Sexo masculino)

Vamos nas paginas seguintes
continuar com a historia do Recolhimento do Menino Deus

Opina - Filho do Meim Deus -
- Um pouco da sua historia -

"Foi enviado para a Comissao Admistrativa, para se-
va n'esta Opina.

Doia - He' um tanto vaidoso por ali - sem bar-
nem prar; sem frustimo; impelido vertiginosamente
para o vicio; nunca proclama ser bom cidadão, por
falta de educacao da sociedade, que lhes e' ma' mas-
ta' em vez de mãe; sem que a profunda sociedade
lhes possa, em uga, pedir contas, quando e' a sociedade
que elles as deveriam pedir por os lançar ao desprego.

"E, de facto, foi oficialmente inaugu-
rada a Opina - provisoriamente em uma casa
da Rua Manuel Pires - no dia 2 de fevereiro de
1904, dia de Nossa Senhora da Graça, para que as
Graças do Ceu a bafassem."

Foi um dia de festa em Barcelos a inaugu-
ração da Opina - Filho do Meim Deus, festa ate
por que no nosso meio havia ficado plantada a
arvore que o sol da Caridade ia fazer crescer,
desenvolver-se, para que estivesse os rapazes es-
previdos...

Enviaram prateiros e o saudoso Padre Sebast-
tiao Leite de Moraes, o grande benemerito das Op-
eias de S. Jose do Porto, o grande protolo da Comu-
de!; o saudoso Conde de Agrolim, que entregou
um cheque de dois mil e quinhentos para fundar
da Opina!

... E ali ficaram, ja n'esse dia a parathada, ja recon-
hecidos dos vicios das ruas, ja entregues a trabalhos
e aos cuidados da Irma, sete rapazes!

Deuses, talvez que algum viva ainda, a
lembrar-se da Caridade que o recolheu, e aben-
goar quem o fizera homem.

Organizou-se uma banda de musica sob a direccão do saudoso Manuel Joaquim Moreira, que dedicava todas as horas de que podia dispor para ensinar musica aos rapazes - e foye - los tram.

Quaram-se officinas de alfaiate e de sapateiro - que deram alguns dos bons artistas que ainda ahí temos a trabalhar.

Foye professor escolar da Officina a distinto Professor da nossa terra, veneranda figura de Mestre que ensinou a maior parte dos homens melhor instruidos de Barcellos, que vive para foye de todos - e que Deus permita viva ainda mais 100 annos - e Sr. Manuel José Gomes Pereira.

As difficuldades que deturminavam já vinda a foye a Officina - Ahi se foram aumentando, - e uma das graves que suscitaram foye a de direcção interna.

A volta dos novos admiñtradores, essas difficuldades cresciam. A obra Comissaria Admiñtradora lutava no vazio - que a sua volta se foye crear.

A banda de musica que dias antes trouxa disciplinadamente, parecia ter-se rapidamente desorganizado, indisciplinado...

Cosa idêntica se produzia nas officinas de alfaiate e de sapateiro...

Mas fi-se trabalhando, lutando, reuendo... ate que a musica tornou a tocar, ate que as officinas tornaram a trabalhar com ordem...

Sem reunião de 20 de Julho de 1881, a banda de musica da Officina - Ahi se foye suprimida, por se ter reuendo a impossibilidade de renovar elementos incantantes que atingiam o limite de idade de internato.

Sem sessão de 11 de Outubro de 1881,

11
foi deliberado aceder a pedido da Antevista de Assistência
Tratava no sentido de ser cedido o edifício da Oficina
na - Antevista para servir temporariamente de Asilo
aos Inválidos, por haver necessidade pública de ser
feitas ventos atacados da praga de influenza pneumónica
que nestes épocas grassava em toda esta terra,
e que tantas vítimas causou.

Em sessão de 15 de Junho de 1925 foi



SOPA DOS POBRES -- Distribuição da Sopa

deliberado pedir-se ao Governador Civil autorização
para serem vendidos os instrumentos da extinta mis-
são da Oficina - Antevista, dos objectos de ouro que
existiam aquévados e que eram desnecessários ao
uso desta casa, as máquinas da extinta oficina
de sapateiro, um frasco, e a Casa da Oficina.

Em sessão de 15 de Junho de mesmoo
ano a Comissão deliberou o encerramento tempo-
rário da Oficina - Antevista, devendo os internados
ser entregues a suas famílias.

Em Fevereiro de 1925 foram recebidos

averbados no Recolhimento e Asilo do Menino Deus,
as tabelas da Divisão Publica no valor produzido
pela venda da Carne da Oficina - Asilo do Menino
no Paes.

Essa obra de bem, estavita a Oficina - Asilo do Menino Deus!
Foi seu director o P.^o Antonio Vila-chi - Estreos.



SOPA DOS POBRES — Outra distribuição da Sopa

A Ordem Terceira
Na Administração da Oficina - Asilo do Menino Deus
já vimos no Decreto n.º 17.308, publicado
no Diário do Governo de 4 de Fevereiro de 1934,
que a Ordem Terceira está obrigada a restaurar
o funcionamento da Oficina - Asilo. (Lá lê-se,
por erro, Escola - Asilo).

E não se esqueça esta obrigação, sob
tudo o ponto de vista moral e cristão: por
que é indispensavel recolher os rapazes va-
dios, edusa-los, morigera-los para trabalho,
dar-lhes rumo de vida, applicar-lhes a acti-
vidade, ensina-los: moral e professional-
mente.

- A Ordem Terceira - Resoluinte Menor Deus -

- Na Administração da Sopa dos Pobres -

Em 30 de Junho de 1932, a Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco assumiu a administração, direção e pecunia da Sopa dos Pobres, em virtude do que consta do documento levantado e assinado em 30 de Junho de 1932 pela Comissão de Representação da Municipalidade, que então existia nesta cidade. (Vide pag. 189 deste livro)

- Creches D. Antonio Barroso na Ordem Terceira -

Em bela tarde, a de 13 de Junho de 1932! Que festa tão simples, tão modesta, mas tão alegre e comovente - a da inauguração das Creches D. Antonio Barroso!

Presidiu-a o Veneravel Bispo de Angra Senhor Dom Guilherme da Cunha Guimarães - e em frente a Mesa da presidencia, o busto que serviu de modelo fiel a estatua de D. Antonio Barroso, o Bispo nascido na vizinha freguesia de Remelhe, Apostolo de Cristo na obra civilizadora e cristianizadora das nossas colônias, o grande amigo das creancinhas e protector dos mais pobres - O que pobre viveu e muito pobre morreu, porque tudo dava aos que não tinham!

Pobres adultos estavam na salaçita onde a festa inaugural se fez.

Mas estavam lá, já em numero avultado, as primeiras creancinhas admitidas nas Creches, a sorrirem de alegria, a receberem com a alma em festa, aguarda protecção ampa da Cuidade feita amor e escola, feita religião e carinho! A obra das Creches

D. Antonio Barroto é, como obra de protecção e influencia, também uma obra de preparação da sociedade futura.

Ordem Terceira = (vide pag. 127 deste livro)
- "Notas complementares" -

No dia 28 de Janeiro de 1934, realizou-se no edificio do Recolimento e Acolhimento a festa comemorativa do segundo centenário da fundação do Recolimento das "Beatas".

A falta de clero secular, que por toda a parte é sentida e lamentada, é também notável na nossa terra.

A abertura da Igreja de Santo Antonio da Cidade ao culto publico mais vez mostrar a existencia da falta de clero em Paços, a ponto de se ter estado em risco de encerrar aquella Igreja ao culto!

Para evitar isso, que seria de lamentar, a Assembleia Geral da Ordem Terceira, em reunião de 12 de Outubro de 1934, deliberou autorisar a cedencia, a titulo de usufructo daquelle Igreja, móveis e adorno, aos Padres Capuchinhos da Provincia de Castela (Espanha) que vieram instalar uma sua dependencia n'esta cidade.

O Contracto, que tem a aprovação eclesiastica e está autorizado pelas leis civis, consta da acta de 19 de Outubro de 1934, - contracto que se não reproduz, por ser extenso.

O que tem sido benéfico para a nossa terra a accção e trabalhos espirituaf dos Padres Capuchinhos, não carece de ser encaucido. Todavia saltem quanto bem já por ali anda espalhado e aqueducto carinhos merecem eles. (vide folha 148 deste Vol.)

1934



Uma das enfermarias para os do Hospital de Misericordia. (Vem de folha 12 v. deste volume.)

— x x x —
 "Instituição da Companhia e do Hospital da Misericordia de Barcelos"

"Executo do decreto que o Governador Dr. Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz, proferiu em sessão de 6 de Novembro do anno de 1909, que consta dos Livros das Actas da Santa Casa, a pp. 206 e seguintes."

Instituida a Companhia da Misericordia de Lisboa, em 15 de Agosto de 1498, passou El. Rei D. Manuel em dissimular-na por todo o reino.

Barcelos, que ja entao era umas das mais importantes e florescentes vilas Portuguezas, prestou importantes melhoramentos com que a doctora D. Afonso, seu ditado Conde, não podia deixar de secundar os bons desejos do monarcha, fundando dentro dos seus muros a piedosa Companhia.

Para verem em este livro

Vou contar, em breves palavras, a historia desta fundação:

Desde seculos remotissimos que Pareto possuia dois hospitais: a Capella ou Hospital de Casares, destinado exclusivamente para tratamento de leproso, no lugar da Videm, e o Hospital de São João de Deus, na rua de Santa Maria, onde se recolhiam e tratavam os demais doentes pobres da vila e do concelho.

Da sua fundação e dos seus humenitos instituidores nada se sabe as certo, tão remota e obscura é a sua origem, constando apenas que já existiam no seculo XIII, porque em documentos dessa época algumas referencias se lhes fazem, desiquandamente a Capella, embora semit vagas, e por isso mesmo incertas.

É porém, no seculo XIV, que a origem da sua existencia se nos revela a toda a luz, num documento que, por um acaso feliz, encontrei e li no arquivo da nossa extinta Colegiada.

Refiro-me a um testamento original, feito aos 7 dias de Março de 1356, em que um tal Vicente Mexias, natural e residente em Pareto, contempla com alguns legados a Capella desta vila, as emparedadas de Pascalinhos e o hospital da rua de Santa Maria.

Um século depois, em Janeiro de 1458, ordenou el-Rei D. Manuel, em carta dirigida a Diogo Torres, Juiz e Contador dos Reinos, Capellas, Hospitais, Juarias e Comarcas de Entre-Douro-e-Minho, que se procedesse immediatamente á organização dos Conselhos dos dois hospitais de Pareto, descrevendo não só todas as suas propriedades, sua medição e confrontações, mas também que declarasse

os encargos a que eram obrigados e quem foram os seus fundadores.

São dois curiosíssimos documentos estes, de grande valor tanto para a historia de Barcelos como dos seus hospitales, que felizmente ainda hoje se tem no arquivo desta Casa, e onde deverão ser reimpresamente conservados.

Foi por elles que pude averiguar que no século XV eram os juizes e repedores de Barcelos que administravam apuzos hospitales, e que a Junta se achava então quasi abandonada, certamente por que eram poucos ou já não havia leprados no concelho.

Dona com juramento

Dello consta igualmente que, tendo a referido juiz e Contador chamado á sua presença os homens mais vellos da vila, para ogerem o que sabiam relativamente á esposa da fundação d'estes hospitales, quem foram os seus titulados e os encargos que a cada um pertenciam, declararam, sob juramento, que nada sabiam a tal respeito, constando-lhes somente que era com os seus rendimentos e esmolas que tratavam os doentes n'ellos recolhidos, dando-se a cada um (diz textualmente o documento) a razão que aos homens bons de Barcelos parecia por bem e de caridade.

Ordenando ainda o mesmo Diogo Borges a Pedro Vaz, homem bom e vereador, e a Pedro da Bota, escrivão da Camara, que fossem ao arquivo municipal ou Arca do Concelho, como então lhe chamavam, e procurassem os estatutos que regiam estes hospitales, bem como todos os demais documentos que se referissem á sua fundação, vieram depois dizer que nada haviam achado, e que provavelmente

esses documentos, com outros muitos pertencentes
ao concelho, foram destruidos por um incendio
que lhes constava ter havido muitos annos an-
tes nos Paços do Concelho.

Dão-nos os mesmos Tombos ainda a des-
crição minuciosa dos edificios dos dois hospitales
barceloneses no século XV.

Assim, com relação ao Hospital de S. João
de Deus, diz que elle occupava quasi todo o
lado oriental da rua de Santa Maria, compon-
tando pelo Norte com casas de um tal Marti-
rino Pires, residente em Braga, pelo Sul com
os Paços do Concelho e pelo Nascente com o
Bairro dos Judeus.

Que a parte occupada pelos doentes es-
tava de quatro grandes salas ou enfermarias,
duas ao norte e duas ao sul, e na parte pos-
terior do edificio ficava o oratorio ou capella
do Hospital da invocação do Espirito Santo,
seguindo-se-lhe a quinta ou cêrca que medeia
doze varas de comprimento por seis de largura.

E, finalmente, quanto aos bens que con-
stituíam o capital do Hospital, diz-nos ain-
da o mesmo Tombo que, além de algumas pri-
vidades em freguesias do concelho, como S.
Paio do Carvalhal, Tavia e Barcelinhos, pos-
sua tambem algumas vinte moradas de
casas situadas intra e extra-muros da
vila.

E nada mais fôrde averiguar ob-
servando o hospital barcelense, com relação
à época a que acima me referi.

Quaes seria, porém, o pensamento de
D. Manuel ao ordenar que se fizessem em
1498 os referidos Tombos?

A respeito, quanto a cima, e facil.

Todos sabem que D. João II, no proposito de reorganizar os estabelecimentos hospitalares do pais, resolveu fazer a fusão dos velhos e pequenos hospitais, de diversas denominações e intents, que havia em cada terra, nos seus ditos institutos dos hospitais reais, centralizando assim as suas admiñtrações, de maneira a obter, pela associação dos unidos e variados recursos d'aquelle estabelecimentos, mais economia e economia da curidade publico.

Assim e que vemos este monarcha emprehender varios hospitais de Lisboa no de Todos-os-Santos; e em 1485, obtida a necessaria licença do Papa Sixto Quatro VIII, fundir n'um só os 10 hospitais que havia em Santarem.

A morte, porém, impediu D. João II de continuar e completar a obra começada, passando esse encargo ao seu successor D. Manuel, que, em 1501, obtém de Alexandre VI um Breve para centralizar no hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, a admiñtração de todos os hospitais que havia no reino, intentando este que não pôde realizar, certamente pela grande opposição que naturalmente de via ter encontrado, limitando-se, por isso, a reunir n'um só em cada terra os que n'ella houvesse.

Assim se explica o facto de El-Rei D. Manuel ter mandado fazer Tombos do Hospital e Casa de Barcelos.

Poucos annos depois da criação da Misericórdia de Lisboa e quando já eram por todos conhecidos os grandes e incontestaveis beneficios que ella vinha prestando a todos os desvalidos, trataram os barcelenses de dar prejuizo a fundação da sua Misericórdia e com tanto zelo e desvelo meteram ombros a empresa que, por isso,

para com João de Castro

anos decorridos, já Barcellos possuía a fidejussão,
Compania.

Teve lugar esta instituição no mez de Maio
ou Maio de 1518, isto é, 20 annos depois da de
Lisboa.

Foi, portanto, uma das primeiras Misericor-
dias que em Portugal se fundaram.

Com respeito á utilidade da inaugu-
ração trataram os barcelenses de eleger a sua
primeira Mesa Administrativa, sendo escolhido por
ra Prouador o Dr. Pedro Trigueira, capitão de Tercos
de serviço de D. Fernando I, novo Conde de Barcel-
los, e n'esse mesmo anno foi a Mesa encarrega-
da por El. Rei da administração do Hospital da
sua de Santa Maria.

Eram então exigidos os rendimentos des-
ta Casa, vivendo principalmente das esmolas
que lhe dava a Cuidade publica.

Por este motivo, os Juizes, Vereadores, Pro-
curador e Homens bons de Barcellos representaram
a El. Rei supplicando a praga de annexar a mes-
sa Companhia todos os bens da Gafaria, visto en-
tão já não ter oentes e os seus rendimentos au-
tarem desviados dos fins para que haviam sido
destinados.

Deferiu-lhes D. Manuel a petição e por
Provisão sua, feita em Évora aos dias do
mez de Maio de 1520, supprimiu a Gafaria e
mandou que os seus bens fossem entregues
á jurisdicção da Misericordia.

Pela concessão desta praga passou o
Hospital a ser designado de Hospital de D. Ma-
nuel, e o retato do sobrauo cobrado na fabe-
ria dos Beneficentes, como ainda hoje ali se vê.

Documentados notavelmente os seus

rendimento, pôde entrar o Hospital a debitar a sua
refeição de ações, não só recolhendo o maior numero
de doentes e dispensando-lhe o melhor tratamento, mas
também distribuindo mais largamente os benefícios da
Cidade, e tomando a seu cargo a maior parte dos
encargos pecuniaes da beneficencia publica de barcelona.

Para garantir e fixar a sua existencia,
em 1561 concorreram tambem os immensos e variados
privilegios com que a regia munificencia e a gra-
dade dos Condes de Barcelona investiram a mesma
Misericordia quasi desde a sua fundação.

Até em 1561, foram isentos os seus
administradores do pagamento da contribuição dos
dez reis de Cuba, e por Alvará do Rey D. João
o 3º de 1591, foi-lhe igualmente concedi-
da a isenção de todos os encargos do conceito.

D. Filipe I, por Alvará do mesmo anno de
1591, concedeu á Misericordia de Barcelona todos os
privilegios e regalias de que gozava a de Lisboa, e
praga esta importantissima, e o seu successor
Filipe II, em 1604, ordenou que os Provedores
da comarca, nenhuma injunção tivessem nas
contas da Misericordia.

El-Rei D. João IV concedeu-lhe tambem
a singular prerrogativa de todas as suas dividas
serem cobradas executivamente como se fuzia
para as dividas á Fazenda Real, e D. João V,
em 1729, não só dispoz que o Alcaide de
Barcelona fosse o juiz em todos os pleitos da Miseri-
ordia, mas que tivesse um escrivão particular,
escolhido entre os dez da comarca; e por Decreto
de 10 de Março de 1736, mandou que a Ca-
mara fizesse todas as semanas e gratuita-
mente, certa quantidade de carne de vaca para
alimentação dos seus doentes.

Para esta parte do livro

Finalmente foi-lhe concedido também
o privilégio de ter Pedidores ou Transposteiros
em todas as freguesias do concelho, e que o seu
escrivar ou secretário tivesse fe pública em to-
das as causas concernentes à Misericórdia.

Porém, como se vê do escripto,
semito e importantes os privilégios que os Pais
concederam à Misericórdia de Barcelos, o que con-
correu poderosamente para a expansão e
prosperidade desta benemérita Companhia.

No século XVI, por que a Capela do
Hospital já se tornou pequena para as cerimónias
de culto, resolveram os irmãos da Misericórdia
edificar uma ampla igreja na parte sul
do edificio e com a fachada voltada para o
lado da praça.

Este templo, para as obras concorreu
com avultadas esmolas os Duques de Bragança,
e teve a sua solene inauguração no
dia 25 de Janeiro de 1593.

E no século XVIII foi reedificado
quasi todo o hospital, concedendo-lhe os Reis
D. João V (1715) e D. José I (1755) e para ef-
fecto, a terça parte da contribuição chamada
de ceitis, durante alguns annos.

Realizados estes importantes melho-
ramentos, conservou-se o Hospital de D. Ma-
nuel durante muitos annos na velha rua de
Santa Maria, até que em 1835, tendo sido ex-
tintas as ordens religiosas em Portugal, e havendo
do o governo cedido alguns conventos para
casas de beneficencia, a Camara Municipal,
a pedido da Misericórdia, sollicitou o con-
vento da Transpadeira para o Arco de Murochada
de, e o de S. Francisco para nele ser insti-

Lado o seu hospital, visto o edificio em que es-
tava ser proprio para grande numero de doentes
que a procuravam e achou-se situado n'um
dos melhores bairros da villa.

Reunido o governo de Sua Magestade
av pedido dos barcelenses, foi-lhes concedido
o arrendo de S. Francisco por contaria de 16
de Setembro de 1836, para a que unido com
tribuiriam os bons officios do Marechal Visconde
de Leiria, illustre filho de Barceia, pelo que a
seu retrato e a da Rainha D. Maria II foram
colocados na parede dos Benfeitores da Misericordia
dia.

Orao sobre por este lado

Em sessao de 16 de Outubro do mesmo anno



BARCELLOS - Campo da Republica e Hospital da Misericordia

o Provedor Fran-
cisco Machado
Teixeira de Lavan-
tho deu emboca-
mento desta em
alvará a Presa,
que a accitou e
imediatamente
passou a mesma
com o Tesouro-
Recebeu Apr-

tinha no Presa, para que este, como administrador do Cen-
teho, tomasse posse do arrendo.

Em sessao de 21 do mesmo mes e anno
deliberou mais a Presa que se trasladasse, sem demora,
as indispensaveis obras no mesmo edificio e que, effectua-
das que fossem, se inaugurasse o novo hospital.

Effectivamente, poucos tempos depois, fez-se com-
tista a plenitude a trasladacao dos doentes e mais
tarde a das estadas dos doentes internados nos claustros
e na igreja do Hospital de Santa Maria.

Com a mudança do Hospital para o Campo da
Faria, que é incontestavelmente o melhor bairro de
Barral, porque, como se tem ocasião de dizer, a sua posi-
ção e a casa onde se encontra para abrigar todos os doentes
da vila e arredores tem ainda a grande vantagem de estar situada em
próximas proximidades da saúde.

Apesar de esta concessão e ainda a muita virtude
de e express de todas as suas adições, convém
a Misericórdia de Barral possuir logo um hospital
que se não é o melhor, porque se nada tem que se
refira aos demais hospitais de província.

Esta, porém, com
plena e grande obediência
da caridade dos bar-
celeses?

Não está. E para
a completarem, uni-
to lhes resta fazer
ainda.

Não obstante os
seus capitais terem
aumentado consi-
deravelmente nos
últimos séculos, a
falta de rendimento não impede a três contos de reis,
e está que a Misericórdia de Barral é pobre, e é po-
bre por que os seus haveres não têm excedido, in-
felizmente, na proporção das suas necessidades.



Nesta perspectiva vê-se a ponte do Hospital
tal que está destinada ao Arco de Inválidos.

Se por um lado a corrente da caridade pro-
paga se vai desviando desta Casa para atender às
necessidades de outras instituições beneficentes mo-
derramente creadas, todas nobilíssimas e prestiosas
(quem o duvida?) mas nenhuma comparavel aos
seus fins aos benefícios da Misericórdia, por outro

lado vem a miséria lavar cada vez mais intensa e mais estensa neste campo, onde uma população de 50.000 habitantes vive quasi exclusivamente dos prazos e alugados provenientes do trabalho agrícola, pois, como se sabe, de todos os meios remuneradores.

Dáqui a despendibilis que se vem notando entre as receitas e as despesas da Misericórdia, despendibilis que profertamente me justifica de se tomar chamado pobre.

Faca escor par este livro



Daqui acima vê-se a fontana principal do Hospital da Misericórdia e do Asilo de Lunáticos, vendo-se ao centro a igreja da mesma instituição.

Este mal é ainda agravado pela falta de riqueza, que envolve e corre incessantemente entre o nosso povo, com manifesta opposição com a permanente existência de impreterveis necessidades, sempre crescentes e nem sempre satisfeitas a falta de recursos.

Mas ainda esta falta de meios mais se lentamente se mostra, e nas condições materiais do seu próprio edificio.

Ninguém ignora que esta Casa foi primitivamente um convento de padres, por isso tem um talhado, porque pertencia a uma ordem pobre,

17
e não se constituiu de maneira a poder satisfazer ao destino que mais tarde se lhe deu.

As obras de adaptação a que se procedeu em 1836 foram, por assim dizer, provisórias, de pequena vulto e não abrangeram senão uma pequena parte do edifício, e as que se lhe seguiram depois de então até hoje, porque não obtiveram comodidade, a um plano previamente estudado e reflectido, ou foram completamente prohibidas, ou não trouxeram ao Hospital as vantagens que era justo esperar.

Dáqui acham-se ainda hoje piéssimamente instalados o nosso Hospital, não obstante a sua esplendida situação, e isto devido não só à falta de indispensáveis comodidades, mas também e principalmente, ás más condições hygienicas das suas enfermarias.

Obras ha, principalmente, que reclamam inadiáveis e urgentes obras de reparação.

São as que se fazem na fachada principal, precisamente na parte que ainda resta do velho convento pauciano, e aqui estádo e de tal modo precario, que não sei como obripa deves a habitá-las.

Foi por isto que a actual Direcção, logo desde o inicio da sua presença pensou em reedificar essa parte do Hospital, dando-me a honra de me encarregar de estudar e apresentar um projecto de obras.

No cumprimento desta delicada missão, comeci por estudar o orçamento da Misericórdia e ver se das suas receitas seria possível retirar, sem grande sacrificio dos serviços hospitalares, a verba necessaria para ocover a essas despesas. Infelizmente foi esse o meu desengano".

Para ser por este lado



A Zinco-pravura a euua mstha - m a sala de spem
aus do Hospital da Misericordia.

— x x x —



A Zinco-pravura mstha aus a euuacia da Maternidade (Fracto).



Em cima uma das enfermarias de 1^a classe.
Em baixo uma das enfermarias de 2^a classe - do Hospital de Misericórdia.





Para ver por este lado

A fotografia que acima se vê mostra - nos mostra a frente do edificio do Hospital da Misericórdia - à direita e ao centro a igreja e ainda a esplanada d'anta e a Torre de S. Valério.



Acima vêem-se os claustros - pátio interior do Hospital.



Hospitál e Misericórdia, obra sum. antiga, em
 nome de padre expulso, do século XVIII.

Esta circunscricao mostra - nos a interior da igreja da
 Hospitál da Misericórdia (nome central - capela vir e altares da
 (traseiras)).

— x x x —

A circunscricao que se vê
 ao lado direito reproduz - nos
 um lindo trecho da arbori-
 culção da Hospitál da
 Misericórdia.

Hoje Parque da cidade.

(Vide folhas 43 do IV volume e 105 v.^o
 deste volume) —



115^o
Pela reprodução que apresentamos vê-se distintamente: Parte da feira semanal que se realiza às 5^{as} feiras; ao fundo indicado pela seta n.º 1 o antigo Convento das Freiras beneditinas, a que nos referimos a páginas 115^o deste manuscrito e pela seta n.º 2 o muro da cerca deste convento que hoje não existe sendo substituído por modernas edificações.



BARCELOS - CAMPO DA FEIRA (LADO NORTE)

A fotografia reproduzida acima, mostra-nos frente do Adro da Igreja da Ordem d.ª de S. Francisco que era todo fechado com grades, cujo pradeamento se iniciou a colocar em 2 de Novembro de 1882.
O Decreto que autorizou a demolição deste Templo e a tomar conta do Pradeamento do n.º Deus é de 30 d'Out. de 1928. x x x (Vide páginas 94 do IV Volume)

Visto e
fido
139^o



BARCELOS - A demolida igreja de S. Francisco (em 1930)

7^o de Junho de 1939
Vol. IV

Igreja demolida, mostrando-nos claramente todo o seu adro completamente vedado por muros e pradeamento conforme acima nos referimos.

Capela de S. Bento da Barraquinha



Vide paginas 149 deste livro.
 "Ao lado esquerdo a linda Capela de S. Bento da Barraquinha, sita no Ramalho de S. José" ao

qual fazemos referencia na pagina seguinte. —————

Capela de S. Francisco



A esquerda a Capela de S. Francisco, situada na Rua do mesmo Santo - Antiga Rua dos Mercadores a que fazemos referencia a paginas 149 deste livro e paginas 108 do 2.º Vol.

Capela de S. Bento da Barra

A direita a Capela de S. Bento, situada na Rua da Barra na junto a Casa do Torpado de Azeite, a que nos referimos a paginas 149.º deste livro. —————



Esta morda a Casa que foi de João da Cunha do Monte, no Anabalde da Barra —

- Capela de S. Bento da Purapimha -

No Campo de S. José, na desembocadura da rua Candido Peis com este Campo, está a capela de S. Bento da Purapimha, fundada pelo Sr. Gaspar Pinto Correia, Conego Cura da Colpiada de Baçelos.

O fundador, por testamento de 20 de Junho de 1655, deu-lhe a rendimento de tres casas terreas sitas no Campo da Feira com a obrigação de seerem alugadas a gente pobre, marcando-lhes alguns modiaes.

Esta capela é pequena, com uma só porta e um unico altar em estilo renasença.

Pertence á Companhia do Senhor Bom Jesus da Cruz. (Vide pag. 148.º d'este Vol.)

- Capela de S. Francisco -

Na antiga rua dos Mercadores, (hoje de S. Francisco), foi cabeça do vínculo do mesmo nome, instituido em 11 de Setembro de 1509 por Luiz Anes da Costa.

Esta Capela foi construida por Fernão Anes da Costa, Secretario do Principe de Marañon D. Fernando, por mandado de sua irmã a dita Luiz Anes da Costa, a instituidora d'aquelle vínculo, e o que tem de mais notavel é o seu portico gótico.

Junto a esta Capela existiam umas casas que serviam de hospedaria aos padres Franciscanos quando passavam por Baçelos.

Diogo da Costa, brenheiro de St. Pei, Juiz Ordinario, o que foi em 20 de Dezembro de 1504 a ante da apparecencia da primeira Cruz em Baçelos, foi o 1.º Proprietario de S. Francisco, sendo o ultimo Antonio de Mendonça Arriscado.

— Aquellas casas e capela de S. Francisco —

estar na posse de pessoa estranha a quella
familia. (Vide paginas 108 do 2.º Vol. e 148.º do 1.º deute).

= Capela de S. Bento - (da Barrica)

No lado sul da casa da Barrica, a
facear com a sua portaa ameada e armoriada,
expe-se esta Capela, pertencente ao antigo
Convento d'Alma, fundado por Manuel Cavalho
d'Alca, Abade de Alvaiz.

Esta capela, onde se nao exerce culto
ha muitos annos, e particular e pertence a
Sua Magestade da Terceira. (Vide pag. 148.º deute Vol.)

= Capela de Sant'Ana - (na Casa do Beneficio)

Esta junto a Casa do Beneficio.

Esta capela exteriormente, tem como
a casa, e de hum estylo D. Joao V. foi mandada
construir por Antonio de Matos de Alca Barba.

Dentro e fechada a madrua.

Tem corô e pulpito.

Pertence a illustre familia Matos Barba.

Esta din-
cupavura
mostra-mos
a frente da
Capela a
que acima
nos referi-
mos.

Existe como
se disse no
Lugr do
Beneficio.



Esta Capela
e em estylo
D. Joao V.



O conjunto de casas que se vê nas fotografias acima exploradas mostram - nos mais do que o Colégio dos S. S. Capangos de Jesus que se destinam
 como todos os outros medidos até a Junta de Cavado, em 1945 e mais das obras de construção da igreja explorada, que é
 Cavado, no lado de cima da igreja, diante do altar do Cavado. = estas são as mesmas (28-30-1945)

X (Vide fotos 149 do II Volume destes Apêndices.)



A fotografia da
 esquerda, mostra
 um dos edifícios
 construídos no espaço
 disponível na fotografia
 da direita.



A fotografia da direita
 mostra, nos a parte do
 Colégio dos S. S. Capangos de Jesus
 e em demoradas, tirada
 do lado de cima da igreja
 dos Padres de Profunor, isto
 é, do lado da Capela em
 por demoradas.

= Colégio das S. S. Rosário de Jesus =

Este edifício funcionou até a Proclamação da República. Quando da extinção das empresas religiosas este edifício passou às mãos do Estado.

Depois disto estava entregue à Câmara Municipal para a ocupar - em toda a parte superior - para ser cadastrado, cedendo-o em anos consecutivos para abrigamento

das tropas do Batalhão de Infantaria quarteladas nesta localidade.

xxx
Depois do Batalhão de Infantaria



agora quartelado, por actuação, restituindo a sede do regimento a Praça, serviu de abrigamento à Escola de ensino primário "Gonzaga Pereira", cuja existência era apolida em duas escolas - sexo masculino e sexo feminino, sendo o edifício considerado, conforme placa afixada no mesmo de "Patrimônio do Estado".

Três tarde, foi por meio da sua demolição, serviu de sede das Secretarias da Comissão dos Serviços de Paz e Tranquilidade. Intendente da S. S. de Abastecimento.



Este Colégio estava situado no Bom dos Marques de Angra, sendo totalmente demolido em 1946 com a conta das notas referidas a este respeito a paginas 150 deste livro.

A demolição principiou no dia 6 de Dezembro de 1945 e terminou em agosto de 1947 com a demolição total da Capela.

Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso - (Vide paginas 152 deste livro)



"A" esquerda a ve-

tusta e linda capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, situada no "Largo da Graça", próximo ao Penitente

rio Municipal, de Ovaros, a qual fazemos referência na pagina seguinte.

BARCELOS
MINHO
PORTUGAL



- Capela do Bom Sucesso -

Esta situada junto à casa do mesmo nome, no sítio da Graça, em frente ao Cemitério Municipal.

É pequena, de boa pedraria, elevando-se ao seu lado esquerdo uma pequena sinuca.

Dentro o seu único altar é em estilo rococó.

Os tetos - em estuque e tem côro e pulpito.

No p. viciante existe uma sepultura com a seguinte inscrição: AQUI JAZ CONSTANTINO ALVARES PEREIRA ANNO 1798 e fora da porta está outra sepultura sem inscrição nem data. Vide pag. 151 deste Vol.

Pertence à família de Jaime Valente.

x x x

- Capela dos Sagrados Corações -

Junto ao antigo Colégio da mesma denominação, na rua Duque de Bragança, em frente ao Solar dos Linsuís.

Exteriormente ainda tem a forma de capela, mas foi secularizada em 1780.

Pertence hoje ao Estado.

Esta capela foi inaugurada e bençida pelo P.^o Domingos José de Souza Porto-Antônio da Santidade e Paço, em 23 de Novembro de 1903.



A Lincoyana
na ao lado
esquerdo conste
nos o Colégio e
indicada por
uma Cruz à
Capela de que
acima nos se
quinta.

- Capela de São Sebastião -

Está situada na rua Manuel Vianna.

Esta capela esteve no Largo do Santo, no atual atual Praça Pauperial de Barcelinhos, no século XVIII foi mudada para a rua dos Cavallitos, que também se chamava S. Sebastião e atualmente rua Manuel Vianna, junto às casas que hoje são do Estado e onde está instalada a G. N. B.

Esta capela está fechada desde 1910, vindo de Arizema. Foi criada de Baralinho para Barcelos em 1735.
(Vide pag. 107 do 2º Vol. deste opusculo.)

- Capela de Santo André -

Estava situada ao presente da Fonte de Bains, era um templo antigo, pois já existia em 1464 e junto a ela funcionava a Cozinha do Hospital de Lazaros.

Fr. Pedro de Pezires faz referência a este templo no seu "Tratado Panoprico".

Foi demolida nos fins do século XIX.

(Vide pag. 153 do 2º Vol.)

- Capela de Nossa Senhora da Conceição -

Existia na Cerca do Hospital.

Nessa Cerca, no seu canto sul, existia um cemitério, erguendo-se ao norte d'esse cemitério uma capela de boa pedraria.

Dentro tinha altar com retábulo em talha simples e pobre e era forrada a estuque.

Esta capela foi secularizada, mas se usava do nicho sobre o altar, servindo às vezes de morgue ou depósito de cadáveres de pessoas falecidas no hospital.

As ossadas existentes n'esse cemitério foram removidas para o cemitério municipal em 1872.

Esta capela pertencia à Terceira Ordem da Misericórdia.

Esta Capela foi demolida e reconstruída no Cemitério Municipal sem maiores de ano de 1937 a 1938 tendo sido comprada pela Câmara Municipal para se ali reconstruída.

Esta Capela havia sido edificada a quando o Conde da Brincadeira em 1866.
(Vide folhas 43 do IV Volume desta Alameda.)



A esquerda, a Capela de Nossa Senhora da Conceição, reconstruída dentro do Cemitério Municipal, de Barcelos, a qual fazemos referência na página transcrita.

(Vide páginas deste livro 152 a 154 e 154 do 2.º V.)

Notas:

Capela de Santo André (Vide pag. 152.º v.º deste Vol.)

As pirâmides desta capela foram feitas obrecheira do Museu Arqueológico Municipal. —

— x x x —

A Capela de Santo André, era quadrilátera. Tinha o portão principal e porta voltadas ao sul e bem assim tres miradas de essas terras contiguas da dita capela e a fazer com um lar po triangular junto do caminho pelo sul.

Tudo isto foi demolido após a anno de 1885 tendo os santos ido para a Igreja da Misericórdia.

Entre estas casas e a igreja, havia uma cangaeta para o rio Parahy, a qual chamavam "Aginhaga de Lazares".

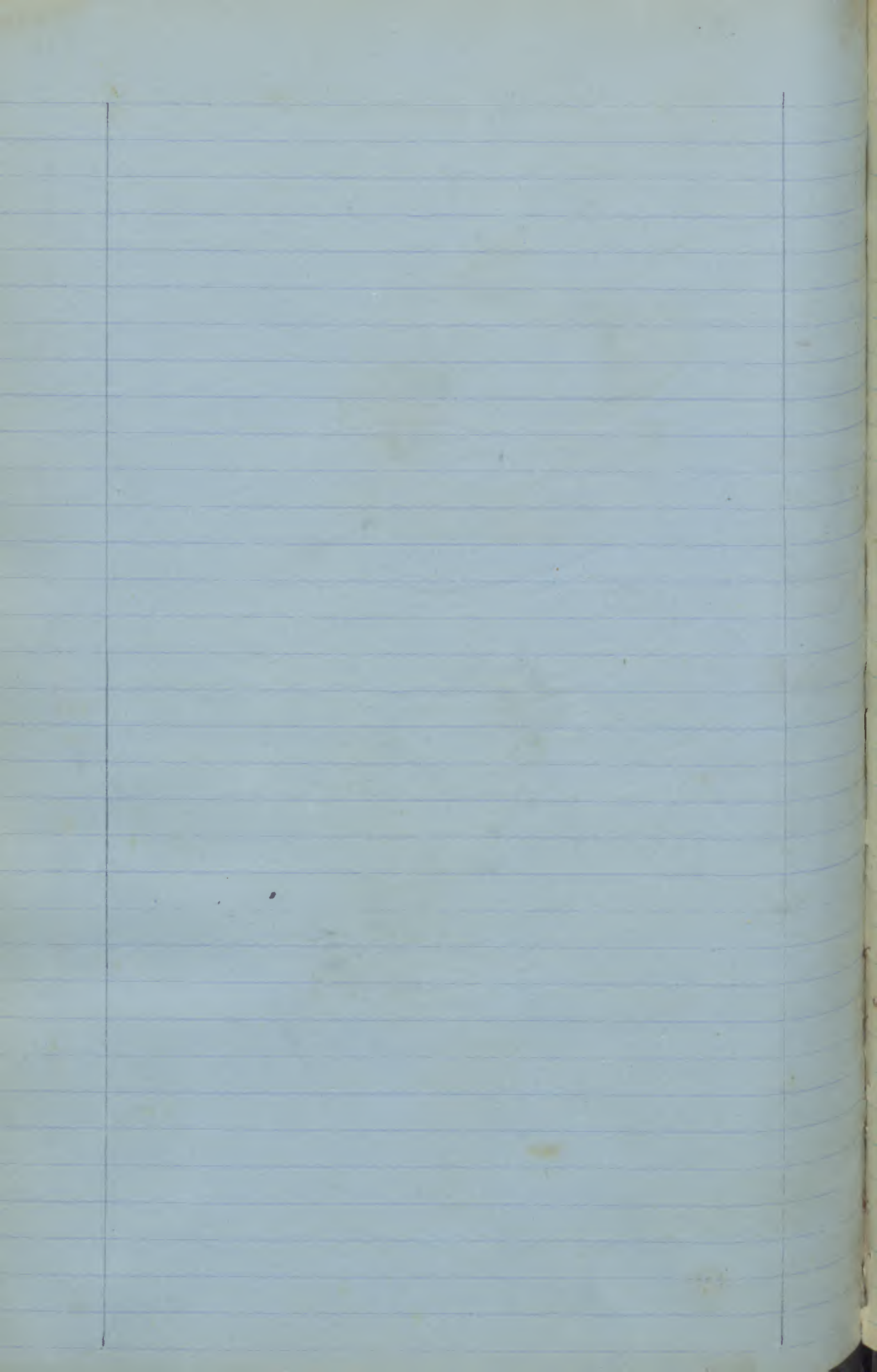
— x x x —

= Capela do Espírito Santo =

< Da Memória Histórica de Villa de Barcellos, Basellinhos e Villa Nova de Formosa, por Domingos Joaquim Pereira, Alcade da Câmara, 1867 >

Antigamente, poucos passos atrás desta capela havia outra da invocação do Salvador, da qual tomava nome todo o campo; e é tradição que esta do Salvador fôra a primeira que houve na villa, mas que quando succedeu aquella celebre tormenta, a que a vulgar chamava - Trabalheira de S. Sebastião -, por ser no dia deste santo, a 20 de Janeiro de 1516, esta capela se arruinou de todo, por estar já muito velha, como se vê no P.º Francisco de Santa Maria, no seu - Céu aberto, liv. 2, cap. 8.

No sitio em que existe esta capela do Salvador, só se ficou conservando uma cruz, que se permaneceu até a fundação do mosteiro das Virgens Bentas, em 1707, em cuja época se cumpriu deus e perdeu aquella cruz entre as pedras e matérias das obras do convento. (Vide paginas 259 da obra citada).



Capelas que desapareceram

Paróquia em tempos idos

Capelas que desapareceram e das quais não existem vestígios

Capela do Salvador

Era uma das mais antigas de Bragança.

Existiu ao sul do Campo d'el Rey entre esta e o da República.

Perreu na "Trabalhada de S. Sebastião", tremenda tempestade que se desencadeou nesta região em 20 de Janeiro de 1616.

No sítio onde existiu esta capela foi erigido um cruzeiro.

Construiu-se depois, mais ao sul, já no Campo da República, uma outra Capela do Espírito Santo, ficando aquele cruzeiro nas costas desta capela, que foi demolida quando da construção do anexo das feiras novas, que lhe ficava a nascente em 1707.

A capela do Espírito Santo foi aumentada com atóis e alpendres, mandando-se fazer septuagintas para os pobres em 1669.

Esta capela foi demolida nos princípios do século XVIII.

Entre esta capela e as actuais casas do Campo da República havia uma rua que se chamava Rua do Espírito Santo.

Todas as imagens de santos, cruzeiros, quadros a óleo e outros utensílios foram trasladados para a Capela de S. J. onde ainda se encontram e admiram pela sua antiguidade muito preciosamente a frontal do altar que está na Capela. Foi e que pertencia à Capela do Espírito Santo.

Capela de Nossa Senhora da Conceição

Existiu a fazer com as casas que se haem a presen-
te o Campo da Republica, - (antigo Campo da Feira) -
foi demolida nos meados do século XIX.

Capela de Santa Maria

Existiu na rua do mesmo nome, que depois
foi da Misericordia e hoje Visconde S. Jannuario, esta-
va junto ao antigo Hospital, fundado no tempo de
D. Manuel I.

Na parede da porta de entrada do antigo
Quartel Militar, hoje Administracao do Concelho, ain-
da se vê uma cruz a indicar o sitio onde esta-
ve a Capela.

Como se veu para as necessidades
do culto, a Comandancia da Misericordia resolveu
mandar-la demolir e construir uma igreja na
Praça Municipal, sendo lançada a primeira pedra
para a construção dessa igreja em 1593.

Antiga Igreja da Misericordia

Existiu na Praça Municipal.

Esta igreja era sufficientemente grande e estava
no mesmo local onde hoje é a sala das sessões
da Camara Municipal com entrada para aquella
Praça.

No altar - moí venerava-se a imagem
de Santa Gertrudes com sua virandade, ins-
tituida por José de Almeida Bezerra, da casa de
Pereira, freguesia de S. Paio do Cavalhal.

Tinha dois altars lateraes junto ao Altar
de Anjo e mais abaixo duas capelas: Uma
de S. Domingos de Vila Cora e outra do S. Inocencio de
Apella.

Esta igreja foi demolida por 1869 em

Contrahendo-se porém ainda vestígios d'ela, co-
mo o arco ogival, etc. quando das obras da
sala das sessões da Câmara Municipal em 1831.

- Capela de Sant' Iago - (Largo de Santa Nova) -

Existia no Largo da Santa Nova, em frente a
antiga sacristia, das janelas da qual os padres su-
viavam missa, mandada dizer todos os domingos
para aquela fins pela Termandade da Misericor-
dia n' aquella Capela.

Foi demolida quando da construção do
edifício dos Armazens de Sant' Iago, nos primei-
ros dias deste século.



Armazens de São Tiago

Este prédio foi construí-
do no local onde exis-
tia a antiga Capela
de Sant' Iago e na
qual se dizia missa

Todos os domingos e
dias Santos que os padres ouviam de dentro
das grades da Capela (Torre da Santa Nova) - que lhe
ficava mesmo de frente.

Do "Dicionário Geográfico de Portugal - (Províncias Conquistas)" de 1781 - (1781) - Volume 6º - Página 33 - ff. 211 - "Torre do Tombo" - "No fim do nome da Calçada, unida com as casas, está a habitação de S. Tiago de Aguiar, que pertence ao Sr. D. João de Aguiar, e nela se diz omnia, ass. press. que estão defronte na cadeia da vila".



A esquerda a fotografia da antiga Capela de S. Tiago que existia defronte da sede da Junta havia e onde se dizia a missa havia os juizes do local desta capela foi construido o prédio de que tratamos

ocupamos - Creche de Santa Maria -

Funciona no solar da Paróia da Petróba (beasonada), hoje pertencendo ao Sr. D. Maria José Fozas, prédio que esta situado do solar da Paróia de S. Fozas. Foi inaugurada em 29 de Maio de 1924.

É dirigida por umas paróias e subsidiada por aquela Sr. D. Senhora, creche a quem ela dedica todo o seu auxilio e carinho. Dentro tem uma linda capela onde se realiza o culto católico. Tem ainda aqui um latario e a "Obra das Irmas".

Serviu



esta casa de passo a D. Maria e quando que vier oculto na noite de 6 para 7 de Maio de 1852 por ter havido

um ha- vido in- cendio pre- la corte dos Sr. D. Senhores, onde a Sr. D. Senhora estava hospeda com sua familia

A "Igreja de Santa Maria" de que atroz nos tempos sempre de, que funcionava na antiga casa "Barão da Retorta" foi instituída em 1928 pela Sr.^{ma} Sr.^{ta} D. Maria José Moraes Leite da Fonseca, e a "Igreja D. Antonio Barros", que funcionava no edifício do Recolimento fundada em 1932.

Em 1934 fundou o Sr.^o Sr.^o João Duarte junto à sua fábrica de tecidos de malhas, um lactário,

A escola dos pobres, instituída em 1938, que ainda actualmente no edifício do Recolimento.

x x x

- Capela do Espírito Santo - (Vide páginas 135)

No alto do Campo da Feira, entre as espinhas do Convento das Feiras e da rua de S. Mathias - hoje rua Candido dos Reis havia a capela do Espírito Santo, com seu altar de bastante grandez e um frontão da sua porta virado ao sul, com fundos da Capela ao norte e Campo dos Touros, hoje parte absorvida por constituiu a rotunda da Avenida Sáez e constituiu a servir por largos anos de jardim público.

Depois da demolição desta capela, todos os pontos e alças foram para a Capela de S. José como já dissemos.

Diz-se que esta capela foi mandada edificar em substituição da Capela do Salvador.

Na capela do Espírito Santo foi que se criou a irmandade de Nossa Senhora dos Terços.

Também aqui houve a irmandade clerical das almas, que d'ela passou para a de S. José.

x x x

- Nichos ou oratórios públicos -

O do Senhor de Bomfim, no Largo do Beneficente.

O do Senhor dos Aflitos, na Rua do ^{San} Lago.

Tres oratórios da Paixão de Cristo: um na rua Manuel Vieira, outro na rua Douçura de Mapamou e outro na Avenida dos Combatentes da Grande

Guerra.

— Na Mucida dos Combatentes da Grande Guerra (em
Tapa Peda do Couto), junto ao Monumento das Fúrias, esteve
um cruzeiro com a imagem de um Cristo sem barbas.
Este cruzeiro foi mandado retirar d'aí e recolheu no Museu
do Arqueológico Municipal, aonde se encontra.

— O cruzeiro paroquial esteve no engarrafamento da rua
Martins da Republica com a Rua de Magalhães, em frente
à Igreja Matriz e ao lado do Alcaide das Fúrias. Naquelle tempo
chamavam-lhe "Largo do Fúrios".

= Cabela da Casa de Saúde S. João de Deus = (Vide p. 10)

(Vide este volume) — Esta presticiosa instituição que
tem junto uma linda e espaçosa Capela
com grande solenidade huzem e inaugurou
a sua Capela em 8 de Janeiro de 1938 e no
imediatamente (8) foi aberta ao publico.

A Casa de Saúde S. João de Deus, de que
mais adiante nos occuparemos instalou-se n'esta
cidade para a que adquiriu o Palacete e Quinta da
Família do Visconde de Godim, que ampliamen-
te e com a contribuição de muitos praxistas
que constituiu uma importante casa de saúde para
a alienados — Seno Mascarenhas.

= Quinta da Castanheira =

xxx
Palacete
da Família
do Vis-
conde de Go-
dim, aonde
se insta-
lou o Hos-
pital de
S. João de
Deus —



1192^o

158

= A Igreja do Largo = (Vide pp. 119^o de (18m))

(Do "Apun. Contado" - 1935 - por Testeiros José da Fonseca) -

Foi esta igreja das feiras beneditinas de Bambe.

Esta situada no alto do Campo da Penitência (Campo da Fé), a fazer com a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

A sua porta principal é ao lado e no sítio onde provavelmente está esta porta nos tempos, fôra o coro de madeira e de cima.

Tem na sua frente para a Avenida, cinco raspadas janelas e na parte exterior de cada lado da porta a sua lápide em granito com as seguintes inscrições: - do lado esquerdo - JOANE. V. IMPERANTE. PETRI. II. AD. AECER. NAM. TEMPORIS. MEMORIAM. DIVO. BENEDITI. CTO. DEDICATVR. =

e do lado direito - RODERICVS. II. HISPANIARVM. PRIMAX. QVI. OPVS. ERIGENDVM. CVRAVIT. SACRO. PONTIFICALI. RITV. PRIMVM. LAPIDEM. POSVIT. XIV. AVGVSTI. DIE. ANNO. MDCCLVII.

Dentro a igreja é esbuzada e sumptuosa; tem três altars; e da Capela-mór e dos lateraes, encostados ás paredes do arco cruzeiro, tendo em cima tábua ricocó dobrada.

Os techos são de madeira em caixotões, tendo pintados em cada um os Santos e Vida de S. Bento.

As paredes estão revestidas de azulejos azulejos com passagens, exaltações e sentenças extraídas da Bíblia e da Regra beneditina.

Sem frente á porta destaca-se na grande e gualpitada em requissima tábua dobrada.

Na capela - mór, por cima da porta
do lado do evangelho, tem pintada no aza
lejo a seguinte inscriçao =

ANNO. DOMINI. MDCCVII. DIE. VERO. XIV.
AVGVSTI. D. RODERICVS. DE. MOVRA. TELLES. AR-
CHIESPISCOPVS. BRACHARENSIS. HISPANIARVM. PRI-
MAX. HVIC. CEDIFICIO. PRIMVM. INJECT. LAPIDEM =

e por cima da outra porta do lado da epistola
ANNO. DOMINI. MDCCXIII. DIE. VERO. VIII. JVLII
IDEM. D. RODERICVS. DE. MOVRA. TELLES. ARCHIEPISCOPVS
BRACHARENSIS. HISPANIARVM. MONTALES. IN. HOC. A-
SE. FVNDATVM. COENOBIVM. A. BRACHARA. TRANS-
VLIT. ET. RECLVSIT. =

Esta igreja passou em 1834 pa-
ra a posse do Estado mas, porque se mais
tarde se tem transferidas as obras micas fei-
ras ali existentes para o convento de S. Ben-
ito de Viana do Castelo, foi cedida por
portaria de 1 de Maio de 1846 a Esmenda
de do Terço, da qual tomou posse em 1.^o
de Junho do mesmo anno.

xx

"Nesta
Lincografia
outra vê-
de parte
do Campo
da Feira, ju-
sante de
uma feir
humano,
e ao fundo
para o lado
esquedo vê-
de grande parte do Convento das Feiras hum
ditinas ao meio do qual está a igreja do Terço a que acima nos referimos."



Vide paginas 41 do 4.º Volume.

= Milagre das Cruzes no Campo da Faria em

Barcelos = "Templo do Bom Jesus da Cruz" (Vide pag 42-4.º Vol.)

De historia decriptiva de tanto Faria e Antep. Vol. de Barcelos - por
A. M. do Amador Ribeiro - 1866 - (Vide pag. 99.º deste Volume)

Existindo n'entre tempo
perto d'agua a fazer uma pequena Lemda, consagrada ao
Salvador, e que se demolida para se edificar este Tem-
plo, passando por essa razão a imagem do Senhor
para a Lemda do Espirito Santo, deu origem a edifi-
cação do mesmo Templo e apparecimento de uma
cruz descrita na nota como melhor se verá do ins-
tumento publico, que entao se lavrou, e que, de-
pendo existir no arquivo da municipalidade, passamos
a extrahir do "Tratado Jurisprudencial de Frei Pedro de Be-
nites; e e o seguinte:

"Dizem os moradores da villa de Santa
Cruz desta Vila de Barcelos, sita no arraial de d'ella,
que em poder de Bartholomeu Machado da Trindade,
da dita Vila, esta um livro de notas escritas an-
tigo, passa de cento e trinta annos, no qual esta
escrito, e lançado na dita nota um milha-
re, que mostra o Senhor sobre a Lemda de Santa
Cruz, onde esta sua Imagem com a Cruz as costas;
tem o dito livro em seu poder, por fear de seus
antepassados, por razao de se não perder, e
para apontar a outros proprios de mil lazes, que
acontenciam na dita Lemda, e he necessario
uma certidão em publico, e modo, que seja
feita com a teor de verbo ad verbum d'ella, e
para mais fe de verdade, que seja vista a dita
nota diante de dois Testes do publico e judi-
cial, e mais autenticos, que possa ser.

Pedem a vossa mercê que mande pas-
sar a dita certidão, e seclerem mercê e
justiça. Que se lhes possa extender n'essa

pedida.

= Leertidões =

Sairam perante este instrumento de certidão dada por mandado e autoridade de justiça vossa.

Seu nome de Deus, ministro e poderoso Senhor amém. Sairam es que este publico instrumento de fe e do testemho do Santo milagre, vosses, que no anno do nascimto de nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e quatro, sexta feira, vinte dias do mez de Dezembro, ás horas de nove horas, pouco mais ou menos, vindo a vossa honrada Bispo da Corte, escrivão d'el-Rei, e juiz ordinario em a dita Vila de Barabá, pela rua Direita da dita Vila; e chegando corrimo ta le hã ante as portas de Pedro Machado, entro sein es-criuor, vindo João Dias, sapateiro pela dita rua, que vinha da Beirada do Salvador, em que ha pelo dito dia uma Missa, em reueren-çia e honra das Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo e disse ao dito juiz e a vosses Testemho, que seculos vier, e mostrar uma Cruz, que demons-trava um pouco de santo milagre, que esta-va junto da Cruz, nos campos do Campo da Feia.

Pelo qual o dito juiz, escrivão Testemho foyos com o dito João Dias em direito ou de esta a outra Cruz, que esta no dito Campo, e no meio da estrada, que vai, e corre da dita Vila para Santiago da Galiza, e outras partes; em direito da dita Cruz, no chão, em um barreiro, estava pito, e assigrada, que se da mão direita, quando homem vem do Salvador, uma proporcionalada, e tabhada, e direita f Cruz, vosses tão feita como esta desta repa acima, de

tres covados e meio de comprimento e dois covados e
 tres quartas em ancho, e de sua largura a quadra
 dela de um palmo, e em todo por equal; e estava
 do o dito Juiz, e em Tubent, e Pedro e Thomas, con-
 tador, que topou ali chupim, e o dito Juiz Pedro, e
 se tiveram mais d'anta coiza, quasi toda alvadia,
 pelo qual foi topou ali por eles, e por um Tubent
 vista toda a terra em redor, onde não foi achada
 nenhuma outra parte d'agula terra e pedras de
 somente uma feita, como se era, tão longe das lun-
 gas, como duas varas, ao que visto a dito unil-
 ge, tão excellentes, e publicas, e manifestando-se
 pelo dito Juiz, acordou em esta parte da dita Vila
 e da freguesia d'ela, a saber, e adorar a dita Cruz, e
 pondo com os d'os d'os d'os d'os d'os d'os d'os d'os
 achados esculpir, murador na dita Vila, e cerca-
 ram de pedras de redor, e com outros muitos ho-
 mens, e formadores da dita Vila acordaram
 ser edificada uma casa ao pé, e largura da
 dita Cruz, a saber, e nome chamada Santa Cruz
 erguendo topou ali pedras quartzas, que se levam
 foram a largura, e largura da dita Cruz, se
 pondo esta, e ficou a dito dia, até acabada a
 vespera, e com a dito propósito, e tuncas
 hão, e Santa, Álvaro Tubent, pedalar, e todos
 admiradores da dita Vila foram ao dito uni-
 lize com franch, e olhe provisões, para
 dixerem onde ficara a dita Santa Cruz, e
 foram no dito dia, a tarde acabada a vespe-
 ra, o devoto Alejo, Conyos e Cherezia desta
 Vila de Santa Maria, a fôrem, e levaram,
 onde a Santa Cruz estava, uma semi-pau-
 de Cruz de pau, semi-beu feita, que meten-
 ram com muita solenidade com a provisões
 que levaram, em que ia com eles a Cruz

de Nossa Senhora da Misericórdia da dita Vila, e abri-
deram a dita Igreja, chamada por Igreja, e
mostamente do dito Santo Milagre, que ali esta-
va, avonde todos os fideis, e devotos christãos com muita
devoção e fereçam, e que lhes heem graça de sua
fajuda, prometendo todos as divas de dinheiro pa-
ra a dita Casa, as quaes em Taboão escrivy e
assim o lizeram, por o tempo não estar mais
lugar com a obra, escada de pedra; e Francisco
Correia, e Álvaro Fernandes, Pedro Machado, segun-
do todos isto consta do instrumento do Santo
Milagre da Igreja, que está escrito em um
livro de notas, que tem em seu poder Bartho-
meu Machado Miranda, do qual foi fielmente
trasladado, sem cousa, que devida foy, ao
proprio livro, que em poder do dito Bartho-
meu Machado foy, em todo e por todo em respeito.

Se foy me ser mandado passar a presente
pelo Juizado do Barão de São João de São
n'esta vila de Barão pelo Padre de N. S. P.
em 17 de Maio na cidade de São Paulo sete dias do mes
de Maio de mil e seiscentos e trinta e oito annos,
e a concertar com a officina abençoada nomeada, e
assinado, e ao dito Bartho-
meu Machado de Miranda
da thesoreria a foy a dita livro, e assinou.

A qual certidão atay em João Machado de Faria,
Taboão do publico e judicial desta Vila do
Barão pelo Padre N. S. P. de São João, e
trasladado de um livro de notas, bem e fielmente,
e o subsecrevi, concertar, e assinou de um publico
screeva, foy que tal e, e a dita livro de notas tem
em seu poder Bartho-
meu Machado de Miranda,
desta vila, ao qual se a entroprei, e de corpo o re-
ceber assinou qui escrevi Taboão, que assinou publico
que tal e. Passado proprio livro - Bartho-
meu Machado de Miranda.

Praca de D. Pedro V

(Da "Noticia descriptiva da Villa Nova e Antiga Vila del Brasil" - (1866) - por A. M. do Amaral, Ribeiro)

... A frequencia praça do Alfende, e uma frequencia e sepi alfende, que lhe estava por cima, encostado a umas casas do lado opposto ao hospital, servindo até 1827 praço mais ou menos, de mercado publico de hortaliças, frutas e aves: e accumulo de superfluo de gado, e a mesquinha, ou quasi nullo abrigo, que offercia o alfende nos dias chuvosos, resolveram a Camara de então a remover o d'ali para um novo alfende, expressamente mandado levantar para esse fim na Freguesia de baixo, junto a chamada rua de São; e que por isso se perdeu no isolamento e impopularidade do local.

Sendo demolido esse alfende, talvez por cauza de trasado da estrada-rua, que por ali sepe, passou o mercado a ser feito no local por pertencim a rua da Calçada, subsistindo mais que nunca o grande inconveniente de um desabrigo completo.

O mercado de feira era em uma pequena praça, em arcada, coberta, e fechada com grossos balaustrados de madeira, situada em frente a Cadeia, e corrente parallela com a Calçada; sendo porém demolida, ha pouco para dar passagem a estrada a Itapecuru, que ali passa, era de urgentissima necessidade, a construação de um edificio, que tanto as conclusões precizas, remette os d'ahi mercado.

A Camara actual (1866) actual compenetrada de seus deveres e convicta de uma

necessidade tão urgente,
e tão reclamada pelo com-
modo da população, acio,
e boa policia, mettendo
humbras a empresa, re-
mediou-a com a mais
bomafé e zelo, mandando
do construir uma boni-
ca, e espaçosa Praça
de mercado na rua
da Freixoira de Cima,
com frente a meana,
e fundos a Capela de
S. J. de.



Entrada da Praça D. Pedro V pelo lado da Rua
D. Joana de Freitas. Ve-se o passeio antigo.

É um grande praça
de mercado, e os
lados, da frente e
fundos, são adornados por grades de fer-
ro, divididas por filarias de cantaria, que des-
cendem em um para frente de metro e meio
d'altura, tendo no centro um largo portão com
grades de ferro; dentro corre de cada lado da
frente ao fundo um largo alpendre.

Com quanto não esteja de todo conclui-
da, tem linda apparencia, está bem tra-
zida, e já ali se faz o mercado diário."

x x x
— Praça de D. Pedro V —

Da "Memoria Histórica da Villa de Barcellos, Barcelhinhos e Villa Nova de Sta
meliana" - Abade de Loure - (1857) -

... Eis talvez aqui a razão por
que aquella praça se chamava de Alpendre.

Não sendo ella sufficiente, a camara fez
a remover d'ahi para o largo da Porta do Valle,
formando um alpendre ao sair da rua do Passo.



"A esquerda a fotografia da
 frente da Praça D. Pedro V, ven-
 do-se a parte que imaginava
 a ser modificada, fazendo

parte da face voltada para a "Rua Filipa Borges" e "Rua Bar-
 jma Freitas".



"A direita a foto-

grafia que mostra

tra as fachadas da

Praça D. Pedro V,

face voltada, com respectiva entrada, pelo Campo de S.

José.



Praca ou Mercado - (antigo)

Em 12 de Agosto de 1830 a Camara
transferiu do Largo do Rio para praça da Porta do
Vale, a mercado diair de hortaliças, frutas e
peixes.

Os pilares de pedra que separavam a parte alpendrada
da Praça da Calçada (a que se refere o Alcade do Louro, na sua Pre-
missa Histórica, de que faço menção neste Volume a pag. 16/n.º) ainda hoje
se encontram como esteios de separação nas ramadas do quintal da Casa de
Família Salazar, desta cidade.

As Camaras que se deram, principiarão
e mandaram construir a "Praça do Sr. Pedro V" eram
compostas pelos seguintes cidadãos: - Bacharel Antonio
do Negre Saria Barbosa, presidente - João Bettencourt e Vasconcelos - Fran-
cisco Simões Duarte Lira, (da villa) - José Antonio d'Almeida Fozz, (de Bar-
celinhos), - José Antonio Pereira da Fonseca, (de S. Pedro de Villa Rescaimbo),
Bernardo Simões da Fonseca, (de Remete), Miguel Bernardino Ferrei-
ra de Macêdo, (de Gondifelos), - e Manoel Joazeiro de Almeida, (de Ma-
nente), vereadores.

A Sr. João Pedro da Costa e Silva, habilitado em
praça que deu o risco ou planta, que ao depois soffeu
alguma modificação e ampliação; e o inspector foi
a Sr. Bacharel Antonio Luiz Pereira Carneiro da Fonseca,
secretario da Camara.

↳ Da "Memoria Histórica da Villa de Barcellos, Barcelinhos e Villa Nova de
Lancelinos" - 1867 - por Domingos Joazeiro Pereira - Alcade do Louro.

Vide folhas 93 do IV Volume, destes apontamentos.

entre esta e a que vem da do Terreiro, e que durou pouco
estes annos, e foi demolido quando em 1860 se rombeu por
de e trazado da estrada - rua; e passou entre o mer-
cado para a praça e largo da rua da Calçada.

A praça da Calçada, que até então servia de mer-
cado de fructas, era uma elegante praça em arcada de
seus lados, fechada e coberta com portões balaustrados
de madeira, situada ao lado da fôrta da Ladeira, e es-
tando parallela com a Calçada; mas foi tambem de-
molida, para dar passagem a nova estrada - rua,
que ali passa; sendo por isso de summa importan-
cia a construcção d'uma praça que tivesse as precisas
condições para os dous mercados.

A Camara de 1863, sobre e actua, comin-
da urgente necessidade e vantagem d'uma tão
fructifera e empregada, reclamada pela comodidade, a
prosseguimento, realce e bem da população, mandou
construir, com sufficiente
capacidade, a Fôrta Praça
de mercado na rua da
Propriedade de Lima, com
fôrta a mesma rua e
fôrta a capella de S. J.º,
denominando-a Praça
de D. Pedro 5.º; orde-
nando que ella fosse en-
chida até o presente
anno de 1867.



... Esta pra-
ça, apesar de não es-
tar de todo concluida,
é bonita e espaçosa,
e é um grande para-
lelogramo com 80 metros
de comprimento e 40 me-

Esta linco-praça mostra-nos a Praça
de D. Pedro 5.º, situada de entrada do Campos de S. J.º
para a Rua Barjora Freitas, precisamente do
lado contrario em que foi trazida a linco-pra-
ça que deixamos a traz d'esta, pag. 161 v.º?

tos de lajeira, eufi lados da frente e fundo são adornados
de portas, grades de ferro, divididos por pilastras de cantaria
que descaem em um frontão, também de cantaria,
d'altura de metro e meio, tendo no centro da frente, e
do de fundo uns largos portões com grades de ferro e com
as armas da vila gravadas no cima d'elas; eufi por
dois dos fura a entrada e saída para toda a Pra-
ça pelos passeios, também de cantaria, que tem nos
quatro lados e no meio d'ela; em eufi meio tem
já emoldado um hem elabrado e lindo chafiz de
boa pedra, em forma de pirâmide, de eufi vertice ma-
nando a água, e recolhida no bôfi em forma de
bacia, e d'ali sai por 4 bicas no seu tempo, que
tem a figura d'uma cruz; eufi chafiz esta encado
de 54 arvores de diferentes qualidades, que vieram
de França e que estão plantadas e arbandas seme-
tricamente; e dentro da praça, pelos dois lados
da frente ao fundo, corre por cada lado, fassun-
do com os passeios destes lados, um largo e es-
pesso alpendre, já arbande, que se propeta
dividi em praças.

Já nesta Praça se faz o mercado publico e
livre com abundancia; já n'ela se pastaram
o metro de seis combos de reis; mas não in-
refa os bras praças do reino.

Esta Praça depois m'conceio de renovação em 1930, o qual não se concluiu.

Passeio das Obras

< "Da Noticia descriptiva do mto Povo e Antiga Cidade de Salvador" (1866) - por
A. M. do Amaral Ribeiro a pag. 17. >

... .. "Ha ainda outra
obra publico igualmente bella, magnifica e car-
tada; e' a que serve de adorno e remate ao la-
do sul do Campo, que até ora se chama do
Salvador, segundo Sr. Pedro de Torres e hoje o
mar do Fium; nella rivaliza a elegancia com

a bon goût e whidley.

He uma pequena parede de pedra com tecto semi esférico, com passioz trazo legendos de pedras; tem commodos assentos em aberturas feitas no mesmo parede a' fôrma de elegantes janelas de portais; por cima e' adornado com lindas piraes das em forma de pedras vazas, estreadas simetricamente nos intervallos dos assentos; no centro ha, como dividindo a parede em dois longos, uma ma-petosa, e seave esada tendo, nos lados altos obeliscos, e no centro de cada um dos longos, ha um fronso e elegante chafariz.



He uma obra prima, e que devia ter custado em um conto de reis; e' um aquazil passivo, nada proem frequentado pelas scenas immorales, pe de invite ali se dar, e pelas immundicias, que ali se dao, dipr, ali se veem constantemente, tudo em desabono da



O cercadouro que divide a meio o linho "Passioz das Olvas" de que os vinhos sahem da, deixando-os a' ar fur entre os seus elegantes obeliscos o magnifico Templo do Bomi Jesus da Cruz.

Policia municipal e civil.

Um dos tanques do "Passioz das Olvas", vis-à-vis do lado exterior."



O escadório e uma dos fontanários do Passeio das Obras, visto pelo lado exterior.

Imporante murada antigas
 União de São XVIII.

— Passeio das Obras — (De "Apnem Canado" 1935 - de Turismo de Foz de Iguaçu)

Não sei porque este invulgar investimento histórico na sua obra a que acima fazemos referência, sob o "Passeio das Obras" que é considerado monumento nacional, apenas diz: "... No Passeio das Obras, construído no fim do século XVIII existem dois fontanários, cujas águas caíam respectivamente em seu tanque construídos na parte posterior d'aqueles obras.

Hoje só existe um d'aqueles tanques



"Passeio das Obras" - O Fontanário voltado para o Lago da Palmeira, visto deste lado.

por o do nascente ter sido devolvido.

..... O Passio das Obras, monumento
cal obra entre D. João V, de apuramento do cam-
po da Republica, lado sul, foi mandado con-
struir nos fins do século XVIII.

Em haia deste monumento estava a chama
do "Quintal das Barrocas", terreno que fora apreendido
a particular e que a Camara de 1928 comprou,
sendo transferido por uma vercação qualqum
em Largo.

No nascente desse largo estava em existên-
cia umas obras (actualmente suspensas), que
ninguem percebe.



"Passio das Obras", fotografada depois da expropriação do "Quintal das Bar-
rocas" e grande se deu com as obras que "ninguem percebe", como nos diz acima o digno
investigador - historiador Testeiro da Fonseca. (Vide pag. 50 do IV Vol. de Hist. Almt.) e
185 v.º de Hist. e 195 do an.º

Na fotografia que adiante apresenta-
mos vêem-se já muito adelantadas os trabalhos
da obra que "ninguem percebe", mas que por isto
mesmo se encontram suspensas.

A maioria desta cantaria em 1939 tendo
a Camara Municipal restituido a processar e setim.

do Pecogal, junto a Margem do Cavado, onde pres-
 relmente se poderia transformar n'uma Praça
Fluvial, atenta a beliza do local e das margens
do Cavado, foi para ali retirada e com ella se cons-
 truiuam diversos esandrios e praças com que se
 enriqueceu o Pecogal, tornando-o em local afra
zine e ameno, principalmente no verão.



"O Passeio das Obras", com as obras emplementares que se figuram - (obras que impuzem
precebia) - cuja pedra de cantaria foi d'ali retirada para as obras que se figuram
 no Pecogal em Agosto de 1939. (Vide pag. 5 do 4.º Volume desta frontamnia) e 186.º do 2.º e
 196.º deste Volume

O Passeio das Obras

Sua constituição e história

por Fran.º Cardoso Silva - (1936) -

O campo da terra era bastante acumulado pa-
 ra a realização das feiras semanaes, que cada vez
 mais tomavam maior desenvolvimento, motivo
 este que deu origem a que se reconhecesse a neces-
sidade do alargamento do referred campo, pois,
 n'essa altura - em 1779 - era restringido até
 as muros que circundava a Cerca do Convento
dos padres capuchos da cidade, (hoje Hospitais da
Misericórdia), cuja vedação tinha a diacção da
antiga praça da Ordem Tercina, separado d'ali por

ra o norte até a estrada da Pedra do Couto, (hoje Avenida da Estação).

Nesta oportunidade reconhecem-se que o alargamento do campo devia ser feito para o lado do sul.

A Câmara da presidência de António Manuel de Faria e Mattos, tendo como vereadores, José Jacome de Souza Pereira e Vasconcelos e Pedro José Fernandes Andrade Faria Gato, reunidos, deliberou em sua sessão de 27 de Novembro de 1779 fazer o alargamento do campo da Feira, para o lado sul até ao lugar das Barricas, e o alargamento do campo da Feira desde o muro de suporte que estava junto da Igreja dos Terceiros e virada em direção e junto do Templo do Bom Jesus da Cruz, de cuja resolução se lavrou a seguinte acta que diz: -

"Há um mestre pedreiro capaz e inteligente para fazer a planta e rizes do paredão do campo da feira e mais obras para o que se alocarem precisar."

Desta acta se conclue que a Câmara, anteriormente, já tinha pedido auctorisção para o melhoramento, sendo-lhe isto concedido, em virtude da necessidade que havia na ampliação do referido campo, promovendo esta obra a construção do Passeril das Obras, trabalhos estes que principiarão em 1780, sendo seus constructores os mestres pedreiros João Manuel Domingos Francisco, como consta da acta da sessão da Câmara de 2 de Agosto de 1783 que é da teor seguinte:

"Nos três dias do mez de Agosto de mil settecentos e oitenta e tres annos, nesta villa de Bar-

alhos e casas de Constantino da Rocha Figueiredo, qual
onde vieram o Doutor Luiz de Fria e vereadores actuaes
abaixo assignados ahi a vosa do cope das obras
publicas para effecto de orcar o valor das obras
publicas no estado em que se achavam e quem
de examinar quanto se tinha dispendido em
os mestres da dita obra em se estes serem devidos
res ao dito cope para o que sendo nomeado
por parte do publico e pelo Doutor Luiz de Fria
e vereadores abaixo assignados e José Fernandes
Luiz de Cossourado que actualmente he bovard
aprimantado da Camara desta villa, do pif
pado de Aguiar, e pela parte dos Mestres da
dita obra abaixo assignados os Lavadores Fran
cisco Pereira da Figueira de São João de Vila
boa; acharão elles ditos bovardos depois de medi
rem e examinaarem a dita obra que se achou feita,
procedendo todas as assignações necessarias aca
sar importar a medição de toda a obra excepto
as Fontes que ainda se não achou feitas, feita a
dita medição na forma da arrematação impor
tar em ocos contos trinta e sete mil novecentos
e quinze reis.

E feita a conta em que os ditos Mestres tem rece
bido pela recita do cope, importa cinco fozas esta
conta... para outro acto por não haver tempo
e haver a dita obra segundo as verbas que tinham
rechido e si no dito orçamento da referida obra
na forma escripta pelos bovardos se comprehendem
os ditos mestres da obra e na dita bovardos.

Se para evitar mandarem fazer este termo
que assignaram e em firmam José de Azevedo secretario
da Camara e souvi

(a a) Amoreim - Duarte - Cirne, Faria e Frates - Rocha
- João Manuel - Américo - José Fernandes - Luiz

- Manuel Pereira -

As ordenações são: a do fimeiro e do juiz de fca; as das segundas, terceira e quarta são dos vereadores da Câmara; a do quinto e do terceiro; - e as duas primeiras as-
sinaturas são dos mestres constructores; - e as duas ul-
timas são dos humados.

Pelo conhecimento que nos dá a acta que acabamos de transcrever, ficamos a saber quem ha-
ve os mestres pedreiros que foverdam a construção do
"Cassio" e ainda de que estes trabalhos tiveram co-
meço em 1780 por que a Câmara em sua sessão
de 24 de Março de 1781 nomeou um architecto, ha-
ra os examinar.

Verificou-se que a Câmara existava junto
com o conhecimento das referidas obras, por que apezar
d'apela inspecção que mandou fazer logo no ano
imediatto debaixo manda- das vistorias por
parte autorizada como se vê da seguinte acta:

Nos quatro dias do mez de Dezembro de mil sete-
centos oitenta e seis noes nesta Villa de Paracatu
e casas da Câmara deita em acta de reunião
que foyiam o Doutor Juiz de fca e vereadores actuaes a
haino assignados com assistencia do promotor de crime-
lho ali appareceram os mestres José Fernandes Luiz de fca
penni de Casmado e Bento Cavanelles assistente nesta
Villa este nomeado e approvedo pelo mestre pedreiro
da obra do Cumpo da fca e apelle por parte da
Câmara para verem e examinarem se hia feita
na fca obra apontamentos e arrematações aos
jorais encarregaram por debaixo de juramento
e compere intendessem em suas consciencias e
elles assim se prometeram fazer e logo ambos os
ditos mestres e ouvados unyformes consento-
a vieram que examinando as fraudes de fca
dam acharam que eram e estavam feitas.

se com barro e sem cal alguma e que para isto se
estará por dentro da parede bem feita e sem furos
podia passar ainda que devia ser mais bem en-
treitada sem alguns furos que tem, e por a esquadria
não está assentada em cal e areia e quanto as
pintas por fora as hão apra tapando com cal e fi-
de pedra bem por a mesma esquadria está mal
finta e imberita e com furos de pedra meida
que fazem deformidade ou defeito da obra e ain-
da em falta de separação no que tudo faltaram
os mestres a observação dos apontamentos e que
a falta de cal nos entornos das grandes regularidades
pela mesma parte na forma dos apontamentos assen-
taram por em cada braço de parede se deve re-
pular quatro rasas de cal, isto em cada braço regula-
das a trezentos palmos cada hum e para proce-
der cada rasa de cal a circunferênciareis sem a ter dime-
nção cada braço duzentos reis com atenuação tam-
bem no centro da esquadria, e outro sem disseram
que o palmo da moldura das jantes se podia
regular cada hum a centro e vinte reis por ser de
moldura e talha, no que respeitante a pilarização das
jantes e escadas, e que o palmo de moldura dos de-
graus da escada se deviam regular cada hum
pelo meio da arrematação da moldura de cima da
arrematação primeira e que o palmo de cima e
baixo da escada e jantes se deviam também re-
gular e regular pelo meio da mesma primeira ar-
rematação e para constar mandaram fazer este
termo de declaração do que disseram os mestres
homens que estão assinaram depois de lido este pre-
sença Antonio José de Queiroz e escreveu da Câmara por
a escriv. (a a) Américo - Pinto - Maria Mattos -
Pereira - Bento Cabanellas - Frei J. Luiz.

Em todo quanto se tem publicado (documento)

que temos colhidos se guas ainda hoje podem ser consul-
tados), deprehendi-se que a constituição deste "Passio"
estive paralisada algum tempo, tendo sido por
fazer a fôrta do lado da Papoira, como se verifica da
acta seguinte:

Em quatro dias do mez de Janeiro de mil setecentos e oitenta e seis annos nesta Villa de Parahyba e casas da Camara d'ella em acto de veracação que faziam o Doutor Luiz de Jôia e vereadores actuaes com assistencia do promotor dos crimes ali de podes se deprehender alguns reparamentos occorrentes determinarão que por se achar completa a obra publica do Campo da Jôia menos a fronteira da parte dos terceiros a qual principia e ficou incompleta e porque faz depressidade a obra a falta de tal fronteira indicada nos apontamentos determinarão se acabasse a mesma fôrta e prospecto d'ella na forma dos apontamentos para o que se passasse se mecatória dirigida ao Doutor Promotor para que fosse notificado o mestre pedreiro, ou mestres para que logo viessem completar a mesma obra que tambem he comprehendida na arrematagão ahi se manda fazer por sua conta e mecate mecate acto se respondeo ao reparamento da obra e por a respeito do estabelecimento do partido de medios.

(a a) Antonio José de Siqueira a escrivão.

Rep. - Beza - Jacome - Garcia - Lopes"

Vir pi apenas o interesse que tenho em dar a publicidade a estes apontamentos, que me levou a copia na integra certos documentos que se referem a constituição do "Passio das Ohas"; mas a necessidade que ha em fazer provar que nunca he pi atulhado outro nome como erradamente

algum título chamar-se "Passio dos Assentos," e
não ser um documento pertencente ao Arquivo da
Casa de Bragança nesta localidade, que - não se sa-
be como - lhe attribue tal designação.

Ninguém, pois, até hoje, lhe tem chamado outra
coisa.

Em documentos práticos e officiaes a propria
Camara e a Torre lhe chama "Passio das Obras".

Tudo quanto em contrario se disser não pas-
sa de invocações que todos os barcelenses devem repetir.

A historia de Barcellos, que é a nossa terra,
deve ser feita só com a verdade e nunca qvinda em
habilidades.

Além do que já publicarei, vamos transcrever
a que nos diz a tal respeito pessoas que fizeram a
historia de Barcellos, com muita simplicidade mas com ver-
dade e com verdade.

A. M. de Almeida Ribeiro, a paginas 177
da sua "Historia descriptiva da cidade, nobre e antiga
Villa de Barcellos" (1866): "É a que se ve de adorno
e remate no lado sul do Campo para a Torre se
chama de Salvador, segundo Sr. Pedro de Torres
hoje chamar da Feira; nella rivalisa a elegancia
com a bon gosto e whidez.

Há um primeiro paço da feira cantaria mi-
estuar, com passio todo tapado de pedras; tem
commodos assentos com aberturas feitas no mesmo
paço e feitas de elegantes janelas de fretil;
por cima é adornado com lindas piramides em
forma de grandes vasos, collocados simetricamente nos
intervallos dos assentos; no centro ha, como dividida
do paço em dois bancos, uma magestosa e
sua vez esçada tendo nos lados dois obeliscos,
e no centro de cada um dos bancos, ha um pri-
meiro chafiz.

He uma obra feia e que devia ter custado muito
 conto de reis, e' um aquasiel passivo nada pouco
 frequentado pelas ruas immoas, que de certo ali se olta,
 e pelas immoas, que ali se veem constantemente,
 tudo em desabono da policia municipal e civil.

Vejamos agora a que se faliu de obra
 de do Sr. Doutor Domingos Joaquim Pereira, nos diz a folha
 112 da sua "Memoria Histórica da Villa de Barcellos
 Barcelhinus e Villa Nova de S. Francisco" - (1867) -
 Capitulo XXIX - "Passio das Obras":

No Campo da Feira, no lado do sul, e
 em frente da Calçada do Templo do Senhor da
 Cruz e do campo se desfruta o paredão a que se
 chamam as Obras, tudo de fôrta cantaria, estuvas,
 com passio todo lapidado de boa pedra de esquadra
 a, com cornudas assentos, com elegantes janelas,
 de peitoril por cima do paredão com lindas pirami-
 des em forma de grandes vasos, estuvas em nítida sym-
 metria nos intervallos dos assentos, tendo no centro
 do paredão e passio uma majestosa e soberba es-
 cada, com arcos e bem elaboradosobelias assentos;
 cuja escada divide o paredão em duas tanques, e
 em cada tanque tem um fronto e elegante chafiz,
 tendo o do lado do nascente sem apana e o do
 poente em ella, e as Obras vão formar o' arcos e
 grande tanque que esta nas costas deste chafiz.

Este paredão e passio e' obra feia, que con-
 stantemente custou muito dinheiro; e e' cezuravel que
 a Camara Municipal, consista que se'elle não haja
 a limpeza precisa; e que a par das suas esca-
 das de dentro se permitta uma obra, esculando Man-
 chado!

Podiamos ainda buscar, mais documen-
 tos sobre a obra se provasse que sempre tiveram
 a designação de Passio das Obras e nunca Passio.

dos Acadêmicos, como certos historiadores lhe querem chama-
mar, sem terem a cuidado de não distorparem a
história como é dever de todos que se ahi lançam
a fazer reviver o Passado.

A Documentação da Paiz é a que deve servir
de base a todos que queiramos transcender a poste-
ridade. (Vide paginas 58 do 4.º Volume destes afontamentos)

Jardim Publico - Hoje Campo 5 d' Outubro -

Este jardim que era todo circundado por
um lindo procelamento misto e constituiu este lindo
recinto de passeio e de passeio publico, no antigo Cam-
po dos Tanos - hoje sem grades nem vedação de qual-
quer especie, parte afeudada que constituiu a soteria
da da Beimda Oliveria Taboas.

Quando jardim, que foi solennemente inaugurado
pelos 3 horas da tarde de domingo 3 de Dezembro de
1882 com a assistencia das autoridades locais, tomam
do parte a Banda de Musica de Parcutinos, o Campo
dos Tanos - (assim chamado por ali ter hauido a feira do
Judo) - não tinha, nem ainda hoje tem a pequena rectan-
gular, mas quasi em forma de hexagonal.

De maneira que todo gradeado e fechado, tinha
na parte mais abertada e voltada para o lado do
Campo da Feira que era em debaixo do Templo do San-
to José da Feira, uma portil que dava entrada para o
jardim e em cada um dos vertices da parte opos-
ta voltados e em fronte, respectivamente para a Rua
dos Terricos e Rua de Tray do Arrebit das Seixas, Presei-
tiñas, um portil de ferro igual o que estava.

Dentro tinha um lindissimo arvoreto onde
as bandas de musica, tocando, deliciavam os musse-
vintes.

No centro tinha um lindissimo lago, com
uma ilha no meio, onde, por debaixo das Plas de Porto.

Pinheiro, havia um continuo repuxado d'agua.

Uma fotografia do antigo jardim do praça de São João, vendo-se ainda as grades.



esquerdos o antigo convento dos padres Mendicantes que tinha e tem a igreja de São Francisco.

Tudo o que se viu a ser devedor a este jardim e bem cuidado jardim foi d'agua retirada para tomar a recinto real de adorno e jardim e representado por toda a parte sem distincção de classes em Jan. de 1938 e tudo o que foi afilhado no moderno arruado que deu a vedação da Casa do Hospital da Misericórdia desta cidade, que hoje se encontra o Parque da Cidade.

Neste campo, n'antigos tempos, existia a Capela de Espírito Santo.

Antigamente, houve praça antiga desta capela, havia outra da misericórdia de Salvador, da qual trouxeram todo o campo este nome.

E' tradição que esta capela da misericórdia

Outra fotografia do antigo jardim de cujo recinto pouco ou nada hoje existe. N'esta



foto que se vê de São João e foi o antigo convento de São Francisco que lá existia de São João.

fôa a Luízia que houve na vila, mas que quando se deu
 a quella celebre tormenta, a que se vulgarmente chama - Trebucana de
S. Sebastião - por ser no dia deste santo, a 20 de Janeiro de 1666,
 esta capella se arruinou de todo, por estar já muito velha.
 No sitio, em que estava esta capella do Salvador, só se
 ficou conservado uma cruz, que ali permaneceu até a fun-
 dação do mosteiro das freiras Bentas, em 1707, em que
 já se vira se confundiu e perdeu aquella cruz entre as fu-
 das e materiais das obras do convento.

E com tudo isto desappareceu, os muros de dita ar-
 rahada para se recuperarem a fundação d' aquella capella, mandou
 sem fazer saber que era aquella do Espírito Santo.

A Luízia da nossa fôa feita aqui, neste campo dos Torres,
 ficou como a Câmara de Lisboa, fôa aqui a Fundação Publica, fôa
 a fôa - se a fôa esta Luízia no campo da Luízia feita no Luízia
Pal na 5.ª Luízia 31 d' agosto de 1882.

A Luízia a Luízia ao lado direito
 tra nos a parte central do antigo jardim
 todo rodeado ao fundo o Luízia.



= Largo da Porta Nova e o
 = Largo da Calçada =



É esta uma das fotografias que nos mostra o primeiro arranjo do
 seu ajuntamento, mas só referente ao largo da Calçada, sendo se
 a primeira continuação do Kioque do "Salvo" ou da "Calçada".

Junta parte da ^{cidade} muralha que a Largo da Porta Nova
 e a mesma Largo da Calçada, mas e prestar errado pois
 que a Largo da Porta Nova e a fronte fronteira a Torre
 da Moura, ou antes, a Torre da Porta Nova, compreendido
 entre a esquina desta Torre do lado do Campo da Feira e
 as entrevendas das ruas D. Antunes Barro (antiga
 Rua Direita) e Brázilia de Freitas - esquina da calçada de
 S. Tiago, já demolida, mas substituída pelo Jardim que
 nesse local já existia.

O Largo da Calçada e considerado pela fronte como
preendido desde a esquina da Torre da Porta Nova - (voltada
 para o Campo da Feira até ao Templo do Bom Jesus da
 Cruz estendendo-se de depois aqui até ao prédio do Passio
 das Rhas limitando-se de depois Largo desde as ruas que estão
abandonadas a meio desta Passio
 até a linda o terreno para com
linda em a rua da rua
para linda a Calçada e Rua
Luís Barbosa - antiga Rua
das Velhas ou Pelames.



Estas ruas mostram nitidamente a parte que compreende o quadro
 do Largo da Calçada.

O Largo da Calçada, para dizer, este
recinto tem esta destinação, dada pelos juizes, por
que entre - ruas, da Porta da Terra até ao Templo
do Bom Jesus da Cruz, a Câmara mandou largar uma

armado que partindo como continuação da Rue Drouot
se dirigia ao esquadro central que dá acesso à entrada
principal d'aquele Templo.

— x x x —
No Largo da Porta Nova, em frente à antiga academia ab-
rigo 1860 era o local onde se vendia o feijão, foi nesta
data destinada a praça, que em frente do Alameda dos Reis



O Largo da Calçada: vista tirada do alto da Igreja de S. João do Bom Jesus da
Rua para deitar o olhar ao fundo a Torre da Porta Nova em frente da qual existe o pe-
queno Largo da Porta Nova.

era uma elegante praça em arcada de bom laçada
pedra, coberta e fechada com postos balaustrados de madeira,
situada ao lado da frente da academia e correndo paralelo
com a Calçada, mas foi demolida para dar passagem
à nova estrada - sua queda passa

— x x x —
O que é verdade é que o Largo da Porta Nova li-
gado com esta com a Calçada constitui hoje a
parte mais central da cidade, considerando-se por
isto o "Núcleo barcelense".

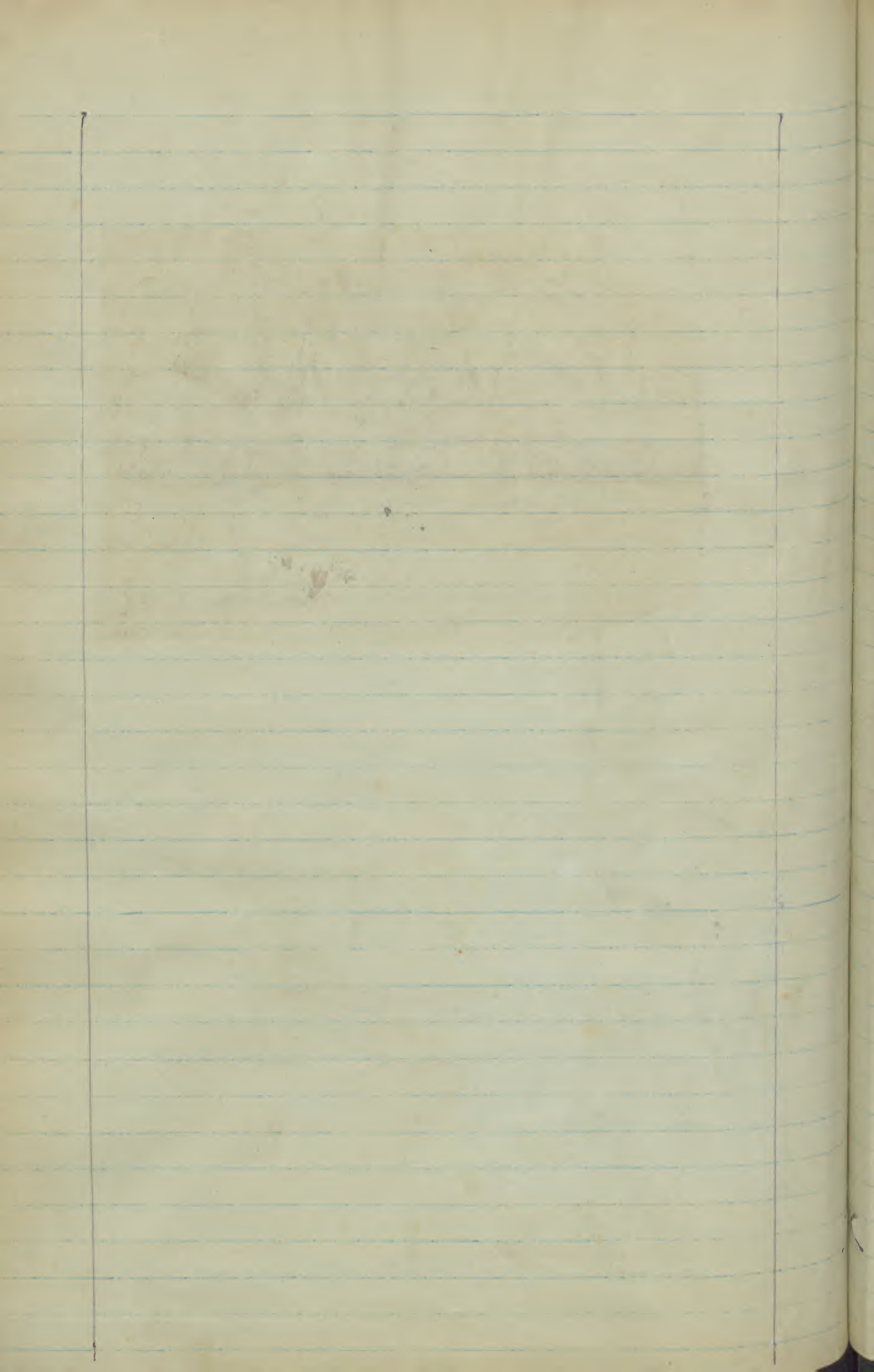
— x x x —
O Largo da Calçada tem sido, até agora, esboçado
em projetos para a sua "então de cavidade" pois é por
passar a folha 173 d'arte



Antigo "Largo da Calçada", considerado hoje o Bairro de Barcelos.



Distrito de Vila de Freixo — Fonte de Vila de Freixo



(Ver de fls. 171 n.º deste Volume)

agora por existirem os melhores locais da cidade, razão porque
começa para eles a reunir-se por dia de mercado na ter-
ra para commercar, divertir e passar o tempo folgando etc., etc.



O Mosque da Calçada na sua primeira construção.

(Vide paginas 152 do 2.º Volume)



Do lado esquerdo a antiga "Largo
da Calçada", vendo-se junto as casas
a antiga pavimentação.

Esta fotografia mostra-nos o
fim de uma feira grande e how-se
diziamha a regressar as suas al-
deias.

O "Largo da Calçada" foi afandi-

mado em Abril de 1916.

Praca de Touros =

Barcelos tambem teve uma boa Praca de Touros, construida toda em madeira que se estendia quasi todo o Campo de D. Carlos, hoje Campo 2 e 3 de Maio, aonde por diferentes vezes se realisaram esplendidas toureadas e garraladas.

Principiaram as obras desta Praca no dia 6 de Maio de 1908.

Foi inaugurada em 2 de Maio de 1908.

Foi mandada construir por 25 hauleuses, tendo sido nomeada uma Comissao Administradora composta pelos Sr. Antunio Augusto da Almeida Prado, Manuel Ramos de Paula e Suelis Ramos.

Devido a um incendio por proposito, em 28 de Janeiro de 1909 a Praca se desmoronou, foi destruida parte e outra demolida, tendo sido iniciado pelo incendio de 30 de Julho de 1909 tendo emphyta recido a Corporacao dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos, cujo sinistro se declarou as 3 1/2 da madrugada.

Foi dentro desta Praca que em 8 de Janeiro de 1911 teve lugar uma linda "Festa da Aniversario" que foi presidida pelo Sr. Major Comandante do Batalhao estacionado nesta localidade Sr. Jose Augusto de Lins Machado com a assistencia das autoridades locais e quasi todas as escolas primarias do nosso concelho.

Em 1913 foi demolida por não haver sequencia.

Vide paginas 163 do 2º Volume destes apontamentos aonde o consultante encontrara os apontamentos que o satisfazam ou que desejar.

A ultima toureada que se realizou nesta Praca teve lugar no dia 4 de Maio de 1913, tendo como cavaleiro o famoso Mesgarbo de Leivas.

Foi demolida neste anno por a Camara não renovar a concessão que havia feito de Touros.

= Teatro Gij Vicente =

Barcelos não tinha casa de espectáculos. Inuitas vezes amadores e profissionais lançavam mão de salões improvisados para a realização de espectáculos.

Destas casas que serviram para tal fim, ha noticia - como já dissemos - no Antigo Palácio dos Condes Príncipes de Bragança (já em ruínas), no Palácio de Barbadas, na Antiga Casa dos Fundadores, Ariscado sito na Rua dos Príncipes de Bragança, na Casa da Associação dos Amigos Voluntários de Barcelos, na Casa da Assembleia Barcelense, em diferentes barragens de madeira improvisadamente construídas no Campo da Feira para este fim, etc., etc. . .

O Teatro Gij Vicente, mandado construir por iniciativa de meia dúzia de Barcelenses, foi inaugurado no dia 31 de Junho de 1902 com a Revista "Barcelos por dentro" em 3 actos em versos do Dr. António Martins de Souza Lima, Arnaldo Mag e A. Vieira e música de Augusto Loucasaur e musica original de Domingos Carreira.

A sua primeira direcção era a seguir existia



BARCELOS - Largo Dr. Martins Lima

"Ao lado direito vê-se a entrada do "Teatro Gij Vicente" sito do lado do Largo Dr. Martins Lima."

da:

Dr. Antunio Martiuz de Souza Lima

Dr. Antunio Miguel da Costa Almeida Torres

Dr. José Julio Vieira Ramos

José Cassimiro Alves Monteiro

Antunio Augusto d'Almeida Aguiar

— x — x — x —
Neste edifício do Teatro Gil Vicente foi aberto um es-
cote - (que ainda existe) - em 1 d'Agosto de 1902, sob
Vieira Soares & Filhos.

— x — x — x —
Este teatro comprando na occasião da sua construção
e inauguração satyragia a população barcelense,
Hoje, porém, fidele - se considerar um teatro condene-
do e portanto a não poder ser utilizado por qualquer
companhia dramatica e até por qualquer sociedade cine-
matographica.

É uma casa acabada. Tem apenas uma serie
de camarotes e apenas quatro ou seis loges com um
numero limitadissimo de palcos e uma platina nor-
mhadissima e todo o seu condigues acusticas, etc, etc
... nem condigues hygienicas no seu todo e fizeo
palcos de separação para o publico.

N'uma só palavra: - Todas as suas portas e fi-
nelas não são de vac. nem. Abrem - se só para
o interior!!...

Mas a inspecção das casas de espectaculo
e outras autoridades não se importam!...

— x — x — x —
A construção deste Teatros começou a fazer - se em 1893.

= Avenida Salazar =

Tomou esta denominação a arteria su antes a parte do Campo da Feira compreendida entre as fachadas do Templo do Bom Jesus da Luz e a parte ajardinada que constituiu o antigo Jardim Publico e hoje a rotunda desta Avenida, sem contudo prejudicar a sua que margem a campo por este lado junto ás casas.



Avenida Oliveira Salazar de que abaz nos occupamos.

Nesta parte do Campo da Feira, era avonde, isto é, fuz por occasião das feias semanais se fazia a convenção da Feira das Mulheres. Esta parte é um airoso aspecto da cidade modernizada.

Onde, em que se procedeu ao ajardinamento d'esta parte do Campo da Feira, a parte da feira semanal que aqui se fazia, passou a ser feita no fundo do Campo proximo ao "Pavilhão das Artes".

Do lado direito vê-se um trecho da muralha que divide a parte ajardinada da Avenida Oliveira Salazar.



Paços do Concelho - (Séc. XIX)

"Da Memória Histórica" do Alcade do Limão - (1867)

No largo da Praça, ao lado do norte, fronteiro à porta transeira da Coligenda, está situada a casa do concelho e o tribunal da justiça, a edificação mais notável e imponente de Barcellos, e talvez um dos melhores do reino d'identica senectia.



Os Paços do Concelho - Fachada Principal - sendo-se na frente o fortíssimo cruzjeiro paroquial que foi demolido e reconstruido nos Conhos de S. José em 1933.

Esta fachada
tinha dos Pa-
ços do Concelho
trazida na mes-
ma altura que
a de cima, ven-
do-se mitiga-
mente e frastu-
alto e largo e
ainda o prade-
mento de todas as famílias que hoje não existe.





Ao lado esquerdo
 vê-se a parte do
 edifício dos Paços do
 Concelho com frente para
 a rua do Infante
 D. Henrique a qual
 foi construída em
 1902.
 A construção da parte
 deste edifício - de
 frente - foi por ordem
 arrebatada pela
 base de 3.200,000

Fachada voltada para a Rua Infante D. Henrique

Comprou-se editas da Banca Municipal de 28 de Fevereiro de 1902, sendo presidente o Dr. João
 José Vieira Ramos.



A fotografia ao lado es-
 querdo mostra - nos termos
 a parte do edifício dos Paços
 do Concelho voltada para
 a Rua Visconde de S. Januário
 antiga Rua da S. Inês e corria
 por Rua de Santa Maria.

Na parte N. este edifício esteve por largos annos apartelado o Batalhão d'infantaria que
 servia de praça de armas a esta terra.

- Unidade Militar -

Por influencia do Conselheiro Dr. José Frazão, foi aquantado
 de N. esta localidade o 3.º Batalhão d'infantaria n.º 19
 cuja unidade veio e deu entrada aqui, com pranteza
 da Presidência, em 11 de Fevereiro de 1897, assumindo esta
 Comandante da Divisão Chaves, formado por
 te um bando regimental.

Antes da vinda deste batalhão, o local
 era pouco mais do que um campo para o

o Comando de operações subalterno que para aqui vem
com permanência de três em três meses.

— x x x —

Em virtude de determinadas organizações militares
no território continental, o Batalhão que estava em
medida de guerra.

Pertencendo ao Regimento d'infantaria nº 20
sados há uns anos, passou — (mudando apenas de
nome) — ao Regimento d'infantaria nº 3 e mais tarde
ao Regimento d'infantaria nº 8.

— x x x —

Em virtude de nova organização do Exército — após
a Revolução de 28 de Maio — (1926) —

O 3.º Batalhão de infantaria nº 8, que es-
tacionado, recebeu a sua sede — a Praça — em
30 de Junho de 1925, desde quando passou a
com sua organização militar.

— x x x —



O edifício dos Paços do Concelho, permitindo ver-se fronteira a si o
edifício — lugar que hoje se encontra no edifício do Campo de S. J.
de — (reconstruído aqui em 1933) —

Vide páginas 45 do 4.º Volume.

— x —



Relógio da
Casa da
Câmara

Município
colocado sobre
colúmbio relógio
no dia 10 de
André de Melo

A fachada principal do edifício dos Paços do Concelho, vendo-se o largo frontão já sem o chapéu-cruzado, mas mostrando-se nitidamente os seus dois torreões que bastante enaltecem este edifício.



No dia 10 de ho-
membrado de 1927
colocados na torre ve-
lha ou torre do Tulum
os sinos do município
descendo-se colando
o sino velho na torre
da Câmara.

Uma nova perspectiva da fachada principal dos Paços do Concelho, na qual se veem os dois torreões pronunciados dos sinos para relógio que se ouvem em quasi toda a cidade, isto é, só os do torreão da direita, porque, na verdade, só este é que em dias festivos é que tocam o celebre Sinos da Câmara que foram aqui vier trazidos do Convento de Vila de Frades.

Os sinos do relógio que funcionam no torreão da esquerda - cujo re-
lógio foi inaugurado em 1927 - tem uma sonoridade menor do que a
aquele, mas, em dias bonitos, ouvem-se em quasi toda a cidade.

Lembra o relógio tivesse chegado a Barcelos em Junho de 1927, só foi in-
stalar a funcionar em Janeiro de 1928 ou fins de Dezembro de 1927.

- Praça do concelho e tribunal de justiça -

Da "Memoria Historica" - do Alcade do Limp - (1867) -

No largo da Praça, ao lado norte, fronteira a porta travessa da collegiada, está situada a praça do concelho e o tribunal de justiça, o edificio mais notavel e magestoso de Barcellos, e talvez um dos melhores do reino d'identica secenta.

Sua architectura e bella e elegante, e edificio branco, assariado, amplo e bello. No centro da sua fronteira, e por cima das janelas da sala das sessões da camara municipal estão gravadas as armas de Barcellos, em fina pedra, como se disse.

Por cima d'ellas continua-se até uma elevada torre, sobre a qual está o bom siro-relojio da villa, que toca sempre as festas reais e nacionaes.

Este praço consta mais de dois pavimentos, um ao rez do chão, e outro superior com 13 janelas na frente virada a collegiada.

Logo a entrada, no pavimento inferior e do lado esquerdo, existe o alfofamento d'aduntraças do concelho n'um vasto salar; e do lado direito o da repartição da fazenda.

No pavimento superior existem o tribunal de justiça - o magistral salar das sessões da camara, - e o da secretaria e archivo da mesma camara.

Foi do antigo Praço do Concelho e Tribunal, a praça e casa das sessões da misericordia, que em 1849 se erigiu este soberbo e magestoso edificio, ao qual se con tambeu pertencendo o antigo hospital,

que segue este traço, pelo lado do presente, pela rua da Misericórdia até frontear com a Praça do Espírito, com porta separada para a direita pela da Misericórdia, e com a mesma architectura, que anteriormente tinha.

Esta ultima parte da edificação, que era antes o hospital, interiormente comunica com o Tribunal de justiça; tendo entrada separada por aquella porta da rua da Misericórdia; e serve de abajamento a' estações telegraphicas, de quartel para prouca tropa, e d'outra westerna para os artistas.

Assim se ampliou este traço do conselho e Tribunal de justiça; por que a epopi e hospital da Santa e Real Casa do Sr. D. João de Deus, passou a epopi, e comente e cerca dos pados enfermeiros.

Da "Justicia desmilitar", de A. M. do Amaral Ribeiro - (1866)

..... "O edificio publico mais notavel, e mais antigo, que ha em Barcellos, e' sem duvida a Casa do Conselho, talvez o melhor de todos o Rio entre os de idêntica serventia.

Tem bella e elegante architectura, com muita luz, e aere, e' amplo e bello, ainda que interiormente mal dividido.

Consta de dois pavimentos, um ao rez do chão, e outro superior com 13 janellas rasgadas na frente.

A sua perspectiva produziria maior efeito, se não fôr o acanhamento da parede na praça, que media entre elle, e a Collegia da, cuja porta lateral lhe fôr quasi em frente.

Logo a' entrada, no pavimento in-

Terço, e do lado esquerdo existe alçada com um vasto salão, com n.º um armazem, a Solaria (tracção do Conselho); do lado direito fica a repartição da Fazenda.

No pavimento superior existem o Tribunal de Justiça, o magnifico salão das Sessões da Camara Municipal, a Secretaria, e o archivo da mesma Camara.

Do antigo Paço do Conselho e da igreja da Misericordia, que já era esse fim foi demolido, se erigiu em 1849 este obelisco, e uma pestoso edificio, ao qual ficou tambem pertencendo o antigo hospital e seguindo com a mesma architectura, que anteriormente tinha, pelo lado Leste da rua da Misericordia, vai fazer frente a pequena praça, a que o Padeiro Cavallero da Costa chama Praça, talvez por nella se acharem os prumos miltarios, e a que modernamente chamam Praça, não sabemos com que fundamento.

Esta ultima parte do edificio, que antes foi hospital comunica interiormente com o Tribunal de Justiça, e, tendo entrada feitura pela rua da Misericordia, serve d'alçada para as estações Telegraphicas, e de quartel para a guarda Imperial.

Além da entrada principal na frente do edificio, ha uma outra para a Secretaria e archivo, a qual além de acanhada, e indecente por ter no saguão um acurios de pedras embutido na parede, já bastante deteriorada pelo aumento das acuriosas, euf. nauseante cheiro custa a suportar!

Do "Aquem Carado" de Gomes de Sousa - (1935) -

... "principiando pelos Paços do
Concelho, onde fundou-se em quasi todas as Repartições Pu-
blicas: Camara Municipal, Tribunal Judicial, Reparte-
ção Civil, Finanças, Tesouraria Publica, Correios, Telégra-
fos e Telégrafos, Filial da Caixa Geral dos Depósitos, Admi-
nistração do Concelho, Policia, etc. ...

Este edificio anteriormente era um templo recen-
sado e só tomou as proporções grandiosas que
hoje tem depois das obras e ampliações de 1849
das do fim do século XVIII e das do principio
deste.

Tinha uma só torre, a do presente, e a
sua fontana para a Praça Municipal era susten-
tida em arcos, cujos vestigios ainda hoje se
veem.

É um edificio impovente, amaciado,
com duas torres e ocupa quasi um quartei-
rão.

Sem ponte deste edificio estive a Misericórdia com seu Hospital, até ser mudada
para a antiga convento de São Francisco no
Campo da Rainha e posteriormente a quem se
chama, mas ponte que dá para a rua de
São Jannario e rua de São Francisco, o
quarteil do Batalhão de Infantaria até ser re-
tirado desta cidade.

Depois deste facto esta ponte do edifi-
cio está sendo apropriada a instalação de
Repartições publicas.

Na Praça Municipal, entre a Igreja Matriz e
os Paços do Concelho, mandou a Camara Municipal con-
struir um chefe de em 1630, encimado por uma

cuq.

Este edifício foi demolido em 1926 e reconstruído em 1933 nos Campos de S. João.

Vide notas sobre este edifício a páginas 127 do 2.º Volume destes apontamentos.

Arquivo Paroquial - Vide pag. 127.º v.º do II Vol. destes Apontam.^{tos}

- Palácio dos Condes Duques de Barcelos -

- Museu Arqueológico -

Nestas históricas ruínas funcionava o Museu Arqueológico Municipal; pertenciam à Casa de Bragança, mas foram cedidas à Câmara Municipal de Barcelos por el-rei D. Carlos I para ali ser erigido um Castelo, delineado por um distinto arquiteto, que felizmente não se fez, e ali se instalou o Museu Municipal.



"Ruínas dos Paços dos Condes" - Duques ainda está instalado o Museu Arqueológico Barcelense."



Um aspecto do Museu Arqueológico dentro do recinto em que se encontram as ruínas dos Paços dos Duques de Bragança.



Um detalhe do Museu Arqueológico a

(Vide paginas 31 do 2º Volume)

Neste Museu existe em azulejo a seguinte inscrição:

EM 1920

Dr. MIGUEL FONSECA INICIOU ESTE MUSEU

O Dr. ALFREDO MAGALHÃES

SUBSIDIOU-O EM 1929



BARCELOS — Edifício da Câmara Municipal e Paços do Concelho





Palácio dos Condes em que ainda está instalado o Museu Pedagógico, visto de Rua Condes de Bragança.

— x x x —

A direita um desenho do Ima
seu Condição, sendo-se o lado
do lado do lado que projecta a
Tras de Parais.

— x x x —



A esquerda na vista das ruínas do
 Palácio dos Condes, Trás de Parais.
 Vila Rica.

= Solar dos Pinheiros =

Dr. Alvim Canado, no Testamen de Fozzeira - (1935) -

O Dr. Pedro Esteves, casado com D. Isabel Pinheiro, mandou fazer a parte sul destas casas e cobrir ali um braço.

Consta esse braço de um esquadro, no meio do qual está outro mais pequeno com quatro chaves pendentes de um ardoz, tendo em volta a inscrição em letras góticas: "Estas casas mandou o Dr. Pedro Esteves fazer no ano do Senhor de 1448."

Alvim Pinheiro Lobo, 1.º Marquês de Lourenço, filho do pai do Dr. Pedro Esteves, acrescentou o Solar dos Pinheiros de Barcelos, na parte presente, mandando fazer as duas torres, cobrindo na do sul o esquadro que aí se vê unido ao presente; no 1.º as armas dos Pinheiros, que tomam todo o lado direito; no 2.º as armas do Dr. Pedro Esteves e no 3.º as dos Lobos.



"Solar dos Pinheiros" - Face voltada para a Rua dos Paços de Bragança.

— Neste edifício funcionaram diversas escolas de ensino particular e no meo serviu de Teatro.

Da "Noticia descriptiva" - de A. M. Arnau (1866)

... "Fazendo frente a uma chamada de Arca a qual se situa principal da Arca, e formando um pátio com a do Arca, ha um grande edificio de pedra e irregular arquitectura, todo de cantaria grossa e desimpida por quatro secos, a que tem resistido, tendo duas altas torres quadrangulares de 3 andares e algumas janelas em arista, a qual e esvaziada com o derrubado da



Solar dos Pinheiros = Frente principal voltada para a Arca da Speja.



Aos lados
duas interes-
santes pers-
pectivas
do solar
dos
Pinheiros
n'esta
cidade



o sr. d.º Duques de Bragança, por ter sido escolhido
para residência propria pelo sr. mencionado Eustachio
Gomes Pinheiro: e a sobra da nobre familia dos Pinhei-
ros, seus descendentes."

"Da memoria historica, do Paço do Louro" - (1857)

Na esquina, que frontea para as ruas da
Lapa e do Terreiro, sobre a habitação da porta principal
da collegiada e resto do palacio dos duques, ainda
existe o paço edificado, casa solar, que alli mandou
levantar Eustachio Gomes Pinheiro, para sua residen-
cia; edificio de feio e irregular architectura, todo
de cantaria pessima, dempida ja, com duas altas
torres quadrangulares de tres andares, e com algu-
mas janelas em arista; esse edificio e coevo
ao palacio dos duques, e solar dos Pinheiros de
Portugal, pertencente hoje ao sr. Francisco Lopes
de Azevedo Velho da Fonseca, N.º visconde e 3.º senhor
da casa de Azevedo, casado sem prole, do qual
explícitamente falta a - "Dicionario Bibliographico"
do Sr. Francisco Francisco da Silva, art. 3.º, pag.
421.-

As armas d'esta casa solar em Paranhos, dos
descendentes de Eustachio Gomes Pinheiro, fidalgo honra-
do da Galizia, e de Portugal, são diferentes das ar-
mas dos outros Pinheiros, porque as dos de Paranhos
são assim: - Um campo vermelho com leão
d'ouro rompente, combatendo com um pinhei-
ro da sua cor, com pinhas douradas e ramos
mateadas; timbre o leão

Ho lado direito o solar dos
Pinheiros (seculo XV-XVI) frente
voltada para a Rua da Lapa



Solar dos Pinheiros - "Casa do Barbado"

Vetustata construção quinhentista a que ainda se guarda a lenda do Barbado, figura saliente que se divisa no alto de uma das torres deste velho edifício. "..... ha na cornija da face sul um busto de homem com grandes barbas em attitude de as querer arrancar; e na face norte, um pouco abaixo do brasão de Armas Pinheiro, uma figura de mulher ressaída da parede.

Na figura do homem ha quem precisa não estar ao Barbado de Veiras, supposto avô materno do pinheiro depois de Bragança e no busto de mulher a figuração da falada comendadora de Santos, amante de D. João I e mãe do mesmo depois."

Esquece-se seu aspecto de antiguidade que que pelo misterio lendario em que ainda envolvido, e' um admiravel edificio digno de visita, que se impoe ao respeito e veneração dos turistas amantes de antiguidades.

— x x x —

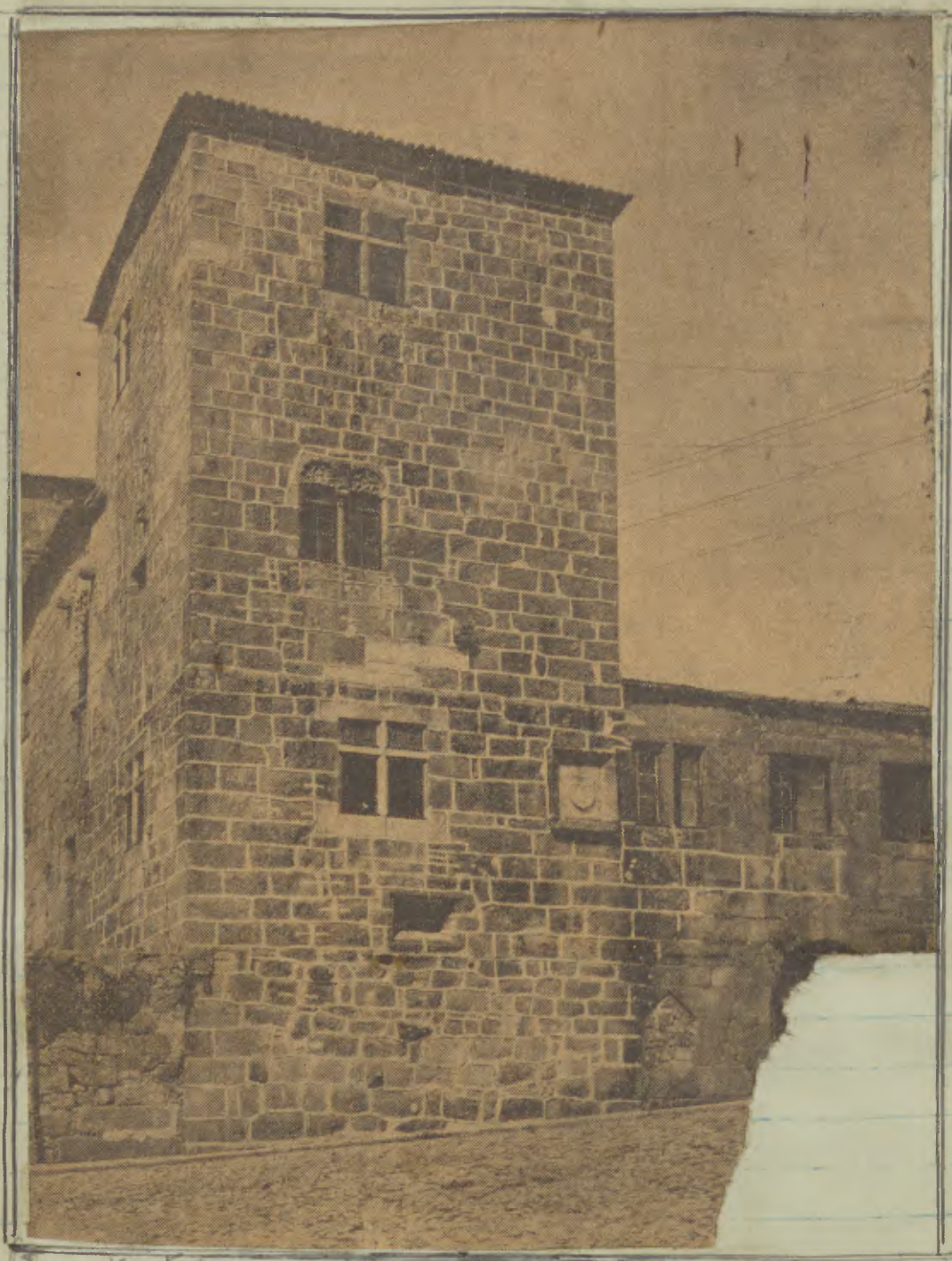
Hoje propriedade particular, como sempre tem sido.

Foi fundado em 1448 pelo Dr. Pedro Esteves, Cavalleiro da Casa de Bragança.

é Monumento Nacional.

O Solar dos Pinheiros, na sobria rigidez da sua silharia, que se eleva em duas altas torres, tem ainda o ar severo das construções dos fins da Idade Media.

Vide folhas 51 do IV Volume destes apontamentos.



(Fragmento antigo)

A casa do "Barbadão" - Hoje "Solar dos Pinheiros!"

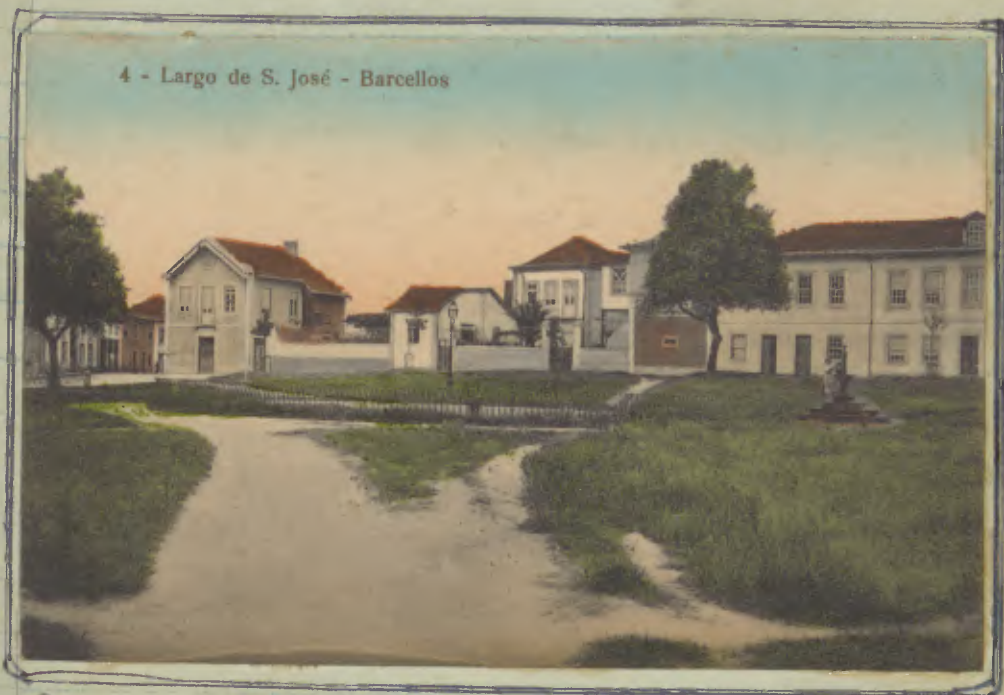
Vide paginas 51 do 4^o Volume destes apontamentos.

Solar dos Pinheiros - (Propriedade particular) -
 Fundado em 1448 pelo Sr. Pedro Sotelo, Curador da
 Casa de Bragança.



Campo de S. José =

Este campo anti'ora chamava-se da Madalena, onde antes se fazia a feira de todo o lado e onde depois, (1867), se fazia somente a dos bois.



Esta perspectiva do Campo de S. José é correspondente à fronte limitada entre a Capela de S. José, a Rua das Capelas e Rua Candido dos Reis - antiga rua do Boalhine.

Ainda se vê n'ele um grande lago todo circundado por gradeamento de ferro e ao lado um fontanário que, hoje ambas as coisas desapareceram com novo arranjo que a Câmara deu a esta parte do Campo que tambem presentemente é denominado por Campo Caminho Castello Branco.

Existe n'este campo a mais antiga capela da cidade, embuida por capela de S. José de que já nos occupamos a folhas 127 deste manuscripto.

Este campo, n'antros tempos, era constituido por grandes barricas donde os proprietarios de Barricas mandavam tirar barro fino para as obras que aqui se faziam. Deste, a Câmara Municipal, em

1884 mandou terraplanar e fazendo - lhe um lin-
deiros muro de suporte, padron - o e deu - lhe este
arranjo de bom aspecto, como ainda hoje se vê.

A direita, fotografia da parte
do Campo de S. José compreendi-
da entre a Praça D. Pedro V e a Ca-
pela de S. José.



Vide a descrição da Capela de
S. José a pag. 124 deste Vol. de Monumentos.

Esta parte do Campo situada entre a Capela e a
Praça D. Pedro V, por deliberação camarária entre 1891 e
1892 foi denominada "Campo do po Vaz".



Campo de D. Carlos - hoje conhecido por
Campo 28 de Maio

Essa o antigo campo de futebol do C. mineiro, que tomou de



uma erudição que ab-
horria e entregava a posse
sua.

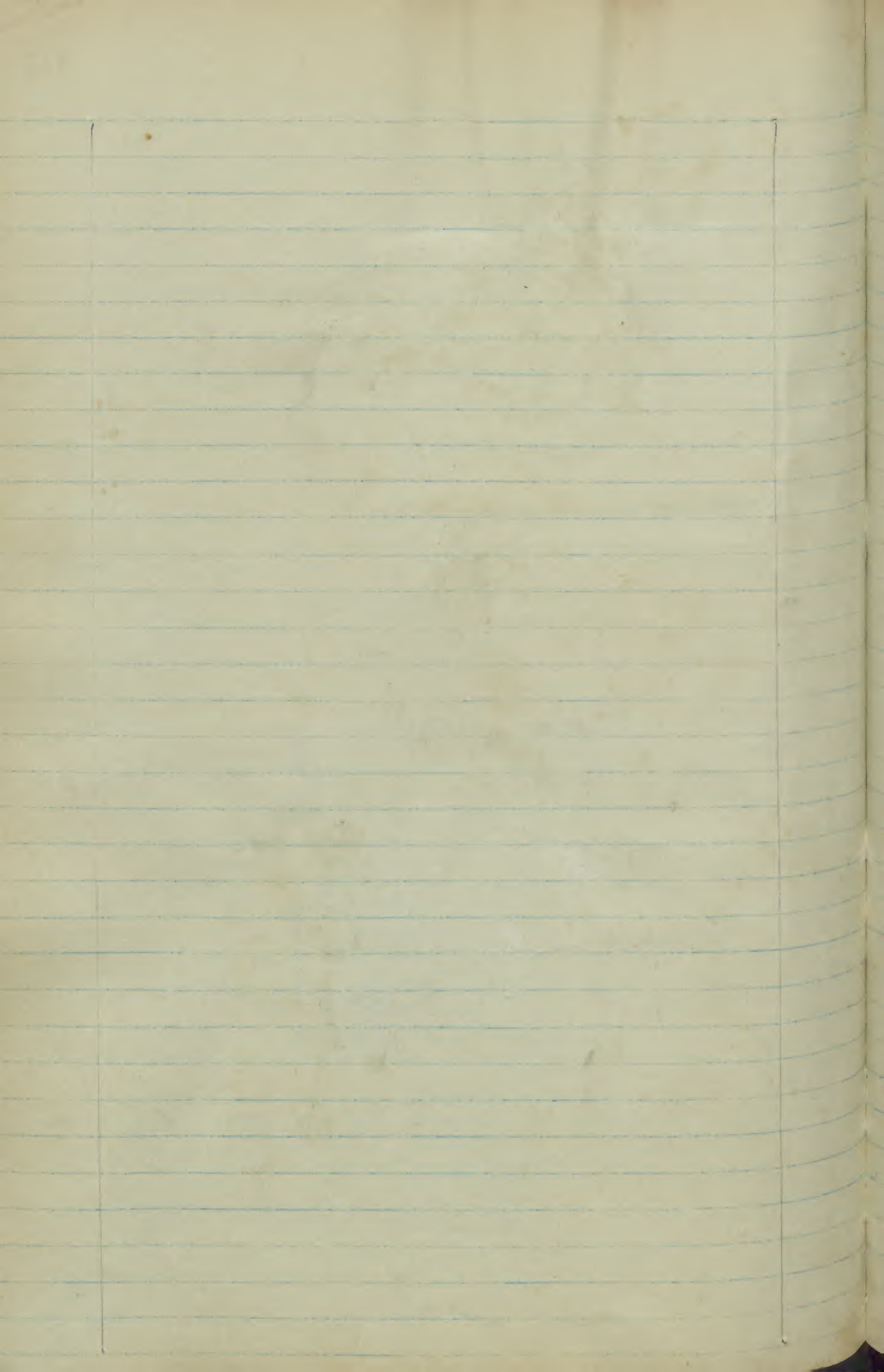
A camara mudou
o tempo e nome em 2 de fe-
v. de 1876 e em 4 de
junho de 1879 deu-lhe
o nome de "Campo de D.
Carlos" (Acta de 14/6/79).

— x — x — x —
Tambem teve a denominação de Campo da Liberdade depois d'aquela denominação

Na fotografia, acima colada, vê-se: à direita e ao fundo a casa da Sr.
da Almeida, para os dois sexos, que foi demitida em 1947; e à es-
querda a casa da Assistência Nacional aos Tuberculosos (N.T.) -

— x — x — x —
Hoje da revolução de 28 de Maio 1926 pas-
sou a denominar-se "Campo 28 de Maio".

x x x



Obras do Tcepal (Traia Fluvial)

Principiaram as obras deste grande melhoramento em agosto de 1939.

Toda a fiação de cantaria aqui empregada foi retirada do arranha que se pretendia dar à parte exterior do Passeio das Obras.

x x x

(Vide pag. 165 v.º 8.º deste Volume).

A Câmara Municipal, em 1939, resolveu aproveitar o sítio denominado "Tcepal" junto à margem direita do Cavado, local de belíssima paisagem, onde possivelmente se poderia transformar n.º uma "Traia Fluvial", atenta a beleza do local e das margens do Cavado.

Foi para ali retirada muita cantaria que adornava a parte exterior do "Passeio das Obras" e, com ela, se constituíram diferentes escadórios e paradas com que se enriqueceu o "Tcepal", tornando-o n.º um local agradável e arejado, principalmente na estação calmosa.

(Vide pag. 58 do IV Vol. destes apont.º)



Jardim das Barrocas - Parte exterior do "Passim das Obras"

A parte exterior do "Passim das Obras" que por largos annos esteve abandonada foi lindamente ajardinada, conforme se vê pela seguinte gravura que collocamos abaixo, deixando de ter o aspecto de verdadeira montanha, na qual se pôde ver pela fotografia que temos collocada a pagina 165 deste Volume.

Este jardim foi inaugurado (aberto ao publico) em 1 de Maio de 1848, por occasião das grandiosas Festas das Leuzas - as "Festas da cidade de Paréti".

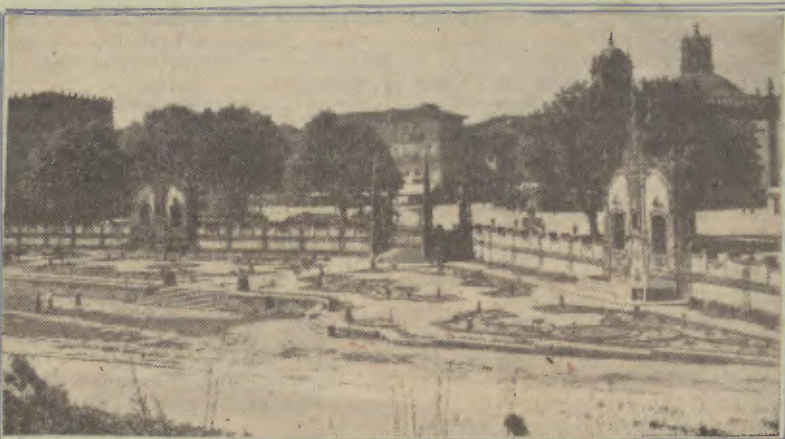
(Vide pag. 54 do IV Vol.)

(Vide pag. 163 n.º desta Vol. e 186 do n.º 2)

(Vide folh. 50 do IV Volume)

A direita:

Um aspecto deste jardim.



Este jardim foi feito no terreno onde esteve localizado o Quintal das Barrocas.

A direita e em baixo: →

Uma linda fotografia pela qual podemos ver que a "Lapa da Calçada" junto ao "Passim das Obras" ainda não era jardim.

do mesmo tempo porque tinha o quintal que já hoje existe, mas mais antigo.



podemos por ella ver o celeberrimo do "Quintal das Barrocas" que hoje está transformado no lindissimo jardim a que accionamos referencias.

(Vide folh. 196 deste Volume.)

Sobeiros da Quinta da Ordem

Este sobeiro tem a sua história.

Augusto Loucasava no "Resenha Histórica de Barcelos" de J. Abreu
 cita, que ele insctou em lindíssimas e interessantes fotografias,
 diz finto de uma d'elas: "Paisagem do Convento nas arredores de Bar-
 celos - finto no sobeiro da Quinta da Ordem de Malta" - "Detem-te aqui um
 pouco, leitor amigo, finto d'esse sobeiro, tão monumental, res-
 to d'uma flora, que a invasão barbaça do pinheiro
 bravo quasi extinguiu, e estende, em perspectiva, a vista
 sobre a fantástica cenaria opucida pela natureza....."



O primitivo "Sobeiro da Ordem" deitou-se abaixo, por estar seco,
 em meados de julho de 1941, tendo sido substituído por outro que
 se plantou em 19 de janeiro de 1942 que se conta também.



Campo da Feira = (Campo da República) =

O Campo da Feira é largo, espaçoso, plano e semanalmente apadrouf e visitado, excepto no seu centro onde o asfalto, apenas tem um antigo e bem feito e hoje já com duas tor. que se encontram a paróquia.

Do lado do fronto tem a importante igreja do Senhor da Luz, e uma corrente de muitas casas boas dos seus habitantes, com um novo, largo e bem formado passeio na frente d'elas de boa guarda, de cantaria, de poucos ematuidos.

Do lado do norte tem o Campo dos Terros (hoje "Campo d' Outubro" e "Judicium Publico") e o mosteiro que foi de Feiras santas, cuja perspectiva ainda hoje é visitada (hoje Igreja do Senhor).

Do lado do nascente tem a igreja e edifício que foi dos padres Capuchos, tomou um de visitosa perspectiva (hoje Hospital da Misericórdia) e o templo dos Terros (hoje Senhor da Luz).

E do lado sul tem a antiga casa e quinta da Beira e o Passeio das Beiras.

Hoje este campo denomina-se "Campo da República". Esta comita avorizada e com obras que o enquadram lindamente.

Nos dias de quinta-feira, em todas as semanas, o vasto Campo da Feira, de pouco tempo difíceis de encontrar dentro de um apadrouf urbano de fuvineia, recebe o maior mercado semanal do País, variado, riquíssimo, no mostuario da actividade regional, de arte rural, etc., concorrido por milhares de pessoas.

(Vide pagina 49 do 2.º Volume.)

Um dos maiores e mais belos largos do País.
Local das grandes feiras semanais.



Campo da República



A Caminho da Feira de Barcelos.

(Vide' paginas 49 do II Vol. destes apont.^{os} - "a Feira")

Vide' pag. 60 do 4.^o Volume destes apontamentos.

São João dos Voltes -

Principiu a funcionar, patrocinada pela Associação Cultural em 2 de Fevereiro de 1918, no Convento de S. João. Funciona hoje (1947) no edificio do Recolimento Nossa (Vide paginas 147 deste livro)





Casa de Saude de S. João de Deus

Foi inaugurada na "Quinta da Beata" sa, na freguesia de Arcos de Valzeira, suburbios desta cidade em 10 de Novembro de 1927.

Vide' paginas 157 n.º deste Volume e 95 do 4.º Volume.

Esta "Casa de Saude" está situada na freguesia de Vila-Pova (S. João) e não de Arcos, como erradamente acima dizemos.



BARCELOS — Casa de Saude de S. João de Deus



A esquerda lincegrama de uma riquíssima imagem, em tamanho natural, de S. João de Deus conduzindo um doente para o seu hospital.

Esta imagem encontra-se exposta à veneração dos fiéis na linda Capela que, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, foi ereta junto da Casa de Saúde, em Barcelos (paróquia de Vila Rica - S. João).

Em baixel:

Uma fotografia de um dos pavilhões da Casa de Saúde de S. João de Deus, com

fronte à estrada que liga Barcelos a Vila Rica do Castelo.



Capella de S. José

(Vide folh. 12 e 123 do tomo 1 e 144 do 2º tomo)

Cópia de um documento que faz parte do arquivo da Companhia:
Apontamentos da obra da Capella-mor de S. José, e Sacristia pertencente a Pedreiro:

Primeira parte - desmontar a trazeira da Capella-mor para arrear 2 metros e tornála a montar até a altura da cornição da Igreja, tanto a trazeira, como os lados, tendo de levar o acressivo de 2 metros, por lado de cornição e fôrmo novo, como também são desmontadas as 2 pedras dos lados para irguer a 2 vidros a largura, e 2 a altura, e 2 a altura, e completadas as peças, que fôrmo pereizas com pedras novas.

Segunda parte - A frente da Sacristia será desmontada, tornada a montar ficando alinhada com a casa da Meza, e tanto a frente como o lado alinhado a bestir com a cornição da casa da Meza, e tanto a frente como o lado alinhado dita Meza, como também terá de levar huma porta nova para o lugar da outra por estar sahida, e a frente que bestir com a mesma porta, fica a mesma, como também terá de irguer cumbril com pedras novas e a cornição que heem a faltar para o lado, toda esta pedra tanto esquadria como Alburnaria, será dada por conta do pedreiro, levará hum Alho para dar luz na trazeira; tudo isto será feito em bom tempo, e no mais breve possível pela quantia de trinta e tres mil reis pagos no fim da obra... São Rs. 338000.

Recibo

Recbi por conta da obra de S. José a conta de 189000

Barcellos 10 de junho de 1871

Pedreiro Manuel Antas

Recbi mais a quantia de quinze mil reis, e faz o total de trinta e tres mil reis e mais tres

Reis que me derão, de gratificação que terão
faz a quantia de trinta e seis mil reis e por esta
razão, e satisfiro da referida quantia passo este
que assim

Barcelos 15- de Junho, do anno de 1871

Manoel Antas

Esta capela tem na capela-mor do lado da epis-
tola a imagem de S. Vicente, a qual existiu por
baptos annos em cima de um portal com nicho,
já demolido - na Rua Tenente Valadim, rua que
ainda hoje é conhecida por Rua de S. Vicente.

Na mesma capela-mor tem do lado do Evan-
gelho a imagem de Santa Trudalena, doina da
capela de que nos vimos aconfando.

No corpo desta tem dois altares muito mo-
dernos, sendo o do lado da epistola uma tin-
da imagem de N. S. do Rozario de Fatima,
que na actualidade (1948) chama ali a de-
rogar de unidos crentes e do lado do evan-
gelho as imagens de Jesus, Maria e J. C., que
demonstram unida antiguidade.

Tem um côro por cima da porta prin-
cipal e a meir do corpo da capela, do lado da
epistola, um modestissimo pulpito. Não
tem obras de arte.

Acresca das inscrições e datas exis-
tentes n'esta capela, o meu amigo Bento An-
tas da Cruz, formou-me uma relação que
faz parte do seu trabalho arquivado intitula-
do "Esgnografia Barcelense" de que copiamos as seguin-
tes:

DE FR.^{co} D.
SILVA. E. SEVS.

ERDEIROS

1684

Esta inscriçõem existe

no pavimento a entrada da porta principal.
Da esquerda para a direita:

S.^a

DE CRISTO
VOA. DA.....
FALESE.^o
...IO. ESES. ER.
DEIROS
1684

Ao centro

S.^a

QUE MANDOV.
FAZER. O. I. D.^o IM.
DE VILAS BOAS.
E. ERDEIROS.

(Sepultura que mandou fazer o irmão Doutor
João de Vilas Boas e herdeiros).

Como já disse o Sr. Joaquim de Vilas Boas
foi o primeiro irmão da família de S.^a que
ali foi sepultado, mas duvidamos se seja
qui o primeiro local da sua sepultura.

S.^a

E

ROS.

1684

Esta inscrição se refere fazer ali um indi-
viduo que teve descendentes, falecendo si qm
am, reservando-a para os seus herdeiros.

Na sacristia junto a porta da capela-mor:

S.^a

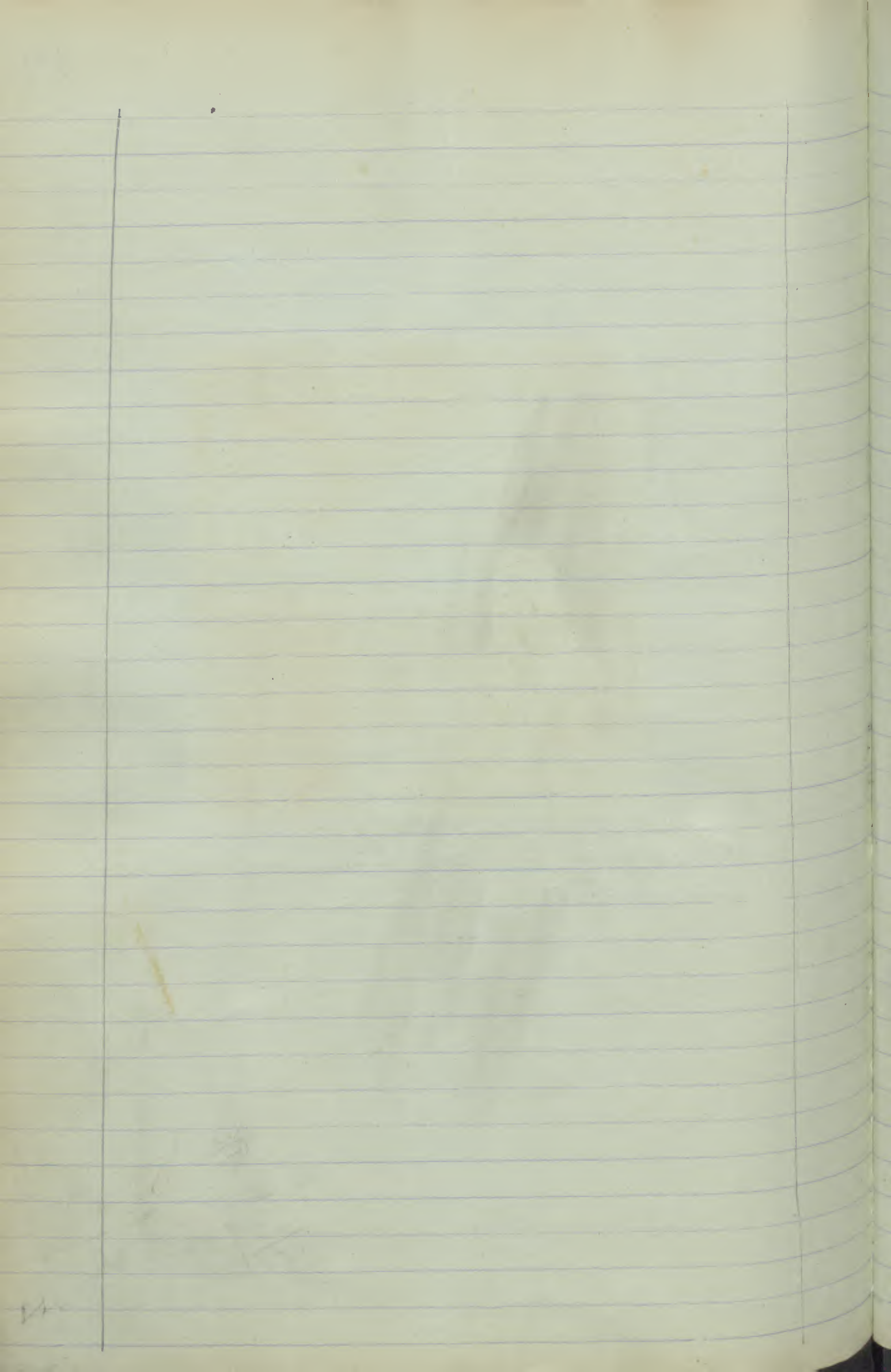
DE HIE....
O. COELH..
VS. HE....
1682

Trata-se da sepultura de um tal Jeronimo
Belho e seus herdeiros falecido n'aquele cem.
Verifica-se que duas sepulturas são ain-
da de quando esta capela tinha a invoca-
ção de Santa Maria Madalena e portanto
anteriores á do Sr. Joaquim de Vilas Boas que
viveu no século XVIII.





A Igreja do Bom Jesus iluminada durante a
noite das Festas das Luzes =

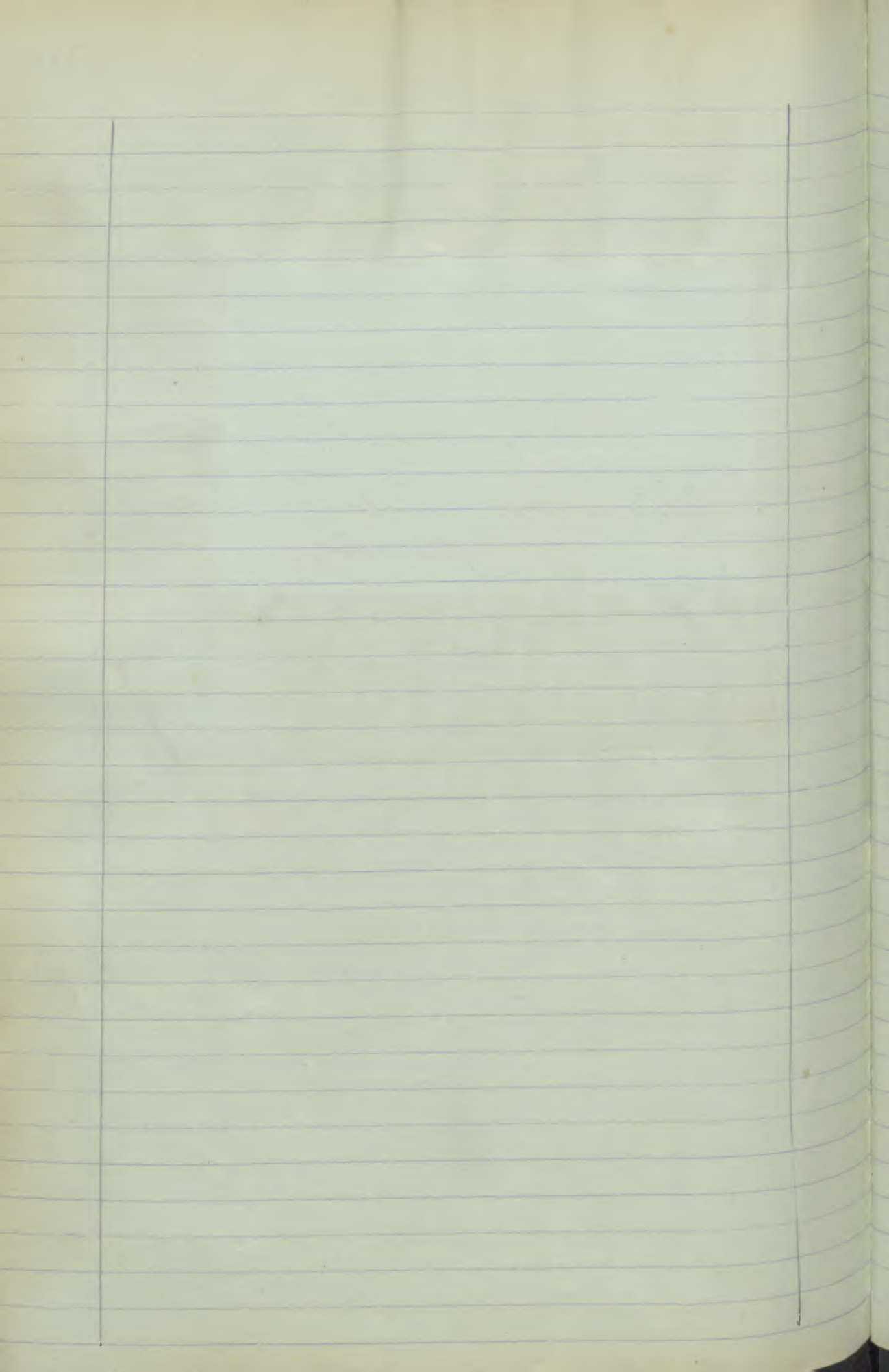


Capela de Sant' Lázaro = Antiga capela que existiu no
 Largo da Calçada ou Largo da Porta Nova.
 (Vide p. 156 e 156 v.º deste
 Volume.)



Esta capela e casas repadas foram demolidas e no seu
 local foi construido a igreja que faz tres frentes que se ve
 a p. 156 deste volume.

A sineta que se ve junto da Cruz foi oferecida pela
 Comuna Municipal a Associação dos Bombeiros Voluntarios
 de Barcelos para com ella se dar o sinal de alarme
 em caso de incendio chamando a atenzão não só
 dos Bombeiros para de toda a povoação.



Ubirajara de Santa Maria =

= Indústria de Laticínios =

Esta propriedade pertence ao Sr. Rolfen Vinagre e a seu filho Antônio Boyes Vinagre.

Esta situada na Avenida Paulo Fátima da Fonseca, desta cidade, quasi em frente a Caixa Corren

No dia 25 de Março de 1945 foi solenemente inauguradas interessantes e bem adequadas dependencias para a exploracao da Indústria de Laticínios, o que veio enriquecer a industria local.



Prédio antes estivo instaladas as maquinas da industria de laticínios.



EDITION DE
COMISSIO MUNICIPAL DE TURISMO DE BARCELONA

Jardim das Barróas - (Parte exterior do Terreiro das Barróas) -
 (Vide folhas 186 v.º deste Volume)

Hoje constitui um recinto da cidade convenientemente
 aliado e face a Linçapanem abriço abacando, sendo
 interessante vêr-se as fises de transformação que passou



para chegar a ser hoje aquilo que é.

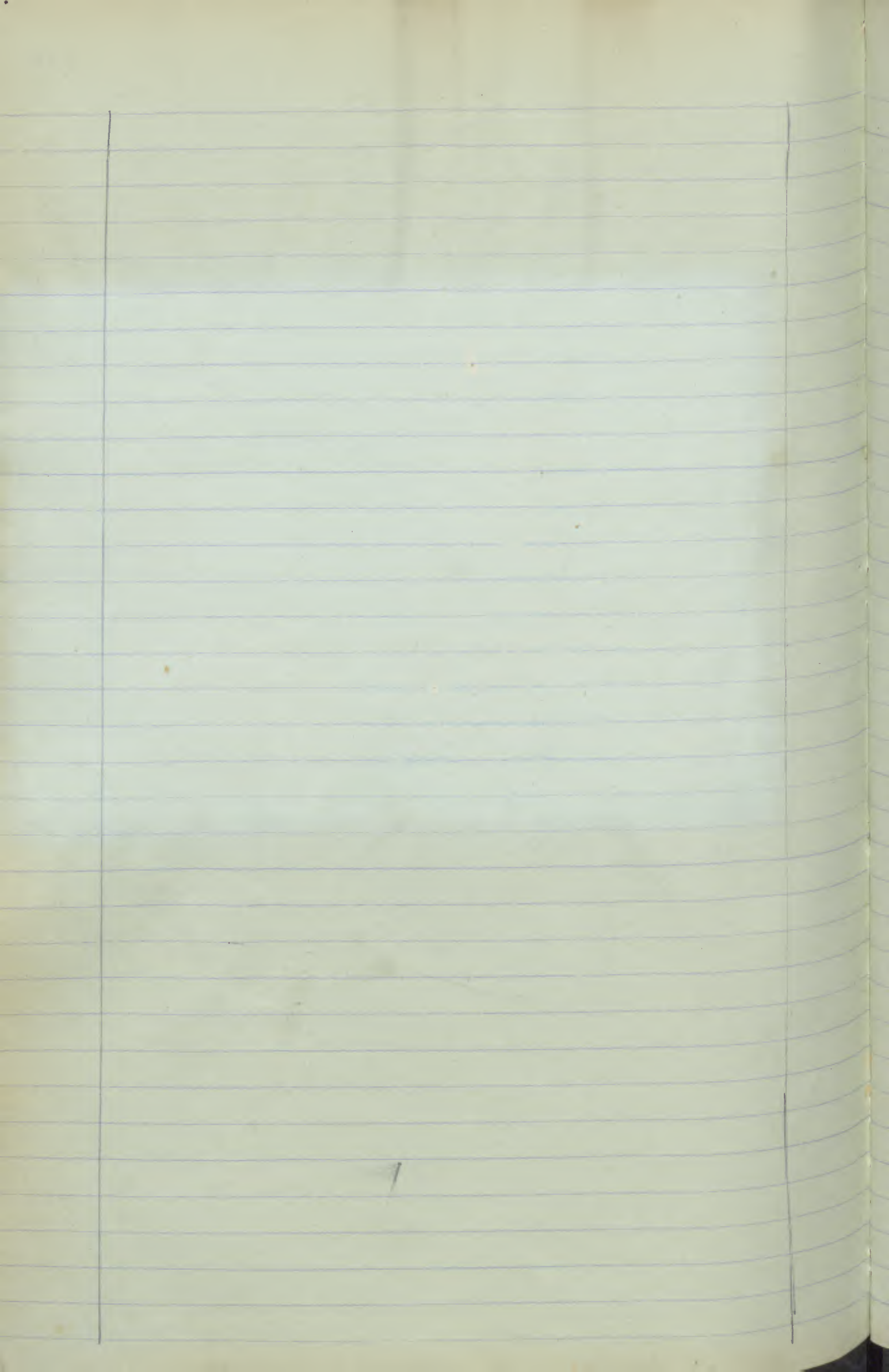
Aconselho e consiliente a vêr com atenção todas as suas
 tuções que se dão n'estes referendamentos sobre este local.

(Vide folhas 50 do IV Volume) e 165.º v.º deste Volume.

Este recinto que em tempos esteve ocupado pelo "Quintal das Barróas"
 foi ajardinado em Marco e Alinif de 1948.

(Vide folhas 186 v.º deste Volume)

Todo este recinto lindamente ajardinado constitui o celebre
 "Quintal das Barróas" a que acima nos referimos.



Toral de D. Alfonso Henriquez entre 1140-1146 e

= Confirmação de D. Alfonso II na Era de 1236 =
ou Ano Cristão de 1218

Barcelona

(Absque Anno)

(Vide folios 2 deste Volume)

In hoc, sicut in actis foralibus subsequentibus regnanti Alphonsus I cor-
 cessis, sed etiam Gerundellense, quod huic insequitur, inter annos
 1140-1146 enarrata fuisse ex eo patet, quod ibi Alphonsus appre-
 tur rex: nondum tamen uxoris suae reginae Mahaldae no-
 men in subscriptis apparuit. Textum foralis Barcelonae hansi-
 mus ex Lib. Toral. Antiquor. S. Iernis Combr., lectiones varias ex
 Lib. Registor. Alphonsi II.

In dei nomine. Ego Alphonsus dei gratia Port. Rex,
 Comes Henrici et Pegine Tarasie filius. Do mecum villam
 de Barcelona vobis presentibus tam presentibus quam futuris
 qui ibi habitare voluerint per suos terminos sicut sunt
 divisi. Do ipsis forum ut habeant honorem Baracae et pec-
 ten decimam de calumpnia non deat fideiussores
 nisi in II solidis: et non pectent caritatem de vasa sua: et
 si fecerint calumpniam in alio parte et ipsos die a-
 prehenderint eos pectent eam per forum sue ville. Et si
 in ipso die non apprehenderint eos in alio nichil res-
 pondent: Et hereditates quas habuerint fori ville
 sint indicate per forum ipsius ville. Et quicumque
 fuerint ibi nisi fuerit delictor aut fideiussores
 pectabit omni D solidis, et insuper habebitur per
 meo inimico. Et domus qui ipsam terram de
 me tenerit et voluerit levare bestias suas ad
 probatum domini Regis det ei summum aliquem, ad
 Indem medium moralitimum et vitam et ceu-
 dan. Et ad Troncosum et ad Praganiam II moralitimos
 et vitam et ceu dan: et non apprehendat eis suas bestias
 nec suam literam sine fratre suo nec sua
 omnia. Et de domibus deat post festum sancti Michaelis

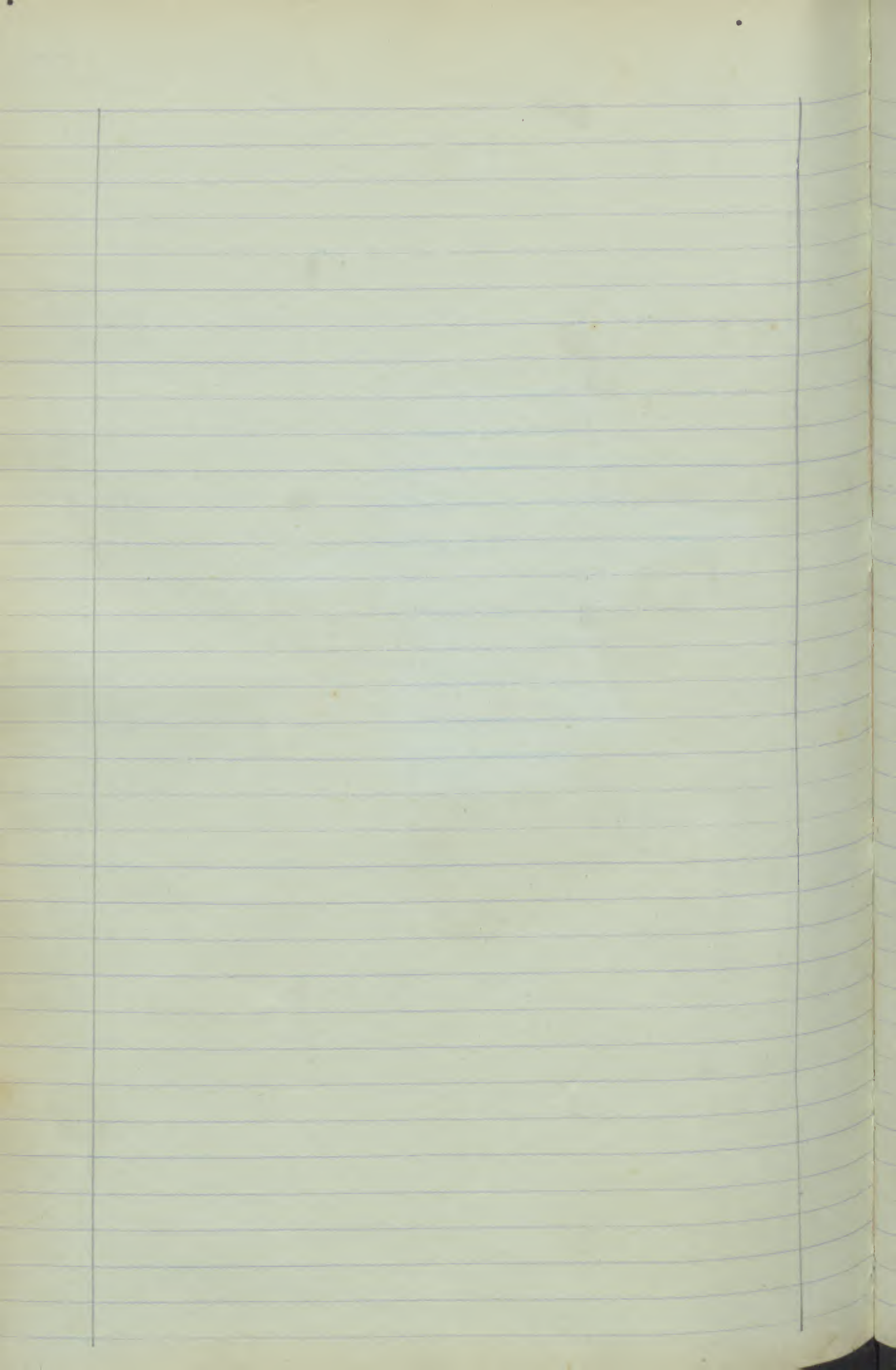
homo alumnus VI denarios, et vidua III denarios. Qui puer
seute fuerunt, domus Alfricus index de aquia. Leo-
nes ponsaluz⁴ de Nevia. domus Lucius Poir de Bal-
neo. Abbas domus Sapundas de varga: et Judex
Suarius albus de Bareib. ponsaluz⁵ mendi maior
domus.

Ep^o Alfricus 11^{us} dei gratia Port. Reg^{is} ma-
cum uxore mea Regina domus Varaca et filius
nostros infantibus domum Sancir et domum Al-
fric et domum Alfric istam cartam et is-
tud forum quod vobis dedit avus meus excellen-
tissime memorie Rex domus Alfricus concedo vobis
et confirmo. Et ut mea concessio et mea con-
firmatio vobis robur obtineant precipere fieri
istam cartam, et eam feci meo sigillo, p^{ro}mu-
ber communi. Hec carta fuit facta apud Tunc-
tarem. Era M^o. CC^o. 2^o. VI^o. Nos supra nominati
qui hanc cartam iussi facere etiam subscriptis
eam roboravimus, et in ea hec signa fecimus
++++. Qui affuerunt, domus Martinus iohann-
nis signifer domini Regis conf. domus J. 1)
iohannis maior domus curie conf. domus Laurencius
suarii conf. domus Epidius valasquis conf. domus Jhan-
nes fernandiz conf. domus Fernandus fernandiz conf.
domus Gomecius suarii conf. domus Rodricus me-
mendiz B. domus Poncius albus. domus Lupus albus.
domus Stephanus Bracensis Archiepiscopus conf. dom-
mus Martinus Port. episcopus conf. domus J. 2) Colim-
bicus episcopus conf. domus J. 10) Vlextonensis epis-
copus conf. domus Suarius Eboracensis episcopus conf.
domus Pelagius Lancensis episcopus conf. domus Ber-
tramus Vicensis episcopus conf. domus Martinus Epitameu-
sis episcopus conf. Abapeter Pelagius Cant^o Port. test. Pe-
trus garie test. Johannes. test. Johannimus. test.
Vincentius memendiz¹¹ test. Martinus petri. test.

Petrus petri test. Gonsalvus mendi Cancellarius domini
 ni Regis. Laurencius martinus ^R script.

| | |
|--------------|------------|
| 1 de nasum | 7 Petrus |
| 2 respondant | 8 mendi |
| 3 apiar | 9 Petrus |
| 4 Gosalabū | 10 suarios |
| 5 Gonsalvus | 11 mendi |
| 6 optineant | 12 mendi |

~ ~ ~ x ~ ~ ~

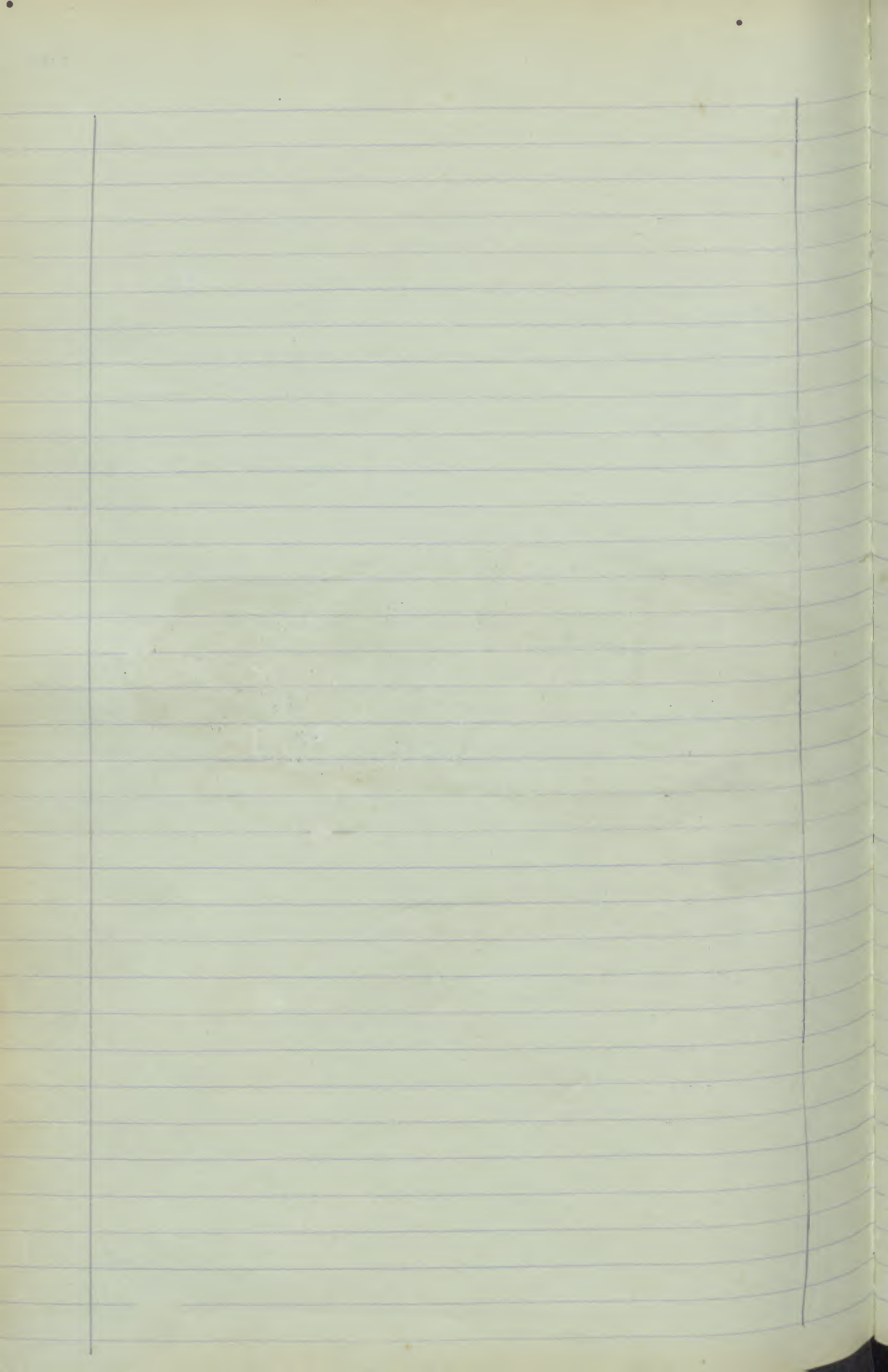


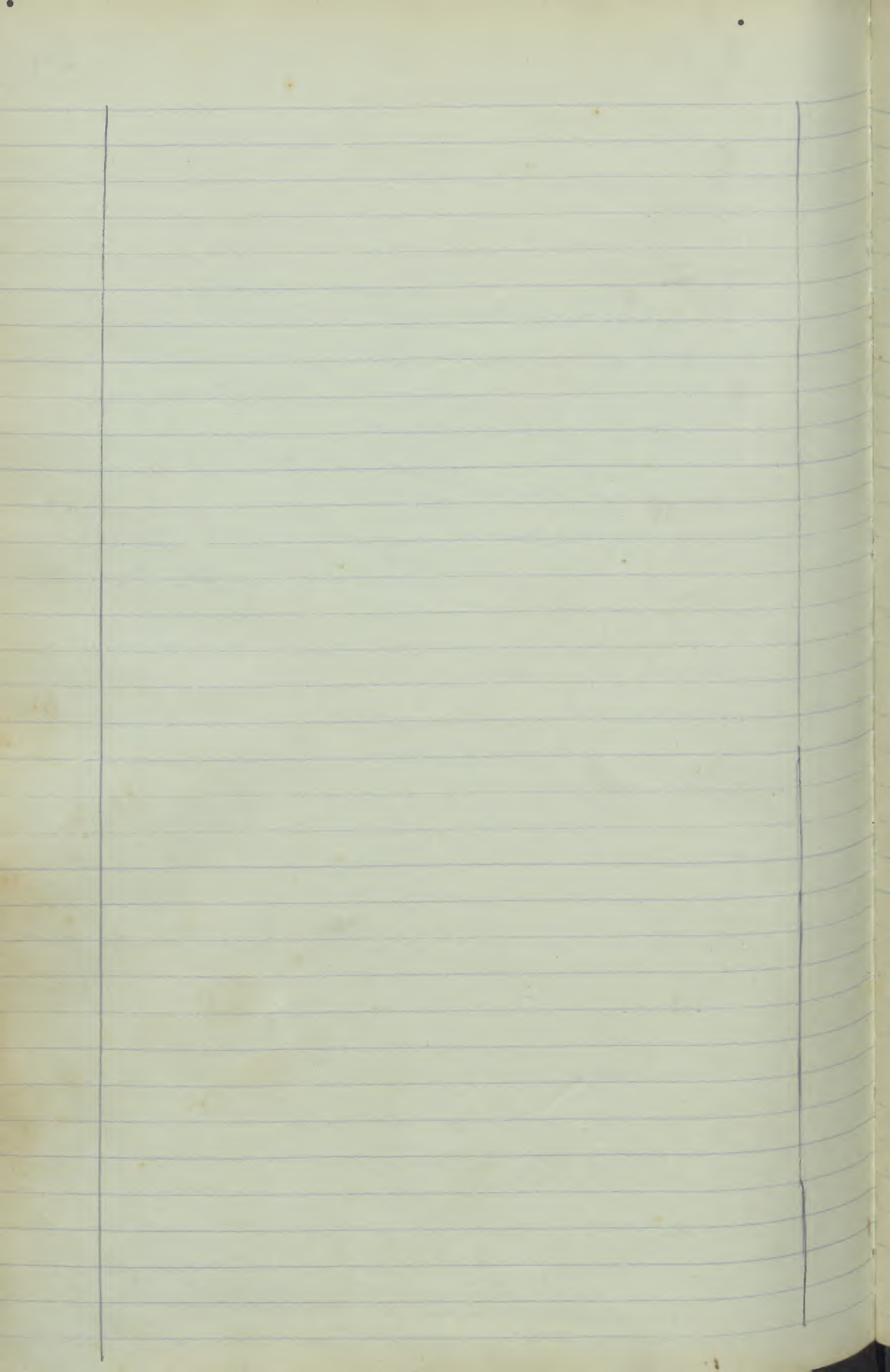
Palacio dos Condes e Duques de Barcelos

Este palacio foi ornado com um grande numero de columnas de marmem e alabastro, que o Conde de Barcelos e depois de Bragança D. Affonso trouxe da conquista de Ceuta, e nele mandou edificar, bem como com o teatro inteiro de um quarto elegantemente lizoado e decorado, que tambem d'ahi trouxe, e mandou edificar entre neste mesmo seu palacio.

(Vide' folhy 52. e 63 deste Volume)

A Terraco foi restituido com a achos da Matriz, em 17 de Maio de 1749. Vide' folhy 145 v.º do IV Volume desta Aparentação.





Indice

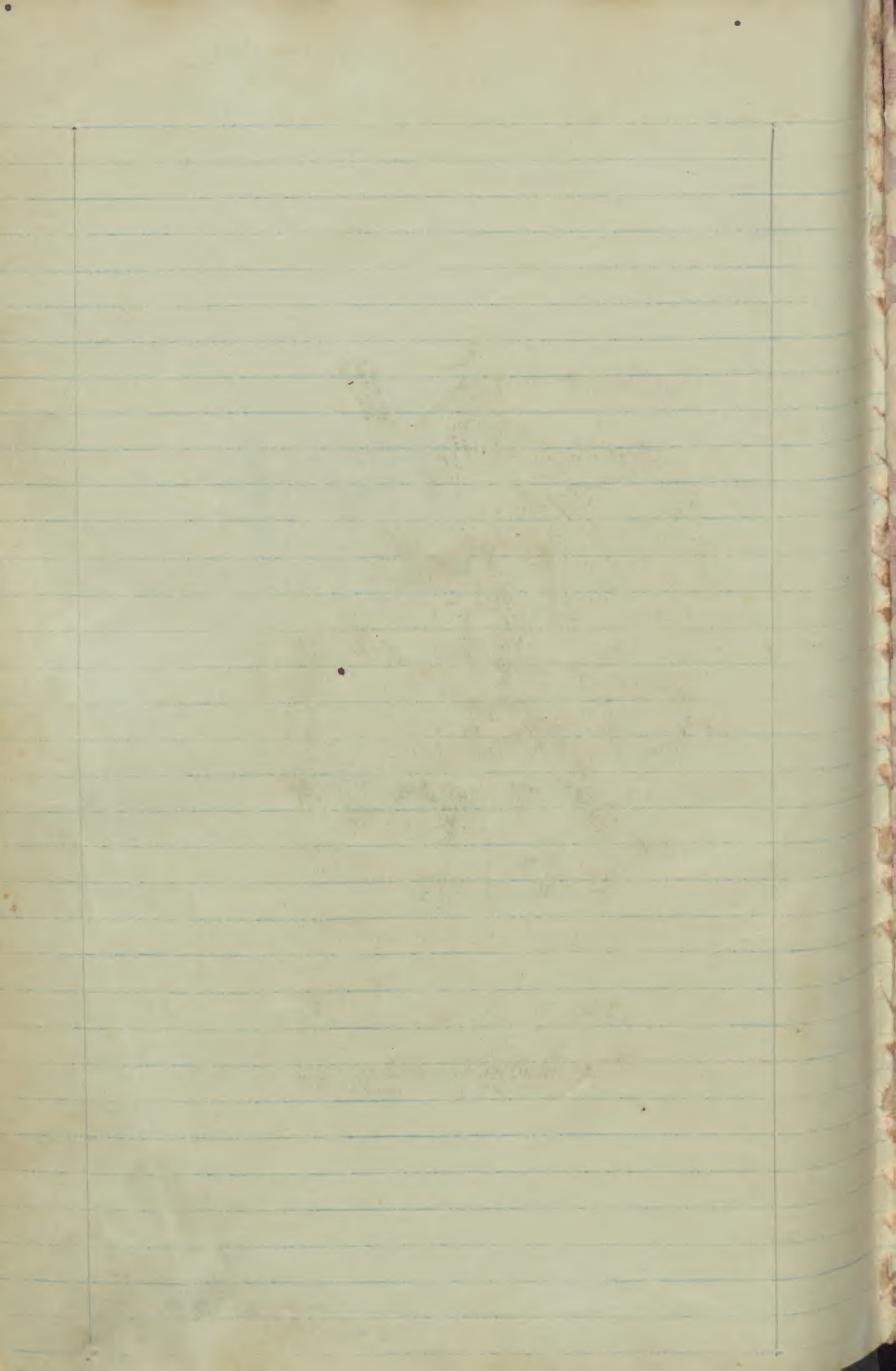
| Assuntos | Paginas |
|--|---------------------------|
| Barcelos (descrição) | 2 e 8 ✓ |
| Estandarte da Camara (antigo) | 5 ✓ |
| Bandeira de Barcelos | 7 ✓ |
| Mattiz | 21 v.º 83 - 87 v.º ✓ |
| A Ponte Barcelos | 28 ✓ |
| Palacio dos Duques de Barcelos | 39 v.º e 63 e 199 ✓ |
| Muros, torres, portas, portigos e cadeia | 40 v.º |
| Muralhas de Barcelos | 42 v.º 56 |
| Torre da Porta Nova ou Torre de Menagem | 59 v.º e 63 v.º
69 v.º |
| Theatro no Palacio dos Duques | 66 v.º |
| Torre Municipal e Torre da Porta Nova (Cadeia) | 62 v.º 74 |
| Colegiada | 82-87 |
| Templo do Bom Jesus da Leuz | 89 |
| Cruzeiro no Campo da Feira | 94 |
| Como teve principio o Templo do Bom Jesus da Leuz? | 96 |
| Mariaque das Leuzes | 99 v.º e 159 |
| Lenda do Senhor da Leuz | 100 v.º e 102 |
| Imagem do Senhor dos Passos | 101 v.º |
| Notas complementares sobre o Templo do Bom Jesus da Leuz | 101 |
| Hospital da Misericordia | 102 v.º e 140 |
| Igreja da Misericordia | 108 v.º |
| Templo dos Terceiros de S. Francisco | 113 |
| Igreja de Santo Antonio da Cidade | 115 |
| Extinto Mosteiro das Freiras | 115 v.º |
| Igreja de Nossa Senhora do Terço | 119 v.º 158 |
| Capela de S. José | 121 e 191 |
| Recolhimento das Beatas ou Recolhimento do Menino Deus | 123 v.º |
| Igreja do Recolhimento Menino Deus | 126 |
| Opina - Asilo Menino Deus | 127 e 137 |
| Ordem Terceira, Aspa dos pobres - Beatas D. Antonio Barron | 139 |
| Ordem Terceira - Igreja demolida | 148 |

Continuação do Índice

| Assuntos | Páginas |
|--|-------------------|
| Capela de S. Bento da Buracinhã | 148 v. e 149 |
| Capela de S. Francisco | 149 |
| Capela de S. Bento da Barreta | 149 v.º |
| Capela de Sant' Ana | 149 v.º |
| Identificação do Colegjo dos S. J. Corações de Jesus e Maria | 150 |
| Colegjo idem, idem | 150 v.º |
| Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso | 151 e 152 |
| Capela dos Sagrados Corações de Jesus e Maria | 152 |
| Capela de S. Sebastião | 152 v.º |
| Capela de Santo André | 152 v.º e 153 v.º |
| Capela de Nossa Senhora da Conceição | 152 v.º e 153 |
| Capela do Espirito Santo | 154 e 157 |
| Capelas que desapareceram | 155 e 194 |
| Creche de Santa Maria | 156 v.º |
| Nichos e oratórios publicos | 157 |
| Capela de S. João del Deus e Casa de Santedade. João de Deus | 157 v.º |
| Praça de D. Pedro V | 161 |
| Passeio das Ovas | 163 v.º |
| Jardim Publico - Hoje "Campo 5 d' Outubro" | 169 v.º |
| Largo da Porta Nova e Largo da Calçada | 170 v.º |
| Campo da Feira | e 188 |
| Terreiro da Calçada | e 173 |
| Praça de Touros | e 173 v.º |
| Teatro Gil Vicente | e 174 |
| Avenida Salazar | e 175 |
| Praças do Concelho | e 175 e 176 ✓ |
| Unidade Militar | e 176 |
| Religio da Camara | e 177 |
| Chafariz da Praça Municipal | e 179 |
| Museu Arqueologico | e 179 v.º |
| Jardim dos Pinheiros | e 181 v.º |

Continuação do Índice

| assuntos | Páginas |
|---|-----------------|
| Campo de S. José | a 184 |
| Campo de D. Carlos | e 185 |
| Obras do Templo - Troia Fúnebra - | r 186 |
| Solreim da Sinista da Ordem | a 187 |
| Pinhas dos Paços dos Duques de Bragança e Murallas | e 45 e 52 |
| Campo da Feira - (Campo da República) - | e 188 |
| Inscrições curiosa que existiu junto ao Paço dos Condes de Barcelos | e 51 |
| São dos Índios | a 189 |
| Casa de N. S. Mãe de Deus | e 190 |
| Jardim das Baniceas - Parte exterior do "Passo das Obras" | e 186 v.º e 196 |
| Trincheira das Cruzes | 159 |
| Paços do Concelho e Tribunal de Justiça | 177 v.º |
| Capela do Salvador - desaparecida | 153 |
| Capela do Espírito Santo - desaparecida | 155 e 157 |
| Capela de Nossa Senhora da Conceição - desaparecida | 155 v.º |
| Capela de Santa Maria - desaparecida | 155 v.º |
| Igreja da Misericórdia Antiga - desaparecida | 155 v.º |
| Capela de Sant'ago - desaparecida | 155 e 194 |
| Quinta de Santa Maria - Indústria de laticínios - Barcelos | 195 |
| Torral de D. Afonso Henriques entre 1140-1146 | 197 |







lib
de Barcelona



Apontament
de Barcelona